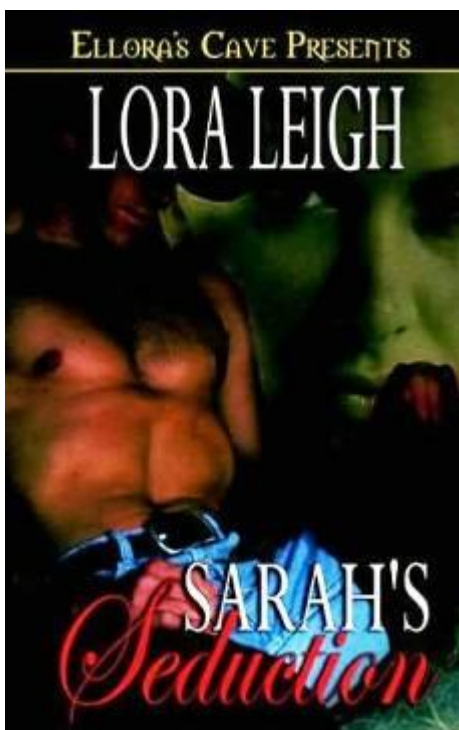


A Sedução de Sarah

Sarah's Seduction

Lora Leigh



Disponibilização e Tradução: Eve Dallas e Rosie

Pesquisas: Yuna, Gisa, Mare e Rosie

Revisão: Luciana Avanço

Revisão Final e Formatação: Iara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Resumo:

Uma cálida noite do verão seis anos atrás, Brock August mostrou a Sarah Tate uma paixão que quase a destruiria. Mas o temor e a inocência a empurraram de seus braços a um matrimônio que nunca desejou, sem encontrar a felicidade nele. Agora Sarah está livre e quer essa noite que perdeu. Uma noite, umas poucas horas roubadas para conhecer o calor e a paixão de um homem que nunca tinha esquecido. Mas Brock tem outros planos em mente. Um segredo, uma paixão, um desejo que compartilham seus irmãos. Um desejo que Sarah será incapaz de negar. Isso, se puder escapar dos escuros intuitos do perseguidor obcecado em destruir aos homens August.



Prefacio

Verão, 1997

Sarah era tudo o que desejava, tudo o que tinha sonhado durante mais de um ano. Tinha estado esperando, deixando de lado qualquer pensamento sobre ela até que cumprisse os dezoito, ignorando sua crescente luxúria cada vez que lhe sorria. Assim como agora ignorava a voz em sua cabeça que lhe dizia que ainda era muito jovem. Muito jovem para o que necessitava dela.

Mas como poderia resistir durante mais tempo? O corpo lhe doía por ela, o pênis pulsava em uma constante ereção, as mãos desejavam acariciar sua sedosa pele. Estava faminto por seu toque, por seu sabor, e não podia negar-se por mais tempo ao prazer que sabia encontraria nisso.

Assim, observou e esperou, planejando o momento exato, a maneira mais apropriada para atraí-la para ele. Ela o desejava; podia ver na suavidade de seus olhos castanho-dourados, o rubor que subia por suas bochechas quando o olhava. A forma em que suas mãos tremiam e seus peitos subiam e desciam pela respiração acelerada.

E soube que ela também o necessitava quando saiu da festa ao receber sua nota para encontrá-lo nas sombras da casa.

— Sarah? — Saiu de onde se escondia enquanto ela deu um dubio passo para ele—. Onde está sua sombra?

Mark Tate, tinha sido quase malditamente impossível desfazer-se dele.

—Mark? — mordeu-se o lábio nervosamente, jogando uma olhada atrás, por volta da esquina da casa como se lhe assustasse que o outro homem aparecesse de repente—. Foi ao estábulo com alguns amigos. — girou-se para ele, observando-o intensamente sob a tênue luz da lua enche—. Só é um amigo, Brock.

Mark queria ser muito mais e Brock estava resolvido de que ele não o fosse.

—Temia que não viesse. — aproximou-se mais dela, sentindo a calidez de seu corpo filtrando-se nesse frio e escuro lugar dentro de seu coração.

Observou enquanto ela tragava com dificuldade, os grandes olhos castanhos seguindo-o, olhando-o enquanto se detinha menos de dois dedos de tocar seus palpitações peitos.

—Pedi-me que viesse — sussurrou em um suspiro—. Sabia que estaria aqui.

O reconhecimento foi como um murro de desejo na virilha. Extremamente agudo, atroz em sua intensidade.

—Virá para mim cada vez que lhe peça isso? — Era mais que consciente do trocadilho.

Sarah franziu o cenho, elevando a cara para ele, os lábios lhe tentando.

—Se puder.

Deus, era muito inocente para ele. Muito suave, muito vulnerável.

—Não tem nem idéia de quando te desejo, Sarah — disse, lutando por manter a voz baixa, tenra—. Quão desesperadamente desejo te tocar.

Respirou profundamente. Os seios lhe roçavam a camisa, o ligeiro material do vestido estival não ocultava os pequenos mamilos endurecidos, lambeu-se os lábios nervosamente e Brock esteve perdido.

—Vêm comigo lá em cima. — Levantou a mão, tocando a cascata de cabelo loiro escuro que roçava seus ombros nus—. Prometo não te machucar, Sarah. O que você queira. Só vêm comigo.

Sua mão, pequena e elegante, os esbeltos dedos de delicadas unhas rosa tocaram seu peito. Sentiu esse toque direto na alma. Elevou a vista para ele, os olhos completamente abertos, famintos.

—Estou nervosa — sussurrou—. O que acontece não posso...

Exploraria, mas poderia aceitá-lo.

—Então não farei nada — lhe prometeu—. O que você queira, Sarah.

Estava assustada. Podia ver em seus olhos. Assustada, mas o desejava, desejava-o tanto como ele a necessitava.

—Só nós? — Fez a pergunta quase com medo—. Só você e eu, Brock?

A fofoca era o sal da vida. Tinha ouvido a intriga, a verdade do que era?

—Só nós, Sarah. — Baixou a cabeça até que seus lábios puderam lhe roçar a têmpora enquanto a mão acariciava seu braço nu.

Ouviu como ficou sem respiração, sentiu seu corpo derreter-se contra ele. Agarrou-lhe a outra mão enquanto retrocediam. Arrastou-a até a casa, logo subiram as escadas para a habitação. Fora o andaime estava em pleno apogeu. As risadas e a música fluíam no interior da casa, entretanto pareciam distantes, irreais. A única realidade para o Brock era que Sarah o seguisse pelas escadas, ao corredor e entrasse na habitação que tinha preparado para ela.

Largas e grossas velas adornavam o penteadeira de nogueira e as mesinhas de noite. A tênue luz se derramava sobre ela criando um suave resplendor em sua cremosa pele. Tremeu, o rubor deslizando-se sobre suas bochechas quando vislumbrou a cama, aberta e tentadora.

— Sarah — sussurrou seu nome quando se deteve em meio da habitação—. Eu prometo isso. Só o que você queira.

Seguiu-o com prudentes passos quando a levou até a cama.

—Eu nunca... — Sua voz tremeu.

—E não tem que fazê-lo agora. — Seu membro se enfureceu com ele; seu coração estava quebrado por ela—. Só quero te abraçar, te beijar.

A necessitava como a luz do sol. Que Deus o ajudasse, ela levava a luz a sua alma quando nada mais o tinha feito em anos. Faria algo por ela, mataria por tê-la. Mas não acreditava que pudesse sobreviver outra noite sem abraçá-la.

Deteve-se ao lado da cama, aproximando-a contra seu corpo, incapaz de esperar outro minuto antes de tocá-la. Seus lábios cobriram os dela, apanhando o pequeno gemido entrecortado que lhe escapou enquanto uma mão lhe agarrava o suave cabelo.

Ela tinha as mãos nos ombros dele, o suave ventre pressionando contra s Seu membro, e Brock sabia que estava no limite de seu controle. Pressionou a língua entre seus lábios, afundando-se no escuro veludo de sua boca enquanto ela se estremecia contra ele. Cravou-lhe as unhas nos ombros, a língua se enredou timidamente com a sua, arrastando-o ao torvelinho de prazer que lhe provocava tocá-la.

Movendo-se lentamente, com os lábios ainda cobrindo os seus, Brock a desceu para a cama. Desejava-a até ficar sem fôlego. Sua pele era suave, seus gemidos embriagadores enquanto tirava a camisa pelos ombros, lançando-a ao chão. Seu grito foi uma mescla de medo e prazer enquanto ele baixava a parte superior do vestido, pressionando os duros picos de seus mamilos com os músculos de seu peito.

Tinha os lábios no pescoço, mordiscando-a, lambendo a fragrante pele enquanto ela tremia e ofegava entre seus braços.

—Poderia comer você inteira — grunhiu, beijando a suave linha dos crescentes montículos que o tentavam—. Você é como um doce, Sarah. E eu sou um homem ávido por seu sabor. Só por você.

Uma febre de necessidade ardia em seu interior. A luxúria nunca tinha sido assim. Nunca tinha perdido o controle, nunca tinha apagado a dor das lembranças em sua mente. Nunca havia sentido o coração pulsando tão rápido e estremecendo todo seu corpo. Nunca a fome o tinha feito tremer.

Seus lábios alcançaram os mamilos e por um momento, não pôde fazer nada exceto olhar atentamente a perfeição que estava a ponto de devorar. Os bicos estavam duros, de um rosa escuro, os perfeitos montículos inchados e avivados enquanto subiam e baixavam bruscamente por sua agitada respiração. Observando os pequenos pontos endurecidos atentamente, alargando a língua e passando-a sobre o delicado broto sucessivamente.

Sentiu esticar os músculos de seu estômago sob sua mão, os quadris corcoveando bruscamente.

—Brock? — Havia temor e desejo em sua voz. Um rouco gemido de prazer que desfiava os últimos fios de sua resolução em ir devagar.

Baixou à cabeça, a boca cobriu o mamilo enquanto as mãos baixavam o vestido pelos quadris. Arqueou para ele, as mãos lhe agarrando o cabelo quando começou a sugar um mamilo cheio. Ela choramingava seu nome e ele estava se afogando neles. Que Deus lhe ajudasse, era tão quente, tão suave e doce que logo que podia respirar.

Deixou que sua língua lhe raspasse o mamilo enquanto o sugava. Tirou-lhe o vestido dos quadris, baixando-o pelas pernas, um brilho de surpresa quando ela apartou o material com um impaciente movimento de suas pernas.

Sua mão a acariciou coxa acima e se acalmou. Abrindo os olhos, se moveu com ofegante anseio para o outro

peito, sem deixar de olhá-la. Seus olhos castanho-dourados completamente abertos, aturdidos enquanto o observava. A mão se aproximava do úmido calor que emanava do tecido que lhe cobria a vagina enquanto a língua lambia o desatendido mamilo com lentas estocadas, seus olhos nunca abandonaram os dela.

Ela sacudia a cabeça, os olhos obscurecidos. A mão dele cobriu o quente montículo de sua vagina e ela gritou entrecortadamente. O som foi direto a seu pênis. Levantando a mão de entre suas pernas, Brock se desabotoou rapidamente as calças. Cuidando em manter o crescente prazer lhe mordiscou a ponta de seu peito enquanto se tirava as calças e a roupa interior.

Estava tão duro que queria gritar de agonia. Quando definitivamente se liberou, por fim nu, a mão voltou para suas coxas, os dedos correndo sobre a úmida seda de sua calcinha. Ela se estremeceu entre seus braços, retorcendo-se agora contra ele enquanto sua própria fome começava a alcançar um estado de excitação extrema. Fechou os olhos e Brock não pôde fazer nada exceto observá-la. Olhar as bochechas avermelhadas, os lábios abertos em um estrangulado ofego de prazer enquanto a apertava entre as suas pernas, os dedos deslizando-se em seu mel úmido e escorregadio.

— Sarah. — Brock ofegou seu nome enquanto levantava a cabeça do peito.

Não podia controlar o desejo. Sua necessidade de tocá-la. Tinha que tê-la. Tinha que provar o doce mel ou se voltaria louco. Plantou uma suave réstia de beijos através de seu peito, seu pescoço, retornando aos lábios. Estava faminta por ele, abriu os lábios, as mãos apertando seu cabelo enquanto os quadris se arqueavam para os dedos.

— Tão suave — grunhiu contra seus lábios, logo os acariciou enquanto os dedos se deslizavam dentro da úmida e aveludada dobra entre suas coxas.

Ficou imóvel, os olhos outra vez abertos, olhando-o enquanto sussurrava seu nome suplicantemente. Os dedos se moviam lentamente pela escorregadia dobra até rodear lentamente o inchado clitóris.

— OH Deus, Brock. — Abriu mais as coxas, os quadris empurrando contra sua mão.

— sente-se tão bem, Sarah — sussurrou, desesperado, a necessidade de ir com cuidado, de atraí-la para ele com ternura mais que a fome selvagem que o deixava louco.

Apertou os dentes quando as mãos dela abandonaram seu cabelo, indo para os ombros. Ela estava observando agora suas próprias mãos, as passando brandamente sobre o peito dele. A curiosidade acesa em seu rosto, ondas de assombro o alagaram porque ela obtivera tanta satisfação por lhe tocar.

— Sim, Sarah — gemeu, escutando a ferocidade de sua voz —. Toque-me. Pelo amor de Deus. Toque-me.

Os dedos se moveram através do escorregadio mel da tenra abertura de sua vagina. As mãos acariciaram o tenso estômago enquanto ele deslizava o dedo levemente na apertada e quente entrada.

Sarah gritou seu nome, os músculos apertando ao redor de seu dedo enquanto a mão dela encontrava a grossa vara de seu membro saindo ao encontro de seus dedos.

— Sarah, tenho que te ter. — estava morrendo por ela. A necessidade era uma candente agonia transbordando por seu corpo —. Por Deus, Sarah, por favor...

Suas mãos se moveram entre as coxas. Queria lhe tirar a calcinha dos quadris, lhe mostrar cautela e ternura. O som do tecido se rasgando sobressaltou seus aturdidos sentidos mas esfriou um pouco a furiosa febre de seu corpo. Os olhos dela completamente abertos o brilho da excitação neles o sobressaltaram ainda mais. Sua doce e tímida Sarah não queria levar a calcinha e as tinha rasgado? Que mais queria, perguntou-se?

* * * * *

Sarah se envergonhou em seu foro interno da excitação que ardia em seu corpo como um estalo de paixão quando Brock rasgou a calcinha de seus quadris. Sua cara era um retrato de sensualidade, os olhos azuis cinzentos escuros, famintos e absortos. Ela podia ver a necessidade em sua expressão, a rápida perda de controle de seu corpo e isso ela adorou.

Sua mão lhe apertava o ombro, bronzeado pelo sol e forte pelos tensos músculos debaixo enquanto a olhava fixamente. Seus olhos travados nos dela, observava-a, absorto. Espessas e negras pestanas descendiam sobre os olhos; o cabelo negro alvoroçado ao redor do rosto pelos dedos dela.

— Desejo-te, Sarah. — A voz dura, resolvida —. Se tivermos que parar isto, agora é o momento de fazê-lo, neném. Possivelmente mais tarde não seja capaz.

Sua voz era incrivelmente suave, compatível com a firme sensualidade em sua expressão. A mão dele acariciava seu ombro, seu peito. Sarah se arqueou em seus braços, ouvindo o involuntário gemido que emitiu sua garganta. As mãos eram tão cálidas, sentiam-se tão bem.

—Brock. —arqueou-se contra ele, sentindo a cálida longitude de seu membro contra a coxa, a mão sobre seu corpo, erigindo uma ardente tormenta elétrica de necessidade contra a que ela não tinha defesas.

— Sarah, te necessito tanto. —O rosto enterrado em seu pescoço, os lábios saboreando sua pele como um homem mais que faminto—. Me Deixe te ter, Sarah. Por favor, me deixe te ter.

Sua voz soava atormentada, o corpo tenso. Sarah se moveu contra ele, incapaz de deter a resposta de seu corpo a sua súplica. Enquanto os lábios dele se moviam sobre o pescoço, imediatamente tomou em um beijo que destruiu qualquer objeção que pudesse ter, não podia fazer nada mais que render-se a ele.

Abriu os lábios, a língua se enroscando com a sua enquanto se movia contra ela, pressionando a dura longitude de seu sexo contra a coxa enquanto gemia em seus lábios. Apertou as mãos em seus ombros enquanto o peito dele roçava os tenros picos de seus seios, o pescoço arqueado enquanto seus desesperados beijos lhe percorriam a mandíbula, o pescoço. Lambeu o caminho dos seios, mas não se deteve ali.

As mãos vagaram sobre seu corpo enquanto ela se sacudia entre os alternados e agudos beliscões e as lambidas tremendamente quentes em sua pele. Cada toque a enviava vertiginosamente mais alto, os temores por sua posse eclipsados pelas correntes elétricas de excitação pulsando agora através de seu corpo.

Movia os lábios sobre o abdômen, à língua acariciando-a, logo os dentes mordiscando enquanto se sacudia contra ele. Então seu toque descendeu, lhe separando as coxas com as mãos enquanto baixava entre eles.

Sua cabeça se estava movendo mais abaixo dos quadris, a respiração era um duro e ressonante grunhido enquanto se movia mais abaixo, logo mais abaixo.

—Brock? — Sarah ficou imóvel, forçando os olhos abertos, contendo a respiração pelo faminto olhar em sua cara.

—vou te comer como um caramelo, Sarah —sussurrou, com voz profunda e escura—. Exatamente como sonhei durante meses.

Moveu a cabeça, baixando-a, arqueando-a mais perto com as mãos enquanto deslizava a língua através dos cachos que envolviam as escorregadias dobras de sua vagina. Sarah gritou, os dedos crispados nas mantas exatamente tal e como lhe tinha prometido. Devorou-a. Acariciou, lambeu e chupou cada centímetro. Empurrou a língua dentro de sua vagina com uma lenta e constante carícia, atraindo ainda mais o espesso líquido do seu pulsante centro.

Sarah já estava louca de excitação. Corcoveou contra ele, rogando por mais, se desesperando por acalmar os atrozes fogos que ardia através de seu corpo. Cada segundo podia sentir o corpo se esticando mais, chegando mais alto. Estremeceu, ofegando, suplicando. Então seus lábios encerraram o inchado clitóris, sugando ligeiramente enquanto seu dedo se afundava levemente dentro das úmidas profundidades da sua pulsante vagina.

Sarah se sentiu explodir, desfazer-se. Abriu os olhos de repente, a primeira visão foi da porta de entrada na parte mais afastada da habitação e do gêmeo do Brock, Sam enquanto se afastava deles. Em um instante viu sua excitação, seu aprumo, e Sarah soube que os rumores sobre os homens August eram certos.

Esticou-se, o temor a alagou, o escorregadio calor da depravada excitação flamejando em seu interior.

—Não —gritou desesperadamente enquanto Brock se elevava sobre ela, empurrando entre suas coxas, a seu membro acariciando sobre os úmidos lábios de sua vagina enquanto se posicionava.

—Sarah? —respirava com dificuldade, lutando por manter o controle quando as mãos dela foram a seus ombros.

Estava desesperada por escapar. Tinha que ir, sair dali antes que a possuísse para sempre. Porque Deus a ajudasse, do contrário nunca encontraria a fortaleza para lhe negar o que quisesse.

—Não —gritou de novo, lágrimas de vergonha transbordaram de seus olhos, o temor lhe sacudiu o corpo enquanto a grossa protuberância de sua cabeça se alojava na entrada de sua vagina.

—Deus, neném. Sarah. —Sua voz era um grito de dor, um desesperado rogo escuro que estremeceu a ela até a alma—. Por favor, Sarah. Não faça isto.

—Deixe me ir. —Ela não podia controlar seus gritos, a alma assustada de dor e temor de que agora a

agredisse—. Não posso. Não quero, Brock. Não quero fazê-lo. Por favor não me obrigue. Prometeu-me isso.

Tudo o que ele tinha que fazer era pedir-lhe. Ela sabia. A labareda de excitação acrescentada que tinha sentido ao ver o Sam o tinha mostrado.

—Não, Sarah. —Deixou cair à cabeça, a expressão torturada, atormentada—. Não faça isto.

Apertou-lhe os ombros, lutando por escapar não só do Brock, mas também da escura necessidade crescendo em seu interior. Agora soluçava, incapaz de deter o temor que eclipsava sua excitação.

—Por Deus. —Sua maldição foi feroz, zangada enquanto a cabeça de seu membro a abria, pulsando em sua entrada—. Merda!

Separou-se dela. As maldições chispavam pela habitação, sua fúria era como uma besta, selvagem indomada.

—maldição! Faz o fodido favor de partir ! —gritou-lhe, sua expressão tão zangada, tão sinistra e tão cheia de dor que Sarah não pôde suportar a visão.

Agarrou o vestido do chão quando saltou da cama, tropeçando na pressa, logo que agarrando-se para não cair. Lutou para segurar o choro, estremecendo enquanto se apressava para a porta.

—Retornará, Sarah —lhe prometeu enquanto ela se apressava a sair da habitação—. Juro Por Deus que não te deixarei ir.

Capítulo 1

Seis anos depois.

O bar estava lotado, a música pulsando. A aglomeração de corpos na pista de baile avançando em uma estranha sincronização que assombrou ao Sarah. Depois de quase uma hora se escondendo nas sombras, ainda estava impressionada pelos ágeis corpos da pista. Isto, quando não estava observando o homem que tinha vindo procurar. Estava sentada na esquina, embalando uma garrafa de cerveja morna, seu olhar oscilando dos bailarinos ao objeto de sua luxúria que permanecia de pé a uns bons seis metros dela.

Alto e bem formado, exsudava testosterona. Um perfeito macho de primeira qualidade, seu corpo musculoso ressaltava a perfeição nos justos jeans que vestia e a camisa cinza raiada de algodão. Um largo cinturão de couro rodeava seus magros quadris e seu duro estômago. Apoiado contra um dos largos postes de madeira que separavam a pista de baile da zona de mesas, sua postura casual gritava confiança. A postura que assumia era apetitosamente sexy. Toda aquela dura musculatura descansando comodamente, os braços cruzados sobre um amplo e musculoso peito, largas e masculinas pernas cruzadas nos tornozelos, levando às musculosas coxas que emolduravam uma mais que impressionante masculina protuberância. Ela tragou com força. Sabia exatamente como era impressionante aquela protuberância em realidade.

Separando o olhar dele, Sarah recordou anos atrás, uma noite roubada, dura, beijos ardentes no silêncio da habitação dele, e a grossa e dura ereção dentro daqueles gastos jeans. Seu corpo se esquentou de forma alarmante, recordando seu toque. Suas mãos, trabalhando ásperas nos jovens e sensíveis seios, entre suas coxas. Seus dedos escorregando pela espessa umidade, sua voz cantarolando com aprovação enquanto seus dedos a penetravam, para depois parar com a evidência de sua inocência.

Imediatamente recordou sua boca. Seus olhos se fecharam enquanto recordava aquela quente e sedutora boca e o medo que a invadiu enquanto ele a lançava em seu primeiro e único orgasmo. Ele tinha lambido sua umidade, lhe sujeitando os quadris enquanto a língua se inundava em sua vagina, penetrando-a, comendo-a com decadência. Sua boca tinha sido abrasadora, sua língua voraz, o som de seu prazer vibrando contra seus clitoris de uma forma que lhe tinha feito gritar de êxtase uma e outra vez.

Ela tinha aberto os olhos então e atrás dele tinha visto uma versão idêntica do homem cuja língua tinha lambido tão desesperadamente sua carne. O gêmeo do Brock, Sam. Retirou-se, mas Sarah tinha visto um olhar, uma promessa em seus olhos que a tinham aterrorizado.

Retornará, Sarah. Não te deixarei ir. A lembrança de suas últimas palavras seis anos atrás ressonava em sua mente.

Sacudiu a cabeça, lutando contra a traiçoeira debilidade que a tinha assaltado também nesse momento.

Tomou um comprido gole de cerveja, fazendo caretas pelo morno sabor. Que demônios estava fazendo aqui? O que a fazia pensar que era mais valente agora do que tinha sido então? O que era mais tolerante? Por que pensava que ainda queria tocá-la, uma versão mais velha daquela assustada juvenzinha impotente na expressão de suas próprias paixões e os medos que a fizeram fugir? Tinha dezoito anos, Brock tinha celebrado exatamente seus vinte e cinco anos. Seis anos. Suspirou. Era mais atrativo aos trinta e um do que tinha sido de jovem. Mais atrativo e decididamente mais perigoso.

—Olá Sarah.

Ficou imóvel ante o som daquela escura e masculina voz. Não havia equivocado no áspero timbre de sua voz, a escura intoxicação de ouvi-la áspera pela luxúria.

O fôlego lhe deteve no peito. Pássaros voando, não mariposas, batiam asas em seu estômago. Sentiu a úmida evidência de seu desejo por este homem pulsando entre suas coxas. Respirou fundo e permitiu que seus olhos vagassem pela masculina silhueta. Vamos. Vamos. Passando a grossa protuberância, notavelmente maior agora, sobre o plano estômago e o amplo peito, até os escuros olhos azuis cinzentos que a observavam com excitação.

Os músculos do estômago se contraíram, apertados. Dedos de excitação dançaram sobre seus peitos, arrepiaram o interior de suas coxas. Sentiu fazer-se mais profunda sua respiração enquanto a luxúria atravessava seu corpo. Era como um suave choque elétrico enviado por todo seu corpo.

Tinham passado anos desde que se permitiu estar em qualquer lugar perto dele. Tinha esquivado qualquer lugar onde pudesse estar, indo por outro lugar se o via chegar. Tinha-o evitado portanto tempo que começava a ser um hábito. Uma necessidade. Sabia que se estivesse em sua companhia por mais de um segundo, imediatamente lhe estaria rogando que a fodesse. Assombrou-a que lhe aproximasse agora. Assombrou-a e a aterrorizou.

—Olá Brock. O tempo passou.

Ela inclinou sua cerveja em um pequeno gesto de coragem antes de incliná-la para seus lábios e tomar um comprido trago. Falso valor. Necessitava-o desesperadamente.

Normalmente não era uma pessoa descarada nem atrevida. Sempre tinha ficado encostada nos cantos das festas, relutante em aparecer. Não estava segura de como tinha conseguido reunir coragem suficiente para chegar ao um bar em primeiro lugar. Tinha sido um movimento impulsivo para deixar levar por esta única noite, onde poderia ser ela mesma. Só uma noite. Uma noite para recordar, para recordar-la durante as largas e solitárias noites por vir.

—Toma uma fria.

Ele pôs uma garrafa bem fria diante dela, depois balançou uma perna sobre o respaldo da cadeira, sentando-se cruzado frente a ela.

O elegante movimento masculino fez que o fôlego desaparecer na garganta. O flexível membro posto escarranchado, o encolhimento de ombros, a irônica inclinação de seus lábios. Não exatamente um sorriso, mas o indício do que poderia ser conseguia atravessar as sombras que espreitavam em seus olhos.

Sarah soltou a garrafa vazia e levantou a fria. Elevou-a até seus lábios e bebeu em goles. O amargo sabor não era agradável, mas sabia que o ansiado bálsamo seria bem-vindo quando os nervos a sacudissem. Para uma escapava de sua concha, precisava fazê-lo bem

—Obrigado.

Seus olhos piscaram para os dele, depois baixaram à garrafa. Ele sozinho tinha aumentado mais sua beleza nos últimos seis anos. Enquanto ela sozinho tinha envelhecido. Sua cara com fortes ossos afiadamente cinzelados e decididas linhas, mostravam a um homem que sabia muito pouco e tinha visto mais que sua cota de dor. O escuro cabelo era muito comprido, roçando o pescoço da branca camisa. Era negro, reluzente como seda negra, e tentava a suas mãos para atravessá-lo.

—Não tenho lhe visto tem muito tempo.

Seis anos. O pensamento forçou ao limite seus nervos.

Afastada da esquina ela conseguiu certa intimidade da parte dianteira da sala, lhe salvando de ter que lhe chiar. Sua voz estava ainda elevada, o rouco timbre golpeou sobre ela.

Olhou-o diretamente aos olhos e viu a valoração, avaliando-a. Queria provocá-la. Mas ainda a queria. Deus,

tanto tinha trocado em seis anos. Por que não se dissipou também o desejo que pulsava entre eles?

Sacudiu a cabeça, lançando um rápido olhar, depois voltou para a garrafa enquanto se encolhia de ombros, mordendo o lábio inferior o bastante para fazê-lo arder.

—estive muito ocupada. —Isto era mais que estúpido.

Esmagou a labareda de ira. Mark, seu ex-marido, tinha-a deixado em casa, convencendo-a de que era onde uma boa esposa permanecia. A verdade era que seus enganos eram tão grandes que tinha estado apavorado de que finalmente alguém contasse a ela. Ninguém lhe havia dito quão tola tinha sido. Soube na primeira semana de matrimônio. Uma completa cega, equivocada e estúpida idiota. De uma forma estranha, não estava ferida no mais mínimo, só incômoda. Incômoda, humilhada e totalmente envergonhada. Três coisas que deixavam um sabor mais amargo que a cerveja em sua boca.

—Então... não está muito ocupada agora?

Havia um deixo de diversão em sua voz, uma pergunta que ia além das palavras.

O olhar dela encontrou o dele. Leu a especulação, a intenção sexual que continham. Manteve-lhe o olhar durante uns compridos segundos antes de baixá-la mais. Seus dedos bateram na etiqueta na parte dianteira da garrafa por um minuto antes de sacudir a cabeça.

—Não.—Levantou a cerveja para dar outro gole, golpeou a franja de compridas mechas que se amontoava sobre sua frente—. Não estou nem um pouco ocupada, Brock.

O que estava fazendo? Estava louca? Sua parte cuidadosa e assustadiça gritava a pergunta. Saltar. Escapar. Não estava fazendo-o. Tinha ido deliberadamente ao bar, sentada ali durante uma hora, esperando. Durante seis anos a lembrança de uma noite a tinha atormentado, o inacabado do ato deixando-a louca pela necessidade de terminá-lo.

Lambeu seus lábios, lutando com seu nervosismo, depois levantou a cerveja para outro comprido trago. Ao mesmo tempo, seus olhos encontraram os dele. Tragou a cerveja com força, logo tomou outro gole para dar coragem. Os olhos dele eram ardentes, as pálpebras pesadas, os lábios firmes e finamente moldados, só um pouco cheios, a expressão intensa de seu rosto enquanto se concentrava nos lábios dela. Olhava-a com sensualidade e fome. Ela conhecia seu apetite sexual que se dizia era insaciável. Tremeu de desejo.

Passou a língua sobre seus lábios e quis gemer enquanto deixava a garrafa. Os olhos dele seguiam cada movimento que fazia. Quando a língua desapareceu em sua boca uma vez mais, os olhos dele subiram lentamente para encontrar os dela. Estava pegada. Apanhada como um cervo por uma brilhante luz, indefesa, atada pela pura sexualidade que ele emanava. Vibrou através de seu corpo, penetrando pelos poros de sua pele até que se sentiu sensível, superaquecida.

Sarah o desejava e ele sabia. Podia ver o conhecimento nas pesadas pálpebras, o escuro olhar que lhe dirigiu. Ele podia senti-lo, exatamente como ela podia. Como uma onda física de energia indo de um ao outro.

—Ainda assustada, Sarah?

Articulou as palavras mais que as pronunciar.

Não tinha idéia de como estava de assustada. Tremeu sob seu olhar, recordando as ardentes sensações que se verteram através de seu corpo tantos anos atrás. A perda de controle, o desejo, a necessidade de dar a este homem algo que desejasse, de qualquer forma que quisesse.

—Aterrorizada —respondeu ela da mesma forma.

O olhar dele apanhou a dela. Viu as sombras voando em seus olhos, emoções tão fugazes que não podia as decifrar brilhando através de seu olhar. Depois resignação, aceitação assentando-se em sua expressão. Como se também soubesse que as lembranças daquele quente verão simplesmente nunca desapareceriam.

—Dança comigo.

Ele ficou de pé, lhe estendendo a mão.

Sarah a olhou, dura e extensamente depois aos seus olhos enquanto lentamente estendia a sua. Ele a tirou da cadeira enquanto uma inesquecível balada enchia o ar. As palavras do Gary Allen, sussurrando como demonstraria que era o único, começavam. A respiração a entupiu na garganta enquanto Brock tomava em seus braços ao bordo da pista de dança, pegando dela apertadamente contra ele.

O calor e o aroma da excitação masculina a envolveram. Seus braços eram fortes, protetores, provocando

que seu coração se apertasse dolorosamente com a realização de que durante anos foi uma de suas grandes carências e agora estava sendo satisfeita. Estava em seus braços outra vez. Rememorados sentimentos de segurança, paz e saudade correram sobre ela em uma abrasadora onda de sensações tão intensa que quis gritar. Seu peito era amplo e forte, mas a protegia com mãos tenras. As lembranças do sentimento de sua pele nua acariciando seus seios lhe fizeram endurecer os mamilos. Ele tinha dançado com ela em sua habitação aquela noite, lhe tirando lentamente a roupa enquanto seus lábios possuíam os dela, seu corpo tecendo hipnóticos círculos ao lento e sensual compasso da música exterior.

Sua ereção era como um tição na parte baixa de seu ventre. Os braços dele envoltos ao redor de sua cintura, deixando os dela em seus ombros. Uma grande mão se elevou para levar a sua cabeça a seu peito. O batimento do coração de seu coração era forte e imperioso sob seu ouvido, o peito subindo e baixando com rápidos movimentos enquanto suas mãos se esfregavam sobre suas costas, lentas e relaxadas. Se ele continuava com isto, seria uma fraca e suplicante idiota em minutos.

—Está brincando comigo, Brock? —sussurrou enquanto lhe apertava os quadris, movendo-se com a música de forma que pressionava seus quadris mais forte contra ela, fazendo que a respiração se entupisse em sua garganta, a vagina se apertasse, deixando-a completamente úmida. Por favor Deus, rogou ela, que não lhe permitisse brincar com ela, não acreditava que pudesse resistir à atormentada demanda de seu corpo muito mais tempo.

—Talvez eu deveria te fazer essa pergunta.

Giraram ao redor da pista, ignorando aos outros casais, se deixando levar em uma neblina de cordialidade e excitação.

Ele inclinou a cabeça, o cheirou o pescoço, os lábios mordiscando a pele sob a orelha. Ela estremeceu, lhe cravando as unhas nos ombros enquanto abrasadoras sensações atormentavam seu corpo. Aspirou com aspereza, um estrangulado gemido a sobressaltou quando saiu de sua garganta.

Os lábios dele eram quentes e ásperos, o úmido raspar de sua língua quase a enviou a um clímax ali e agora. Lambia-a com cada sedutor movimento dos lábios contra sua pele, levando a loucura com o calor que se propagava por suas veias. O útero contraído, os batimentos do coração de seu coração forte e altos.

—terminou de fugir de mim, Sarah?

Mordiscou o lóbulo de sua orelha como em represália pelo tempo perdido.

—Estava fugindo? —ofegou ela—. Pensava que estivesse casada.

Ele se esticou. Os músculos de seu corpo se esticaram instantaneamente.

—Não me recorde isso, Sarah —lhe advertiu com cautela—. Realmente estou tentando esquecer-lo.

Os dedos dele se apertaram em seus quadris, não doloroso, mas contundente, esfregando o corpo dela contra o seu enquanto a canção chegava a sua última e vibrante nota. Sarah levantou a cabeça enquanto Brock se detinha, olhando-a fixamente. Ela estava respirando com dificuldade e sabia que sua expressão estava cheia do suplicante desespero que se expandia por seu corpo. Tanto tempo. Tinha passado tanto tempo desde que a havia tocado, abraçado. Necessitava-o, e que Deus a ajudasse, necessitava-o agora.

—vamos terminar nossa cerveja.

Sua mão se apoiou em suas costas enquanto a levava a mesa.

Capítulo 2

Sarah estava surpreendida. Tinha esperado que ele ia querer partir. Não esperava que caminhasse atrás dela até a mesa e a ajudasse a se sentar em sua cadeira. Depois ele se sentou na sua e a surpreendeu de novo.

Brock moveu, a cadeira e tudo até que esteve empurrando-a para a esquina. Um braço estava atrás das costas dela, a outro na mesa enquanto se inclinava para frente, ocultando a da vista dos outros clientes do bar. Ela se sentia encerrada, protegida e quente enquanto ele a rodeava. Ao mesmo tempo, podia sentir a excitação se acumulando, juntando-se, pondo sua vagina escorregadia e quente.

—Está muito assustada, Sarah? —Sussurrou as palavras em sua bochecha, com o olhar fixo nos olhos dela enquanto um involuntário gemido saía da garganta dela.

Seus mamilos se endureceram contra seu novo vestido, seus peitos se incharam, esticando os frágeis botões que mantinham o corpete unido. O olhar dele baixou ao rápido subir e baixar, depois voltou lentamente para os olhos dela. Aquele simples e faminto olhar a eletrificou. Queria lhe rogar que a beijasse, acariciasse-a, a fodesse até que não pudesse mover-se

—Deveria estar proibido — disse ela desesperadamente enquanto a masculina mão que descansava sobre a mesa se movia até encerrar as suas.

Seus largos dedos lhe acariciaram a sensível pele do pulso enquanto a mão em suas costas começava a roçar lentamente vários centímetros de sua espinha dorsal. Ela queria se arquear contra ele, como um gato que suplicava ser acariciado.

—Como está de assustada, Sarah? —repetiu-lhe a pergunta, a expressão absorta enquanto a observava—. E verdade que me dirá a verdade esta vez.

Seu peito se esticou pela advertência dele. Ainda a desejava. Podia vê-lo em seus obscurecidos olhos, senti-lo no calor que irradiava de seu corpo. Exatamente como antes. Ele a encerrava em sua necessidade sexual, sua determinação de tê-la. Sua fome dela.

—Não o bastante assustada —admitiu-a desesperada— Mas assustada, Brock. Realmente assustada.

Não lhe mentiria esta vez. Não agora, não enquanto o necessitasse assim. Com uma fome, uma obsessão que lhe roubava a respiração. A mão dele subiu a seu pescoço, sob a suave queda de seu cabelo, embalando a parte traseira de sua cabeça enquanto insistia a olhá-lo aos olhos de novo.

—Não pararei esta vez, Sarah —lhe disse brandamente, mas a expressão de sua cara era selvagem—. Entendeu? Se lhe tiro a calcinhas outra vez, você fodera, não importa quão forte grite. Não terei o controle para deixar você ir.

Ela tinha gritado antes. Enquanto ele se elevava sobre ela, sua ereção golpeando o escorregadio calor entre suas coxas, tinha-lhe suplicado que a deixasse ir enquanto empurrava contra o peito dele, lutando por liberar-se. Recordava quão forte tinha lutado ele por se controlar. O calor de seu membro se enterrou dentro dela antes que a tirasse de um puxão, amaldiçoando-a, se enfurecendo com ela enquanto engatinhava sobre seus pés, arrastava seu vestido e saía a tropeções da habitação.

—Não te suplicarei que pare. —Aquilo era tudo o que podia prometer.

Ele apertou a mandíbula, a satisfação flamejou em seus olhos. Sua mão foi da mesa até a coxa dela. Ela se sacudiu pela assustada consciência enquanto se movia lentamente sob seu vestido. Uma prova? Tragou com força, o peito lhe esticou de repente, sua respiração se endureceu enquanto os dedos dele subiram pouco a pouco por sua coxa. Olhou nervosamente à multidão, se perguntando quem poderia ver.

—Ninguém pode ver o que estou fazendo, Sarah —lhe prometeu, a voz rouca, vibrando de paixão.

Uma prova? Uma apaixonada forma de tortura para ver quão séria era ela em realidade? Com o Brock, tudo era possível. Ela sabia que seus excessos sexuais eram murmurados, ao igual aos demônios que eram antes. Silenciosos rumores, como se falando com clareza lhes dessem vida. Ele, como seus dois irmãos, eram o tema favorito das fofocas do Madison.

—se preocuparia que o fizessem? —Ela piscou, os lábios separando-se a lutar por respirar enquanto aqueles diabólicos dedos avançavam lentamente.

Estavam quentes sobre sua pele, a suave fricção fazia que seus músculos se esticassem com a necessidade de mais. Nunca teria suficiente de seu toque e sabia.

—Só me preocuparia se outro homem visse o que agora é meu de fato, Sarah —lhe disse sem piedade—. Não te equivoque. Corre para os braços de outro homem para escapar dos meus outra vez, inclusive a esse inútil de seu marido, e o sangue correrá.

Ela se estremeceu. Tragou com força. Piscando para ele tentou encontrar sentido à possessiva luz que enchia de repente seus obscurecidos olhos. Isto não estava bem, pensou. Uma noite. Isso era tudo o que queria. Precisava encerrar as lembranças que a obcecavam dia e noite. Não podia dirigir mais. Não podia permitir que chegasse a ser algo mais. Teria reparado na sua declaração, mas enquanto sua boca se abria e ela sentia seus dedos movendo-se

mais perto do pulsar centro de seu corpo, seus olhos se abriram de par em par.

Estavam um pouco calejados e quentes. Riscaram intrigantes desenhos sobre seu joelho, depois subiram por sua coxa. O polegar esfregava em sedosos círculos, provocando que sua respiração saísse em um lento gemido enquanto seus dedos alcançavam o bordo de sua calcinha. O sangue lhe bramava pela excitação e o proibido.

—Devagar. —Apertou-lhe a coxa, jogando dele enquantourgia se baixar ligeiramente no assento.

—Brock. — Seu pequeno protesto era de feminino temor.

Estava caminhando pelo bordo, perto da barreira de sentido comum e loucura onde a luxúria por este homem estava perturbada. Assustava pensar que iria, esta única noite, encher por completo com a fantasia dele possuindo seu corpo.

—Só quero te tocar, Sarah —lhe sussurrou ao ouvido — é tudo, só tocar. Prometo não te envergonhar.

Ela se adiantou, as mãos dele parando-a quando suas nádegas se aproximaram do bordo. A satisfação reluzia no olhar dele enquanto a mão situada a suas costas a insistia a se recostar contra o respaldo da cadeira. Sarah levantou a vista para ele querendo lhe rogar que não o fizesse. Não aqui, onde qualquer poderia vê-lo.

—Ninguém pode nos ver, Sarah —lhe prometeu—. Sozinho sente-se aqui um minuto, isso é tudo.

Moveu os dedos contra a beirada da calcinha, abrindo caminho abaixo dela, tocando os suaves cachos que protegiam as quentes e úmidas dobras de sua feminina carne. Os olhos do Sarah revoaram.

—me olhe, Sarah —a ordem era áspera, crescendo em intensidade—. Não feche os olhos. Me olhe.

Os olhos dela encontraram os dele. Um afogado gemido escapou de sua garganta. O rosto moreno dele estava marcado por linhas de concentrado desejo, o limite de seu controle refletido nas sombrias profundidades de suas pupilas.

Ela sentiu seus dedos, cobertos agora com a cremosa essência de sua necessidade. Sua umidade se estendia espessa e quente ao longo dos lábios de sua vagina enquanto fluía das quentes profundidades de sua vagina.

—Merda, está molhada —grunhiu ele—. Quanto mais úmida pode estar, carinho?

Sarah sabia que podia estar muito mais molhada, estava-o com freqüência, ao pensar em seu toque, seus beijos. Quando seu próprio dedo se deslizava sobre sua carne quente, ela sonhava com o Brock, seu roce, sua posse e ela estava muito mais molhada.

—Brock, por favor... —suplicou, apanhada pelos olhos dele, pelos dedos entrando na estreita fenda que ele acariciava.

Estava-a castigando? Atormentaria-a aqui, deixando-a depois como ela o tinha deixado, rogando por mais?

—Vou te foder, Sarah —ele disse enquanto movia os dedos lentamente sobre os empapados lábios de sua tremente vagina—. Mas não serei abandonado rogando de novo me entende?

Ela não foi capaz de responder. Os olhos muito abertos, ofegou e gemeu. Onde estava vazia, esteve de repente cheia, estirada, compridos e largos dedos estavam provando-a, inundando-se profundamente enquanto a mão na parte de atrás de seu pescoço evitava que caísse pelo êxtase.

—Desejaria que pudesse ver quão bonita está, tentando esconder o que estou fazendo, toda ruborizada, vergonhosa e excitada. —Seus dedos se moviam mais profundo, estendendo-a, provando o apertado e íntima curva de seu corpo.

—Brock —ofegou seu nome, incapaz de dizer mais enquanto sua carne se apertava sobre os dedos, empapando-os mais.

—Tão molhada e tão preparada para mim. —Um sorriso roçou seus duros lábios.

Ela choramingou pela necessidade enquanto seus dedos retrocediam, saindo dela, deixando seus ofegos, quase lhe rogando mais. Então lentamente, com movimentos atormentadores e zombadores, encheu-a uma vez mais. Cravou-lhe as unhas no braço, o coração lhe acelerou fora de controle, fazendo que respirar fosse mais que difícil. Pequenos e chorosos gemidos escaparam de sua garganta, indefeso desejo alagando seu corpo lhe banhando os dedos para empapar a seda de sua calcinha. Cada vez que ele retrocedia ela se sentia vazia, onde antes tinha estado cheia. Dolorosamente consciente dos breves momentos onde o fio de balanço se burlava dela, a fazia chegar, desejando mais. Depois estava cheia de novo, empurrada sempre se aproximando do avassalador momento onde ela sabia que seu corpo exploraria em um prazer tão intenso, tão violento que faria pedacinhos sua prudência por aqueles breves momentos.

—Sairá comigo, Sarah? —perguntou-lhe com ternura—. Agora mesmo. Iremos. Iremos onde você queira. Mas quando estivermos ali, vou te arrancar essa calcinha e empurrar tão duro dentro desse apertado e molhada vagina que gritará por seu orgasmo.

Sua vagina se contraiu. Sarah sentiu os traiçoeiros músculos apertando-se de fome ante as vividas imagens que golpearam sua mente. Brock, elevando-se sobre ela, a grossa envergadura de sua ereção martelando contra ela. Lutou por respirar. Estava tão perto do orgasmo justo agora que podia sentir sua vagina apertando-se em uma atormentada suplica por ele. Seus sucos gotejavam sobre os dedos dele, voltando líquido seu interior, acessível a algo que ele desejasse lhe fazer.

—Sim. —O traiçoeiro suspiro esteve tão cheio de desejo que Sarah soube que se retorceria de vergonha mais tarde.

Os olhos dele se estreitaram, sua própria respiração áspera agora enquanto a olhava.

—Onde? —perguntou-lhe, a voz dura enquanto os dedos lentamente saíam por completo dela, depois voltavam para casa de forma contundente.

Sarah se mordeu o lábio, lutando contra um grito de pura e elétrica sensação. Suas mãos agarraram o bordo da mesa com desespero, suas coxas tremeram com o quente raio de iminente liberação. As lágrimas caíram de seus olhos enquanto a pulsante demanda de mais a tinha quase rogando. Queria suplicar. Queria lhe suplicar aqui e agora.

—Minha casa. —Viu a surpresa ondular em seus olhos—. Minha cama.

Ele sorriu lento e seguro, refletindo a aprovação em sua expressão. Os dedos saíram livres de seu corpo com um lento e pesaroso movimento. Cuidadosamente colocou a seda de sua calcinha sobre sua ofegante vagina, olhando-a fixamente enquanto o fazia. Ficou de pé; um lento e elegante movimento que fez que o fôlego ficasse apanhado na garganta dela. Depois lhe estendeu a mão, olhando-a atentamente. Ela colocou a sua na dele, permitindo levantá-la sobre seus pés, depois a levou lentamente do bar até a estrelada noite.

Sua mão foi à parte baixa de suas costas, sem romper o contato com ela. Seu amplo peito roçou contra o dela enquanto caminhavam, nunca tinha sido tão consciente do corpo de outro homem perto dela. Inclusive anos atrás, lhe tinha feito isto. A fazia terrivelmente consciente de sua feminilidade, sua fragilidade e a força dele.

—Trouxe o carro? —perguntou-lhe enquanto a conduzia dentro do escuro terreno do estacionamento. Manteve a mão em suas costas, levando-a ao jipe com o logotipo do Rancho August no lateral.

—Não. Táxi. —Logo que podia falar; a necessidade pulsava tão duramente em seu corpo.

Quando se moveram para a lateral do jipe, ela gemeu com dureza enquanto ele a girava de repente, pressionando-a contra o lateral do veículo.

—Seis anos —resmungou, levantando-a contra ele enquanto sua cabeça baixava—. Seis fodidos anos, Sarah.

Sua voz era atormentada, seus lábios quentes e duros enquanto cobriam os seus, sua língua penetrou em sua boca enquanto ele apertava sua dura ereção contra a suave almofada de sua vagina.

O autocontrole de Sarah nunca estava em sua melhor forma com o Brock. Gritou no beijo, as mãos travando-se com desespero no cabelo dele enquanto ela se alimentava de sua paixão. Suas línguas se enroscavam juntas, lambendo-se uma à outra, grunhindo de necessidade. Ele encaixou sua pélvis contra a dela, seu membro duro e pulsante calor sob os jeans que os separavam.

—Poderia lhe tomar aqui —grunhiu ele—. Deveria.

Seus lábios e dentes estavam lhe mordiscando a mandíbula e logo o pescoço.

—Rasgaria essa calcinha e lhe foderia agora antes que tivesse ocasião de me rogar que não o fizesse. —Sua voz era áspera e faminta. Sarah nunca tinha escutado um som tão sensual em sua vida.

Moveu-se contra ele, a cabeça caindo atrás enquanto os lábios dele foram ao decote de seu vestido, acariciando os inchados montículos de seus peitos. Ela não se preocupou. Podia tomá-la em qualquer lugar que quisesse, não importava sempre que tivesse seu pênis dentro dela, profunda e dura, saciando a fome que a tinha atormentado durante tanto tempo.

—Tão suave, Sarah. —Sua rouca voz era um baixo e angustiante grunhido—. Tão suave e tão doce. Deus neném, se não for a sério com isto, diga-me isso agora. Diga-me isso Sarah, porque não sei se poderei parar mais tarde.

Elevou a cabeça para olhá-la fixamente, os escuros olhos gris-azulados estavam meio fechados, o rosto escurecido, a respiração áspera.

Sarah levantou a mão para tocar seus lábios, sentindo o excitante calor, inchadas curvas que a tentavam como nada mais poderia.

—me leve a casa, Brock —sussurrou—. Leve para casa, a minha cama. Quero-te ali comigo, toda a noite.

O silêncio da noite estava cheio de nada agora exceto suas duras respirações, suas necessidades.

—Não te deixarei ir esta noite —resmungou ele—. Toda a noite, Sarah. Terei meu pau enterrado em ti toda à comprida noite.

Ela fez uma profunda e larga aspiração

—A noite está acontecendo rápido, Brock. Se desperdiçarmos mais tempo, não será tão longa.

Ele se moveu rápido. Deu um puxão à porta do jipe abrindo e a ajudou a entrar velozmente fechando sua porta cuidadosamente e movendo-se rapidamente à sua. O jipe arrancou e em poucos segundos estava a caminho da entrada.

Um forte propósito marcava sua expressão, esticava seu poderoso corpo. Rodaram em silêncio, e enquanto cada minuto corria arrastando-os mais perto de sua casa, Sarah se deu conta de que a dor em seu corpo só crescia. Cresceu até transformar-se em uma fome, uma necessidade, algo do que estava temendo que nunca se livraria.

Capítulo 3

Possivelmente foi a cerveja. Possivelmente foi o fato de que hoje iria realizar algo que tinha desejado nos últimos seis anos de sua vida. Finalmente tinha convencido ao Mark de que assinasse os papéis do divórcio. Esperou até que estivesse furioso, ultrajado pelo fato de que acreditava que finalmente tinha gasto até o último centavo de sua herança. Não era consciente de que só tinha gasto a parte legada por sua mãe. Ou possivelmente foi o fato de que Brock era tão perigoso, tão sexual, tão intensamente masculino que ela jamais pode esquecê-lo, nem resistir a seu toque mais tempo. Tinha passado sua vida adulta lutando com a atração, a necessidade, até que esteve débil, faminta por seu beijo e seu toque como não tinha estado faminta por nada mais.

Qualquer que fora a razão, Sarah encontrou-lhe permitindo entrar em sua casa já começada a noite, e tentando deter o ataque de nervos que fazia tremer suas mãos. Poderia satisfazê-lo? É óbvio sabia que não era possível. Mas sabia que o tentaria. Sabia que o faria.

—Está tremendo.

Brock August agarrou as chaves de sua mão e as colocou no pequeno e antigo escritório justo ao lado da porta.

Sarah se encolheu de ombros. Por que estava tremendo? Não era como uma virgem com seu primeiro homem. Ou o era? Brock August categoricamente não estava a sua altura, isso poderia ser considerado como alguma classe de hímen? Afogou sua desbocada risada ante essa idéia.

—Não estou acostumada a trazer homens a minha casa —sussurrou finalmente enquanto se girava e o enfrentava. Demônios, era muito bonito.

O sensual conhecimento brilhava em seus olhos, a intenção sexual acendia os vivos fogos que estavam falando de ardor quente e luminoso. Rumores de suas habilidades sexuais e seu desejo carnal tinham circulado pelo Madison durante anos. Sarah não se enganava com que poderia reter a atenção deste homem mais tempo que o que tomasse a ele ter um orgasmo e partir de sua vida. Mas precisava acreditar a ilusão de lhe agradar, só por um pequeno instante.

—Mulheres possivelmente? —Inclinou a cabeça para a pergunta, observando-a com curiosidade.

Sarah sentiu o calor que lhe queimava o rosto por esta pergunta.

—Não —disse bruscamente—. Mulheres não. Por que me pergunta algo assim?

Ele suspirou, um pequeno sorriso roçou seus lábios.

—É uma mulher muito formosa Sarah. Não há rumores sobre ti tendo amantes, ou fins de semana selvagens,

apesar das infidelidades de seu marido. Simplesmente tinha curiosidade se tinha uma “amiga” em vez disso.

Ele acentuou o de amiga. O olhar de seus olhos dizia que o pensamento faria pouco por esfriar seu desejo. Sarah teve a impressão de que só o tinha acrescentado.

Ela sacudiu a cabeça.

—Nenhum amante, homem ou mulher.

Quase se afoga com as palavras enquanto ele começava a empurrá-la lentamente contra a parede. Era grande e largo, quente e duro. As mãos dela se esmagaram nos tensos músculos de seu estômago enquanto ele pressionava contra ela, sentindo-os se apertar e esticar-se de antecipação.

—Agora tem um —sussurrou ele, levando as mãos a seus quadris, os dedos provando a carne ali—. Ou ao menos, terá um se primeiro não te sacudir até a morte.

Ele quase estava sorrindo. Seus lábios cheios estavam inclinados em uma classe de careta, sua expressão era paciente, e um pouco divertida. Era tão bonito que lhe roubava o fôlego.

—Não esperava que estivesse interessado ainda —disse um pouco desesperada, olhando-o fixamente, perguntando-se pela súbita labareda de intensidade em seus olhos—. Você está muito longe de meu alcance, Brock. Então e agora...

—Há um sistema de classes então? —perguntou brandamente enquanto sua cabeça baixava, os lábios deslizando-se sobre a linha de sua mandíbula enquanto a ela entupia a respiração na garganta.

—Só para ti e seus irmãos —ofegou ela fracamente.

Seus lábios estavam quentes, sua respiração úmida e acariciavam enquanto uma mão lhe emoldurava o rosto, inclinando-a para que pudesse acariciar com os lábios sob a mandíbula. Sua suave risada fez que o sangue dela corresse, acumulando-se entre suas coxas enquanto os músculos se contraíam de excitação. Não podia acreditar que Brock August a estivesse tocando. Que sua boca estivesse sorvendo sua pele como se encontrasse seu sabor agradável.

A tranqüila e modesta Sarah Tate tinha atraído o interesse deste homem, por esta noite, uma vez mais. Logo que podia compreendê-lo. Mas definitivamente estava aqui, sujeitando-a, uma mão lhe acariciando o quadril sobre o ligeiro algodão de seu vestido de verão, a outra lhe sujeitando ligeiramente o pescoço enquanto lhe inclinava a cabeça para poder experimentar a suave pele de seu pescoço.

Ela estava tremendo pelo prazer. Não podia conter os ofegos, os pequenos gemidos de prazer, enquanto a língua dele se estendia e lhe acariciava a pele. Não podia deixar de esfregar os quadris contra ele quando pressionava a ereção coberta pelos jeans contra a suavidade de seu ventre. Não podia parar os gritos afogados quando os lábios dele cobriam os seus acaloradamente.

Ele tomou sua boca como se necessitasse seu sabor para sobreviver. Os lábios movendo-se sobre os seus, a língua acariciando-os por diante, enredando-se com os seus enquanto ele gemia contra eles. As mãos do Sarah subiram aos ombros dele, as unhas cravando-se na suave camisa enquanto pressionava desesperadamente os seios contra seu peito. Seu beijo era aditivo, o sabor de seus lábios, sua língua como um escuro e sedutor licor.

Seu corpo, duro e cuidadosamente controlado, movia-se contra o dela. Os músculos estavam tensos, as mãos movendo-a. Seu beijo a dominava, invadia com rápidos raios de crepitante eletricidade por todo seu corpo. Não podia acreditar o que estava ocorrendo. Queria saborear cada momento. Cada toque, cada beijo. OH, Deus estava ele gemendo assim porque tocá-la o agradava?

Acariciou com os dedos o lado de seu pescoço outra vez, ofegando quando ele dobrou os joelhos e levou os quadris contra a união de suas coxas, seu escuro gemido. Perigoso. Como um animal antecipando a próxima comida. O som a entusiasmou, fez à audaz, mais confiante. Tinha esbanjado muitos anos em um vazio sexual. As infidelidades de Mark tinham intumescido o sexo com ele. Sua afirmação de que era frígida, que seu corpo não fazia nada para excitar ao dele, a tinha deixado muito insegura para procurar outro amante. Até agora. Até que os sonhos, a necessidade e as ânsias sexuais a tinham empurrado mais do que seu frágil controle podia suportar

Os lábios do Brock se separaram dos seus e se deslizaram sobre a mandíbula de novo. Ele não perguntou nada. Tomou, acariciou-a, reclamando-a, roubando qualquer resistência que poderia ter tido. Inclinou a cabeça, desesperada por saborear a curtida pele de seu pescoço enquanto a boca dele se abarrotava de sua pele. A língua dela o acariciou e ele se imobilizou, um calafrio sacudindo seu corpo.

—Sinto muito. —tornou-se atrás, bruscamente assustada. Por que tinha parado ele? O que tinha feito mal?

—Perdão? —Ele estava respirando de forma violenta—. Por que está se desculpando? Demônios amor, por que parou?

—Você gosta disso? —Não pôde deter seu incrédulo sussurro. Mark tinha odiado que lhe tocasse o pescoço. A cara do Brock estava sexualmente ruborizada, os olhos cintilando sob as pálpebras entrecerradas.

—Não sei —grunhiu ele—. Faz outra vez, durante mais tempo, então poderei decidir.

Ela viu a delicada brincadeira em seus olhos e gemeu de desejo. Ele se inclinou perto de novo, esfregando o pescoço contra seu queixo, e isso era todo o fôlego que ela necessitou. Esfregou os lábios sobre a cálida carne de seu pescoço, a língua lambendo delicadamente enquanto ela saboreava sua pele, os dentes lhe mordiscando a carne, escutando o gemido fundo e baixo enquanto as mãos dele davam voltas por suas costas e quadris, depois começou a lhe deslizar o tecido de seu vestido pelas coxas.

Seu sabor a intoxicava. Não podia obter o bastante. Aqueles fortes dedos lhe chamuscavam a carne enquanto ele acariciava a pele do exterior de sua coxa, e a forma em que a perna dele se metia entre a nua carne dos seus enviou um feminino tremor de calor sexual pulsando através de seu corpo. Sentia-se febril, cada sabor dele deixando-a louca por um segundo enquanto sua boca se movia ao longo de seu pescoço, os dedos atirando com frenesi de sua camisa enquanto ela lutava por saboreá-lo. Seu peito. Precisava deslizar a língua sobre os duros músculos de seu peito, provar a elasticidade de sua pele.

— Sarah —grunhiu ele enquanto os dedos dela brigavam com os botões de sua camisa. Ela tremeu, sacudindo-se tão forte que não podia conseguir liberar os pequenos demônios de seus ganchos—. Tranqüilize-se neném. Temos toda a noite. Está bem.

—Não posso esperar —gemeu ela, terrivelmente envergonhada da necessidade que a fazia se agarrar à coxa dele com apertados e desesperados movimentos.

Tinha passado tanto tempo desde que tinha conhecido o toque de um homem. Tinha conhecido o toque de um homem depois do Brock, todos aqueles anos atrás? Seu marido nunca a tinha feito sentir desta forma. Suas mãos sobre seu corpo tinham sido úmidas, não firmes, secas e calosas pelo trabalho. Estava-se queimando viva, gritando enquanto lutava desesperadamente por relaxar a ardente tensão na parte inferior de seu corpo. O duro e manipulador sofrimento que a fazia dar-se conta de seu próprio vazio, a dor em seus clitoris, e a desesperada descarga de umidade impregnando sua calcinha.

Sentiu a transpiração que se pulverizava por sua pele, a repentina amplitude de seus peitos enquanto as mãos dele suspiravam sobre eles. OH Deus, ele estava liberando os pequenos botões, com movimentos destros e seguros enquanto as bordas caíam e seus cheios peitos eram deixados ao descoberto. Fechou os olhos, assustada com medo de ver a mesma decepção que tinha visto nos olhos do Mark. Seu corpo corcoveou. Ela gritou, os dedos lhe apertaram os ombros enquanto sentia a quente umidade de sua boca sobre os mamilos.

Era muito. Lutou por ar enquanto o pequeno broto se endurecia até o ponto da dor. Brigou por acalmar as batidas do seu coração, mas o raspar dos dentes dele não o permitia. Estava desesperada por ele. Matando-a, lhe doendo por dentro, distinto a algo que tinha conhecido em sua vida. Se não a tocava logo sabia que morreria.

—Dormitório —grunhiu ele enquanto se movia ao outro peito, cobrindo-o, mordiscando o sensível broto enquanto ela se arqueava em seus braços, as mãos empurrando-o para ela.

Quem necessitava um dormitório? Sua cabeça caiu contra a parede enquanto a coxa dele se apertava contra o úmido centro de suas coxas.

—Agora Sarah, o fodido dormitório.

Ele jogou bruscamente seu vestido para sua cintura enquanto os lábios foram a seu pescoço, jogando a pele entre seus lábios, sugando eroticamente, lhe mordendo a pele com quentes e desesperadas dentadas.

Ela não podia pensar. Onde estava o dormitório? Sentiu cair sua calcinha. Escutou rasgar a malha enquanto os lábios dele cobriam os sua com dureza, a língua varrendo possessivamente enquanto seus dedos empurravam entre suas coxas.

Sarah se imobilizou. A respiração suspensa, os olhos totalmente abertos com incredulidade, olhou-o fixamente enquanto os dedos dele se afundavam nela. Sarah lançou um áspero grito, perguntando-se se lhe daria vergonha que ela estivesse tão quente, tão desesperada que o pegajoso fluido parecia jorrar sobre seus dedos.

—Merda —grunhiu ele, os olhos escuros, a cara avermelhada—. Muito fodidamente tarde para o dormitório Sarah.

Ele se deixou cair sobre seus joelhos enquanto ela o olhava surpreendida. As mãos dele empurravam suas coxas separadas, enquanto uma mão lhe jogava o vestido até a cintura, a outra se meteu em sua quente entrada e sua boca a comia.

Sarah se estremeceu, gritando desesperadamente enquanto sentia sua língua golpeando pelas lisas dobras de sua pele. Estava lambendo-a. OH, Deus, como um gato lambendo a nata, ele estava lambendo-a, grunhindo de prazer com seu sabor. Estava fazendo ardentes e desesperados sons de fome enquanto arrastava a nata dentro de sua boca, saboreando-a. Sentiu seu útero esticar-se, espasmos e mais da quente nata filtrando-se de sua vagina.

Não podia resisti-lo. Sarah sentia seus joelhos debilitar-se enquanto o prazer se elevava dentro dela. Isso apertou seu estômago, esticando quase dolorosamente enquanto as ondas de êxtase a invadiam uma e outra vez. Suas mãos se apertaram sobre os ombros dele, suas coxas se abriram, lábios e língua jogando com seus clitóris enquanto seus dedos empurravam repetidamente dentro de seu quente canal que chorava com a atenção. Sabia que estava caindo fora de controle. Os fogos que queimavam seu corpo estavam fazendo-a corcovear contra sua boca, empurrando seus dedos, lhe esticando o corpo, atraindo a uma tormenta de prazer até que explorou.

Sarah escutou seu próprio e agudo grito enquanto sentia seu corpo desfazer-se. Estirou-se, empurrando contra seu inamovível boca e perdeu o fôlego enquanto o prazer extremo alagava todo seu corpo, deixando-a tremendo, ofegando na culminação enquanto lentamente se debilitava.

Brock estava ali para agarrá-la. Seus braços foram ao redor dela enquanto se levantava sobre seus pés, seus olhos a olhavam fixamente com crua luxúria.

—Onde está o fodido dormitório, Sarah, antes que tome aqui no meio do vestíbulo.

Sua voz era escura e áspera, raspando com a força de sua própria necessidade.

—Lá em cima —ofegou ela enquanto ele a balançava em seus braços.

Subiu as escadas rapidamente, seu grande corpo protegendo o dela menor. Jogou uma olhada para o vestíbulo enquanto girava por volta da primeira porta. Empurrou abrindo-a, depois parou abruptamente.

—Que demônios é isto?

Seu tom era sozinho medianamente curioso, mas a fúria subjacente a inquietava.

Sarah jogou um confuso olhar à cama, depois seus olhos se abriram horrorizados. Ele não havia. Não poderia. Mas o fez.

Mark estava enroscado, na cama com seu jovem amante. A habitação cheirava a álcool e sexo. Sua habitação estava completamente desarrumada. As roupas atiradas por toda parte, o abajur estava derrubado no chão e a cadeira caída a seu lado. Sacudiu a cabeça, incapaz de acreditá-lo.

—Deus, isto só podia me acontecer.

Sacudiu a cabeça enquanto Brock a baixava lentamente sobre seus pés.

Seus joelhos estavam débeis, assim que tomou um momento estabilizar-se, e tudo o que podia fazer era olhar fixamente comissionada a Mark e qual era seu nome? Sarah nunca podia recordá-lo. Mas ali estavam eles, nus e envoltos uns nos braços do outro, roncando brandamente.

As lágrimas encheram seus olhos. Não pela dor de ver seu marido, ou ex-marido na cama com seu amante. Mas era profundamente humilhante saber que o homem situado atrás dela era lenta e furiosamente consciente da situação. Sarah lutou por arrumar o corpete do vestido para cima sobre seu corpo. Todo o tempo mais que consciente da tensa ira do Brock.

—Onde está sua roupa?

Surpreendeu-a quando foi ao roupeiro e começou a procurar dentro. As gavetas da penteadeira estavam atirados no chão, sua roupa interior, sutiens e camisetas pulverizadas pelo tapete. Seria difícil encontrar algo saudável naquele desastre.

Brock arrancou alguns vestidos do pequeno roupeiro, os jogou no braço e voltou para ela. Agarrou-a pelo braço e a tirou rapidamente da habitação. Sarah o seguiu aturdida, quase tropeçando enquanto ele andava a pernas da habitação e descia as escadas.

—Sua bolsa. —Ele recolheu a pequena bolsa e o pôs nas mãos—. Algo mais que tenha que agarrar?

Ela negou com a cabeça rapidamente, piscando pelos severos rasgos de sua cara.

—Onde me leva? —perguntou com curiosidade enquanto a arrastava para fora da porta de entrada e a fechava com fúria de uma portada atrás deles.

Brock não parou, não lhe pediu permissão para levá-la para sua casa, longe já de outra das humilhações do Mark. Não é que importasse muito agora. Já não estavam casados e ela estava mais que agradecida por isso. Entretanto, não podia acreditar que tinha ido esta vez para envergonhá-la.

—Ao rancho —resmungou ele—. Me ocuparei desse bastardo pela manhã. Mas lhe digo isso, Sarah, estou tão malditamente duro e doído esta noite que você pode demorar dias em voltar para essa casa.

Lançou os vestidos no assento traseiro do jipe, depois a empurrou para o interior com mãos duras.

—Ponha o cinto de segurança, ou preferiria estar aqui com seu maridinho e companhia?

Seus olhos se mantiveram nela na tênue luz do jipe. A ira pulsava, a luxúria se retorcia como fogo branco, invisíveis fios de eletricidade entre eles.

Ela sacudiu a cabeça com desespero, agarrou torpemente o cinto de segurança do assento e o fez estalar.

Seu vestido estava ainda desabotoado. Enquanto Brock ligava o motor, lutou por fechar os minúsculos botões de pérola que mantinham fechada a parte dianteira do vestido de verão cor nata.

—Merda. —O palavrão a fez estremecer-se enquanto ele se girava em seu assento e rapidamente se encarregava por ela.

As lágrimas lhe acumularam nos olhos. O corpo ainda úmido de desejo e ela terrivelmente assustada de que agora fora a estar decepcionado com ela. Nenhuma mulher amadurecida e sofisticada poderia não abotoar seu próprio vestido neste momento.

Depois Brock estava inclinando o rosto, os lábios tomando os seu em um beijo tão quente, tão furioso que ela sofreu a invasão. Seus braços foram ao redor de seus ombros outra vez, os lábios se abriram, enredou a língua desesperadamente com a sua.

—Suficiente —grunhiu ele, arrancando-se dela—. Maldita seja, teremos sorte se consigo sair daqui antes de me cravar dentro de ti.

O jipe saiu da entrada com um chiado de rodas. Sarah estava sentada em silêncio, ainda surpreendida, ainda pulsando de luxúria. Ele a estava levando ao rancho? Querido Deus, estava louca? O que tinha passado com sua noite de paixão? Por que tinha ido ao inferno? Mark. Ele tinha arruinado esta noite justo como tinha arruinado cada noite de sua vida desde que se casaram. Alguém deveria lhe pegar um tiro e tirar do mundo a miséria que trouxe.

Capítulo 4

Brock não podia acreditar no final daquela noite. Estava duro, dolorido, consciente da silenciosa jovem sentada no assento junto ao dele, retorcendo as mãos nervosamente enquanto de lançava largas olhadas em sua direção. Sabia que estava preocupada e confusa. Não entendia por que estava levando-a ao rancho e por que o tinha mimado no calor do momento. Sabia que agora duvidava dessa decisão.

—Há um motel aqui à direita. Ao redor de 6 0 7 quilômetros —disse ela com vacilação. Se, definitivamente reconsiderando-o—. Poderia me deixar ali.

Oh, realmente ele ia fazer aquilo, pensou sarcasticamente. Guardou essa idéia para si mesmo. Sarah parecia estar à beira do pânico e maldito fora se poderia agüentar que comesse a gritar. A única vez que lhe tinha gritado lhe tinha quebrado a pequena parte que ficava de seu coração.

—Para dar o seu rabo desses leitões —grunhiu ele—. Quando eu me colocar dentro de ti, Sarah, não te quero caída no chão. Quero-te em algum lugar abaixo de mim.

Escutou deter-se sua respiração. Seus peitos se elevaram bruscamente, ele não estava seguro se pela surpresa ou a excitação.

—Isto é tão irreal. —Ela sacudiu a cabeça com um suspiro de indignação—. Simplesmente não entendo como esta história sempre me acontece .

Brock lançou um olhar para ela com um ligeiro cenho.

—Você e seu marido precisam se programar melhor —grunhiu irritadamente, perguntando se estava louco.

Que demônios estava fazendo atando-se com uma mulher casada? Tinham maridos problemáticos e ciumentos que podiam literalmente ser uma dor no rabo. Mark Tate não era conhecido precisamente por sua inteligência, especialmente em assuntos que entretiveram a sua pequena esposa escondido em casa enquanto ele paquerava com o material local. Mas à primeira ocasião o que fez Brock? Foi por ela. Agora a tinha , maldição seria se a deixava voltar com aquele filho de puta.

—Não é meu marido. —Surpreendeu-o ao lançar um olhar zangado —. Estamos divorciados. E por que não tem sentido comum que se una com uma mulher casada? —Jogou-lhe seus próprios pensamentos no rosto.

Aquela labareda de firmeza, o brilho de independência fez que sua ereção pulsasse como uma dor de dente sob suas calças. Merda, apostaria que seria uma fera na cama. Diabos, sabia que o seria. Tinha-o amaldiçoado quase abrasando vivo seis anos antes. Nunca a tinha penetrado com seu pênis e havia sentido como se estivesse sujeito ao fogo vivo.

—Depende de quem é a mulher casada —respondeu ele em voz baixa. Haveria-a fodido em qualquer momento e em qualquer lugar, sem importar quantos maridos tivesse—. Você, Sarah querida, não teria encontrado resistência para fazê-lo, casada ou não. Mas recorda o fato de que esperei até que parecesse receptiva.

—Receptiva? —perguntou-o com incredulidade—. Não estava receptiva. Estava me ocupando de meus próprios assuntos...

—Estava me comendo com os olhos. —Grunhiu, recordando aquele tímido e faminto olhar que lhe tinha dedicado através do bar cheio de fumaça.

—Não o estava —ofegou ela emocionada.

Quando lhe olhou, seus suaves olhos castanhos dourados estavam muito abertos pela surpresa, o pálido rosto iluminados pela luz tênue do jipe. A sedosa extensão de cabelo loiro mel estava desalinhado ao redor de seu rosto, caindo sobre seus ombros em leonadas cheias de esplendor que lhe suplicavam que os alcançasse e tocasse.

—OH se, estava —grunhiu ele, lutando com a necessidade de tocá-la—. Com aquelas quedas de pálpebras e seus olhos de ouro me rogando que lhe fodesse, permaneci afastado de você durante anos, só porque estava casada e não parecia disposta. Mas estava mais que disposta esta noite, neném.

Tão disposta que a pulsação de sua liberação as suas atenções orais ainda fluía suave e doce em sua faminta boca. O gosto era aditivo. Como néctar. Como a mais doce e melosa droga. Tinha desperdiçado seis anos tentando esquecer seu sabor e ainda despertava com sua essência na boca, seu pênis pulsando em resposta à lembrança de seu calor.

—Está louco. —A ira marcava cada curva de seu corpo e vibrava em sua suave voz—. Me nego a ir mais longe contigo. Me leve ao motel.

Avermelhada pela indignação, podia sentir as ondas de ira fluindo através dela. Não podia entender por que estava tão zangada. Ela o desejava. Era algo que tinha esperado durante muito tempo, assim que qual era o problema?

—Voltará para rancho comigo...

—Nego-me a ir à cama contigo, agora —lhe disse com fúria.

A frustração lhe fez lançar um carrancudo olhar enquanto uma mão passava impacientemente por seu cabelo.

—De acordo, então o faremos em um sofá, a mesa da cozinha, qualquer lugar. Sou regulável.

Em realidade, a idéia de qualquer lugar era mais que satisfatória. Tanto tempo como pudesse atraí-la para ele e tomá-la em todas as formas que tinha sonhado.

—A mesa da cozinha? —Queria sorrir pelo assombro de sua voz, mas tinha a sensação de que só provocaria sua ira uma vez mais.

Examinou-a de novo, quase contendo um grunhido pela relutante fascinação de sua voz.

—Sim. Temos uma mesa de bilhar também. —Sorriu abertamente, perguntando se ela sabia quão formosa

estava com aquele profundo rubor cobrindo suas pálidas bochechas. Então um repentino pensamento o golpeou — . Está tomando pílula?

Ela sacudiu a cabeça. A decepção bramou através dele. Não havia nada que desejasse mais que martelar dentro do Sarah até que seu pênis explorasse, enchendo-a com seu esperma.

—O motel —exalou com aspereza—. Só me deixe no motel, Brock.

Brock franziu o cenho ante o chiado de excitação em sua voz, contra a petição. Ela o desejava, sabia. Por que de repente aquilo a assustava agora?

—Não quer ir a um motel, Sarah —lhe disse em voz baixa—. Quer vir a casa comigo. Por que não o admite?

—Por que... Isto é um engano —sussurrou ela—. Um terrível e espantoso engano. Disse-lhe isso antes, não joga em minha turma. Deveria havê-lo recordado.

—A mesa de bilhar te assustou? —perguntou-lhe com brutalidade—. Maldita seja, Sarah. Só é uma mesa de bilhar normal. Não é como se houvesse algemas ou sujeições nela. Atua como se estivesse descrevendo uma sala de tortura.

Ele não podia tirar esse pensamento de sua cabeça. Sarah inclinada, jazendo contra o feltro verde enquanto ele colocava cada duro centímetro de sua vara dentro de seu corpo. Removeu-se no normalmente cômodo assento. Seria afortunado se chegassem ao pátio do rancho, melhor não falar da casa.

—Deus. Simplesmente esta não é uma boa idéia —murmurou ela, olhando fixamente para frente—. Por que não faz só o que te peço? Só me deixe no motel.

As mãos do Brock se esticaram sobre o volante enquanto o sangue bombeando com fúria entre suas coxas, fez que sua paciência transbordasse seus frágeis limites. Por que não fazia o que lhe pedia? Porque tinha esperado tanto para fode-la, parecia que toda uma vida.

—Quer saber por que não estou te escutando? —espetou-lhe entre seus apertados dentes enquanto girava o jipe a um lado da estrada. Deteve-o ao lado a um monte de rochas com uma brusca virada das rodas que a fez gritar de surpresa.

O jipe se sacudiu até parar enquanto Brock cobria a distância entre eles, empurrando o assento dela para trás, baixando o respaldo até apoiá-lo contra o assento traseiro, e ignorando seu ofego de alarme enquanto lhe separava as coxas com os joelhos e subia sobre ela.

Olhou-o fixamente com surpresa enquanto ele dava um puxão a seu vestido até a cintura. Sua mão lhe cobriu o montículo, os dedos afundando-se na quente e molhada carne, enquanto a outra mão apressadamente liberou a tensa ereção de suas calças.

—Este é o porquê, maldita seja. —Tomou sua mão, envolvendo-a ao redor do aço revestido de seda de seu membro enquanto grunhia asperamente—. Isto, Sarah. Quente e selvagem. Eu cravado dentro de ti enquanto você grita de prazer. Disse-lhe isso, não permitirei que se afaste de novo.

Seus dedos se inundaram profundamente em sua tenra vagina, provocando um quebrado grito de êxtase enquanto a enchia. Ela gemeu, um ofegante e pequeno som enquanto seu polegar roçava seu tenso clitóris, fazendo-a vibrar em seus braços enquanto seus dedos o acariciavam. Seu membro se esticou com seus ligeiros e acariciantes movimentos. Tão inexperientes, tão vacilantes e tímidos enquanto ela o olhava fixamente com aturdida fascinação. Deixou-o louco. Queria substituir aquela inexperiência por conhecimento. Queria ser o único que lhe ensinasse, o único que substituísse a vacilação por confiança e consciência. Queria roubar sua inocência, a pouca que seu ex-marido lhe tinha deixado, e isso o desgostava ao mesmo tempo em que o deixava louco de luxúria.

Ela gemeu, um pequeno som de desejo e confusão.

—Cuidarei de ti, Sarah —lhe jurou, os dedos movendo-se com sensualidade dentro de seu corpo enquanto se inclinava até tocar seus lábios—. Acredite. Me deixe te levar a minha casa. Esperei tanto tempo por ti, amor.

Ela tremeu com sua declaração, suas coxas se apertando em suas mãos enquanto lutava por se afastar do sedutor feitiço que ele estava tecendo a seu redor.

—Não. —Os lábios dele cobriram os seus, seus dedos se moveram mais profundo, pondo-a mais quente, mais molhada.

Necessitava fode-la. Marcar seu direito sobre ela aqui e agora. Arrojá-la em tal prazer que seu clímax a

drenasse, deixando-a incapaz de negar-se a ele. Incapaz de deixá-lo. Que Deus o ajudasse se a perdia de novo. Não podia arriscar-se, não ainda. Não enquanto o fogo o estivesse queimando vivo, Deixando-o louco, deixando seu corpo dolorido pela necessidade de tocá-la, reclamá-la, escutar seus gritos de liberação ressonando ao redor dele.

—Sente que bom pode ser, Sarah —grunhiu contra seus lábios—. Me Diga que quer ir a aquela solitária habitação do motel, em lugar da minha quente cama. Diga-me isso e o farei, Sarah. Quer estar vazia e sozinha, ou cheia e gritando enquanto chega ao redor de meu pênis?

* * * * *

Sarah olhou fixamente ao Brock, sentindo seus dedos duros e grossos dentro de seu corpo, sua ereção quente e dura em sua mão. Não podia quase rodear a ampla longitude com seus dedos. Quão profundo a encheria ele? Quão forte a faria gritar no clímax? Os rumores de que os homens August eram peritos e bem treinados amantes que podiam montar a uma mulher toda a noite. Mark mal tinha podido dez curtos minutos. Ela o desejava, mas estava aterrorizada pela potência do que desejava.

—me responda Sarah. —Seus dedos empurraram ligeiramente dentro dela, a vagina derramava seu fluido na mão dele enquanto grunhia sobre ela.

—Sim —sussurrou ela, contemplando-o, apanhada por seus olhos, a intensa necessidade sexual em sua expressão—. Desejo ser cheia e gritar. Por favor, Brock.

Estrangulado e torturado, um grunhido rasgou sua garganta. Seus dedos se liberaram do corpo dela, mas os substituiu com o amplo calor de sua ereção. Sarah se imobilizou, a respiração quase detida em seu peito enquanto sentia a ardente ponta mover-se contra ela.

—Jurei que ainda não —resmungou com ferocidade—. Ia esperar, Sarah. Juro que ia fazer .

Sarah sentiu fogo e relâmpagos arqueando-se sobre sua pele, entre suas coxas enquanto a dura carne começava a invadi-la. Estirada, ela ofegou, seus quadris arqueando-se, as incríveis sensações se propagaram através dela enquanto Brock se deslizava mais e mais profundo dentro de seu corpo.

— Sarah. —Seu nome era um duro gemido que saía esmigalhado de seus lábios—. Diabos. É tão estreita. Tão estreita, Sarah.

A mão dele soltou os botões de seu vestido, alguns se rasgaram suas costuras enquanto os borde se abriam. Imediatamente seus lábios estavam cobrindo a dura ponta de um seio, sua boca sugando-o com veemência enquanto empurrava os últimos centímetros dentro de seu corpo. Ela não o agüentaria, pensou Sarah. Não havia forma de que agüentasse a chicotada de calor e necessidade que agora queimava seu corpo.

Que Brock August pudesse fazer isto a uma mulher não a surpreendia. O fato de que a tivesse debaixo dele, choramingando de prazer, entretanto a assombrava. Ela a tranqüila e tímida Sarah estava fazendo resfolegar e sussurrar ao Brock August enquanto se introduzia em seu interior. Apertou os músculos em torno dele, gritando se por acaso mesma ante a chicotada de dor e prazer que a ação lhe provocou.

—OH, infernos. Sarah. Não faça isso. —Os lábios dele estavam em seu pescoço, os dentes beliscando sua pele enquanto lutava pelo controle—. Não o faça neném, não serei capaz de agüentar.

Tinha perdido ele o controle sexualmente? Ela conhecia mulheres que se lamentavam sobre o fato de que nunca podiam fazer que os irmãos August perdessem o controle. Apertou mais ao redor dele, seus quadris sacudindo-se enquanto o calor escaldava sua vagina, fazendo-a retorcer-se de necessidade debaixo dele.

Os quadris dele se retiraram e depois empurraram com dureza, e Sarah se ouviu gritar enquanto sua carne vibrava e pulsava a seu redor. Sensações atrás de sensação irrompiam através dela, fazendo-a arquear-se mais perto dele, esticar-se mais a seu redor.

—Fica quieta, Sarah —lhe suplicou ele asperamente, cravando seus quadris contra as dela em pequenos e involuntários espasmos.

Não pôde ajudá-lo. A sensação era muito intensa, a necessidade arremetendo nela como um demônio procurando satisfação.

—me faça gritar —murmurou ela, contemplando-o fixamente enquanto ele se elevava sobre ela. Estava surpreendida pela rouca sexualidade de sua voz—. Por favor, Brock, nunca gritei.

Os olhos dele se abriram surpreendidos. Por um segundo, comprido e intenso, observou-a surpreso.

—Alguma vez? —grunhiu a pergunta enquanto seu corpo parecia esticar-se, preparando para a ação. Seus braços envoltos ao redor de seus quadris enquanto a fazia retroceder com o passar do assento.

A emoção lhe arrancou um grito. Sua carne pouco saciada, necessitava movimentos, golpes e carícias. Estava desesperada por mais.

—Nunca —gritou ela bruscamente—. Quero gritar. Só uma vez, Brock.

—Só uma vez? —levantou-se sobre ela, retirando-se lentamente—. Não amor, gritará mais que uma vez.

Um lento e agudo grito encheu o interior do jipe enquanto ele empurrava duro dentro dela. Sarah sentiu sua vagina esticar-se com um pouco de protesto, mas aquele pequeno fio de dor a fez querer mais. Sempre mais. E ele não parou com só um. Uma mão apertou seu quadril enquanto o braço se enroscava ao redor de seus ombros, e os quadris dele começavam um duro e rítmico impulso que a fez arquear-se e gritar. A tensão em seu interior, o fogo e o calor enchendo-a, estirando-a em uma tortura de prazer tão torturado que começou a temer a loucura. Não podia resisti-lo. Não podia. Estava aumentando duramente, sempre aumentando, nunca liberando, nunca terminando.

—Brock? —O medo a enchia agora. Não pararia, a tensão em seu corpo estava enroscando-se mais e mais tensa, sem alívio, nem liberação.

Ela se esticou contra ele, sua cabeça sacudindo-se, os quadris lutando contra seu agarre enquanto se sacudiam de uma vez em seus duros empurrões. Podia sentir o grosso aço invasor entre suas coxas uma e outra vez, deixando seu corpo cheio e jorrando com a umidade mas o torturante apertão de erótica fúria nunca se aliviou dentro dela.

—Logo, Sarah —lhe ofegou ao ouvido, os lábios acariciando o lóbulo enquanto ela lutava contra o contínuo ritmo—. Só deixa-o ir. Não se preocupe. Não lute contra ele.

—Está me matando —o grito ressonou ao redor deles, aumentando de intensidade enquanto o fogo se elevava em seu corpo.

Não podia resisti-lo. Não podia agüentá-lo. Morreria. Mataria-a.

—Então matará aos dois. —arqueou-se dentro dela, seu membro golpeava dentro dela como um martelo de carne e sangue tentando levá-la mais à frente do limite do delírio.

O feroz empalamento, a luxúria e necessidade a fizeram ofegar e gritar. A tensão estava enroscando-se mais tensa, o medo trespassando-se através da bruma de paixão, fazendo as sensações mais fortes e profundas. Não sobreviveria a isto. Não poderia resisti-lo.

Brock lhe baixou as pernas de um puxão, as agarrando agora enquanto se elevava sobre ela, o rosto uma máscara de furiosa determinação enquanto disparava seu pênis dentro dela repetidamente. Os ruídos de carne molhada, ofegante necessidade e as suplicas do Sarah enchiam o interior do jipe. Ela se retorcia debaixo dele, seus gritos elevando-se em um crescendo agora enquanto o inferno começava a tragá-la.

O medo bordejava seus gritos, sua consciência, mas ela não podia deter seus empurrões, não podia deter a reação de seu corpo.

—Agora, Sarah —gritou ele asperamente, inclinando-se sobre ela, aplicando uma pressão sobre seus clitóris que a enviou diretamente à loucura.

A pélvis dele golpeou contra o ultra sensível broto com um último e duro empurrão e Sarah se sentiu morrer. Explodir, perdida em muitas sensações que ameaçava destruí-la. Ouvia alguém gritando enquanto sentia sua carne apertar-se dolorosamente ao redor de seu pulsante pênis. Gritar, rogar enquanto seu corpo se esticava até o ponto de ruptura, arqueando-se tão tirante que temeu romper-se enquanto onda atrás de onda de surpreendente liberação rompia sobre seu corpo. Rasgou através de sua vagina, queimando mais à frente do estômago e destroçando sua prudência como se voasse sobre ela, através dela parecendo que nunca acabaria até que por fim com um último e brutal espasmo de seu corpo, derrubou-se no assento, sentindo o quente jorro do sêmen do Brock contra a suave carne de seu abdômen.

—A pílula —ofegou ele enquanto caía sobre ela, respirando com dificuldade, o suor gotejando desde seu rosto e seu cabelo enquanto lutava por respirar—. Amanhã, Sarah, amanhã irá atrás da pílula. Quero acabar dentro de você, amor.

Sarah se estremeceu ante este pensamento. Sentir a pulsação dele dentro dela a mataria. E por que

importaria a pílula? Demoraria uma semana para estar fértil. Pensava ele em mais que as poucas noites que outras mulheres de sua vida tinham recebido?

Tremeu contra ele. Seus olhos estavam fechados, o cansaço filtrando-se sobre ela agora. Seu corpo estava depravado, as torturantes necessidades saciadas no momento.

—Dorme, amor —escutou que Brock sussurrava com doçura enquanto se afastava dela.

Sentiu-o limpar seu estômago, passar um suave tecido entre suas coxas para secar a refrescante umidade ali. Depois seu vestido foi baixado e ele retrocedeu a seu próprio assento. O jipe arrancou uma vez mais, o suave zumbido do motor levou Sarah ao sonho.

Capítulo 5

—Sabe o que está fazendo? —perguntou- Sam ao Brock com curiosidade, despertando-o do denso sonho em que tinha estado desde que havia trazido para a sua cama Sarah.

Brock piscou sonolento ao seu gêmeo, vendo divertido um traço de preocupação em seus olhos. Deu uma olhada para trás a Sarah, assegurando-se de que ainda dormia profundamente antes de desenredar-se dela, deslizou-se silenciosamente da cama. Ela sussurrou seu nome, mas não despertou. Assegurando-se de que as mantas estivessem colocadas a seu redor, colocou uma calça de moletom e indicou ao Sam que saíssem da habitação.

Seu irmão o seguiu, mas Brock foi consciente do olhar de curiosidade que Sam tinha arrojado atrás para a cama antes que a porta se fechasse firmemente sobre a vista. Brock sabia que Sam era mais que consciente de seu desejo por Sarah ao longo dos últimos anos. Demônios, eram gêmeos, não podia ajudá-lo, mas sabia. Mas não estava preparado ainda para compartilhá-la. A pesar do calor que lhe queimava sozinho de pensá-lo, um fio de preocupação pulsava na região em que uma vez tinha estado seu coração. Não podia perder Sarah, e estava muito assustado de que essa fosse a razão pela que ela tinha fugido a primeira vez.

—Necessito de café.

Brock se dirigia e implorou pelo o café que Cade lhe deu naquela manhã antes de sair essa manhã.

—Cade está de saco cheio —disse Sam enquanto o seguia de perto atrás dele—. Supõe-se que deveria estar no celeiro ao amanhecer, esta manhã. Recorda?

Brock grunhiu de irritação. Tinha esquecido. Cade queria que o ajudasse a inspecionar algumas cerca e mover o gado aos pastos dianteiros. Andou a pernas rapidamente à cozinha e foi direto ao café. Marly estava ainda sentada à mesa do café da manhã, levantou sua cabeça quando passou Brock.

—Hey, dorminhoco —o saudou com um sorriso—. Cade foi jogá-lo da cama esta manhã, até que viu sua amiga.

Brock se congelou enquanto deixava a cafeteira de volta na prancha.

—Veio ao meu quarto? —perguntou cuidadosamente.

—Sim, o fez. —Sua voz era divertida, mas podia ouvir o eco da tensão debaixo—. Depois me disse que te deixasse dormir e que falaria contigo mais tarde.

Recolheu sua xícara, lhe dando uma olhada a expressão cuidadosamente controlada de Sam. Por alguma razão, Cade não tinha querido que Marly soubesse quão zangado estava. Havia mais nisto que o trabalho que Brock se safou.

Recolhendo sua xícara de café, agarrou várias bolachas e salsichas e se dirigiu à mesa, seguido de perto pelo Sam.

—Assim quem é ela? —pergunto Marly com curiosidade, lhe olhando—. Alguém que eu conheça?

Apesar de sua expressão divertida, seus azuis olhos estavam obscurecidos pela preocupação.

— Sarah Tate —lhe respondeu Brock, sabendo que sua voz estava crispada.

Captou o olhar entre o Sam e Marly. A expressão do Sam era burlonamente divertida e sábia. Marly estava

surpreendida.

—Está casada —disse Marly franzindo o cenho—. Não é de estranhar que Cade estivesse alterado.

—Está divorciada. Os documentos foram assinados ontem —lhe disse com dureza—. E desde quando Cade pensa que pode me dizer com quem fodo?

Marly o olhou surpresa. Brock exalou um forte suspiro. Estava no limite. Queria voltar para o quarto e despertar Sarah. Queria escutá-la gritando seu nome outra vez. Rogando por ele.

—Trouxe-a para sua casa, Brock. Nunca tinha feito isso —lhe recordou brandamente—. Cade só está preocupado.

Estava Cade preocupado, ou era Marly? As complicações disto irromperam no centro de sua mente. Não o tinha pensado, só tinha reagido. E Cade tinha ido a seu quarto. Ele sabia o que Sarah significava para o Brock, sabia o que tê-la ali chegaria a significar. Justo como Brock sabia, exatamente como Marly saberia. O rebordo de dor que ela tinha tentado manter escondido se deslizou por seu coração como uma faca embotada.

—Não há nada do que se preocupar. —Brock se encolheu de ombros, obrigando à mentira a passar por seus lábios.

Queria conservar ao Sarah; ao menos até que soubesse se a obsessão que sempre tinha tido por ela era mais profunda que simples luxúria.

—É por isso que o doutor Bennett tinha uma mensagem em sua secretária eletrônica esta manhã de que levaria um paciente para um exame e uma receita de pílulas anticoncepcionais? —Marly deixou cair sua própria e pequena bomba, lhe observando cuidadosamente—. Chamou esta manhã para estabelecer a hora da entrevista. Por certo, disse que trabalharia até o entardecer.

Brock sentiu despertar sua luxúria e o esmagou sem piedade. Logo, poderia tomar a Sarah, empurrar nela e sentir sua própria liberação romper-se através dele enquanto vibrava contra as paredes da carne dela.

—Está afastando-se de nós, Munchkin —suspirou Sam com exagerada paciência—. Está nas últimas.

Brock lhe lançou um irritado olhar. Não necessitava as reclamações do Sam justo agora. Também captou o olhar de medo nos olhos de Marly e seu peito se apertou. Não queria ferir a Marly. Era a última coisa que queria fazer.

—Seu ex se encontrava em sua casa quando aparecemos ontem à noite. Era muito tarde.

Encolheu-se de ombros, mantendo os olhos em sua taça.

—Assim estava levando-a a sua casa? —Havia uma nota de alívio na voz do Marly.

Brock queria golpear algo. Podia sentir a dor em ebulição através de seu corpo, lhe fazendo querer amaldiçoar de fúria.

—Sim, logo que esteja preparada. Depois jogarei o bastardo de sua casa e porei o medo do Brock nele. —Sorriu torcendo a boca, embora se sentia como uivando.

Evitou o olhar do Sam, sabendo de que seu gêmeo sentiria as emoções que estava mantendo cuidadosamente sob controle. Não tinha esperado isto, embora admitiu que deveria havê-lo feito. Tivesse esperado, não, tinha acreditado que Marly com o tempo daria a bem-vinda a qualquer mulher que ele levasse a casa. Não tinha pensado que se sentiria insegura ou ferida.

—Hey, Marly, chegara tarde a seu encontro esta manhã —disse Sam rindo—. São quase a dez. Não marcou com a Denise para as onze?

Denise Lamont para a depilação íntima, as sobrancelhas de Marly.

—Maldição — Marly tomou o último gole de café e ficou de pé de um salto—. Tem razão, e me matará se chegar tarde.

Abandonou a cozinha apressadamente, deixando ao Sam e ao Brock sozinhos, o silêncio espessando-se com dureza ao redor deles.

—O que vai fazer? —perguntou Sam ao final com curiosidade.

Brock sacudiu a cabeça, encurvando os ombros enquanto sorvia o café. Não havia nada que fazer mais que aceitá-lo. Odiava-o. A dor roía suas vísceras como ácido. Mas, que outra coisa podia fazer? Não podia ferir a Marly.

—Ouvi-os, Cade e a ela esta manhã. Ela estava chorando, Brock. Cade está furioso —Sam manteve a voz baixa enquanto se inclinava para Brock.

Brock fez uma careta, sua própria raiva subindo através de seu corpo. Foder, também era sua casa. Seu direito. Um direito que a dor de Marly lhe roubaria. Não tinha sentido discutir a injustiça disso, ou de lamentá-lo. Marly não se criou como eles o tinham feito. Tinha sido protegida e amada durante os anos que tinha vivido na casa deles. Não compreendia o vínculo que compartilhavam, as necessidades que tinham.

—Ocuparei-me disso —Brock sacudiu a cabeça.

O silêncio descendeu uma vez mais. Era tenso, por perguntas não feitas, as explicações não importavam agora.

—Como te ocupará disso? —perguntou ao final Sam em voz baixa.

Brock lhe dirigiu um olhar de descontente.

—Não sei, Sam, necessito sua permissão, para o que seja que eu faça?

Sam suspirou de novo. Deslizou os dedos através de seu cabelo, e Brock soube que Sam estava sentindo sua própria frustração. Brock só podia imaginar como se sentiria Cade.

—Ela não suportará bem Cade tocando a outra mulher, não acredito. — Sam sacudiu a cabeça tristemente—. É pelo que Cade está assustado.

—E eu não a empurrarei a isso —prometeu Brock, terminando seu café—. Despertarei a Sarah e partirei logo que fale com o Cade.

Ficou de pé, sentindo-se cansado, perdendo o entusiasmo pelo dia que havia sentido quando despertou. Maldição. Não sabia o que fazer agora. Teria que ir ao menos até que soubesse que estava passando com ele e Sarah. Não ia fazer sem ela em sua cama, em seus braços tanto tempo como pudesse mantê-la ali. Ajudaria-lhe a jogar a gentinha de sua casa, então voltaria e empacotaria um pouco de roupa. A viagem entre o rancho e sua casa emprestaria, mas descartava a alternativa.

—Ela não é desse tipo de todos os modos, Brock —disse Sam tristemente enquanto Brock começava a afastar-se dele—. Não se acomodaria à família. Você sabe disso.

Brock não estava seguro disso. Era inexperiente, inocente em muitos aspectos, mas tinha visto a faísca de excitação em seus olhos quando se aproximou dela nesse maldito bar. Conhecia os rumores, sabia o que se dizia dos irmãos August e da amante do maior. Os rumores tinham estado voando através dos anos.

—Sim. Estou seguro de que tem razão —concordou com ele de todas as maneiras.

Não quis que Sam se sentisse culpado, não queria que Cade ou Marly se sentissem dessa maneira tampouco. A vida fede às vezes. Tinha que aceitá-lo, ou deixar de participar do jogo. Brock não estava disposto a deixá-lo.

Saiu da cozinha, sentindo o peso disto jogando dele. Amava o rancho, amava a casa. Deixá-la, inclusive por um curto tempo, não seria fácil. Mas necessitava a Sarah. O sabor dela, tão doce e quente, estava começando a ser aditivo. Queria mais. Queria-a em sua cama de noite, queria escutá-la gritando seu nome quando ela culminasse, mas ele também queria mais. Queria que ela fosse parte da família. Sua família.

* * * * *

Brock encontrou ao Cade nos estábulos reparando o estribo de sua sela favorita. Parou na entrada da habitação, em silêncio, absorvendo o aroma do feno, o suor e o cavalo enquanto via seu irmão trabalhar para arrumar algo mais velho que todos eles. Uma peça de sua história, uma que Cade não tinha sido capaz de desprezar.

A cadeira era antiga. De gerações anteriores. Tinha pertencido ao primeiro Cade August mais de cem anos antes. Transmitida entre pais e filhos, até que o Avô August tinha evitado ao Joe e o tinha dado em seu lugar ao Cade. O verão em que morreu, Joe os tinha enviado à casa do demônio. Brock se negou a pensar sequer nesse nome. Durante dias, meses às vezes podia esquecer o horror daqueles meses. Então o curvava outra vez, precipitando-se sobre ele, fervendo em seu estômago como um maléfico ácido, disposto a devorá-lo.

Nunca falhava. Era o mesmo para todos eles. Quando tentavam se aproximar uns aos outros, sentir a dor de outros, tentar dar sentido ao inferno de suas vidas freqüentemente ocorreria, as lembranças atacavam. Essa tinha sido a intenção. O objetivo da lição. Estavam sozinhos. Assim como esse fodido filho de puta de seu pai tinha estado. Ele tinha desprezado o vínculo que tinham quando eram meninos, assim que o tinha corrompido. Fazendo-o feio e inútil, fazendo-o algo que temer.

Brock apertou os dentes, sua mandíbula doía enquanto lutava por controlar-se. Queria voltar-se e partir, sair da vista de seu irmão, um homem sozinho, lutando contra sua dor. Cade sempre tinha lutado tão bem. Por todos eles.

—Deveria deixá-lo. Sempre está trabalhando nisso — deu um passo na pequena habitação, ignorando o sentido de opressão, os demônios arranhando sua alma com afiadas garras cortantes.

Cade seguiu o delicado trabalho, seu bronzeado rosto tirante e macilento enquanto se concentrava em reparar a pele.

Brock se apoiou contra a parede, tão perto da porta de escapamento como podia estar. Deus, como podia Cade resisti-lo? Estar tão encerrado como isto, suportando o pequeno espaço e as lembranças que sabia vinham com ele.

—Agüentaré, Brock —Cade se encolheu de ombros, o duro som de sua voz vibrando através do reduzido espaço.

E poucas coisas o faziam. Brock cruzou os braços sobre o peito, olhando ao redor da habitação. Selas, cordas, bridas, as ferramentas de qualquer vaqueiro alinhadas na habitação. A luz do sol se filtrava através da pequena e alta janela, mas em nenhum momento do dia os daninhos raios do sol tocariam a pele. A deterioração seria irreparável.

—Estou-me preparando para levar a Sarah a casa —Brock tomou um profundo suspiro e exalou lentamente. Filho d puta. Odiava este quarto Fodido. Podia cheirar o anti-séptico, ouvir gritos. Estava cobrindo-se de suor só pela força de vontade evitava que seu corpo tremesse.

—Voltará? —Cade não o olhou. Brock sabia o que veria se o fizesse. A dor, a ira, o sangue.

—Estarei de volta pela manhã e a maior parte do dia. Conduzirei a distância no momento. —Brock se moveu, olhando as mãos de Cade trabalhar tenazmente o couro, a cabeça dobrada para baixo.

—Marly segue chorando? —a voz do Cade refletia sua tortura agora.

Não podia suportar as lágrimas do Marly. Nunca podia. O som de seus soluços, ou o sussurro das lágrimas sobre suas pálidas bochechas o destruíam. Mataria ao homem ou a mulher que deliberadamente fizesse chorar a Marly.

—Não. Encarreguei-me disso. —Brock apertou os dentes. O corpo do Cade se esticou até mais.

—É o melhor —assentiu Cade finalmente—. Não tem sentido que alguém mais seja ferido por isso, Brock.

Cade estava sozinho. Brock sentia a traiçoeira umidade ardendo em seus olhos e lutou para contê-la. O tempo das lágrimas tinha passado. Mas maldição, olhar a seu irmão adastando-se, separando-se dele, rasgou-o. Deslizou suas mãos através de seu cabelo, exalando com feroz fôlego.

—Ela o aceitará, Cade. Se você explicar. —Era um grande desacordo entre todos eles.

Cade recusava contar a Marly os detalhes dos abusos, inclusive de forma vaga. Queria defendê-la, protegê-la. Sua fúria quando se inteirou que Tara, ex-guarda-costas de Marly, tinha-lhe revelado parte disso, tinha terminado em uma cruel e sangrenta luta entre ele e o cunhado da Tara, Rick.

Cade sacudiu a cabeça.

—me deixe dizer-lhe Cade — insistiu, incapaz de suportar a solitária dor que sabia que Cade sentia.

—Ninguém o dirá, Brock. —Cade se moveu para recolher o azeite Da sela do banco junto a ele, e Brock sentiu um raio de agonia perfurar seu coração.

O rosto de seu irmão estava enrugado, áspera de dor contida, de contida raiva. Seus olhos eram sombrios, e tão malditamente escuros que pareciam violentos trovões. Brock apertou os punhos, tragando um duro e silencioso fôlego. Não podia fazer nem dizer nada. Só podia olhar enquanto Cade cuidava uma parte de seu passado que se foi para sempre. Como sua inocência. Exceto a inocência era irreparável.

—O que faço, Cade? —perguntou, esclarecendo emoção em sua garganta. Sem emoção. Sem necessidade. Não podia, porque não podia suportar a volta dos pesadelos, as horríveis lembranças—. É minha casa também. Vai sacrificar a todos nos sem sequer tentá-lo?

A comoção se abriu através do Brock quando Cade o enfrentou plenamente. Deus. Não podia suportá-lo. Não podia olhar nesses olhos, quase negros pelas lembranças, a dor, e a vergonha. Eles não tinham nenhum motivo para sentir vergonha. Entretanto, sabia que Cade a sentia.

—Não roubarei sua sensação de segurança, Brock. —A voz do Cade vibrava com todas as destroçadas esperanças e sonhos de um homem que uma vez tinha sido inocente. Jovem—. Não o farei, e você tampouco. Quando puder controlar minhas necessidades para romper o vínculo contigo e com o Sam, poderá trazer a Sarah para casa.

Brock olhou ao redor do quarto de arreios e pensou na casa grande. Ressonou com a risada de Marly e em ocasiões com a do Cade. Mais freqüentemente com a do Sam. E Brock sabia que se isto não resolvia, então enquanto tivesse a Sarah, nunca poderia retornar.

—Sim. Claro. —Brock se separou da parede, evitando o olhar do Cade, evitando algo mais que um olhar, e sabia—. Sozinho deixe-me saber, Cade. —E sabia que Cade nunca o faria.

Voltou-se sem dar a seu irmão uma oportunidade para falar e abandonou a habitação. Não estava seguro, mas quando alcançou as grandes leva do estábulo, pensou que escutava o gemido de dor de um animal. Aquele solitário, inesquecível som queimava sobre sua alma com a agonizante força do tempo. O gemido de um jovem, seus olhos negros de comoção, vergonha, seu corpo...

Sacudiu a cabeça, fazendo-o retroceder. Atrás. Longe onde não podia ferir o homem, onde não podiam destruí-lo nunca mais. De volta ao passado, onde a vergonha, o pesar e o sangue estivessem ocultos para sempre.

Capítulo 6

Sarah não podia acreditar no que tinha feito Brock. A consulta com o médico tinha sido muito ruim. Um minucioso exame e análise de sangue deram como resultado uma rápida dose de anticoncepcionais no antebraço. O doutor Bennett, satisfeito ao saber que seu ciclo acabava de passar, esteve contente de poder começar com as injeções imediatamente. Logo, para sua imensa mortificação, com uma atitude despreocupada lhe entregou alegremente o relatório sobre a última análise de sangue do Brock. Livre de enfermidade. Sua cara avermelhou enquanto recordava o curioso olhar do médico sobre ela.

Normalmente teria resistido à atitude dominante de Brock quando lhe informou de sua consulta. Mas tinha sido por algo sobre ele. Algo quebrado e perdido, um fio de desespero em seu olhar que a tinha detido. A maneira em que tocou sua bochecha, atraindo-a para ele; a força de seu abraço, sua respiração pesada enquanto a sustentava. Assim que se rendeu em lugar disso. E não estava segura do que tinha visto ou por que a tinha ferido até a sola dos sapatos.

—Esta pronta? —Brock ficou de pé na sala de espera enquanto ela saía da sala de exame.

Ele fez caso omissa a seu rubor. Estava segura de que o tinha notado.

—Sim, tudo preparado. —aproximou-se dele, afligida uma vez mais por sua absoluta masculinidade. Exsudava testosterona. Duro e bonito, forte e quente, e se o vulto em suas calças era uma indicação, mais que disposto para levá-la a cama.

—Acabo de receber uma chamada do xerife — disse enquanto a dirigia para fora da consultório do doutor—. Mark e seu amiguinho se foram e a brigada de limpeza acaba de terminar de limpar a casa. Terá que substituir a maior parte da roupa que ele destróçou, mas todo o resto parece estar em ordem. Também substituí a cama.

Sarah suspirou. Ele estava tomando o comando. Por que o estava fazendo? Que demônios estava passando aqui? Trazia um homem a casa para uma noite de sexo duro e selvagem, e de repente havia análise de sangue, anticoncepcionais e uma cama nova. Nada disso tinha sentido.

—Obrigado, mas não havia necessidade de incomodar-se —disse um pouco exasperada—. Não supunha que fosse se envolver nisto.

—Está bem, amor, não me envolvi. —Pô-lhe a mão na parte baixa das costas enquanto a levava a jipe—. Mark não parece aceitar realmente o divórcio, Sarah. O que acontece ?

Sua voz estava cuidadosamente controlada, mas ela tinha captado o fio agudo de fúria que fluía através dele.

—O que passa contigo?. —Ela mantinha a voz calma enquanto lhe permitia ajudá-la a subir no jipe,

procurando seu olhar como se não houvesse nada fora do comum em sua conversação—. Eu não estava sabendo de que isso era de sua incumbência.

Ele ficou imóvel. Assim de fácil. Nem sequer piscava enquanto a observava por um momento. Só a olhava. Não havia fúria em seu rosto, nem determinação, mas havia ternura. O que era aquela única e quase inexistente luz em seus olhos que acalmava sua irritação?

—Estou fazendo meu problema, Sarah, amor —lhe disse brandamente—. Tudo é meu problema.

Sarah piscou. O olhar dele era repentinamente quente e possessivo, queimando sobre sua pele enquanto a olhava atentamente.

—supõe-se que deve esperar um convite, Brock —lhe disse friamente—. O mundo não pertence aos homens August.

—Não, não o faz, mas você agora mesmo pode —lhe disse misteriosamente—. Agora te grampeie o cinto de segurança. Quero te levar para casa, assim posso voltar para rancho e retornar aqui antes do anoitecer.

Retornar? A porta se fechou sobre sua pergunta. Alcançando-o atrás dela, tirou do cinto de segurança para frente, grampeando-o com um espasmódico e tenso movimento.

—Não vai morar comigo, Brock August —gritou enquanto ele saltava do jipe.

Olhou suas mãos apertadas no volante, então se relaxaram e ele fechou a porta, grampeando seu próprio cinto e pondo o veículo em marcha.

—Não recordo te haver perguntado. —Sua voz era suave como o mel, mas não podia ocultar o subjacente bordo de tensão.

—Tenho a estranha impressão de que nunca pede algo —grunhiu ela, acomodando-se contra o assento enquanto a conduzia a sua pequena casa—. Certeza de que quando quer algo vai direto e toma.

Ela notou o olhar que lhe dedicou, a pesar do fato de que parecia estar tratando de ocultá-lo.

—Há outra forma de fazê-lo? —perguntou-lhe ele, sorrindo enquanto conduzia através do escasso tráfico da rua principal da cidade do Madison.

Sarah girou os olhos.

—por que não tinha ouvido falar antes dessa sua veia dominante? —perguntou-lhe com irritação—. Nenhuma de suas outras mulheres se queixou disso.

Ele lançou um olhar surpreendido.

—De que demônios está falando agora?. — Seu forçado sorriso era um pouco crispado.

Sarah o olhou zombadoramente.

—Pensa que suas outras mulheres não falaram através dos anos? —perguntou ela brandamente—. As intrigas fazem que o mundo gire, Brock.

—Hmm. Cade diz que o faz o dinheiro.—Olhava fixo direto à frente.

Agora Sarah escondia seu próprio nervosismo. Ela poderia dizer que o tema das intrigas lhe incomodava. E fazia se perguntara quantos dos rumores eram certos. Eram os mesmos que lhe tinham causado a maior preocupação anos antes mais que só conversar?

Ele tomou uma profunda aspiração.

—De que rumores está falando, Sarah? —Parecia esclarecer a garganta.

O nervosismo não lhe sentava bem, era tão fácil de ler enquanto cruzava sua expressão. Sarah não estava segura de querer ir mais longe com isto agora.

Encolheu-se de ombros, olhando fixamente pelo pára-brisa, desejando não haver dito nada. Obviamente algo do que tinha escutado preocupava ao Brock. Queria saber realmente a verdade a respeito dos escuros contos? Decidiu rapidamente que não. Havia algumas coisas que uma mulher não podia controlar depois de uma noite como a única que tinha passado com o Brock.

—Nada. — Sacudiu a cabeça, negando-se a lhe dar um olhar—. Assim por que tem que voltar para rancho e logo retornar aqui?

Não tinha sentido para ela. Pensava que sabia tudo o que teria que saber sobre o Brock August, mas o homem sentado a seu lado no veículo não era nada como o homem que acreditava conhecer.

Jogou uma olha a Sarah, considerando sua expressão.

—Não ficará esta noite. — Sarah cruzou os braços sobre seus peitos. Suficiente era suficiente—. É bastante mau que me seqüestrasse ontem à noite, mas isto é ridículo.

—te seqüestrar? — Brock lhe sorriu, o sexy floreado de seus lábios, fazendo correr seu coração—. Não te seqüestrei, doçura, resgatei você.

—me resgatar? —bufou—. Isso não foi um resgate, Brock e sabe. Seqüestrou-me e seduziu.

Brigou com o rubor que se estendia por suas bochechas com a lembrança da noite que tinha passado em seus braços. Não só a tinha feito gritar durante essa hora roubada no jipe. Tinha-a despertado uma vez mais antes de chegar ao rancho, sua quente ereção acomodando-se nela com um lento e medido impulso, em questão de minutos a tinha feito gritar de novo. Ela logo que tinha tido forças para caminhar até a casa do rancho e subir a sua habitação. Embora ele a tinha levado, seus lábios movendo-se sobre os dela, sua língua lhe explorando a boca enquanto ele fazia a tombo o caminho para sua habitação onde a levou mais alto, tomando seu fôlego, lhe roubando sua vontade enquanto a forçava aos ásperos gritos de sua culminação também ali.

Sua garganta estava rouca esta manhã, seu corpo estava agradavelmente dolorido.

—Conseguiu as pílulas? —perguntou ele de repente, a voz incrivelmente rouca e quente.

Naquele momento a cara do Sarah se ruborizou.

—Não —ladrou Sarah—. Eu apliquei a injeção em seu lugar.

O corpo dele se esticou.

—Está protegida então? —perguntou ele, e ela podia ouvi-lo batalhar por parecer somente curioso.

—Não vou ter sexo contigo neste jipe, a plena luz do dia — Dirigi um duro e comedido olhar—. Me entende, Brock?

Sorriu-lhe de novo. Maldição, ela odiava esse sorriso. Fazia que seu estômago revoasse e debilitava suas coxas. Queria abrir as pernas ali mesmo e convidá-lo a entrar. Estava louca. Se os rumores estavam para acreditar, então a última coisa que queria ou necessitava agora mesmo, era a Brock August tendo um sério interesse nela.

—Entendo, Sarah, amor —disse arrastando as palavras lentamente—. Não se preocupe, querida, não vou te fazer gritar de novo até que esteja na nova cama grande que esta te esperando em sua casa.

Ela tremeu. Maldição não queria tremer desse modo. E sabia que ele não o tinha perdido.

—Eu não gosto de gritar —se estremeceu, perguntando se lhe cairia um raio por essa mentira. Que era grande.

Agora ele riu. Não sorria nesta ocasião, pensou mal-humorada, ele sabia com segurança. Mas gostava daquela risada rouca. Estava oxidada, fora de prática, mas uma faísca de prazer ao mesmo tempo.

— Sarah, querida, por que está lutando tão duro contra isto? —ele conduzia tranqüilamente o veículo enquanto se aproximava de sua rua.

Sua pequena casa estava mais abaixo na pouco habitada rua, oculta de olhos indiscretos por árvores de folha perene e olmos. Entretanto isto não lhe ajudaria, conhecia os olhos curiosos que seguiam rua abaixo o avanço do jipe. Veriam quando dobrassem em sua entrada, logo começariam a contar as horas antes que saísse de novo.

—Porque é perigoso —lhe disse, retorcendo os dedos nervosamente enquanto descansavam em seu regaço—. Eu disse isso à ontem à noite, Brock, não acredito que possa conduzir isto. Não penso que possa te conduzir.

Esperava que ele discutisse imediatamente. Quando não o fez o examinou com preocupação. Ele estava franzindo um pouco o cenho, as mãos tensas sobre o volante enquanto entrava no meio-fio da casa e seguia o sulco até sua garagem. Desligou o motor, mas em lugar de sair do jipe, ficou sentado silenciosamente durante vários minutos.

—Quis você durante muito tempo, sabia disso? —perguntou-lhe, a voz suave enquanto olhava fixamente ao arborizado pátio traseiro que havia atrás da garagem.

O corpo do Sarah se voltou selvagem. O sangue começou a bombear rapidamente através de seu corpo, seu estômago se apertava e a umidade de suas coxas estava aumentando como se preparasse para sua invasão. Foder, não tinha nem um pouco resolvido a sua situação.

Tomou uma profunda e tranqüilizadora aspiração. Não ajudou nem um pouco.

—Não sabia. —Ela sacudiu a cabeça.

—Sim sabia —ele disse, sua voz era segura e confiada—. Tinha dezoito anos quando soube, Sarah. A noite que fugiu de mim, depois do churrasco no rancho. Sabia que te queria. Casou-se com o Mark Tate a semana seguinte. Por quê?

Porque estava aterrorizava. Porque se tinha dado conta de que faria o que ele quisesse, algo que ele quisesse que fizesse, e aquela lembrança tinham abrasado sua mente de terror.

—Amava ao Mark...

—Você me queria —Então se girou para ela, a fúria queimando em seus olhos gris-azulados, vibrando em seu corpo—. Sei que o fazia Sarah. Senti no minuto em que toquei essa quente e pequena vagina, queria-me. Estava empapada, rogando por isso. E mesmo assim fugiu e se casou com esse pequeno bastardo do tamanho de uma pinta. Por quê?

—por que te importa?—Sacudiu a cabeça confundida— Atua como se pensasse que te traí, Brock. Como se de algum jeito estivéssemos comprometidos um com o outro. Não o estávamos.

—Não o queria —a acusou, negando-se a responder sua pergunta—. Me queria, Sarah.

—Queria mais a Mark...

—Deus. Maldição mulher, ao menos não minta. Diga-me a fodida verdade —sua voz se elevou com frustração.

—Porque não queria ser compartilhada com seus irmãos —gritou, o horror se estendeu através de seu corpo no minuto em que as palavras saíram de sua boca—. OH Deus. Sinto muito.

O pânico queimou através de sua corrente sanguínea. Procurou bruscamente da manivela e abriu a porta, quase caindo do jipe, querendo fugir dele, fugir da verdade e dos terríveis e vergonhosos pensamentos que uma vez tinha tido. Pensamentos que ainda não conseguia expulsar de sua mente.

—Porra, Sarah! —a voz do Brock ecoou através da rapidamente fechada porta traseira de madeira.

A frustração revestia seu tom, entretanto ela também ouvia um desolado dor que desejou poder bloquear

— Sarah, tem que me deixar lhe explicar — disse através da barreira de madeira—. Por favor, neném, me deixe te explicar.

Ela sacudiu a cabeça enquanto a baixava, fazendo caso omisso da necessidade que tinha dele, de escutar algo que ele tivesse que lhe dizer. Uma noite. Isso era tudo o que quis, tudo o que podia ter. A consulta com o médico foi um engano. A esperança dentro dela teve escassa vida. Não o podia compartilhar, não podia permitir que ela mesma fora compartilhada. Era melhor desta maneira, assegurou assim mesma. Mas não podia ignorar a chama de luxúria ou curiosidade ante o pensamento.

Capítulo 7

Foi-se. Sarah se levantou, as costas contra a porta fechada, respirando desigualmente. Tinha seguido, lhe pedindo mais de uma vez que o deixasse entrar na casa, mas ela se negou. Baixou a cabeça, lutando contra o rápido palpitar de seu coração, o remorso que lhe retorcia o estômago. Tinha desejado uma noite. Não uma consulta com o médico e as implicações de uma relação que agora não podia dirigir. Não com ele. Não depois de ver a verdade em seus olhos.

Os rumores abundavam no Madison a respeito dos irmãos August. Seu pai, o velho Joe August, tinha sido um homem cruel. Sarah recordava a seu pai falando com frequência dos machucados que os moços levavam em sua juventude, e a maneira em que tinham trocado depois de que o velho Joe os tivesse mandado acolher em outro rancho durante um ano. Não tinha passado muito tempo antes que os rumores comesçassem. Como os homens, ainda jovens, sentiam-se atraídos pela mesma mulher. Perseguiam-na, seduziam-na e a compartilhavam entre eles.

As mulheres que escolhiam eram as suficientes experimentadas para desfrutar de tais jogos, mas eram também fofoqueiras, desfrutando dos escandalosos rumores que suas histórias produziam. Ao pai de Sarah lhe tinha parecido gracioso, mas ela recordava várias ocasiões em que lhe havia dito que se mantivesse afastada de seu

interesse.

Eram pecaminosamente bonitos. Sombrios, vigorosos e tão sexy que faziam que o coração de uma mulher pulsasse rápido só de vê-los. Suspirando profundamente, negando as lágrimas que ameaçavam cair de seus olhos, olhou ao redor da cozinha tenuamente iluminada. Estava em casa, e estava sozinha. Brock se tinha ido.

—Adeus —lhe sussurrou à vazia habitação, e se perguntou se estava dizendo adeus ao homem, ou aos sonhos vazios de uma juvenzinha.

* * * * *

Trabalhar. Ela trabalhava porque queria. Porque o desfrutava. A herança que seu pai lhe tinha deixado a sua morte tinha estado escondida do Mark, graças ao cuidadoso planejamento de seu pai, mais que à sua própria. A parte de sua mãe tinha sido tudo o que tinha conhecido Mark. Desconhecida para seu ex-marido, ela não estava tão destroçada como ele acreditava que estava.

A biblioteca lhe oferecia paz, uma solidão no que fazia, estranha vez havia alguma moléstia. Até hoje. Brock August se sentou casualmente em uma das mesas de frente, um jornal estendido diante dele, seus olhos olhando-a possessivamente. Suas escuras pestanas descansavam meio abaixadas, as esferas gris-azuladas olhando-a com um pingo de promessa, ou ameaça. Não estava segura de que. Era muito bonito, com seu comprido cabelo negro descansando quase em seus ombros, e desalinhado pelas repetidas vezes que passava seus dedos através dele. Cada vez que ela via o gesto recordava as inúmeras vezes que ela tinha passado seus dedos através daqueles fios de seda.

Tinha estado ali à maior parte do dia. Ela se negou a falar com ele e não falava com ela. Se os clientes curiosos lhe aproximavam rapidamente se foram. Fez que Sarah ficasse nervosa pela forma em que a olhava. Havia-a visto nua, tinha escutado seus gritos, e isso estava ali no olhar que lhe dirigia.

Chegou a hora do fechamento, e ainda estava sentado ali. Todo mundo tinha ido, a biblioteca estava deserta, a porta indicava fechado

—É tempo de sair, senhor August. — Sarah manteve a voz amável, baixa—. Está fazendo que me atrase para fechar.

Ele dobrou o periódico cuidadosamente.

—Janta comigo. —Sua voz era sedosa, cuidadosamente coberta dos subjacentes fios de sensualidade. Não estava enganando-a nem por um minuto.

—Não esta noite. Tenho coisas que fazer.

—Como o que? —inclinou sua cabeça inquisitivamente.

—OH, não sei —se encolheu de ombros—. Caminhar com meu cão...

—Você não tem cão.

—Alimentar a meu gato...

— Sarah, você não tem gato. —E sua paciência estava acabando se o tom de sua voz era alguma indicação.

—Limpar o porão? —Deu-lhe um inocente olhar com os olhos muito abertos. Não pensava ir a nenhuma parte com ele, não até que estivesse um pouco menos débil. Um pouco menos necessitada de seu toque.

—por que tem tanto medo de mim? Crê que te machucaria, Sarah? —inclinou-se para frente em sua cadeira, observando-a em silêncio.

Seus olhos. Sombras retorcendo-se neles, a tristeza como parte permanente de suas escuras profundidades, por que não podia superar o desejo de querer apagar a dor de seus olhos?

—Acredito que poderia me destruir, Brock —lhe respondeu honestamente. Não tinha sentido mentir—. Passei seis anos pagando por um engano. Não quero pagar por outro.

—E eu esperei durante seis anos que admita que me quer. —Sua voz baixou, rouca e cheia de desejos que ela nem sequer queria adivinhar—. Não quero me conformar só com uma noite, Sarah.

Ela não podia manter seu olhar. A dor espremeu seu coração quando viu o desejo em seus olhos, a sombria aceitação de que o estava rechaçando.

—Uma noite é tudo o que tinha para dar, Brock —sussurrou, ficando de pé rígida. Imóvel.

Ele suspirou asperamente, arrastando as mãos através de seu cabelo em um gesto de frustração.

—Não aceitarei isso. Nem sequer me deixou explicar, Sarah. Há coisas que você não sabe.

—E não trocarei de opinião —Não queria saber por que queria chorar pela expressão de seus olhos—. Eu disse isso. É mais do que posso dirigir. Se tivesse sabido o que esperava de mim. Se tivesse sabido o que queria de mim não teria ido a esse bar.

—Então eu teria vindo por você. —levantou-se da cadeira, aproximando um passo, ignorando quando ela deu um passo atrás nervosamente—. Estava cansado de esperar, Sarah.

—Estava casada. Nem sequer sabia sobre o divórcio. —A censura afiou suas palavras, apesar da determinação de mantê-lo dentro.

Ele sorriu, um pequeno, e um pouco torcida careta de seus lábios que lhe rompeu o coração. Esse foi seu sorriso, e não havia alegria no gesto.

—Não importava —sussurrou ele, aproximando-se por trás, inclinando-se tão perto que seu fôlego acariciou sua orelha como uma pluma—. Já não me preocupa, Sarah. A necessidade de ti estava me matando.

—E me tiveste —Ofegou ela enquanto a presilha que lhe levantava o cabelo era tirada, permitindo que as pesados fios caíssem sobre seus ombros—. Para com isto, Brock.

—Não tive suficiente, Sarah —grunhiu, suas mãos lhe sujeitando os quadris.

Sarah respirou asperamente. As mãos em sua cintura eram duras e cálidas. Seu fôlego em sua orelha enviava calafrios sobre a pele. Queria girar para ele tão desesperadamente que logo que podia conter-se a si mesmo de fazê-lo.

—Tem que ser suficiente. —Lutava por respirar, suas mãos sujeitando as dele. Tentou empurrá-lo longe tão só em um minuto.

—Foi suficiente para ti? —Sentia sua ereção em suas costas enquanto se movia contra ela—. Não quer gritar outra vez, Sarah? Explodir ao redor de mim enquanto empurro meu pênis profundamente em sua pequena e apertada vagina. Sentir que me corro dentro de ti, Sarah. Quero me correr dentro de ti, Sarah. Quero te sentir me ordenhando, apertando meu pênis enquanto explodimos juntos.

Seu rosto flamejava, sua vagina doía.

—Não —mentiu ela.

Ele riu entre dentes, o som de veludo raspava seu ouvido.

—Esta mentindo para mim ou a ti mesma, neném? —perguntou-lhe, gentil, suave, sua voz como uma carícia sobre seu corpo enquanto seus dedos começavam a deslizar-se sobre sua cintura.

Sarah odiou a ligeira seda gris-azulada de seu vestido que impedia a seus dedos acariciar sua pele.

—Isto não vai funcionar. —Custava-lhe respirar. Maldito fora, porque não tinha nenhuma resistência contra ele?—. Você sabe que não, Brock. Você sabe por quê.

—Sei que não me permitirá explicar isso. —Seus dentes beliscaram a pele de seu pescoço em uma erótica dentada.

Sarah choramingou. Sentia-se tão bem. Queria mais.

Mordeu-a outra vez, tentativamente. Um calafrio sacudiu seu corpo, seus músculos se debilitaram, fluindo contra ele.

— Sarah, te quero. Dói. —Lambeu a pequena ferida, sussurrando contra sua pele—. Me Deixe entrar em você outra vez. Deixe-me mostrar quanto te necessito.

Podia sentir quanto a necessitava ele. Seu pênis vibrava sob seus jeans, queimando a parte baixa de suas costas. Suas mãos se moviam ao longo de sua cintura enquanto a empurrava atrás do alto mostrador que separava sua área de trabalho da biblioteca principal.

—Brock —protestou enquanto a dava volta em seus braços, elevando-a ao escritório enquanto se movia rapidamente entre suas coxas.

Olhou-o fixamente, os olhos muito abertos, e a incerteza na cara ante tão forte intento sexual.

—É tão formosa. —Suas mãos lhe apertaram seus olhos, sua cabeça baixando, seus lábios sorvendo os dela—. Me deixa louco, Sarah, recordando quão quente e úmida estava por mim. Como seus gritos ressonavam a meu redor.

—Brock, por favor. —apoderou-se de suas mãos, seus lábios se abriram, procurando mais que o ligeiro toque

que lhe outorgava.

—Por favor o que, neném? —Lambeu seus lábios, fazendo que seu coração gaguejasse de excitação—. me Diga o que quer.

Pressionou seus quadris contra as dela, roçando seu pênis na união de suas coxas.

—Está tomando o controle —gritou, suas mãos agarrando agora sua camisa, lutando com força.

—Quero tomar, ponto —grunhiu—. Justo aqui, neste momento, Sarah.

—OH, Deus. Alguém nos verá. —Mas não podia negar-lhe enquanto suas mãos lhe empurravam a saia sobre as coxas, acariciando sua pele, esquentando-a.

As mãos dele se apertaram na curva de suas pernas.

—Envergonhada de mim, Sarah? —perguntou-lhe, a voz inexpressiva.

—De você? —A surpresa a invadiu—. Não de você, Brock. De que vejam isto. Por favor, não faça isto. Não quero que ninguém me veja.

Sentiu o calor em seu rosto, sabendo que as intrigas seriam selvagens. Sarah Tate, vista nos braços do Brock August, o qual não era tão mau. O mau seria se ele fosse visto tomando-a.

Tornou-se atrás minimamente.

—Então me deixe te levar a casa. Deixa que faça amor, Sarah.

Não ia soltar, não ia dar espaço para pensar. Sua voz baixou, sua expressão cheia de masculina excitação, uma súplica de um macho tão antiga como o tempo.

Ela o desejava. Desejava-o tanto que era uma dor física centrada quente e forte entre suas coxas, profundo em seu interior.

—Só o fará pior. —Estava desesperada por lhe fazer ver a razão—. Não pode entender, Brock? Não posso aceitar o que quer de mim. Não posso fazê-lo.

—Você não entende, neném. —Passou-lhe os dedos sobre sua bochecha, o polegar percorrendo seus lábios—. Só quero te tocar. Te abraçar. Isso é tudo o que quero, Sarah. Só você e eu. Ninguém mais.

—E depois? —Empurrou-o. Se não se afastava dele, não oporia nenhuma resistência—. O que quererá de mim a próxima vez, Brock?

Ela viu o que ele queria em seus olhos. Obscureceram-se com o pensamento, flamejavam com um calor que quase a chamuscou.

—por que esta tão assustada? —apoiou-se contra a mesa, cruzando os braços contra o peito enquanto a olhava com aqueles quentes olhos—. Parece-me que está mais assustada do que você quer, Sarah.

Sarah ignorou a quente labareda de culpabilidade que surgiu através dela. Não era isso, assegurou-se a si mesmo. Ela não o queria. E estava tão segura como do inferno que não poderia controlá-lo.

—Está louco —gritou pela surpresa—. Não é verdade.

—Quero te recordar uma coisa, Sarah, e recorda-o bem —lhe advertiu com fingida ternura—. Não vim te buscar. Você veio para mim. Renunciou ao direito de te negar quando suspeitou o que viria.

—Queria uma noite —protestou—. Isso era tudo.

—E uma merda. —Sua mão cortou através do ar enquanto avançava para ela uma vez mais—. Não é mulher de uma noite, Sarah. Nunca foi. Sabia faz seis anos e soube a outra noite. Não comece a pretender agora.

Empurrou-a de volta a seus braços, sem lhe dar oportunidade de brigar, de protestar. Seus lábios descenderam sobre os dela, seu grande corpo empurrou o dela contra a parede, fora da vista das janelas ou portas enquanto a levantava contra ele.

Sua língua se lançou contra seus lábios, enredando-se com as sua enquanto ela gemia, quase sem sentido com o aditivo sabor. Suas mãos lhe apertaram os ombros, suas pernas se abriram voluntariamente para a dureza introduzida entre suas coxas.

—Está molhada —a acusou, levantando a cabeça para olhá-la fixamente com aborrecimento—. Tão molhada que está transpassando meu jeans, Sarah. Não trate de me dizer que não me quer.

Sarah sentiu as lágrimas encher seus olhos. Suas emoções estavam em tal caos, seus medos enchia cada parte dela. Ele era enérgico e dominante; destruiria sua vida se ela o deixasse.

—Eu te quero —sussurrou, sentindo uma solitária lágrima cair por sua bochecha—. Te quero tanto que me

dói, Brock. Mas estou assustada. Estou muito assustada para enfrentar o que sei que acontecera.

Olhou-a, atormentado, torturado.

—Só posso te dar o que sou, Sarah —sussurrou—. Tudo o que sou. E tudo dentro de mim grita por você.

Sarah tremeu ante sua confissão, o calor do desejo em seu olhar, o sentimento de seu duro e quente corpo contra ela. Queria-o, mais o que tinha querido em sua vida.

—Por favor, me deixe só —lhe suplicou—. Se realmente se preocupa comigo, só me deixe sozinha.

Ele sacudiu a cabeça. Um suspiro saiu de seu peito.

—por agora —sussurrou— Só no momento, Sarah. Não vou ser capaz de me manter afastado por muito tempo.

Deu volta e se afastou, deixando-a na paz que ela pediu. Mas não havia paz. Seu coração se rompeu por ele, pela solitária dor que viu em seus olhos, por suas próprias necessidades comendo-a por dentro. Mas sabia; conhecia o fundo de sua alma, se ela não permanecia longe dele, então acabaria lhe dando exatamente o que queria. Tudo o que quisesse. Tudo o que necessitasse para tranquilizar a dor dentro dele.

Apertou os lábios, aprisionando o grito que se formava em seu peito, que lhe rogasse que ficasse. Que lhe suplicaria para que a fizesse entender. Que gritaria silenciosamente que a tocasse outra vez, que ignorasse seu protesto e a tocasse, duro e rápido, apagando suas inibições.

Capítulo 8

Voltou de novo no dia seguinte. Não ao trabalho, mas apareceu a seu lado enquanto trotava ao longo da deserta calçada onde ia correr todas as manhãs. Quase tropeçou quando chegou a seu lado. Estava vestido com calças de moletom e sapatilhas esportivas de pele. Era a primeira vez que o via sem suas botas e jeans. Perguntou-se ao longo dos anos se teria alguma outra coisa.

Seu cabelo negro estava desordenado, seus braços musculosos e o peito nu.

Ignorou-o, pensando que se renderia ou possivelmente correria até ficar sem fôlego antes do tempo. Mas não o fez. Corria facilmente a seu lado, sem falar, mantendo uma cuidadosa distância, só lhe jogando uma olhada de vez em quando.

Trotou pela pequena rua onde vivia, e logo se dirigiu ao caminho pavimentado que levava através do abandonado labirinto de zimbros e dunas cobertas de pó. A manhã ia esquentando e podia sentir o brilho de suor que começava a cobrir sua pele. Não muito mais longe havia uma área de descanso, alguns bancos do parque e um bebedouro.

Estava ofegando quando o alcançou, mas Brock mal estava sem fôlego. Caminhou ao lado dela, enquanto mantinha o ritmo ao redor da área sombreada, recuperando o fôlego, deixando que seu corpo se esfriasse.

—Aposto que poderia Fo der toda a noite —meditou ele, sua voz pulsando de luxúria—. Acaba de trotar cinco quilômetros sem parar. Resistência, Sarah, significa muito. —Lançou-lhe um matreiro olhar. Estava empurrando-a com um propósito.

—O que está fazendo aqui? —ladrou ela, caminhando ao redor do bebedouro.

Inclinou-se para o jorro de água que emanava para tocá-la. O jorro estava frio, refrescante. Depois de beber, sustentou sua mão cavando-a sob o bico arqueado, depois se salpicou a cara.

—te cortejando. —A informação fez que se desse a volta lentamente, elevando-se em toda sua altura e o olhou fixamente surpreendida.

—me cortejando? —perguntou-lhe.

—Sim. Já sabe. Para conseguir te conhecer, para que te acostume comigo.

—me seduzindo —assentiu—. Isso não é cortejo, Brock. É sedução.

—Neném, já te seduzi. Sigo tratando de fazer recordar isso. —Sacudiu a cabeça para ela, sua expressão paciente e tolerante—. Agora, vamos nos conhecer um ao outro.

Dirigiu-lhe aquele juvenil e íntimo sorriso que fazia galopar seu coração. A que dizia que sabia que estava ganhando, mas estava disposto a jogar a sua maneira por um tempo. O que fez que seu corpo inteiro doesse por seu toque.

Ela olhou ao redor a isolada zona, perguntando se não haveria testemunhas se ela decidisse lhe romper a crisma de pura frustração.

—Brock, sei muito a respeito de você. É um produto local, lembra? —disse amargamente.

Cruzou os braços sobre o peito, estreitando os olhos sobre ela.

—portanto, desejavas ser quão única escapou? —perguntou-lhe curiosamente—. Posso entender isso, preciosa. Realmente, posso, mas não há tal coisa como atirar pedras contra seu próprio telhado. Há coisas que poderia fazer por ti. Coisas realmente boas —sua voz baixou sugestivamente.

—vou cortar algo seu... não... —um ofego escapou dela quando ele atraiu seu corpo, seus braços, seus lábios caíram sobre os dela com todo o poder e a sensualidade que possuía. E possuía muita.

A outra coisa não mas Sarah era suscetível a isso. A língua dele se lançou passando seus lábios e se reuniu com a dela com veemência. Seus braços se envolveram instantaneamente ao redor de seus amplos ombros, seus seios se inchando, seus mamilos irritados com o calor que absorviam daqueles duros músculos. Suas coxas se apartaram quando ele se inclinou, elevou-a perto e conduziu seu torcido pênis à união de suas coxas.

—Maldição, é mais aditiva que as drogas —jurava enquanto retrocedia, sentando-se no banco logo arrastando seu corpo sobre o dele, suas coxas rodeando-o, sua vagina acolhendo sua ereção através das capas de malhas que os separavam.

Ela se arqueou em seus braços enquanto seus lábios baixaram seu pescoço, acariciando os montículos dos seios por cima do fechado decote do top elástico esportivo. Suas mãos estavam sobre sua cintura nua, seus dedos provocando no cinto das calças de correr.

Ele a arrastou perto, sua língua aprofundando em seu decote, lambendo-a asperamente enquanto suas mãos atravessavam seu cabelo, seus quadris se chocando contra as dele enquanto ele se impulsionava para ela.

—Sim, me monte assim, Sarah —grunhiu asperamente—. Justo assim, neném.

Ele estava ofegando como ela agora. Suas mãos estavam ásperas pelo trabalho e sensuais ao longo de suas costas nuas, seus lábios e sua língua lambendo as pequenas pérolas de suor que salpicava a parte superior dos montículos de seus seios.

—Não fale. —Ela baixou a cabeça, seus lábios percorrendo sua frente, sua bochecha—. Não fale, Brock, só me beije.

Os lábios dele tomaram os seus, seus cabelos ao redor deles enquanto se comiam um ao outro. Sarah se sacudiu contra ele, sentindo a secreção, a preparação de seu corpo enquanto seu pênis queimava através de suas calças curtas e calcinha, a mão dele cavando um seio por cima do sutiã, o polegar rastelando a sensível conta de seu mamilo.

Não sabia quanto tempo poderia permanecer na tormenta. Não sabia se poderia protestar ou se inclusive desejava que ele se tirasse a roupa e se cravasse dentro dela.

As mãos desceram por seu corpo, cavando suas nádegas. Apertaram as suaves curvas, levantando-a mais perto enquanto gemia em sua boca. Sua língua era como um invasor, um conquistador. Seu pênis era uma espiga de duro aço abrasador e ela estava morrendo por ser fodida. Ele era a pior classe de guerreiro. Um sedutor, um sabor aditivo de luxúria em seu estado mais puro. Não tinha inibições, nem falta de entusiasmo. Daria-lhe tudo o que ela quisesse e mais, e logo a pressionaria ao bordo mesmo da depravação. Sabia. Aceitava-o. E aquilo não parecia ser uma maldita coisa que pudesse combater. Estava se afogando nele, ao bordo de lhe rogar que tomasse agora, neste momento. Penetrando duro e rápido em seu corpo, fazendo-a gritar.

Sua vagina se aferrou ao vazio, uma excitante súplica que escapava entre seus lábios enquanto gemia na boca dele. Seu pênis pressionando contra ela, burlando-a, atormentando-a. Queria-o. Queria mais e o queria agora.

—Suficiente —grunhiu, dando um passo para a trás, olhando fixamente seus olhos—. Não aqui Sarah. Não te deixarei gozar tão facilmente.

Respirava com dificuldade, lutando para arrastar suficiente ar em seus famintos pulmões enquanto o olhava fixamente.

—O que quer? —sussurrou, atormentada pelas necessidades de seu próprio corpo—. Que mais quer Brock?

—Quero tudo —lhe disse desesperadamente—. Tudo, Sarah. Não vou ter te só por uma noite mais e logo ter que lutar para começar de novo. Se tomar outra vez, tem que entender que não vai terminar.

A surpresa se evidenciou em sua expressão.

—por que quer isto? —seu sussurrado grito foi arrancado das profundidades de sua alma—. Por que quer uma mulher que está aterrorizada do que você quer dela, Brock?

—Porque é a única mulher com a que sonhei durante seis anos —cuspiu, pressionando seu pênis contra ela outra vez—. A mulher com cuja imagem me masturbo todas as noites e acordo procurando a cada noite.

Sarah sentia que seu rosto se ruborizava com sua gutural admissão. A imagem dele, seus olhos fechados, seu pênis duro e tirante, encerrada em sua mão, se converteu em uma imagem dela, inclinada sobre ele, tomando avultada cabeça em sua boca. Queria lhe saborear. Queria lhe sentir empurrar através de seus lábios, acariciando planamente sua garganta enquanto ela lambia a dura carne com sua língua, sentir a sacudida, a quente liberação de sua semente salpicando em sua boca.

Gemeu, olhando aos olhos, vendo a mesma necessidade, os mesmos intensos desejos.

—Não posso te compartilhar. Eu não —ofegou ela—. Permita-Me isso ao menos.

Via a necessidade em seus olhos, mas também sua resignação.

—Não vou mentir —apertou os dentes com força—. Não te permitirei estabelecer os limites disto, Sarah, quando sabe o que virá.

—Isso não é justo. —Deixou seu regaço, a ira e a luxúria rivalizavam pela supremacia—. Nenhum outro homem me toca.

—Por sua própria vontade —apontou—. Por sua própria vontade, Sarah. Isso seria diferente, se não fosse tão obstinada.

—Não quero nenhuma diferença —sacudindo a cabeça, brigando pelo controle.

—Não? —questionou com severidade—. Você sabia o que significava me Fo der, Sarah. Sabia e queria seis anos atrás e mesmo assim o nega agora. Sabia que a outra noite não era só uma noite qualquer. Foi a esse médico, e suportou aqueles exames e tomou a injeção com a clara intenção de me deixar fode-la fodidamente quando eu quisesse. Não te opôs até que me neguei a deixar que te ocultasse da verdade.

Não era certo, assegurava-se assim mesma desesperadamente. Ela não faria isso. Não se ocultaria a si mesmo na forma em que ele a acusava.

—Não tenho que escutar isto —sacudiu a cabeça furiosamente—. Pede muito, Brock.

—Não estou pedindo nada que você não possa me dar —ele disse, seus lábios afinando-se agora com sua própria ira.

—Sim o faz —raciocinou dolorosamente—. Pediu-me que simplesmente aceitasse. Para tomar unicamente o que desejás, sem ter em conta como me sinto a respeito. Ignorando meus temores, e tudo o que sou. Eu não sou assim, Brock. Não posso sê-lo.

—Como o que, Sarah? O suficiente quente para chamuscar minha pele cada vez que te toco? Lamento discrepar. Sei bem.

—Esta discussão não tem sentido. —Atirou de suas mãos, desesperada por escapar dele, desesperada por escapar das tentações que ele representava—. Vou voltar para casa.

— Sarah, espera. —Capturou seu braço enquanto ela se dava volta para sair, olhando-a fixamente, comendo ela com os olhos—. O que posso fazer para que me entendesse?

Nada. Mas não podia lhe dizer aquilo. Não podia suportar a invocadora sombra que via em seus olhos agora, muito menos que se dissessem a verdade.

Em troca suspirou asperamente.

—Não sei, Brock. Simplesmente não sei.

Retirou seu braço dele, resistente, machucado. Mas se afastou, fugindo dele. Não trotava, corria, lutando para pôr tanta distância como pudesse entre ele e o desastre.

* * * * *

Brock cruzou os braços sobre seu peito, enquanto a olhava correr. Estreitou os olhos. Não era tolo, não o impulsionava possuir a alguém que não o desejava. Sabia que Sarah o desejava. Sabia que se conseguisse que ela deixasse atrás seus medos, podia levá-la a entender.

Passou os dedos através do cabelo. Como podia conseguir que entendesse? Como podia fazê-la ver que o que desejava não era a tortura que ela tinha criado em sua mente?

Necessitava a opinião de uma mulher. Baixando os braços de seu peito começou a trotar de retorno a sua caminhonete. Conduzir de retorno ao rancho foi difícil. Tinha esperado não ter que fazê-lo, mas agora a situação era cada vez mais desesperada. Sarah era o suficientemente obstinada para manter-se negando a si mesmo, assim como a ele. Estava o bastante assustada para pôr tanta distância entre eles como fora possível se não era cuidadoso.

Tinha-o feito depois de seu matrimônio. Assegurando-se de estar sempre a muitos quilômetros dele. Escondendo-se dele, suprimindo seu desejo por ele e suas próprias necessidades. O tempo disto tinha chegado a seu fim. Teria-a, e Por Deus que o faria sem mentiras e sem promessas que não pudesse cumprir. Sarah não tinha nem idéia de quão teimoso podia ser e era o bastante homem para mantê-la na escuridão sobre isso.

Capítulo 9

Brock conhecia somente a uma mulher a quem recorrer em busca de conselho. Necessitava, com urgência deixar de imaginar a forma de voltar para a cama do Sarah antes que sua necessidade por ela fosse uma loucura. Desejava vê-la e degustar seu sabor. Se acreditasse por um minuto que não o desejava, que apenas lhe importava que fora tão difícil para ele como o era para ela, tivesse podido deixá-la em paz. Mas sabia. Sabia que o necessitava. Via em seus olhos, em seus eretos mamilos delineando-se debaixo das roupas, o rubor da paixão em seu rosto.

Só precisava ser seduzida. Precisava ser apreciada e protegida, acariciada e amada, mas acima de tudo, devia ser seduzida. A sedução nunca tinha sido seu forte. Cade tinha sido todo um professor da sedução. Ele era quem tinha escolhido as suas mulheres antes que Marly o escolhesse. Mas ele não podia recorrer tranquilamente a seu irmão para isso. Assim ia com a Marly. Para seduzir a uma mulher, necessitava o conselho de outra mulher.

—Desejas seduzi-la? —perguntou-lhe Marly cuidadosamente das profundidades da grande banheira embutida aonde se encontrava.

As borbulhas se estendiam a seu redor, acariciando sua pele, que contrastava com a espessa massa de negros cachos recolhidos em sua cabeça. Era jovem e doce, e a inocência ainda se expressava em seus olhos apesar dos excessos sexuais dos que ela freqüentemente formava parte.

—Sim. Preciso seduzi-la. —sentou-se na tampa da penteadeira e a olhou, confundido pelo pequeno sorriso que brincava em seus lábios.

—Assim que está dando problemas?

Ao Brock não gostou do rastro de risada em sua voz. Seus olhos se estreitaram.

—Está rindo de mim, Munchkin. Isso neste momento é perigoso.

Estava duro e irritado e estava mais que desejoso de arrastá-la fora dessa maldita banheira até sem a presença do Cade se o seguia pressionando muito mais. Sabia que tinha a aprovação do Cade para fazer isso. Não haveria fortes emoções, nada de raiva. Mas não estaria o vínculo que necessitava que estivesse.

Ela revirou os olhos, acomodando-se contra o respaldo da tina quando o olhou.

—Não pode seduzir a uma mulher relutante, Brock —lhe disse ela, séria ao fim—. Se não te desejar, então não há nada que possa fazer.

—Mas me deseja —lhe disse ele cautelosamente—. Só está assustada, Marly. Escutou os rumores, conhece sobre nós. Demônios, a maioria das pessoas o faz, só porque somos tão malditamente ricos utilizam isto contra nós. Isso é algo contra o que tenho que lutar.

O rosto dela se ruborizou. Não se sentia cômoda com esse conhecimento, sabia. Ele tampouco se sentia cômodo com aquilo, mas o aceitava. Negou-o quando precisou fazê-lo, admitiu-o no momento oportuno, mas não se envergonhava. Sentia-se vivo, e razoavelmente cordata graças a isso, assim não tinha nenhuma outra opção mais que aceitá-lo. Cade lutava contra a vergonha dia atrás dia, e Brock entendia isso. O peso dos atos de seu irmão mais velho quase os tinha levado a morte a todos eles... Sam, Brock não estava seguro com respeito a Sam. Parecia o menos ferido interiormente, embora o mais marcado corporalmente. Sorria, gastava brincadeiras pesadas e parecia ser pouco mais que um moço no corpo de um homem adulto.

Era difícil imaginar mas Brock sabia que também ele estava ferido. Ele notava às vezes em que Sam acreditava que ninguém o observava, na postura dos ombros, nas sombras em seus olhos, estava ali.

—Assim se te deseja e você a deseja, e sabe a verdade, então qual é o problema? —perguntou Marly com curiosidade—. Ela não está aqui e seu sim. Eu sei que tentou ir com ela, evidentemente te jogou. Faria isso se tanto te desejasse?

Brock sorriu. Marly lhe estava fazendo hoje as coisas difíceis.

—Deseja-me. Ponto. —Dirigiu a ela um sorriso confidente—. São Sam e Cade quem a assusta, Munchkin. É suficientemente sensível para sabê-lo.

Marly perdeu seu sorriso. Franziu-lhe o cenho, uma clara resistência a discutir esse tema era evidente em sua expressão.

—Marly —sua voz era gentil, arreganhando-a—. Não supôs que Sam ou eu nos apaixonaríamos?

O grunhido feminino, baixo e frustrado, esticava seus lábios em uma ameaça de sorriso.

—Segue sendo meu amante, Brock —declarou ela rebelde—. Não desejo compartilhá-lo.

—Ele te compartilha —assinalou Brock—. E não tente dizer que não o desfruta.

—Esse não é o ponto, Brock. —Ela fechou os olhos, suspirando pesadamente—. Nenhum de vocês me convencerá. De nenhuma forma. Não esperem que o aceite contente. Se Cade deseja continuar com sua obstinação e não confiar em mim, então eu posso continuar no meu.

—Inclusive sabendo quanto o machuca? —perguntou Brock, tentando manter sua voz apazível.

Ela elevou seu olhar para ele, seus profundos olhos azuis escurecidos, o pesar e a resignação que mesclavam em sua expressão.

—O que acontece com minha dor, Brock? —Perguntou ela com voz baixa—. Mandou a merda a Rick porque Tara me disse tudo o que ela sabia, o qual era malditamente pouco. Fica furioso se lhe perguntar sobre isso. Tem pesadelos e a momentos choraminga em sonhos e rechaça qualquer ajuda de minha parte. Crê que isto é só sobre se deixá-lo ou não. Foi com a mulher que você ama?

O pênis do Brock ficou dura imediatamente ante essas palavras. Maldição. Havia épocas em que odiava seu mais que disposto corpo. Causava-lhe mais problemas dos que necessitava.

—te olhe. —Assinalou com a cabeça a ereção que esticava suas calças casuais—. Só a idéia disto fica duro como uma rocha, nem sequer te lembra do Cade. Há mais nisto que vocês três encontrando seu prazer, ou seu pequeno ritual masculino de vinculação ou o que infernos seja. Explique-me isso me faça entendê-lo.

Daria algo se pudesse. Mas sabia as conseqüências, tão bem como Marly.

—E que me chutem no traseiro? —perguntou-lhe cuidadosamente—. Rick passou uma noite no hospital se não recordar mal, Munchkin. Sinto muito a avaliação a meus ossos são igual a você.

—Então faz que Sarah o entenda. —Sua voz se endureceu—. Me Escute, Brock, ela não se criou com o abuso do Joe. A maldade fedia dele. Não cresceu vendo-os os três, só e tristes, procurando. Não te ama da forma em que eu o fiz uma vez, assim não o aceitará tão facilmente.

Brock inclinou a cabeça, as lembranças chegavam a ele. Boas lembranças para variar. O ano em que o golpeou, logo a Sam. Seus anos de adolescência tinham sido tão hormonais que tinha tido o bom sentido de rondar a um disso em uma época ou outra. Inocentes carícias, olhadas coquetes. Ele sacudiu a cabeça, sentindo uma ternura que não tinha reconhecido fazia Marly.

—me amar não será suficiente? —Pensava que esse era o motivo que ela tinha para satisfazer as necessidades do Cade, e em última instância as suas e as do Sam.

—Deus, os homens são tão estúpidos. —O assombro se refletiu em sua expressão—. Ficaria sentado

tranqüilamente e deixaria que seu ex-marido a fodesse infernalmente enquanto olha? Entraria nesse jogo?

Ele franziu o cenho, os ciúmes o embargaram ante a idéia do Mark Tate tocando-a para...

—Vê? Te olhe quão zangado está. Preparado para matá-lo em um instante —particularizou-a.

—Ela é minha. Sempre foi minha —ele disse obstinado.

—Com tudo esperas que ela aceite que me foda, certo? —perguntou-lhe ela.

Ele entrecerrou os olhos, seus dentes chiando.

—Certo —se respondeu ela mesma—. E esperas que ela deixe que Sam e Cade a toquem, inclusive se estiver ou não com ela quando acontecer. Quando entrar em um quarto, e veja que um de seus irmãos goze no interior de seu corpo, sentirá orgulho, não ira.

—São meus irmãos —ele recordou—. É diferente.

Marly tomou um comprido e revigorante fôlego.

—O amor não é suficiente para uma mulher que não foi educada dessa forma, que conhece suas inclinações, que te ama de um grau ou outro. —Era óbvio que aumentava seu aborrecimento para ele—. Quando uma mulher ama, é possesivamente, Brock. Não deseja a outra mulher te tocando, ou que outro homem a toque. Só o pensamento lhe é repugnante.

—Excita-a. Vi-o em seus olhos —lhe contradisse ele, recordando a labareda de calor que fez brilhar seu dourados olhos.

Marly sacudiu a cabeça, seus olhos cintilavam impaciente com ele.

—Conheço o Sarah, Brock. Fui à escola com ela. Se a excitar, é porque vê e sente seu entusiasmo por isso. Isso pode fazer que ela fantasie fazendo maravilhas. As mulheres fazem isso. Todo o tempo. Mas a realidade é uma questão totalmente diferente.

—Então o que posso fazer? —passou as mãos através de seu cabelo, logo reclinou os cotovelos em seus joelhos quando lhe espetou—: Marly, a necessito.

Observou sua careta de dor. Sabia que ela estava inteirada de como essa necessidade seria transmitida ao Cade. Essa era a única razão pela que Cade saciaria sua luxúria com outra mulher.

—Começa lhe dizendo a verdade, Brock. —Ela encontrou seu olhar, decidida, feroz—. Não minta. Não tente fazer armadilhas com ela. Enfrente a ela. Sarah é uma pessoa honesta e odeia as mentiras. Isso não trocou dos anos de escola. Se não ser honesto com ela, então não importa quanto a ame, rechaçará a ti ou a sua família.

—Tenho que obter que me escute primeiro —suspirou ele—. Conseguir estar perto dessa mulher não é tão fácil. Ela é como um maldito potro assustadiço, todas as pernas e grandes e dourados olhos marrons, pronta para correr no instante em que me vê.

Marly lutava claramente contra sua necessidade de sorrir.

—Só você compararia a mulher com um cavalo, Brock. —Riu, embora o som estava tingido com tristeza—. Se realmente te desejar, então encontrará uma maneira. Deixará tentá-lo porque estará rogando que os rumores sejam mentiras e que você a necessite mais que os seus irmãos.

Olhou-o intensamente quando disse isso. Brock compreendia a pergunta tácita, a necessidade de compreender-se a si mesmo.

—E se ela te ama —falou Cade da soleira, sua voz enrouquecida, tinta de sexualidade, desejo, e lhe enfeitem dor—. Saberá que nenhum nem o outro são possíveis.

Marly apertou os lábios, uma pequena e sedutora panela que para que Brock recordasse a sensação dessas suaves curva apertando seu membro. Ela jogou um olhar indireto ao Cade.

—Não convidaram a esta conversa —disse ela, uma recriminação claramente detectável em sua voz.

—Se esperasse um convite cada dia, então só me preocuparia de mim em mais de uma ocasião —lhe recordou ele, movendo-se lentamente no quarto de banho.

Seus olhos flamejaram ante a quantidade de objetos no cubo de lixo. Objetos desprezados que eram usados de vez em quando em seu corpo para prepará-lo para a luxúria de sua família. Brock viu como a satisfação curvava a boca do Cade. Seus dedos se dirigiram aos botões de sua camisa, seu olhar era velado, cheia de desejo.

—Não estou de humor. Não terminei meu banho. —Mas sua voz era espessa, indicando o contrário.

Cade sorriu. O imenso amor que sentia pelo Marly se refletiu na curvatura de seus lábios, mas sua expressão

estava tinta com dor.

—Segura? —perguntou ele brandamente, encolhendo-se para que a camisa se deslizasse brandamente dos ombros enquanto dirigiu um olhar ao Brock.

Brock observou ao Marly. Seu rosto ruborizado, o brilho despertando em seus olhos. Sabia o que necessitava seu amado, embora não fora capaz de entender sorte necessidade. Ela lhes deu um tímido olhar, convidando a ambos os homens. Brock olhou a seu irmão, vendo a pergunta em seus olhos, a tácita dúvida no Cade. Agora era mais notória e escuro olhar nos olhos do outro homem, fazendo evidente a intensidade de seus pensamentos.

Cade era seu irmão. Como disse a Sarah, não havia uma explicação, mas o vínculo estava ali. Não havia forma de rompê-lo. Nenhuma forma de romper a necessidade e o prazer que lhe acompanhavam. Brock atirou a camiseta de seu corpo, logo já estava de pé se desabotoando com facilidade as calças jeans.

—Está-me zangando muito, Cade August —sussurrou Marly quando ele a ajudou a sair da banheira, atirando a toalha ao Brock. Entretanto, não havia rastros de cólera em sua voz, só entusiasmo, algo selvagem despertando.

Brock se ajoelhou a seus pés, limpando rapidamente as borbulhas aderidas às delicadas curvas do Marly. Quando alcançou suas coxas, separou-as, sua boca foi para a úmida e Lisa carne que o tentava. Tirou a língua, para percorrer o pequeno vale entre os grossos lábios que resguardavam seus segredos.

Escutou seu gemido, ao provar a doçura de sua nata. Deixou que sua língua massageasse seus clitóris brandamente, suas mãos agora lhe sustentavam os quadris enquanto que ela gritava ante a carícia que Cade também lhe concedia. Dobrando-se para aproximar-se mais, lambeu a quente entrada de seu corpo, sua língua penetrou em seu interior com um suave e firme movimento. Ela se aproximou mais para ele, para lhe deixar degustar o suave sabor de seu néctar.

Suas coxas se abriram ainda mais quando Brock dirigiu de novo sua boca para seus clitóris, alguns de dedos acariciavam sua coxa, enquanto que outros dois penetraram em sua vagina enquanto ela se arqueava contra sua boca. Gritou com força, suspensa entre os dois irmãos, perdida em seu prazer, como sempre o fazia.

Isto era o que desejava para a Sarah. Que conhecesse esse prazer, a incrível sensação de compartilhar e o amor que surgia da experiência. Marly levantou uma perna, apoiando um delicado pé na banheira enquanto que os dedos do Cade começaram a penetrar e estirar seu traseiro, recobrando em excesso lubrificante que utilizava, nos dedos do Brock empurrou em contraponto no interior de sua vagina, ele imaginava que era sua Sarah. Seus gritos os envolveram quando ela alcançou seu primeiro clímax.

Depois de alguns minutos, Marly se acomodou sobre o Cade, empalando-se com sua ereção, sua cabeça se sacudiu quando Brock se moveu detrás dela, inserindo a cabeça seu membro na entrada de seu ânus. Era tão apertada. Malditamente estreita. Entrou lentamente centímetro a centímetro estirando, grunhiu de prazer quando sentiu que seus músculos se relaxavam, aceitando-o.

Sustentou-lhe os quadris, dobrando-se sobre ela, ouvindo os estímulos que sussurrava Cade a ela, a profunda luxúria em sua voz, a necessidade e a urgência pela liberação imediata ressonava em sua voz.

—Amo-te, Marly —lhe gritou Cade—. Deus me ajude, amo-te.

Brock sentia as fortes investidas do membro de seu irmão na vagina do Marly, ao retirar-se, então Brock empurrava até o batente em seu interior, escutando seus gritos de prazer, sentindo sua tensão, fundindo-se com eles, abraçando-os a ambos com a aceitação, as ondas do clímax começaram a enchê-los.

Brock fechou os olhos, agarrou-lhe os quadris enquanto encontrava o ritmo adequado. Imaginava a Sarah, gritando por mais, suplicando a liberação. Seu peito se esticou de emoção, seu membro se inchou, palpitante. Gemeu, saiu do apertado reto cuidadosamente, vigorosamente, o suor cobria seu corpo enquanto lutava por manter o controle.

Então ela se esticou, estremeceu-se, ele escutou os gemidos do Cade, sentiu os duros investidas na tremente vagina e deixou ir a seu corpo. Dois fortes e rápidos impulsos liberaram jorros quentes de sêmen no corpo de Marly. Mas não era seu nome o que estava em seus lábios, não era seu corpo que ele sentia. Era o do Sarah. Sempre, foi Sarah.

Capítulo 10

Sarah possuía o incrível sexto sentido que se diz toda mulher tem quando seu homem teve relações com outra mulher. Nunca teve a segurança de que isto fora certo até agora. Um olhar, uma sombra nos olhos, possivelmente a forma de se mover, mas quando viu o Brock essa noite, soube o que tinha feito. E sabia com quem. A mesma mulher sentada à mesa com ele e seu irmão. A mulher de seu irmão. Só eram rumores o que tinha escutado através dos anos, mas as sombras em seus olhos, a forma em que Marly olhava a Brock, a forma em como seus olhos se dirigiam culposamente em direção a Sarah o confirmou. A teria tomado esse dia?, Perguntou-se Sarah furiosa. Teria mitigado a luxúria que afirmava sentir por ela com outra mulher?

Encontrou os olhos do Brock cruzando a distância que os separava, a raiva a atormentava. Olhou-o, suspirando, uma lenta e precavida dor se instalou em seu peito, um brilho de dor em seus olhos. Bastardo. Não era melhor que Mark. Ali sentado com a mulher com a que provavelmente tinha uma aventura constantemente, olhando-a como se ela o tivesse machucado a ele. Lágrimas ardiam em seus olhos, seu peito apertava, e desejou gritar pela injustiça daquilo.

— Sarah, assombra-me. —Dillon Carlyle estava sentado frente a ela na mesa, ajeitado casualmente em sua cadeira, olhando-a com uma expressão que claramente revelava sua diversão.

Era mais bonito do que lhe convinha, com seus finos cabelos negros e seus brilhantes olhos verdes. Era aproximadamente tão alto como Brock, mas mais arrogante, mais cínico ou melhor dizendo mais sombrio.

—Sabia que ele estaria aqui. —girou-se para ele, emocionada pela cólera quando agarrou uma taça de vinho e a terminou de um rápido gole.

Dillon levantou uma sobrancelha e logo lhe preencheu a taça. A tomou de outro gole.

—Realmente, não estava seguro —lhe disse, seus lábios se curvaram em um sorriso—. Mas tinha curiosidade sobre os rumores que circulam.

Se não fosse seu irmão, poderia matá-lo. Possivelmente o fizesse de todos os modos.

—Que rumores? —repetiu ela, tentando pretender que não existiam.

Olhou-a com censura. Sabia que os conhecia muito bem, e que nunca apreciaria com quanta facilidade manipulava a informação, quando desejava algo dela.

—OH, uns muito pequenos que dizem que te incorporaste à família August —se encolheu de ombros, observando-a cuidadosamente. Entretanto, parecia preocupado. Demônios, não o reprovava, ela estava preocupada—. O tem feito, Sarah?

Sarah se ruborizou. Sentia o calor subir por seu pescoço e chegar até as pontas de seu cabelo. Não podia fugir disto, sem importar com quanta força o tentasse não podia escapar do Brock ou do que desejava. Sentia os agulhões de desejo desde cada direção e cresciam pouco a pouco cada dia.

—Não. —Bebeu mais vinho, ignorando o succulento prato de massa frente a ela.

—pensaste nisso? —franziu o cenho enquanto a observava atentamente—. Te vê deliciosamente alterada em tudo o que se refere a ele.

—Não —respondeu sem sequer considerá-lo. Maldito Brock. Maldito Dillon por trazê-la aqui. Maldito seu desejo pelo Brock August de qualquer forma, sem importar o que ele desejasse, sempre e quando retornasse o prazer que circulava por seu corpo ante suas carícias. Que retornasse seu olhar de aprovação, a chama de emoção que provinha de seus olhos quando a tocava. Quando finalmente a tinha rendida em seus braços... Mentira. Tudo era uma mentira e não podia fazer mais que aceitá-lo.

—Acredito que o tem feito —disse extremamente sério—. Sabe o que será de você se ingressar nesse mundo, Sarah?

Olhou-o fixamente mas seus olhos se desviaram para o Brock. Estava-a observando, seu olhar era quente e intenso. Deus, odiava-o quando fazia isso. Aumentava sua dor, fazia que fosse mais consciente de suas carências. De que Marly era notoriamente mais adequada para ele.

—Sou uma estúpida —disse elevando outra vez sua taça e tomando um grande gole de vinho.

Estava louca ao estar tão excitada quando deveria estar cheia. Estava louca ao aceitar envolver-se em tudo isto. Sabia o que estava acontecendo, sabia o que tentava fazer com ela. Por que o estava permitindo?

Seu olhar se encontrou bruscamente com a preocupada do Dillon. Seus olhos verdes se obscureceram, concentrando-se nela.

—Não me olhe dessa forma, Dillon —reclamou—. Não sou uma de suas adivinhações.

—Será sempre uma adivinhação, carinho —disse ele brandamente—. Estive fascinado durante anos, em realidade, porque isto não é de agora. Brock fez ornamento de um incrível controle para manter-se afastado de ti desde seu divórcio.

—Deus, todo mundo sabe? —esfregou-se a frente, tentando lutar contra a tensão que sentia acumular-se.

—Não todos, Sarah. —reclinou-se se aproximando mais, seus cotovelos se apoiavam na mesa quando a olhou—. Mas sim uns poucos de nós. Muito poucos, a maior parte de seu círculo de amigos.

O medo fez que seu coração saltasse. Seus olhos se abriram assombrados.

—Não, Sarah —negou lentamente com a cabeça—. Só amigos. Os homens August não compartilham suas mulheres. São incrivelmente possessivos.

Ahh, isso sim que era bom.

—Não o suficiente possessivo —murmurou ela.

Olhou-o outra vez. Nesse instante Dillon a estava observando. Com uma séria expressão no rosto.

—Está muito de saco cheio comigo. —Havia um toque de resignação em sua voz—. Espero que não me rompa de novo o nariz.

—O que? —olhou-o com surpresa, seu olhar se dirigiu ao pequena imperfeição no aristocrático nariz.

—Cade me rompeu isso pela Marly —sorriu ele, interceptando seu olhar—. Arruinei minha Harley por ela ao tentar pô-lo ciumento.

Conseguiu fechar a boca só por pura força de vontade.

—por que arruinou seu Harley? —Era uma das coisas que a tinham confundida.

Ele se encolheu de ombros.

—Agora isso não importa. Era inevitável. Quando nos encontrou, estava nervosa e chorando. Colega, não faça chorar a Marly, esse tio se volta louco.

Ela fez uma careta. Não desejava escutar nada mais sobre a outra mulher. De todas as formas já sabia muito sobre ela.

—Dillon, sua vida é muito excitante para meu gosto —disse.

Olhou para ao Brock outra vez, seus olhares se encontraram. Franziu o cenho ante a raiva que viu, a posesividade. O sentido de posesividade. Seus dentes chiaram. Girou a cabeça para a taça de vinho cheia e a esvaziou.

Dillon observou a taça vazia quando o posou estrepitosamente na mesa.

—Já é suficiente —disse amavelmente.

—Não quer dizer isso, Dillon —lhe assegurou ela—. Sirva outro ou o farei eu mesma.

Ele suspirou com pesar, tomando a garrafa de vinho.

—Estou condenadamente feliz de que seja uma bêbada com estilo, Sarah. Tenho o pressentimento de que tem muitas probabilidades de demonstrá-lo.

Terminou de beber seu vinho, logo se recostou e observou como bebia em excesso.

—Não sou uma bêbada com estilo —negou ela, lançando um olhar de recriminação. Enviou outra a Brock, ignorando sua reação de surpresa e a diversão no rosto do Marly quando sussurrou algo ao Brock.

Os punhos do Sarah se apertaram ante a singela familiaridade que a mulher lhe prodigalizava. Cade se sentava a seu lado, seus escuros olhos a sopesaram quando olhou ao Sarah. Desejou ignorar a chama de curiosidade que esse olhar acendeu nela, mas estava o bastante bêbada para aceitar o que sentia. Deus, precisava estar lúcida. Esvaziou sua taça.

—Sarah, me deixe te acompanhar a casa —a voz do Dillon era incrivelmente pormenorizada.

—Dou lástima, ah? —suspirou profundamente, evitando olhá-lo—. Não posso me permitir me fixar nele, Dillon.

Não choraria, assegurou-se. Conhecia as regras que a guiavam, só que não tinha contado com a dor.

—Ele não passou melhor nos últimos seis anos Sarah, só que não te deste conta. Recordo dias em que o via fora da biblioteca, te vendo passar. Muitas vezes me sentei com ele, olhando-o tentar afogar sua necessidade com o licor.

A surpresa a embargou. Nunca o tinha visto, nunca soube que a observava, que falava sobre ela. O que havia dito? Por que tinha sido tão cuidadoso?

—Alguma vez disse alo —sussurrou ela—. Sabe que é meu irmão?

Sarah sabia que Dillon tinha falado a poucas pessoas sobre seu parentesco. Por razões que Sarah desconhecia, seus pais ocasionalmente lhe tinham contado seu parentesco a alguém.

Ele se encolheu de ombros.

—Nunca o disse. Por isso sei, ignora. Mas não falei de você porque sabia que estava afastada dele. Sabia o que desejava, Sarah, e nunca tive a certeza do que você deseja. Até agora.

—Isto não é o que desejo. —Sua voz carecia da determinação que tivesse gostado de imprimir nela.

Ele cobriu sua mão com a sua. Observou-a, com um olhar tinto de simpatia e compreensão.

—Sarah, são homens atormentados. O que fazem não é produto da depravação. Nem da perversão. São bons homens.

—Então por que o fazem? —sussurrou, soltando sua mão quando capturou o violento olhar do Brock ante suas mãos unidas— Me Diga o por que.

—Isso significaria minha morte —suspirou pesadamente—. Mas te prometo isto, se não lhe disser isso logo, então eu o farei. Merece muito mais que isso. Assim o que, está pronta para ir a casa?

A auto compreensão fluiu do seu interior. Jogou com sua taça vazia, seus dedos percorriam acima e abaixo com lentidão a delicada base enquanto observava o movimento. Não o olharia, não morreria a fazê-lo. Mas o faria. Sabia que o faria.

—Está bem —assentiu finalmente—. De todas as formas já estava pronta para ir. Mas se essa mulher lhe toca outra vez o ombro lhe arrancarei o cabelo das raízes.

Ignorou a divertida risada afogada do Dillon. Ficou de pé quando se colocou atrás dela, sentiu-se orgulhosa de que seus pés se mantiveram firmes quando a ajudou a retirar a cadeira. Alisou seu vestido de seda sobre suas coxas e girou para ele com um sorriso de agradecimento.

—Deveríamos ter trazido a Harley —disse ele com um sorriso enquanto colocava a mão em suas costas e a conduzia através da habitação—. Tivéssemos ido de passeio.

—Prefiro a caminhonete —se encolheu de ombros—. Recorda quando íamos até a granja de tio Chas a competir nas carreiras?

Dillon soltou uma gargalhada.

—Sim, recordo-o. —Sua voz soou ausente recordando esses anos enquanto ela saía do restaurante e sentia o morno ar do verão.

—Precisamos repeti-lo uma destas noites —disse suspirando.

—Diz isso cada vez que está bêbada, Sarah —lhe arreganhou—. Uma destas noites, vou te obrigar a manter...

—Dillon... —repentinamente Brock apareceu parado junto a eles. Alto, feroz, franziu o cenho quando observou como Sarah se inclinava contra ele para sustentar-se.

Dillon lançou outro suspiro.

—Não está chorando, Brock. Quero que meu nariz mantenha uma forma razoável.

Sarah franziu o cenho enquanto observava como um sorriso desinteressado se formava nos lábios do Brock.

—Isto não é de sua incumbência, Dillon —alardeou ela—. Deixa-o que vá encontrar uma garota para si mesmo.

A ironia dessa declaração fez que os homens intercambiassem um olhar que dizia tudo.

—Graciosos —murmurou ela, capturando o olhar—. Parte, Brock. Está-me incomodando.

A surpresa se evidenciou no rosto do Brock enquanto que Dillon sufocava sua risada.

—Está bêbada? —perguntou ao Dillon.

—Não estou bêbada, só estou lhe informando Isso alteradamente é tudo.

—É uma perita bebedora —disse Dillon ao Brock com falsa seriedade.

—Sou o suficientemente perita —disse a ambos com tom desdenhoso.

Brock cruzou os braços sobre o peito, olhando-a com o cenho franzido.

Estavam parados no estacionamento, perto do carro do Dillon, mas muito mais perto do jipe do Brock. Seu rosto se ruborizou ao recordar o acontecido no assento dianteiro desse jipe.

—Estou pronta para ir a casa —se separou do apoio do Dillon, muito orgulhosa do fato de caminhar razoavelmente direita—. Vamos, Dillon, possivelmente permita que me acompanhe.

Ao princípio, o som do arremesso não foi registrado por sua mente.

—Merda, filho de puta, me golpeou.

Escutou a voz ultrajada do Dillon um segundo depois do som de carne conectando com carne.

—Pelo menos não te rompi esse nariz de merda —grunhiu Brock furioso—. Mantenha seu pervertido rabo longe dela.

—Eu? Pervertido? —soprou Dillon é um golpe baixo vindo de ti, bastardo sem coração.

Sarah deu a volta lentamente. Dillon se reclinava contra a parte posterior de um Suburban, ofegando, sua mão estalada sobre sua cintura. Brock o olhava furiosamente.

—Neanderthal —gritou ela—. Por que o golpeou?

—Que demônios faz ao lhe oferecer, deixe que lhe foda? —grunhiu ele.

Sarah franziu o cenho.

—Sempre me acompanha quando estou bêbada. Inclusive me agasalha se o peço.

Uma repentina fúria cruzou o rosto do Brock, como um sentimento de decepção para com Dillon.

—foda, Sarah —gemeu Dillon—. Se Cale de uma maldita vez.

A surpresa se refletiu na cara do Brock.

—por que infernos o permite? —quase gritava Brock.

—Porque é meu irmão, idiota. Minha mãe se divorciou de seu pai, e este levou a Dillon longe dela antes que conhecesse meu pai. Contente?

Brock inclinou a cabeça, olhando com zanga ao Dillon.

—Não pareceu familiar —resmungou ele.

—Arggg, faz-me encher o saco. Retorna e permite que a senhorita Marly te toque com suas garras. Tenho coisas melhores que fazer.

—Agora é a senhora Marly, mais ou menos, Sarah —lhe recordou Dillon sem fôlego.

Sarah lhe dirigiu um olhar assassino. Esfolaria-o vivo se não se levantava.

—Eu a levarei, só para assegurar que seu nariz siga intacto —aplauiu o ombro do Dillon, rodeando-o.

—Brock. —Sarah reconheceu o aço na voz do Dillon. Evidentemente Brock também.

—O que? —franziu o cenho Brock.

—É a vontade da Sarah com quem se vai a casa. Não permitirei que a intimide —estava de pé, reto—. Um golpezinho brincalhão aqui e lá está muito bem. Mas se me golpeia na frente da minha irmã outra vez, seguirei o jogo.

A violência espessava no ar entre os dois homens.

—Sarah? —Brock se dirigiu a ela.

Não deixaria que partisse sem ele, podia vê-lo em seu rosto. Podia ir com ele, ou Dillon e eles lutariam.

—Não. Por favor —sussurrou, levantando o olhar para o rosto em sombras.

—Prometo-te, que não farei nada que não deseje, Sarah. Mas temos que falar. Devemos fazê-lo.

Suspirou cansada e desesperadamente.

—Bem.

—Sarah, está segura? —perguntou-lhe Dillon com reserva—. Deve estar segura sobre isto.

Manteria-se entre o Brock e ela, sabia. Mas que ganharia com isso? Brock estava empenhado e ela era débil. Finalmente aconteceria, não importa quanto tentasse evitá-lo.

—Vai, Dillon. —Brock girou para o outro homem, franzindo o cenho.

Dillon simplesmente a olhou, ignorando a atitude defensiva do Brock.

—Estou segura —resmungou. Não o estava, mas que infernos importava? Era muito tarde para reivindicar uma casta virtude, e estava o suficientemente relaxada para ser perigosa. Odiava ser perigosa.

—Vamos. —Brock a conduziu ao jipe, abriu a porta e a ajudou a entrar.

Observou através do espelho retrovisor quando Dillon e ele intercambiaram algumas palavras, logo entrou e acendeu o motor.

—Podemos ir a alguma parte e falar primeiro? —perguntou-lhe ele.

—Sobre o que?

—Sobre nós, Sarah. Precisamos falar de nós. —Jogou-lhe uma olhada quando pôs em movimento o jipe, conduzindo através do estacionamento.

—Não há nada de que falar. —Observou o exterior através do cristal escurecido, vendo o reflexo dele—. Deseja o que desejas, eu desejo o que desejo. Não são desejos que concordem, Brock.

—Atua como se te pedisse que saltasse imediatamente a uma orgia —murmurou ele.

—É mais ou menos como me sinto. —encolheu-se de ombros, estava determinada a não ser machucada. Não poderia suportar a ferida.

Brock ficou calado e Sarah soube que tratava de escolher suas palavras, o que fazer para que ela o escutasse. Não tinha nenhum desejo de escutá-lo.

Ele se limpou a garganta.

—As mulheres fantasiam com as coisas que te ofereço. —Soava como se estivesse recitando algo já escrito, um pouco aprendido.

Levantou o olhar para ele cautelosamente, perguntando se tinha perdido a razão.

—O que?

—Ouviste —ele se zangou— É a fantasia sexual preferida das mulheres. Isso de estar com mais de um homem de uma vez.

Sarah piscou, perguntando-se que evento catastrófico a tinha introduzido nesta loucura. Nunca antes tinha parecido demente. Um pouco impetuoso, mas não louco. Qual era seu problema esta noite?

—Olhe, Brock, fantasiarei com foder ao Worf o que se vê na série de ficção, mas não com o homem real. Isso te diz algo? —perguntou-lhe com paciência exagerada.

—O tamanho não o é tudo, Sarah —grunhiu, ofendido—. Satisfaz-te plenamente o que tenho. Não sou que digamos do tamanho de um cachorro quente.

Sarah sacudiu a cabeça. Infernos, para onde se encaminhava essa conversa? O tamanho de um cachorro quente? Não, a menos que se referisse ao pacote completo.

—Que demônios têm que ver isso com nossa conversa? —protestou, exasperada.

—Crê que o tamanho do pênis é o mais importante...

—meu deus, que coisas mais estranhas diz esta noite. —Olhou-o fixamente como se fora alguma classe de inseto estranho. Qual, por todos os infernos, era seu problema?

—Sabe, quão estreito está sua vagina ao redor de mim, não acredito que pudesse aceitar um pênis maior —disse soando claramente ultrajado.

Sarah sacudiu a cabeça.

—Analisarei isso depois —murmurou ela—. Entretanto, acredito que perdeste a razão.

—É muito provável —disse mordaz—. Se não tomar logo acredito que me sairão presas e começarei a uivar à lua. Maldita seja, Sarah, estou morrendo.

Como poderia estar morrendo? Se seu irmão compartilhava com ele a sua amante. Tinha ido a casa esse dia, com a querida e desejosa Marly... Lutou por não gritar amargamente.

—Hoje já a fodeu. Sei que o tem feito. Assim não te mostre frustrado e temperamental comigo, Brock.

Agora Sarah estava perto das lágrimas. Como poderia estar tão desesperado por ela depois de tomar a outra mulher? A mulher de seu irmão?

O silêncio encheu o veículo.

—Como te inteiraste? —finalmente lhe perguntou com voz tranquila.

—Porque sei como te vê depois de que obtém satisfação. —Apertou fortemente os dentes, lutando contra a

raiva.

—E eu sei como te vê você. —Deu-lhe uma olhada, seu rosto repentinamente ficou absorto, quase triste—. E como te veria, Sarah, se meus irmãos lhe tocassem. Não estou pedindo mais do que te darei.

—Crê que isso é suficiente, não é assim? —murmurou enquanto que ele entrava em sua rua—. Crê que tudo isto conseguirá minha aceitação?

—Não, não é assim —assinalou compungido—. Não estou pedindo que aceite algo ou alguém mais, a não ser a mim. Isso é tudo. Só a mim, Sarah.

—por agora? —perguntou-lhe.

Olhou-a silenciosamente.

Ela recostou a cabeça contra a parte posterior do assento e respirou afobadamente.

—Está-me matando, Brock —sussurrou ela.

—Isto também me está matando, Sarah. Sei que me deseja. —moveu-se inquieto em seu assento, sua mão se estirou até tocar sua bochecha—. Sei que me necessita tão desesperadamente como eu a você.

E assim era. Sabia que assim era. Seu corpo, seu coração e sua mente empreendiam uma batalha, a qual estava completamente temerosa de perder.

—me deixe estar contigo esta noite, Sarah —lhe suplicou brandamente—. Te necessito.

O batimento do coração dessa necessidade ecoou ao redor do jipe.

—Não. —Puxou a porta do jipe até abri-lo, o que quase a faz cair devido à pressa—. Não posso, Brock. Ainda não. Ainda não.

Não correu, mas apressou seus passos. Intuíva que ele também tinha saído do veículo, seguindo-a. Quando a chave girou na fechadura, esmagou seu corpo contra ela desde atrás.

—Sente isto, Sarah —sussurrou em seu ouvido.

Gemeu grosseiramente quando uma mão acariciou sua coxa, um braço rodeava sua cintura enquanto que seus dedos estavam a um lado sua calcinha.

—Brock —ofegou, sentindo como os dedos sulcavam através das dobras de sua luxuriosa carne, ali abaixo.

—Sente o quanto molhada que está. —Empurrou um dedo profundamente em seu interior e sentiu como as paredes de sua vagina o acolhiam, aceitavam-no—. Vê quanto me deseja.

Abriu a boca para falar.

— Sarah, menciona a esse maldito extraterrestre fictício outra vez e perderei o pouco controle que tenho.

Fechou a boca com firmeza. Gemendo em seu lugar, então gritou com força quando seu dedo se retirou.

—Não te forcerei a suplicar, Sarah —respirou contra seu ouvido—. Irei por agora. Mas lhe prometo isso, não estarei longe.

Abriu a porta para ela, quem ainda permanecia de pé quieta, com muita dificuldade caminhou para o interior.

—Necessita que te acompanhe?

Negou com a cabeça, deslumbrada. Necessitava que a fodesse. Tornou-se louca.

—Verei-te logo, então. —Beijou-a nos lábios brandamente, depois girou e se afastou caminhando.

—Estou louca —sussurrou quando escutou o golpe da porta do jipe.

Fechou a porta, jogou o seguro e logo inclinou a cabeça contra o cristal.

—Totalmente louca.

Capítulo 11

Passou um dia, depois dois. Ao terceiro dia Sarah estava convencida de que Brock finalmente se deu por vencido com ela. Vestida com um biquíni agarrou a garrafa de água e se encaminhou à piscina atrás. Não era tão grande como a piscina dos August, mas servia para suas necessidades.

Nadou durante um momento, livrando-se da energia que parecia enchê-la, depois ficou sobre o chão e se estirou sobre o grande colchonete que protegia suas costas do duro concreto.

Preguiçosa, dormindo, permitiu que o calor do sol esquentasse seu corpo, ignorando a lânguida sexualidade que pulsava justo sob sua pele. Não podia esquecer o toque das mãos do Brock ou de sua boca. A sedutora cadência de sua voz ou a escura promessa de seus olhos.

Seus mamilos se endureceram enquanto as lembranças queimavam seu corpo. A carne entre suas coxas se esquentou e sentiu o sedoso calor da necessidade de seu corpo construindo-se sob o traje de banho.

Suas mãos tocaram seu estômago, movendo-se sobre a pele enquanto pensava nele. Seu toque. Suas mãos calosas e cálidas, seus dedos largos e experimentados. Estremeceu, seu próprio toque evocando a sensação que havia sentido abaixo ele. Sua vagina se apertou, os músculos de seu estômago esticando-se enquanto seus dedos corriam sobre eles, as unhas quase arranhando, somado um bordo adicional à sensação.

Queria-o, não o negava. Não podia negá-lo. Queria que a tivesse acordada de noite, sacudindo-a e voltando-a do reverso enquanto lutava com a desesperada desolação de seu corpo. Brock a tinha cheio. Tinha-a cheio até transbordar quando se introduziu dentro dela, tão duro e quente que não pôde conter os gritos. Necessitava isso outra vez. Necessitava seu pênis pulsando nela, fazendo-a perder a cabeça, incapaz de pensar, incapaz de escutar seus medos.

A necessidade atacando, seu corpo e sua mente, deixou-a em um constante estado de confusão. Seus sonhos eram do rosto do Brock, de seus beijos, de seu toque. Mas havia outras mãos acariciando-a também, quentes estímulos, graves grunhidos masculinos enquanto gritava sua frustração. Jurou que não pensaria nisto. Pensaria no Brock. Desejaria ao Brock. Era Brock ao que tinha esperado, querido tão desesperadamente todos aqueles anos.

Seus dedos se moveram por seus lábios. Seu beijo. Queria gemer. Seus lábios movendo-se sobre os seus, sua língua acariciando as suaves curva de seus lábios, bebendo dela, mordiscando-a. Seu beijo afogava suas objeções, atormentava e enrolava, e sussurrava as sexy e quentes palavras que a deixaram suspirando por ele. Palavra explícita. Não tinha sido tímido em expressar suas necessidades ou o desejo que tinha por ela.

Seu pescoço. Seus dedos acariciaram ali, depois baixou aos montículos de seus peitos, localizando a suave carne de seus mamilos enquanto se elevavam da parte superior de seu traje de banho. A forma em que os dentes dele lhe arranhavam a pele. Jogou uma olhada a seus mamilos, um choramingo gemido saiu de sua garganta. Ele tinha sugado seu mamilo com fortes e sensuais puxões de sua boca, a língua e os dentes arranhando sobre eles.

Seus dedos vagaram mais abaixo. Lembrou-se da maneira em que seus lábios viajaram sobre seu estômago, a língua lambendo, desenhando um retrato de necessidade sexual ao longo de sua carne enquanto a tocava. Mordeu o lábio enquanto seus dedos se detinham na cintura da calcinha do biquíni. Atreveria-se? Ninguém podia vê-la. A parte privada a protegia inclusive dos olhos mais curiosos.

Ela escapou um entrecortado gemido. Suspirou. Sofreu por ele. Necessitava o que não podia ter e isto era tudo o que podia ter. Seus dedos passaram sob a suave malha movendo-se mais perto da úmida e suplicante carne que pulsava ante a lembrança do toque do Brock.

* * * * *

Brock quase grunhiu. Quase delatou sua presença enquanto permanecia a só uns palmos dela, observando seus dedos viajar sobre a parte superior de seu corpo, movendo-se para a inferior. Quando avançaram sob a malha para seus quadris, seu pênis se sacudiu, seu corpo se esticou. Merda. Sentiu sua boca secar, olhando seus magros dedos deslocar-se em movimentos dolorosamente lentos para a estreita fenda de sua vagina. Imaginou quão quente e escorregadia estava. Que facilmente seus dedos se deslizariam por ela, atraídos inexoravelmente às escuras e melosas profundidades de sua vagina.

Apertou os dentes enquanto imaginava o abrasador calor naqueles dedos que continuava avançado. Como o apertaria, rodeada e quente, seus músculos como um punho de veludo lutando para arrastá-lo a seu interior enquanto empurrava contra ela.

Gemeu seu nome e ele apertou os punhos. Olhou seus dedos, cobertos pela malha de seu biquíni, mover-se mais abaixo ainda, os dedos curvando-se. Seus quadris se arquearam e soube que estava enchendo sua apertada

vagina com seus próprios dedos, empurrando, enchendo a vazia carne enquanto pensava nele. Uma mão embalou seu peito, o firme montículo transbordando da taça de seu biquíni enquanto seus dedos beliscavam e atiravam de sua dura ponta. Aqueles não eram ligeiros toques tampouco. Seus dedos eram mais bruscos do que tinha suposto, atirando da dura carne, apertando ao redor enquanto os dedos entre os quadris a levavam mais perto do clímax.

OH não, nada de clímax. Maldita fora. Sussurrou seu nome enquanto se tocava, aproximando-se do clímax. OH, neném, sem mim não o fará.

— Sarah —grunhiu seu nome enquanto se aproximava.

O fôlego lhe entupiu na garganta, a cabeça retorcendo-se no colchonete enquanto seus dedos empurravam mais duro dentro de seu corpo.

— Sarah para isso antes que lhe foda no maldito chão estou acostumado a mal —grunhiu ele, com voz áspera.

Os olhos dela se abriram de repente, grandes e aturdidos. Piscou. Logo seus quadris se sacudiram com força e ele amaldiçoou enquanto a olhava romper-se, tendo um orgasmo apesar de sua intromissão.

—OH, Deus —protestou ela, a vergonha e cálida satisfação alagaram sua expressão enquanto seus dedos finalmente se imobilizavam.

Moveu-se para ela enquanto seus dedos saíam de entre suas pernas. Caiu sobre os joelhos. Capturando seus pulsos antes que pudesse limpar a traidora evidência de sua satisfação.

Os dedos estavam escorregadios cobertos com a suave nata de sua liberação. Apanhando seus olhos, desafiando-a a olhar, os levou a boca. Sacudiu-se, gemendo baixo enquanto lhe sugava um dedo com sua boca, lambendo-o até limpá-lo. Depois o seguinte. Logo o terceiro. Grunhiu por seu sabor, tão doce e quente, mais aditivo que qualquer droga que conhecesse. Estava faminto dela. Suspirou como um homem com síndrome de abstinência.

—Não deveria estar aqui —gemeu enquanto os dedos dele foram a seu nu peito.

Agarrou a dura ponta entre seus dedos e depois lhe aplicou pressão. Ela fechou os olhos, seu corpo se arqueou quando apertou até o ponto da dor. Girou-o entre os dedos, olhando como o rosto dela se ruborizava, sentindo o mamilo ficar mais duro. Gostava da pressão, o bordo de dor. Podia vê-lo em seu rosto, em sua respiração muito rápida, na forma em que se mordia o lábio como se pudesse conter seus gemidos.

—É minha, Sarah —ele disse com voz áspera, pressionando o pequeno mamilo mais forte, olhando seus quadris elevar-se, os olhos dilatados—. Me entende?

—Só tua? —sussurrou enquanto a mão dele ia à malha da parte alta de seu biquíni—. Sou só tua? Ou serei deles também?

A mão dele se deteve, a pressão sobre o mamilo se relaxou enquanto deixava cair à cabeça. Queria lhe mentir. Que Deus o ajudasse, queria lhe mentir mas não podia fazê-lo.

—O que você queira que seja —sussurrou finalmente, sabendo que nunca estaria satisfeito salvo de uma forma—. Não te obrigarei. Nenhum o fará.

Os olhos dela se acenderam. Leu a mensagem nos seus, leu a intenção atrás das palavras.

—Mas tentará me convencer?

Soltou-se de um puxão enquanto ele deixava cair às mãos

Ficando rapidamente de pé se ajustou o biquíni, olhando-o fixamente enquanto também ele ficava de pé.

—Usará meu corpo contra mim, verdade, Brock? Tentará me seduzir para que o faça.

Brock aspirou de forma irregular, querendo apagar a dor de sua expressão, querendo lhe assegurar que nunca teria que enfrentar o lado escuro de sua sexualidade. Mas sabia que o faria. Finalmente não seria capaz de controlá-lo. A dor chegaria a ser muito forte.

—Não se pode seduzir a ninguém, Sarah, se o desejo não estiver aí para começar —disse com voz doce—. Se não querer, então não será forçada, em nenhum momento. Se não querer, então não pode ser seduzida.

Os olhos dela se abriram de par em par. Tinha querido que lhe mentisse, podia vê-lo em seus olhos.

—Não tenho desejos de ser uma puta de acampamento para os irmãos August. —Os punhos apertados, as lágrimas lhe enchendo os olhos—. Por que simplesmente não pode me deixar, Brock? Só tira o inferno de minha vida e me deixe em paz.

Girou sobre seus pés, equilibrando-se para a porta. Tinha que afastar-se dele. Afastar-se da necessidade, da dor de seus olhos, antes de render-se. Antes que seu corpo a forçasse a lhe prometer algo que ele quisesse

Capítulo 12

Ele a pegou na porta da garagem quando saía da casa. Ele também respirava apressadamente, com aborrecimento que ela não podia entender nem definir, afastou-o com fúria quando seu braço se envolveu ao redor de sua cintura, e a levou a cozinha.

—Detenha, Sarah. —Sua voz era firme mas incrivelmente gentil, enquanto evitava os golpes que ela tentava lhe dar com a mão, logo a agarrou pela cintura, empurrou-a dentro da casa e fechou a porta de um chute.

—Deixe ir, maldito. —Estava chorando. E odiava chorar.

Sabia que era débil, sabia que o necessitava, tinha-o querido em todo esse maldito tempo. Teria que estar louca para necessitar de um homem tão desesperadamente. Especialmente a este homem.

—Não posso deixar ir, Sarah. —Envolveu-a em seus braços, apertando-a fortemente e a pôs contra a porta quando resistiu—. Deixa de lutar contra mim, querida. Não poderemos arrumar isto se te negar a falar comigo.

—Eu não posso fazer isso. —As mãos de lhe agarraram o fronte de sua camisa e pôs a cara contra seu peito enquanto tentava respirar—. OH Deus, Brock. Não posso fazer isso. Não o entende.

Não podia lutar contra a paixão e a necessidade. Nem com o terrível medo entristecedor de saber que estava disposta a aceitar tudo o que este homem lhe pedisse.

—Shh, Sarah, amor. —Beijou-lhe o topo da cabeça e com suas mãos lhe percorreu as costas brandamente—. Está bem.

—Sinto muito. —Tremeu contra ele, sentindo sua ereção contra seu estômago, dolorosamente consciente do corpo grande e poderoso que a controlava tão facilmente—. Não devi ter dito isso. Não devi ter começado com tudo isto.

—Se você,não o fizesse, eu teria feito —suspirou ele acaloradamente—. Acaso não sabe quanto te desejei? Demônios, Sarah, seu sabor e sua pele me torturaram durante anos. Me recordando, necessitando mais de você.

Ela se estremeceu pelo som áspero de sua voz. Torturado, necessitado, atormentado pelo mesmo desejo que a tinha freqüentado a ela em suas solitárias e ofegantes noites.

—Casou-se com o Mark para te esconder de mim. —Ele jogou sua cabeça para trás, olhou-a para baixo, acusando-a—. Não pode fugir por mim, Sarah e tampouco pode te esconder. Devemos achar uma solução para isto. Deve me dar uma oportunidade.

—Achar uma solução a isto? —questionou-o mortificada—. Queria que fodesse com seus irmãos. Você não me queria, só deseja ter um brinquedo.

Ela ainda recordava o olhar no rosto de Sam enquanto permanecia de pé na porta. Seus olhos escuros estavam cheios de luxúria, brilhavam de necessidade quando olhava a seu irmão entre suas coxas e escutava os sons que Brock emitia enquanto a lambia abertamente.

—Quis você! —grunhiu ele, enquanto suas mãos lhe apertavam os cabelos—. Tudo de você, Sarah. Quis cada maldita polegada quente e molhada de seu formoso corpo. Foi minha. Minha. E fugiu de mim.

O pânico a invadiu. Podia sentir a tensão que espessava ao ar, e ao não negar o assunto, ela leu a verdade.

—É certo —sussurrou, enquanto lutava por respirar—. É o que teria feito. Teria tentado me compartilhar. Eu tinha dezoito anos Brock. Amava-te. Amava-te até morrer e permitiu que outro homem olhasse. —Agitou a cabeça, seu corpo se estremeceu pela reação, com necessidades, desejos e emoções que não podia esconder nem sequer dela mesma.

—Sarah. —Sua voz era dolorosamente tenra, mas seus olhos enfatizavam com luz quente e selvagem suas palavras—. Deve deixar que te explique.

Ela tragou com dificuldade, enquanto lutava contra o medo e seus nervos, sem mencionar o firme nó de

pânico que se formava em sua garganta. Agitou a cabeça. Não queria saber. Não queria uma explicação. Como poderia lhe fazer aceitar isso?

—Marly —sussurrou, o nome da mulher da qual os fofoqueiros falavam tanto—. É a razão pelo qual vocês três já não fazem isso de compartilhar com outras mulheres. O que dizem os trabalhadores de seu rancho é verdade? Vocês a compartilham?

Olhou-o aos olhos e viu como lhe obscureciam enquanto seus quadris se apertavam às dela em um empurrão involuntário. Ela não gritou, não pôde fazê-lo. Não se encolerizou, não lutou. Descansou a cabeça em seu peito e permitiu que suas lágrimas escorregassem por seu rosto. Tinha esperado todo esse tempo, tinha lutado contra a necessidade de se despedir. Como se supunha que podia partir agora?

—Não é assim —sussurrou ele finalmente, seu tom era escuro e calado—. Não da forma que está pensando, Sarah.

—Isso não importa. —Ela se liberou de seus braços, surpreendida de que o permitisse e girou e atravessou a cozinha para ir à sala.

Caminhou até o ventanal que dava ao pátio primorosamente ajardinado. As coloridas flores do verão estavam por toda parte, alguns pássaros e mariposas e inclusive um esquilo jogava através do pátio. Brock a seguiu, ela sabia que o faria. Estremeceu pela reação. Prometeu fazia seis anos que não permitiria que isto ocorresse. Nunca daria a ele uma oportunidade para que a destruísse de novo. E ele ainda estava ali, fazendo exatamente o que a tinha levado a casar-se com o Mark, tudo o que ela queria evitar.

—Quero que parta. —Lutou por tragar o nó de dor que ameaçava estrangulando-a—. Isto não funcionará.

Viu a irritação que deformou seu rosto. Tinha tanto dor. Como podia estar tão terrivelmente ferido, como se um aura de dor estivesse ao seu redor?

—Não partirei Sarah. Não permitirei que me deixe agora. —Estava de pé detrás dela e olhava fixamente seu reflexo no cristal—. Tem que me dar ao menos uma oportunidade para te explicar.

—Como poderia justificar o desejo que tem de observar como outro homem me toca? —Olhou-o enquanto franzia o cenho, lutando contra a luxúria que a traía, contra o desejo que o mero pensamento lhe trazia. Efetivamente, podia fantasiar sobre isso com outras mulheres, mas isso não trocava o fato de que ele queria compartilhá-la e a amasse ao mesmo tempo.

Ele ficou calado um comprido momento e Sarah se forçou a não expulsar um grito sufocado de protesto ao ver seus olhos obscurecidos pela agonia. A dor era tão profunda, tão crua, que quis gritar. Ele trágico com dificuldade e olhou além dela enquanto tomava uma respiração profunda.

—Como pode justificar o completo silêncio? —Ela retrocedeu ante o irritante tom de sua voz quando lhe deu as costas, mas não pôde entendê-lo até que continuou—. Como pode explicar que a única vez que te permitiu ver seu irmão era quando compartilhava um prato de arroz ou um copo de água do mesmo copo ou prato? Que para salvar a seu irmão, obrigassem-lhe a deixar seu orgulho de lado, seu auto respeito e sua própria masculinidade?

Seu corpo ficou rígido. Ele baixou a cabeça e a olhou fixamente com a raiva brilhando em seus olhos. Seus punhos estavam apertados pela agonia das lembranças que buliam em sua alma.

—O que está dizendo? —Ela lançou um grito apagado de horror quando as palavras penetraram sua mente.

—Essa foi a forma em que nos treinaram —sorriu com desprezo, sua voz era áspera, tão agônica que ela queria gritar para detê-lo — Nós enviaram em nossa juventude a casa de um amigo de nossos pais. Para treinar, isso disse meu pai. Obrigaram-nos a compartilhá-lo tudo e a permanecer sempre em silêncio. Nosso jantar, o copo aonde bebíamos, o garfo com o que comíamos e nossos corpos. Se não fazíamos o que nos pedia, então algum de nós era castigado. Nunca escolhia o que se negou, a não ser o mais inocente, ao mais débil. Ao que já tivesse sofrido muito. Não nos permitiam falar entre nós, fomos vigiados constantemente. Obrigava-nos a nos ferir, Sarah, estávamos sendo treinados para nos odiar.

Sarah retrocedeu ante a fúria e a dor indescritível de sua expressão. Esta vez não havia vergonha, nem o sentimento de estar fazendo algo mal, só aceitação e uma dolorosa fúria mesclada com a dele. Querido Deus, podia ver a dor irradiando de seu corpo, de seu coração. Olhou-a fixamente, tão tenso, tão precavido. Esperando outro golpe. Outro desgosto. Podia vê-lo em sua cara, em seus olhos atormentados.

—Não siga, Brock. —Não podia suportá-lo. Não podia humilhá-lo, só para rechaçá-lo depois. Não o faria, não

podia lhe dar o que queria.

—Juramos que não permitiríamos que nos fizesse nos odiar. Assim compartilhamos tudo de boa vontade, tudo, não importava o quanto zangado que ficava esse bastardo. Quando ele sustentava o látego contra as costas do Sam, Cade e eu nos tocávamos, nos fodíamos, não nos importava quanto o odiássemos. Então fizemos o mesmo com o Sam, sabendo que era a única maneira de sobreviver. Sabendo que o amor que nos tínhamos era suficiente para suportá-lo. Mas isso nos feriu Sarah. Marcou-nos por toda a vida. Quando conseguimos sair dali, não sentíamos afeto devido ao fechamento ao que tínhamos sido submetidos. Apesar de tudo, tinha conseguido extirpar o de nós. Estávamos sozinhos em nosso interior e isso nos estava matando lentamente.

—Por favor, Brock. —Seu estômago estava apertado, náusea se construía dentro dela ao pensar em tanto dor, nesse terrível abuso.

—Durante muito tempo, nós nem sequer mantivemos relações sexuais —continuou como se não a tivesse escutado—. Então Cade trouxe uma mulher a casa. A uma prostituta e nos disse que isso nos ajudaria a resolver o problema. Começamos a foder muito jovens. Ele sozinho tinha vinte anos e Sam e eu dezoito. Mas quando começamos a tocá-la, a compartilhá-la, pudemos fazê-lo de novo, Sarah. Outra vez estávamos perto um do outro. Sem medo, sem temor, sem vergonha, estávamos juntos outra vez. Sobrevivemos, fodemos juntos a uma mulher e a desfrutávamos, isso fez que fôssemos irmãos de novo. Não posso entendê-lo. Não lhe posso explicar isso Mas isso é algo que tivemos que fazer para poder sobreviver.

Não, isso não tinha sentido. Deveriam ser homens retorcidos e refugos, em seu lugar eram homens sexuais, sorridentes, produtivos. Sarah agitou a cabeça. Não tinha sentido, mas entendeu.

—Não posso... —agitou a cabeça.

—Sarah, desejo-te e não só para umas poucas noites. —Pô-lhe as mãos nos ombros, e seus olhos se encontraram com os dela refletidos no cristal do espelho—. Eu não posso te deixar ir.

Ela tremeu sob seu toque.

—Isto é mal —sussurrou—. Se amas a alguém não o compartilha.

—Sei que é duro para ti —disse brandamente com os olhos incrivelmente tristes—. E não te culpo, neném, por nada. Tudo o que te peço agora é que esteja comigo. Só comigo Sarah. Me dê uma oportunidade.

—Uma oportunidade para me convencer? —Sua risada era quase histérica.

Deus, ele sabia. Não podia lhe permitir que soubesse. Se pudesse limpar essas lembranças e a dor em seus olhos, ela foderia com quem ele quisesse e nunca se arrependeria. Como podia alguém ser tão cruel, tão desalmado para torturar a alguém dessa maneira tão terrível.

—Para te seduzir. Para lhe mostrar quão bons podemos fazê-lo, o muito que te necessito. O resto virá a seu tempo. —Esfregou seu queixo contra seu cabelo, deslizando lentamente as mãos por suas costas, apertando-a fortemente.

—Seguirá fodendo com a Marly. —Sabia que o faria. Quis chorar quando viu a confirmação em seus olhos.

—Marly é uma parte de meu irmão. A amo, como certamente o amo a ele. Não posso deixar de fazê-lo, Sarah. Não me peça isso. Se Cade necessitar de mim, se necessitar para acalmar seus demônios, então o farei. Não negarei a isso. Não me fira me pedindo que o faça. —Estava tão vulnerável como nunca tivesse imaginado que poderia está-lo. Não gostou do poder que deu a ela, ou sua incapacidade para usá-lo.

—Que diferença tem com o Mark? —perguntou-lhe, confundida pela óbvia necessidade que tinha dela e do Marly também—. Estas te deitando com outra mulher, Brock. Igual a ele.

—Sou diferente Sarah, porque te ofereço tudo o que sou. Por dentro e por fora —lhe suplicava que o entendesse. Estava em seus olhos, no tom de sua voz—. Não te ofereço só o que eu te posso dar, também meus irmãos lhe darão o amor que sentem por mim. Nosso único objetivo será te cuidar, te querer da mesma forma como o fazemos com o Marly. Só isso Sarah. Isso é tudo. Daremos-lhe tudo o que somos e todo nosso amor.

Sarah queria chorar. Quis colocar a mão em sua alma e tirar dela a solidão, a dor, o tortura que tinha suportado e risada com risadas. Alguma vez se tinha rido, em todos os anos em que se conheceram? Tinha visto alguma vez a risada em seus olhos? Não, tinha visto diversão, como se mofava dele mesmo. Mas nunca o tinha visto sorrir. Nunca o viu desfrutar. Saber o que era a verdadeira alegria?

—E se não poder te dar o que necessita, Brock? —Questionou-o desesperadamente, agonizante. Fantasias

era uma coisa. A realidade era outra—. O que te faz pensar que eu possa te compartilhar e deixar que você me compartilhe?

—Porque tem curiosidade, estava excitada —a acusou, embora sua voz era gentil, pormenorizada—. É por isso que fugiu faz seis anos Sarah. Isso foi o que te assustou tão malditamente. Sam me disse que estava ali. Que o tinha visto. Que teve medo de desejá-lo, por isso correu para te casar com o Tate, para escapar disso.

—Não! —Ele estava mentindo. Ela não o fez. Ou sim?

Sarah se separou dele, precisando manter a distância para não perceber a vibração das necessidades, a excitação e o desejo que emanavam de seu corpo.

—Fez Sarah. —Encurralou-a lentamente no quarto—. Minta se quiser. Não te culpo. O que te estou pedindo tem que ser muito difícil para uma mulher. Mas não minta a ti mesma. Não agora. Não depois de todo este tempo. Pensar nisso te excita. Como a mim. Admite-o.

—te cale. —Agitou a cabeça desesperadamente, ignorando a dor entre suas coxas e a súplica que escutava em sua voz—. Isso não é o que quero.

Ele a estreitou entre seus braços, seu corpo a apertou firmemente, enquanto pulsava de desejo e pressionava sua ereção contra seu estômago, logo jogou sua cabeça para trás.

—Não é o que quer? —grunhiu, e pôs a boca em seu pescoço, seus dentes a raspavam com rudeza fazendo que seu corpo se estremecesse de desejo— Poderíamos te seduzir Sarah. Ninguém te forçaria, nenhum te pediria mais do que pode dar.

—Não o farei. —Sua voz era débil e seu corpo se derreteu contra ele, enquanto a explorava com suas mãos debaixo da roupa, arrastando-a para seu corpo, pressionando seu entre as pernas contra sua excitação quando se apertava contra ela.

—Então não te forçarei. —Agitou a cabeça, olhando-a fixamente, com os olhos doloridos pela tristeza e a ternura. Estava excitado por ela, desejava-a. Tratava de tranquilizá-la—. Mas tampouco posso deixar ir, Sarah. Não posso. Não o entende, neném? Você está entre a escuridão e eu. Sempre o estiveste. Seu sabor, seu toque. Tudo. vivi por isso durante seis anos. E não posso me controlar agora.

Sua pele estava muito sensível, seu corpo muito excitado. Quando seus lábios tomaram os dela e guiou suas mãos à frente de seu jeans, não pôs nenhuma resistência. Estava tremendo por dentro, uma fúria de desejo se desatou em seu sistema, voltando-se louca por ele. Louca por te-lo enterrado duro e profundo dentro dela. Suas mãos soltaram o botão de metal, logo baixou as calças e arrastou sua roupa íntima com eles, ficou de joelhos enquanto a fome a invadia.

Queria ter seu pênis dentro de sua boca. Queria prová-lo, limpo e duro, a necessidade que ele tinha dela aumentava o batimento do coração de sua carne. Estava desesperada por prová-lo, faminta dos duros jorros de sêmen com que a premiaria por suas carícias.

—Merda. —Seu gemido áspero seguiu a comprida lambida da língua dela sobre a cabeça torcida de seu pênis

As mãos lhe apertaram o cabelo, enquanto lhe empurrava a longitude de sua ereção na boca. Sarah envolveu sua mão na base de seu pênis tanto como seus dedos o permitiam. Ainda ficava uma quantidade impressionante de carne que não podia abranger. Com uma mão fixada em seu quadril, olhou-o fixamente aos olhos magnetizados pela necessidade demoníaca refletida neles. Lambeu-o outra vez, lentamente, sua língua girava em torno da ponta densamente ardente de sua pulsante carne.

Ele grunhiu. O som retumbou em seu peito enquanto apertava os dentes, sua mandíbula apertada para controlar o desejo raivoso que os consumia.

Sarah abriu sua boca e olhou seus olhos, gemendo devagar, muito devagar apanhou a cabeça quente de seu pênis no calor úmido de sua boca. Os quadris dele se arquearam enquanto seu peito subia e baixava desesperadamente, sua respiração era visível na tênue luz do quarto enquanto, muito devagar, permitiu que a dura longitude de seu pênis se afundasse em sua boca.

—Sarah —sua voz era áspera e exigente.

Tirou a camisa bruscamente. Os botões voaram e seus músculos ondebaram quando encolheu os ombros e suas mãos retornaram a seu cabelo agrupando com seus dedos as mechas, movendo seus quadris em curtos e controlados impulsos contra seus lábios.

Encheu-lhe a boca, estirando seus lábios com o pênis que pulsava contra sua língua. Tinha sabor de calor masculino e há um pouco de almíscar, paixão ardente e desejo lhe esmaguem e ela o amava. Lambeu a parte inferior de seu pênis, e o escutou gemer, olhando como seus olhos se giravam sexualmente enquanto ela se movia de um lado a outro, permitindo que o fodesse nas profundidades de sua boca e lhe chupava lentamente a ponta. Nunca tinha feito isto antes, negava-se a permitir que a instável carne do Mark penetrasse sua boca. Mas queria devorar a Brock. Queria conservar seu dura pênis sempre contra sua língua. E ao mesmo tempo queria chupá-lo até que escutasse seu grito áspero de rendição e sentisse os jorros cremosos de sua semente na boca, enquanto os disparava para sua garganta.

—Aí, neném —ele sussurrou quando sua língua lhe acariciava debaixo da cabeça de seu membro—. Segue assim, neném, lambe-o. Deixa que sua língua o esfregue realmente bem.

Aplanou sua língua, mantendo firme a sucção de sua boca, enquanto ele descobria os dentes em uma careta de cru prazer. Ela manteve os olhos fixos diretamente nos seus, tornando-se para trás, vendo como seus olhos ardiam quando pôs a ponta de seu pênis em sua língua, para depois muito devagar tragar toda a longitude que sua boca lhe permitia. Em todo momento manteve sua língua na parte inferior, esfregando-o, varrendo a área sensível que parecia lhe dar tanto prazer.

—OH, sim, Sarah —grunhiu com um tom áspero e baixo—. Assim, neném, faz me sentir realmente bem. É tão condenadamente bom, neném.

Sua voz era como um afrodisíaco que se estendia por todo seu corpo, molhando a carne entre suas coxas, fazendo-a arder com o desejo de lhe dar agrado.

O fez primeiro lento e suave, logo rápido e duro, causando que seu peito doesse para conseguir ar, fazendo que suas mãos lhe apertassem tanto o cabelo até que gemeu pelo sensual puxão de prazer que lhe causou.

—Você gosta disso? —Ele logo que podia respirar quando sussurrava essas palavras enquanto atirava brandamente de seu cabelo.

Sarah logo que podia manter seus olhos abertos já que os estalos afiados de prazer eram muito intensos.

—Sim, você gosta disso não é assim bebê? —Seu sorriso era forçado enquanto empurrava contra sua boca, suas mãos atiravam de seu cabelo brandamente, atraindo sua cabeça para ele, penetrando com seu pênis quase até sua garganta antes de tornar-se para trás.

Sarah se estava queimando viva. Podia sentir como a necessidade molhava e acendia suas coxas e temperava seus peitos. Estava vazia, torturada pela dor de seu corpo e o desejo cansativo que a punha louca por sentir os jorros de seu sêmen dentro de sua boca. Necessitava-o. Queria saboreá-lo tanto que se sentia faminta por ele. Ao mesmo tempo, os puxões afiados de seu cabelo, algo que antes tinha encontrado tão doloroso, tinha ao ponto de gozar por essas sensações proibidas.

—me chupe mais forte, Sarah. —Sussurrou-lhe profundamente, suas mãos agarravam mais forte seu cabelo, tratando de aproximá-la mais, soltando-a e aproximando-a de novo, ao tempo que o tamanho de seu pênis parecia crescer, pulsando quente dentro de sua boca—. Forte, neném. me chupe mais forte.

Apertou sua boca ao redor dele, gemendo quando atirava de seu cabelo mais duro e seus quadris empurravam para trás e para diante, penetrando sua boca com empurrões mais rápidos e duros.

—Merda. Vou gozar em sua boca, Sarah. Tem que te deter se não é o que quer. —Os empurrões aumentaram. Curtos. Duros. Tão profundos como as mãos que agarravam seu pênis lhe permitiam—. Deus. Maldição, neném. Vou gozar.

Uma vez, duas vezes, empurrou com mais força, então gemeu, baixo e duro quando Sarah sentiu que sua ereção se apertava, dando puxões, logo os ferozes jorros de seu cremoso sêmen começaram a invadir sua boca, fluindo por sua garganta, lutando por tragar cada erótica gota da quente semente que ele brotava nela.

Ela abriu a boca, gemendo ao redor de sua carne lhe jorrem enquanto as mãos dele atiravam de seu cabelo, liberava-o e o apertava como um gato escavando com suas garras de prazer seu couro cabeludo. A sensação era tão excitante que ela estava ao bordo de correr-se.

—Condenada. —Sua voz soou áspera quando a levantou do chão e a empurrou para o sofá para ficar sobre ela—. Você gostou, Sarah? A dor te fez sentir bem, neném? Ficou mais quente?

Sarah agitou a cabeça, querendo negar sua afirmação, mas foi incapaz quando ele apartou suas coxas e se

ajoelhou entre eles para olhá-la ali fixamente.

—me diga o que você gosta Sarah. Sem mentiras, neném. Não vou permitir que minta sobre isso. —inclinou-se sobre ela, com os lábios muito perto dos seus, como a desafiando a negar—. Me Diga que você gostou.

—Sim —sussurrou, enquanto lhe apertava com as mãos seus antebraços, seus quadris se arqueavam necessitando-o desesperadamente, enquanto sentia seu ainda duro pênis beijando suas molhados dobras—. Eu gostei Brock. Eu gostei. Por favor.

—Por favor, o que? —Apertou os quadris contra as suas, com sua ereção alojada nas dobras abertas que se derretiam por retê-lo—. Por favor o que, Sarah?

—Por favor, foda-me —lhe rogou desesperadamente, lutando por tomá-lo, furiosa de que se mantivera afastado, lhe negando a percepção de senti-lo dentro dela.

—Isso é tudo o que quer, Sarah? —Penetrou a firme abertura, igual aquela noite que faz tanto tempo, só a ponta de seu membro a penetrava—. Como o quer neném? Lento e suave. —Empurrou nela, separando sua carne lentamente, centímetro por centímetro, retirando-se depois da mesma forma insuportável—. Ou duro e rápido?

Sarah gritou. Seu corpo se arqueou e seus músculos tremeram quando ele empurrou duramente, enterrando toda a longitude de seu pênis, em sua carne ofegante e desesperada. Não podia controlá-lo. Não podia deixar de apertar, com seus músculos rasgando-a com um prazer que esteve a ponto de destruí-la. Gozou, explorando fortemente, gritando seu nome quando ele começou a bombear duro e rápido, fechando de repente sua carne quase brutalmente quando o mantinha apertado em seu interior. Fundiu, seus sucos fluíram enquanto sua vagina ondeava ao redor de sua carne até que seus próprios gemidos se uniram aos seus, seu sêmen alagou seu apertado canal quando lhe deu uma dura estocada a seu corpo e gozou com um grito de prazer masculino.

Derrubou-se sobre ela, arrastando o ar a seus pulmões como se privou dele muito tempo, então se virou e ficou de costas e pôs a Sarah em cima dele. Como uma manta humana suarenta, permaneceu sobre ele frouxa e exausta, sua cabeça foi sustentada no travesseiro de seu peito enquanto lutava por controlar sua respiração. Nunca havia sentido tal intensidade, esse prazer tão destrutivo. Sentia-se possuída, convertida em uma criatura de necessidade que não lhe importava a humildade, nem se envergonhava por seu desejo. Uma mulher ao bordo da destruição.

Capítulo 13

—por que não quer que fique? — perguntou Brock compridos minutos depois de que lhe pedisse que partisse de noite.

Estirando-se sobre o sofá, nu, seu corpo atrás dela, sustentando-a contra seu amplo peito, Sarah suspirou.

—Tenho que pensar —lhe sussurrou. E o necessitava.

Precisava acostumar-se a si mesmo à decisão que tinha tomado. Não sobre seus irmãos, a não ser sobre ele. Não podia se negar a Brock, e não sabia quanto tempo mais poderia resistir contra o que ele necessitava. A única pergunta era se poderia ela perdoar a si mesma.

Voltou à vista atrás para seu amante, os olhos fechados, a expressão reflexiva sobre seu rosto enquanto ele considerava sua petição.

—Poderei retornar? —Podia ouvir sua determinação de não deixá-la se ela respondia negativamente.

Sarah respirou profundamente, voltando seus olhos ao teto e o estudou como se pensasse que tinha as respostas a todas suas perguntas.

—Sim, em um dia ou dois —lhe sussurrou—. Não posso te rechaçar nunca mais, Brock, mas só você. Preciso tempo para pensar. Preciso entender o que estou fazendo aqui.

Sentiu seu corpo esticar-se, ele moveu o braço e sua mão lhe embalou um seio.

—Você não pode decidir isto enquanto vou amanhã? —perguntou-lhe brandamente— Sairei pela manhã, Sarah. Voltarei de noite.

Não estava rogando, simplesmente indicando outra alternativa. Ela sacudiu a cabeça.

—Está pedindo muito de mim, Brock, é muito pedir isto? —interrogou-o, mantendo sua voz tranqüila e razoável.

Uma parte dela se acalmou. Como se as anteriores revelações do Brock tivessem tranqüilizado o agonizante impulso de traição que lhe queimava no coração. Não entendia mas o necessitava. Precisava pensar sobre isto. Precisava estar segura deste próximo passo em sua vida. Precisava ter a certeza de que poderia dirigir a paixão e a dor que Brock levaria com ele.

Ele suspirou profundamente.

—Ódio dormir sem você, Sarah —revelou com cansada paciência masculina.

Ela sacudiu a cabeça. Dê sexo a um homem e pensará que é bom e que é um menino maior do que era quando começou. Ou ao menos mais determinado.

—É um menino grande, Brock, pode dirigi-lo. —Sorriu—. Só por uma noite ou dois.

—Uma noite —regateou—. Isso é tudo o que posso dirigir, Sarah.

Examinou-o enquanto ele abria os olhos, estirando-se, movendo esse comprido e musculoso corpo até que esteve inclinado sobre ela, olhando-a obstinadamente.

Sarah girou os olhos.

— te chamarei quando estiver pronta —lhe disse com firmeza — é minha última palavra.

—Então melhor que abra sua boca e diga outra —lhe assegurou brandamente—. Não vou permanecer afastado de você por uma indeterminável quantidade de tempo. Não vou gastar todo este tempo tentando superar esse irritável orgulho teu outra vez. A próxima vez Sarah, só livrarei de suas malditas roupas e tomarei. Não te darei a oportunidade.

—Deu-me uma oportunidade esta vez? —A brincadeira se acumulava potente em sua voz—. Porque, Brock, nunca me dava conta. Possivelmente carecia de um pouco de sutileza. Eu trabalharia nisso se fosse você.

Não levantou sua voz, não discutia, não demandava, mas sabia que seu tom foi captado quando seus olhos flamejaram de luxúria. O que era isto? Desafiava ao homem e em lugar de zangar-se, ele se esquentava. Não tinha sentido. Ao menos não para Sarah. Mas ela sentia que seu membro aumentava, larga e dura em sua coxa, seu calor tentando-a a incitá-lo dentro dela uma última vez.

—vou trabalhar em algo bom mas não será absolutamente pouco sutil —lhe advertiu—. Quando retornar, Sarah, vou trabalhar em ampliar seus horizontes um pouco.

Sarah trágou nervosamente.

—Meus horizontes estão bastante ampliados para se adaptar a mim, Brock —protestou cuidadosamente.

—Muito fodidamente mau. —Empurrou-a sobre seu corpo, acomodando-se ele mesmo nas almofadas enquanto dispunha suas coxas para montá-lo intimamente escarranchado.

Sarah ofegou.

—Não me diga que nunca tem feito isto. —Seu olhar era puramente sexy.

—Bom, Mark e eu nunca experimentamos muito —tragou saliva—. Assim, não. Diretamente ao missionário. Isso era suficiente.

—Alguma vez comeu essa doce vagina? —perguntou-lhe, sua voz profunda e rouca—. Alguma vez lambeu o mel de entre suas coxas?

OH infernos, estava em algum profundo problema aqui. Sacudiu a cabeça.

—Não. Só você. Ninguém mais.

O princípio de um sorriso se formou em seus lábios. Pela primeira vez desde que o tinha conhecido, Sarah viu um rastro de alegria refletida em seu rosto.

—OH Sarah, tem muito que aprender —ele prometeu—. O que acontece com o vibrador? Certamente que já usou um.

Ela sacudiu a cabeça, seu rosto flamejava, logo ofegou enquanto a levantava, alojando a cabeça de seu pênis entre os quentes lábios de sua vagina faminta.

—Nada de vibrador né? —perguntou, pensando, embora sua voz era rouca e tensa enquanto se deslizava lentamente nela—. Te conseguirei um.

—Está bem. —Ela respirou com força—. Quem necessita um contigo ao redor?

—Eu —grunhiu, suas mãos agarrando seus quadris enquanto a enchia, cravando-se contra ela—. Quero te ensinar a utilizá-lo. Olhar você se fodendo com ele.

Sarah se queixou, seu ventre contraindo-se quase dolorosamente com as eróticas palavras.

—Isso é tão pervertido, Brock. —Estava emocionada, excitando-se com o pensamento.

—Tanto prazer, Sarah —lhe prometeu—. Olharei-te, direi-te como, te permitindo encontrar as maneiras de agradar a você mesma.

A cabeça dela se sacudiu, seus quadris se moviam a sacudidas enquanto lutava para montá-lo mais duro. Sujeitou-a quieta, as mãos em seus quadris mantendo-a unida a ele.

—Como poderia isso ser melhor... —ofegou— quer isto?

Apertou os músculos ao redor dele, escutando-o gemer de agrado com o pequeno movimento.

—É um prazer diferente —lhe prometeu, olhando-a por baixo de suas pesadas pálpebras, seus olhos brilhando com uma promessa sexual—. Eu prometo isso, neném, você adorará.

Suas mãos se afrouxaram em seus quadris, suas coxas se esticaram enquanto a jogava para ele, logo se empurrou nela. Sarah perdeu o fôlego. Suas mãos se asseguraram no peito dele, sua cabeça se sacudindo em uma agonia de necessidade e ardentes sensações.

—me monte, Sarah. Assim. —Ele se imobilizou, as mãos se transladaram a seus quadris uma vez mais, lhe ensinando como.

Ela levantou os quadris, sentindo o deslizar do sedoso aço encerrado ao longo das paredes de sua vagina. Parou-a a uns centímetros da retirada total.

—Agora, baixa você mesma lentamente —sussurrou—. Monte-Me assim, Sarah, lento e fácil até que te faça uma idéia disto.

Uma idéia disto? A sensação disto a estava matando lentamente. Ela subia em lentos graus, seu fôlego empurrando por sua garganta ante a forçada diminuição no ritmo que tanto amava. Queria-o cravando-se em seu interior, arrojando-a para o clímax. Isto era muito, muitas sensações desdobrando-se através de seu corpo. O lento e constante estocada enquanto ela mesma baixava seu corpo sacudindo sua cabeça, queixando entrecortadamente.

Sentiu o lento apertar de seu grosso pau estendendo-a, enchendo-a. A cabeça arredondada flamejava, empurrando ao passar pelo sensível tecido. Deslizava lento e fácil através da lubrificação natural de seu corpo até alojar-se, apertado e duro em seu ventre. Ali, pulsava contra a sensível carne que ela desejava gritar pelo prazer.

—OH, Sarah —seu gemido soava assombrado.

Ela abriu os olhos, olhando abaixo para ele. Sua cara estava avermelhada, seus olhos brilhando com emoção. Tanta emoção. Tão intensa, tão cheia de... adoração? Que fez que seu coração se apertasse. Fazia realmente ela isto para ele? O colocando tão selvagem para construir a explosão como ela ficava?

—Você gosta disto? —Estava surpreendida. Mais que surpreendida, em realidade.

Levantou-se sobre ele uma vez mais, olhando-o fazer uma careta enquanto sua carne se apoderava dele, amamentando seu tirante pau.

—Não, neném. Eu não gosto disto. Adoro a fodida tortura disto. —Seus dentes estavam duramente apertados, os músculos de seu pescoço e ombros inchados enquanto brigava pelo controle—. Está me matando de prazer, e te prometo, que sou um maldito sacrifício voluntário.

Sua voz era tensa, ofegante.

Baixou-se de novo a si mesmo, um lamento entusiasta de insuportável sensação teve suas unhas se cravando nos duros músculos de seu peito. As mãos dele flexionadas sobre seus quadris, suas coxas tensas, elevados, conduzindo seu carne mais profundamente, mais duro em seu interior.

— Sarah, neném —ofegou—. Encontra esse fodido ritmo logo, doce, antes que mate a ambos.

Ela baixou as pálpebras, lutando contra a necessidade de montá-lo duramente agora. Os lábios separados.

—Você não gosta disto? —perguntou-lhe, em voz baixa, assombrando-se enquanto o olhava.

—Infernos, não —grunhiu ele—. OH merda, Sarah.

Ela balançou seus quadris em cima dele, movendo-se languidamente enquanto se retorcia sobre a grossa

intrusão de seu pênis .

Seu estômago se apertou, seu ventre vibrava com os estremecimentos de um iminente orgasmo.

—Está seguro que você não gosta? —ofegou, levantando-se outra vez.

Não lhe deu a oportunidade de atormentá-lo mais. Com uma sacudida de seus quadris, um rápido movimento de suas mãos nas suas, conduziu o corpo dela sobre o seu, seu pênis como um aríete, sacudindo-a com tão concentrada e paralisante intensidade de prazer que ela explodiu no minuto em que golpeou o fundo de sua palpitante vagina.

Gritou, sacudiu-se e começou a empurrar contra ele grosseiramente enquanto sentia seu pênis explodir, cuspidando sua semente profundo, profundo dentro de seu corpo, alagando-a com a quente liberação enquanto seus braços se envolviam ao redor dela, arrastando-a a seu palpitante peito.

—Deus, Sarah. —Sua voz era tormentosa, a emoção se estendia através dela enquanto seus braços se contraíam ao redor de seu corpo.

O corpo dela continuou tremendo, estremecendo-se. Pequenas explosões estremecendo-se através dela, enquanto agora lutava por um pouco de controle. Era a mais sensual e erótica experiência de sua vida. Estava ainda ofegando por respirar, ainda desfrutando dos pequenos e brutais batimentos do coração de orgasmos.

Minutos, hora, dias depois, lhe moveu o corpo e lhe permitiu parar junto a ele uma vez mais.

—Deixe ficar e permitirei montar de novo meu pênis a primeira hora da manhã —negociou com um suspiro dormitado.

—Se vista, vaqueiro. —Bocejou, dobrando a cabeça mais confortavelmente contra as almofadas do sofá—. Esteja fora daqui até que eu pessoalmente te chame e te peça que retorne.

Ele suspirou profundamente.

—Sarah, te esqueça de chamar e te surrarei o traseiro quando estiver nua de novo —ele prometeu, sua ameaça seguida por uma lenta carícia sobre suas arredondadas nádegas.

—Prometo. Te chamarei, Brock. —Sorriu-lhe prazerosamente—. Agora vai para casa.

Grunhiu mal-humorada e rodou até que pôde encontrar uma posição sentada.

—Nunca vi nada similar, Sarah. Me jogar na rua desta maneira. —Enganchou suas calças do chão e começou a arrastá-los sobre suas pernas.

Sarah se sentou no sofá, empurrando o cobertor do respaldo e envolvendo-o ao redor de seus ombros. Brock se vestiu em silêncio, sua expressão tranqüila agora, pensativa. Quando teve a camisa abotoada sobre seu amplo peito, girou para ela, olhando-a com seus sombrios e olhos escuros.

—vai estar bem? —Tocou-lhe a bochecha brandamente—. Não se preocupe mais das coisas do passado, Sarah —sussurrou sobre seus abusos—.Acabou.

Sarah respirou profundamente.

—Não estará acabado até que possa viver com isso com normalidade, Brock —ela disse em voz baixa—. Até então, o bastardo terá ganho. Porque ele te roubou isso.

Brock se encolheu de ombros.

—Sobrevivemos. Estamos cordatos. Ele está morto. Isso conta como ganhar para mim.

Ficou de pé, logo a empurro atrás dele.

—Vá à cama. Eu fecharei enquanto vou. —Assinalou para as escadas—. Não espere muito para me chamar, Sarah. Minha paciência não está em seu melhor momento nestes dias.

Ela sorriu. Ficando nas pontas dos pés, beijou seus inchados lábios com um suave movimento.

—Vá a casa, Brock. Chamarei você logo. —Suas mãos estiraram o coberto e se moveu para as escadas.

Estava quase em sua habitação quando o escutou sair. Ele fechou a porta consistentemente e uns minutos depois escutou seu jipe arrancar e sair pelo meio-fio. Sacudiu a cabeça, baixou-a, e se dirigiu a sua habitação.

Capítulo 14

Estava ainda escuro quando Sarah despertou aturdida, sem estar segura sobre o que a tinha perturbado. Piscou, olhando confusa o teto quando o voltou a ouvir. A escada estava rangendo. Passos lentos, cadenciosos, mas o rangido da madeira na silenciosa casa era facilmente audível.

Seu coração deu um salto em seu peito, quase estrangulando-a pelo medo. Brock? Tentaria penetrar em sua cama depois de que lhe havia pedido que a deixasse? Para lhe dar tempo para pensar? Este não parecia ser seu estilo. Era mas bem dos que esmurrariam a porta, exigindo que o deixasse entrar. Que fora ela quem tinha vontade de lhe permitir entrar. Não tentaria aproximar sigilosamente enquanto estava dormindo. Indefesa.

Não era Mark. Conhecia o som dele subindo sigilosamente as escadas. Tinha vivido com isso durante anos. Tragou saliva, quase se afogando no medo quando rangeram outra vez.

Deslizou-se silenciosamente fora da cama, agarrou o telefone sem fio do suporte e engatinhou através do quarto. Marcou o nove, um, um rapidamente, sabendo que a chamada iria diretamente ao escritório do xerife.

—Xerife —respondeu ao telefone Joshua Martínez ao primeiro tom.

Levou-lhe uns segundos compridos poder falar. O pânico que fluía em seu peito, fez que seu estômago fervesse de medo. Estava tremendo, nua e lutava por manter-se controlada.

—Joshua, sou Sarah. Sarah Tate —sua voz tremeu. Outro degrau rangeu. Perto da parte alta.

—Sarah. Está bem? —Joshua ficou instantaneamente alerta com voz acalmada e precisa.

—Necessito você aqui, há alguém na casa. —Seus dentes estavam a um passo de tocar castanholas quando ouviu coroar o último degrau —. Depressa. Depressa.

—Sarah, estou a caminho. Permanece na linha, aqui, com a Mary. —Ouviu como ele passava o telefone e a agitação de pés. Escutou um passo fora da porta do dormitório.

—Sarah, carinho, dê ao Josh cinco minutos. Ele estará aí mesmo. Sabe quem é o que está ali, Sarah? Sarah, me fale carinho. Ainda vai tudo bem?

Sarah não podia falar. Os passos se detiveram fora de sua porta. Agarrando o telefone contra seu estômago, deslizou-se através do chão, deslizando-se rapidamente sob sua cama quando a porta começou a abrir-se pouco a pouco. Não poderia respirar. Logo que podia ouvir a voz frenética da Mary que gritava através do telefone pressionado contra seu peito. Viu claramente as sapatilhas de esporte negras que entraram no quarto. Ouviu sirene na distância, e soube que Joshua vinha. E se não chegava a tempo?

—Sarah, está aqui. —A voz era mecânica, distorcido—. Sai, sai, cretina, de qualquer lugar que esteja.

Não podia respirar. Aterrorizada que ele pudesse ouvir seu coração palpitando em seu peito, ameaçando asfixiando-a, aterrorizada. Tremeu com temor; dando-se conta com impotência de que estava totalmente a mercê de um desconhecido até que o xerife chegasse. Um estranho que pretendia lhe fazer mal. Podia sentir a doente premonição do perigo no fundo do estômago, o fedor de seu próprio medo. Sua mão cobriu sua boca enquanto combatia contra os gritos que se erigiam em seu peito Meu Deus, por que não tinha permitido ao Brock que ficasse com ela?

—Sarah, vou te encontrar. —Ele não se moveu da porta mas sua voz a envolveu com sinistros fios de malícia—. Venha sai, puta, me deixe ver o novo brinquedo dos meninos August. —A voz soava suave, divertida e ainda assim cheia de ódio.

Pronunciou o nome do August como se fora uma maldição. Uma palavra vil, manchada que teve que forçar além de seus lábios. Os tremores de terror sacudiram o corpo dela. Apertou com força os dentes para impedir que tocassem castanholas, fechou os olhos com força enquanto lutava contra a realidade deste perigo.

—Venha, puta. Sei que ele te fodeu. Me deixe te ensinar o que um homem pode fazer — ouviu Sarah mofar-se com um grunhido de obsessiva repugnância em sua voz.

As sirenes estavam aproximando. Josh chegaria logo, assegurou ela mesma lutando contra os gritos que brotavam de sua garganta. Só uns quantos minutos mais, isso era tudo.

—Putá, chamou os policiais para mim? —Agora a fúria enchia sua voz ao tempo que os sons começavam a

encher a noite—. Aposto que o fez, sim? Isso está bem, puta. Pagará também por isso se prepare, puta. Para morrer.

Ela gritou quando os tiros estalaram pelo quarto, as vibrações na cama e a risada maníaca quando os pés golpeavam baixando ao vestibulo e saindo de sua vista. O telefone caiu ao chão quando sentiu uma dor ardente através da parte superior do ombro, sentiu que o medo explodia em sua cabeça como a dinamite. Impulsionou-se para sair de debaixo da cama arrastando a colcha da cama ao redor de seu corpo. Tremia com tal força que não podia manter-se em pé, só podia deslizar-se em movimentos espasmódicos até a porta aberta, escondeu-se atrás desta rapidamente, sua mão se apertava com força sobre sua boca enquanto lutava contra seus gritos histéricos. O ruído da sirene estava no pátio, em sua cabeça. Vozes excitadas, maldições e o som de disparos ressonavam ao redor da casa.

Apressou-se aproximando mais à esquina, agarrando o ombro perguntava por que lhe doía tanto. Estava fria. Ou estava quente? Sabia que era um fato que estava ao bordo da histeria.

—Brock. —Seu próprio gemido a impressionou. A necessidade dele a aterrorizou. Não se sentiria segura de novo até que Brock a encontrasse.

* * * * *

O timbre do telefone tirou o Brock de um sonho agitado, outorgando ira à grunhida maldição que escapou de sua garganta. Diabos, logo que tinha fechado os olhos e já estava o maldito telefone soando?

—O que? —levou-se o telefone à orelha, comprovando as agulhas do relógio meio dormido.

—Brock August —requereu a voz do oficial com firmeza.

—Sim. —Ele franziu o cenho enquanto ouvia vozes elevadas e gritos imperativos.

—Aqui é o Xerife Martínez. Josh. —Ele e Josh tinham sido amigos na escola. Fazia tempo.

Então caiu na conta.

—Sarah? Está bem? —Já estava fora da cama e agarrando seu jeans da cadeira antes que as palavras saíssem de sua boca.

—Demônios não sei. —A frustração debruou a voz do xerife—. Não permite que ninguém a examine. Pegaram-lhe um tiro embora não posso te dizer muito mais. Estamos na casa. Nega-se a que a tratem e está quase histérica. Preciso que venha aqui quanto antes.

—Vou de helicóptero. Posso aterrissar no pátio de atrás. —Não era uma pergunta. Estava a mais de uma hora de distância. Mataria-se antes de chegar ali.

—Eu imaginei —informou Josh—. Só chega aqui. Ela necessita tratamento e está assustada. E não sei se tem alguma outra ferida.

O coração do Brock lhe subiu à garganta.

—O que quer dizer? —perguntou.

—Quero dizer que está vestida com uma colcha que envolveu ao redor do corpo e se nega a permitir que qualquer de nós lhe aproxime. Não sei, tio. Mas ela segue perguntando por ti, assim que te chamei.

—Estarei ali. —Ele desconectou—. Cade! —lançou-se a abrir a porta, gritando o nome de seu irmão enquanto calcava as botas.

Segundos mais tarde tanto Sam como Cade estavam em suas portas.

—Alguém atacou ao Sarah. Vou à cidade. —precipitou-se descendo para o vestibulo.

—Sam, vai pelo jipe já. Marly, se vista. —Cade se voltou para o Marly.

—Vou de helicóptero.

—Então esperará a um de nós. —Cade o agarrou quando foi passar.

—Pensa, Brock. Cinco minutos. Isso é tudo. Sam pode sair no helicóptero contigo e Marly e eu lhes seguiremos no jipe. Não seja tolo.

A expressão do Cade era selvagem, imperativa. Brock sabia que Sarah era sua alma, e ele era consciente de que isso a fazia mais que importante também para seus irmãos. Não tinham nenhuma outra opção, só lutar por protegê-la agora, já que isto a colocaria em seus corações.

—Então vamos —grunhiu ele—. Ande logo Sam, terei o helicóptero preparado.

Ele não queria desperdiçar cinco minutos, mas demônios, sabia que levaria muito tempo ter o helicóptero preparado para voar. Saiu correndo da casa, seu coração palpitava e o medo obstruía sua garganta. Estava ferida. Era tudo no que podia pensar. Tinha que chegar até ela, e tinha que chegar até ela agora.

Capítulo 15

Brock tinha vontades de matar quando a viu. Ela estava acuada na esquina do dormitório, uma maldita colcha a cobria, rodeada por muitos homens que fez que seus instintos de posse se disparassem.

Tinha a cabeça baixa, seu sedoso cabelo cor mel caía a seu redor, desordenado e enredado, manchado de vermelho sobre seu ombro esquerdo.

—Assim é como a encontramos. —Josh ficou de pé detrás do Brock quando entrou no quarto—. Só sacode a cabeça e grita quando tentamos falar com ela, Brock. Temos que averiguar a gravidade de suas feridas.

Brock não fez conta. A fúria, crua e a ponto de estalar percorreu seu corpo e o fez querer gritar de raiva.

—te controle, irmão. O doutor está em caminho. —Sam pôs sua mão sobre o ombro do Brock como advertência—. Cade o estava chamando quando nos partíamos do rancho. Só ajuda a tranquilizar-se.

Brock se encolheu de ombros afastando-se de sua mão.

—Se afastem de meu fodido caminho —grunhiu aos enfermeiros e a vários ajudantes do xerife acorados ao redor dela—. Maldita seja Josh, por que permitiu curvar desta maneira?

Ela elevou a cabeça. Filho da puta, ia matar a alguém. Podia sentir a raiva percorrer seu sistema, esquentando seu sangue. Estava branca como um papel, seus olhos da cor do uísque estavam quase negros pela comoção com círculos escuros estendendo-se baixo eles. Estava ao ponto de um colapso histérico e tudo o que os fodidos idiotas a seu redor podiam fazer era tentar aproximar-se dela.

—Brock? —Enrouquecida pelas lágrimas e o medo, sua voz o destroçou.

—Saíam do meu caminho. —Empurrou a um enfermeiro técnico de emergências, se ajoelhando diante da acuada figura.

—Deus, Sarah, amor —sussurrou desesperadamente, tocando com sua mão a bochecha branca—. Está bem, neném?

—O bastardo me deu um tiro. —Ela tratou de sorrir, mas seus lábios tremeram em violenta oposição à tentativa.

—Isso é tudo? —Suas mãos se dirigiram à colcha sobre seu ombro, retirando o suficiente para ver o denteado arranhão em seu ombro.

Uma ferida superficial. Quis fechar os olhos aliviado. Tinha um ruim aspecto, mas se curaria.

—Isto é tudo —sussurrou ela—. Eu estava debaixo da cama. Disparou à cama. Sabia onde estava. —Agora as lágrimas caíam por suas bochechas.

—Foi Mark, Sarah? —Brock lutou por manter a voz suave enquanto jogava o cabelo para trás para conseguir uma melhor visão da ferida. Ele sabia que se Mark tinha feito isto, não viveria para ver a noite.

—Não —sussurrou ela, seus olhos se moviam rápido pelos impacientes homens de detrás.

O risco de cautela em sua voz fez que ele entrecerrara seus olhos, olhando-a com atenção.

—Quem era, Sarah? —perguntou-lhe brandamente.

—Não sei. —O medo indefeso de sua voz o fazia lutar por conter sua raiva.

—O que é o que sabe, neném? —Ele sabia que Josh e Sam estavam escutando atentamente.

Ela também. Viu-o em sua cara, naquela faísca de nervosismo em seus olhos. Olhou-o suplicante. O que é que queria esconder?

—Sarah? —perguntou ele brandamente—. Tem que me dizer o que aconteceu.

Seu olhar se dirigiu aos homens reunidos ao seu redor, a vergonha e a dor se refletiam em seus olhos.

—Josh, tira esses fodidos homens daqui. —Lançou ao xerife um olhar duro—. Agora.

—Têm que examiná-la, Brock —argumentou Josh—. E necessito uma declaração.

—Evidentemente que não o ouviu o bastante bem, Josh —a voz do Sam era um baixo grunhido de advertência.

Brock jogou uma olhada a seu irmão, vendo a indomável violência que raramente saía à superfície no outro homem. Josh também o viu. O xerife fez uma pausa, estremeceu, depois se voltou para os homens apinhados atrás do Brock.

—Fora, moços, antes que estes dois jeans decidam encher o saco com todos nós. —A frustração raspou sua voz.

—O doutor Bennett chegará em qualquer momento. Quero que suba aqui. Ele a examinará e verá se a tem que levar a hospital. —Sam seguiu dirigindo a atividade atrás do Brock.

—Vamos, neném. Sai do chão. —Brock a moveu com cuidado em seus braços, seu peito se esticou ante o pequeno soluço que escapou dos lábios dela quando a agarrou pelos braços.

—Disparou a minha cama —sussurrou ela com voz desesperada enquanto a levava para esta—. Queria me matar, Brock.

Brock soube que se chegava a averiguar quem lhe tinha feito isto, o homem não viveria nem cinco minutos depois de que conseguisse lhe por as mãos.

—Maldição. Uma cama nova também, carinho. —Tentou manter a ligeireza em sua voz. Procurando evitar a violência nela—. Nem sequer tinha conseguido ainda compartilhá-la contigo.

A colocou no meio enquanto Sam agarrava os travesseiros do chão e as apoiava contra a cabeceira.

—Já está, preciosa. —Colocou-a contra elas, sentando-se a seu lado—. Agora, isto está agradável e tranquilo. Quero que me diga o que aconteceu.

Ela elevou o olhar para ele com uma expressão cheia de infelicidade.

—Acredito que queria fazer dano a você —sussurrou tristemente—. A você e aos seus irmãos, Brock. Como ia fazer mal a seus irmãos me matando?

Porque ela era uma parte dele, como eram eles. Brock sabia por que. Ele tinha aprendido essa lição das mãos de um louco. Escutou com cuidado enquanto lhe contava o que tinha passado com voz rasgada, gaguejando às vezes quando lutava contra a comoção e a dor.

A violência o encheu, rasgou através do controle que mantinha construído cuidadosamente ao redor de suas emoções. Embora, suas mãos eram suaves quando afastavam seu cabelo e sua voz reconfortante, tão tenra como lhe permitiam as confusas emoções que escapavam dele.

—Brock, o doutor está aqui — falou brandamente Sam de pé detrás dele—. Está lá fora. Quer que o faça entrar?

As palavras acabavam de sair de sua boca quando a porta do dormitório se abriu de um empurrão para admitir ao doutor e a sua mais que irritada enfermeira/esposa.

—Sam August, não vai nos deter dessa maneira quando um de nossos pacientes está ferido. —Elizabeth Bennett empurrou abrindo a porta com sua enrugada cara cheia de determinação enquanto seu marido a seguia.

Pequenos e ferozes, seus olhos marrons escuros tão agudos como uma águia registraram onde estava acuada Sarah na cama. Ela era uma excelente enfermeira e uma boa amiga da família August. Brock estava mais que agradecido que tivesse vindo.

—Sinto muito, Beth. —Tragou saliva com dificuldade—. Suponho que não estava pensando.

—Descerebrado. —Sua voz era afetuosa, mas preocupada—. Agora te faça a um lado e nos deixe ao doutor e eu examinar a nossa moça. Não parece que esteja muito bem neste momento.

Brock se afastou, permanecendo perto se por acaso Sarah o necessitasse e observando enquanto o casal começava a fazer o que foram encarregados. Sabia condenadamente bem que Beth e o doutor não tinham visto a Sarah, salvo uma vez, quando entrou para a análise de sangue e a pelos anticoncepcionais. Mas também pôde ver que Sarah tinha deixado uma impressão positiva no casal.

—Cade está chegando agora. —Sam se moveu a seu lado—. A quer preparada para levá-la ao rancho se é que não necessita que a levem para o hospital.

Brock suspirou. Duvidava que ela fosse.

—Verei o que posso fazer. —Ele cruzou os braços sobre seu peito quando Sarah elevou o olhar confuso enquanto Beth atendia seu ombro, lhe perguntando brandamente:

— ele te tocou-, Sarah? —A pergunta da mulher fez que Sarah a olhasse surpreendida.

—Não. Eu estava debaixo da cama —ela respondeu à mulher mais velha, sua voz ainda transmitia a aturdida confusão que Brock sabia transpassava sua cabeça.

—Bem. Então este é nosso único problema? —Beth suspendeu o cabelo de Sarah, inclinando a cabeça quando o doutor se aproximou para tratar a ferida—. Isto não está muito mal, carinho. O doutor pode te curar de tudo isto. Nem sequer necessitará pontos. Só uma linda atadura.

Sarah se estremeceu quando lhe aplicaram o anti-séptico. O doutor trabalhou na ferida brandamente, seus lábios cantarolavam uma suave canção de ninar enquanto limpava e punha um curativo na ferida. Uma canção de ninar? Brock sacudiu a cabeça jogando um olhar ao Sam, que compartilhava sua confusão ante o som. Nunca o teria imaginado. O grande e rude doutor era todo polegares e agulhas quando os tratou.

—Ela está bem. emocionada, mas bem. A ferida é superficial, além de pouco profunda. A bala só a roçou. — O doutor se retirou um bom momento mais tarde—. Quero lhe deixar um sedativo. Tem que descansar, tomar as coisas com calma durante um ou dois dias.

—Pode vir ao rancho. —Brock não tinha sido consciente de que Cade tinha entrado no quarto até que falou com autoridade.

Seu irmão estava de pé com uma preocupada Marly ao seu lado olhando a Sarah com olhos pensativos. Cade estava claramente de saco cheio, isto se evidenciava na calma absoluta de seu corpo e o obscurecimento de seus olhos.

—Não. —A voz do Sarah era firme, nervosa. Sua expressão rebelde—. Não vou ao rancho.

O silêncio encheu o dormitório enquanto todos os olhos se voltaram para ela.

—Sarah, alguém tratou de te matar. —Brock ouviu o batimento do coração de fúria de sua voz, inclusive quando lutava contra isto—. Não está segura aqui.

Não podia tirar de sua mente. As palavras vis, viciosas que o homem lhe havia dito antes de disparar a arma.

—Incrementarei a segurança da casa. Comprarei um cão. Não deixarei minha casa. —A histeria subiu em seu tom.

—Brock, deixa-a em paz. —O doutor franziu o cenho—. Se estiverem tão preocupados, vocês meninos, fique aqui com ela até que esteja mais controlada. Agora não é momento de incomodá-la.

Brock se passou os dedos pelo cabelo bruscamente, a preocupação e o medo crescendo dentro dele.

—Bem —disse cortante—. Falaremos disso manhã.

—Não há nada de que falar —sussurrou Sarah desconsoladamente enquanto o doutor lhe administrava um sedativo, momentos antes que começasse a lhe fazer efeito—. Não sou um brinquedo, Brock. Não irei.

Capítulo 16

Chegou o amanhecer antes que a casa se esvaziasse. Cade e Marly estavam em outra habitação. Sam estava sentado acima nas escadas com café mais que suficiente e um rifle ligeiramente ilegal que Cade havia trazido. O letal AK47 russo estava carregado e esperava por qualquer o suficientemente estúpido para tentar entrar na casa com o Sam de guarda. E estava de saco cheio o bastante cheio para matar. Sarah era da família agora e todos o aceitavam, menos Sarah.

O colchão tinha sido virado e refeito até que se pudesse comprar um novo, Brock jazia perto de Sarah, sustentando-a contra seu peito, com o coração ainda trovejando. Quase a tinha perdido. Algum intento de um maníaco de destruir aos homens August quase a tinha afastado dele. Enterrou a cara em seu cabelo, lutando com a angústia que surgia de sua alma. O que era isso? O duro nó de brutal dor que entupia sua garganta? Como o

aliviava?

Junto com os sedativos, o doutor lhe tinha deixado analgésicos. A ferida de seu ombro não era mau mas estaria dolorida, tinha-lhe assegurado a Brock. Agora estava dormindo comodamente, descansando contra ele. Enquanto seus braços a rodeassem, enquanto seu corpo a protegesse, não voltaria a se assustar.

—Brock. —Sam abriu a porta, sua voz o bastante suave para não despertar se alguém que dormia.

—Entra. —Estava acostumado a que seu irmão soubesse quando não podia dormir, quando os demônios o perseguiam. Era o mesmo para o Brock, também sabia quando Sam estava atormentado.

—Está bem? —Sam se moveu para a cadeira junto à cama, com o rifle agarrado relaxadamente em suas mãos.

—Está dormindo. É o que necessita por agora. —Brock disse suspirando.

—Dillon se apresentou cedo, feito um demônio —suspirou Sam—. Parece acreditar que deveríamos ser capazes de obrigá-la a ir ao rancho.

Havia uma pergunta na voz de seu gêmeo.

—Ela ainda não está preparada, Sam.

—Temos que levá-la ao rancho, Brock. —A voz do Sam era imperativa.

—Não irá. Ainda não. —Brock passou a mão pelo braço dela—. Levará tempo.

—Pode ser que não tenhamos tempo —disse Sam, com voz muito baixa—. E se o bastardo atacar outra vez?

—Então estarei aqui. —A voz do Brock se endureceu. Mataria ao bastardo ele mesmo.

—Terei segurança acrescentada a casa logo que possa conseguir a alguém de fora. Trocar suas fechaduras. —Planejou Sam—. Não será fácil protegê-la tão longe de todos nós.

Um guarda estaria vigiando a casa também, soube Brock. Manteriam-na tão a salvo como fora possível até que a convencessem para ir ao rancho.

—Já veremos —disse Brock brandamente ao final—. Sei o que tenho que fazer, Sam. Só sei que está assustada agora mesmo. Assustada até a medula e não só pelo atacante ou por nós. Está assustada de si mesma.

Tinha visto o terror no dia anterior. A surpreendente excitação, o prazer do bordo da dor que lhe tinha dado a ela. Não o tinha esperado e acrescentava ao crescente desespero por atá-la a ele. Ela conhecia suas necessidades e acendia outras que não tinha nem idéia que tivesse.

Ela se moveu em seus braços, um suave e lastimoso gemido que ele reconheceu claramente saindo de seus lábios. Viu o sorriso de diversão do Sam. Ela moveu as nádegas contra a ereção que estava entre suas coxas. Ele tinha estado duro inclusive desde que engatinhou dentro da cama junto a ela.

—me deixaria olhar? —perguntou Sam roucamente.

Sarah gemeu mais profundamente, agora se esfregando contra Brock, as nádegas apertando seu pênis.

—Ainda não. —Brock apertou os dentes ante as sensações que corriam ao longo da sensível carne.

Ele não podia lhe fazer isso. Não enquanto estivesse inconsciente, reagindo por instinto mais que por sentido comum. Gemeu de novo, se apertando contra ele.

—Merda. Tenho que sair daqui antes que goze de qualquer modo. —Suspirou Sam—. Bastardo com sorte.

Levantou-se da cadeira, deixando a habitação rapidamente enquanto Brock deslizava os dedos para a suave carne coberta de cachos de sua vagina. Ela estava quase inconsciente, não preparada para o que lhe estava pedindo. Mas estava quente, seu mel gotejando por entre suas coxas, encharcando os espessos cachos que cobriam o pequeno montículo.

—Brock —sussurrou seu nome enquanto os dedos se deslizavam na saturada fenda, lhe roçando o clitóris com o mais ligeiro toque enquanto a outra mão se movia entre as pernas, os dedos jogando ali, atormentando a estreita entrada a seu corpo.

Sua cabeça se voltou, os olhos brilhando entre as pálpebras semi fechadas.

—Foda-me —sussurrou, movendo-se contra sua mão, trocando as pernas—. Por favor, Brock. Agora.

—Sarah, está ferida —grunhiu, assombrado de que estivesse acordada. Quando o doutor administrava um sedativo, normalmente o fazia bem.

—Está duro —murmurou entorpecida.

—E você está dolorida e drogada. —Apertou os dentes ante o quente agarre por sua vagina ao redor dos

dedos enquanto lentamente os deslizava dentro.

—Foda-me e logo irei dormir. —moveu-se contra ele de novo, levantando-se com cuidado, orientando seu corpo até que ele tirou os dedos de seu suave calor e lhe agarrou o quadril com os dedos úmidos. Grunhindo por sua necessidade, Brock dirigiu a cabeça de sua ereção a alojar-se entre os sedosos lábios de sua vagina.

—Deus, Sarah —grunhiu enquanto empurrava dentro lento e fácil. Seus músculos interiores o aferraram, atraindo-o, sugando sua carne com tal calor que não sabia quanto poderia agüentar.

Era assim cada vez que tinha seu pênis dentro dela. Como um forno de luxúria, lhe queimando vivo com um calor tão intenso que logo que podia manter o controle. Estava tão malditamente apertada que queria uivar pelo insuportável prazer que crescia do apertão de seu corpo.

—Brock —gemeu seu nome, com os quadris movendo-se languidamente, empurrando contra ele, tomando pouco a pouco, lentamente até que a encheu, sua vara enterrada até o punho dentro dela.

—te relaxe —ofegou, movendo-se contra ela, sustentando seus quadris, sem querer feri-la enquanto empurrava contra ela—. OH, Sarah, é tão bom, neném. Tão quente e apertado. —Seu peito trabalhava para respirar, o estômago lhe esticou na luta para conter o clímax.

Moveu a mão, os dedos pinçando entre seus corpos até que encontrou a escorregadia entrada por volta de seu ânus, coberta pela lubrificação de sua vagina. Seu dedo pressionou brandamente, movendo-se contra ela, deslizando-se dentro até o primeiro nódulo.

Ficou quieta. Ele sentiu seu fôlego que se detinha, a tensão que a enchia.

—relaxe —lhe sussurrou ao ouvido—. Seu corpo já está relaxado, Sarah. Não te doerá absolutamente. —Deslizou o dedo fora, reunindo mais lubrificação logo o deslizou dentro.

O gemido dela foi áspero, com o fôlego ofegante enquanto a vagina se esticava sobre a grossa longitude de seu pênis, o ânus lhe aferrando o dedo com uma dentada quente.

—Você gosta assim? —Seu grito ofegante foi um sussurro na habitação.

—E a você? —Ele empurrou o dedo dentro mais profundamente, flexionando os quadris, cravando o pênis mais duramente em seu interior enquanto tomava até o segundo nódulo.

—Acredito que sim —ofegou ela, com os músculos relaxando-se ao redor do dedo.

—Aí o tem, só te relaxe neném. —Acalmou-a, movendo-se brandamente, facilmente dentro da tenra entrada do corpo dela enquanto seus quadris introduziam seu pênis de um golpe dentro da vagina.

Seus pequenos gemidos ofegantes lhe disseram que estava desejosa, lista para ele. Suas inibições tinham cansado e seus desejos saíam à luz enquanto a introduzia à nova experiência. A vagina apertou seu pênis mais forte enquanto seu dedo se deslizava completamente dentro dela. Pequenos e ligeiros empurrõezinhos do dedo fizeram que a respiração feminina se dificultasse, e a nata se estendesse sobre seu verga enquanto ela se acostumava à nova sensação.

—Quero que consiga um plugue anal —lhe grunhiu ao ouvido—. O levará durante um tempo, diariamente, estirando os músculos até que estejam preparados para aprender a relaxar-se. Quero fode-la aí, Sarah. Quero deslizar meu pênis profundamente em seu interior enquanto lhe fodo com um vibrador. Quero que veja o bem que se sente, neném. Que veja o que posso fazer por ti.

Moveu o dedo, com os quadris empurrando o pênis dentro dela, ganhando velocidade enquanto a excitação se voltava muita para que a suportasse, e os gemidos entrecortados saindo da garganta só lhe conduziram mais alto.

—me seduzindo... —ofegou ela—. Está tentado me seduzir.

—Já o tenho feito, neném —disse apertando os dentes, introduzindo-se mais profundamente dentro dela, sentindo a familiar tensão de seu pênis, a sensação de sua vagina lhe apertando mais forte. Estava perto do orgasmo mas não tanto como ele.

—Não. Por eles. —Tremeu enquanto ele empurrava mais forte em seu interior, sua vagina começou os diminutos tremores espasmódicos que anunciavam seu clímax.

—Por mim —a corrigiu— Não por eles, Sarah, só por mim. Tudo por mim neném, porque o prazer é major do que possa saber.

Introduziu-se mais profundo, incapaz de conter-se, incapaz de controlar a desesperada fuga a ardente

liberação.

—Por isso, Sarah. —Sustentou-a mais perto, lhe protegendo o ombro, colocando seu pênis mais forte e rápido em seu interior enquanto o dedo imitava os movimentos em seu ânus, e o ardente agarre em seu dedo se incrementava enquanto ela estalava.

Explodiu na esteira do clímax dela sobre seu membro. O agarre pelos músculos tensos apertando-se, sua cremosa liberação lhe empaparam, lhe fazendo perder seu último pingo de controle.

Quando os últimos estremecimentos sacudiram seus corpos, ele tirou o dedo dela e se levantou da cama. Recolheu um trapo úmido quente e uma toalha seca de banho. Enquanto lhe observava, em silêncio, pensativa, limpou-lhe as coxas e logo a secou brandamente.

—Dorme —disse, engatinhando de volta a seu lado, um cansado suspiro escapou de sua garganta—. Me mataste, neném. Não há mais sexo para você esta noite.

A rouca risada dela o fez sorrir. Quando a olhou o rosto uma vez mais, seus olhos estavam fechados e sua respiração era lentamente uniforme. Pôs a cabeça no travesseiro, respirou profundamente e se uniu a ela na escuridão do esgotamento.

Capítulo 17

Sarah se arrastou fora da cama várias horas mais tarde, tropeçando para a cozinha com um grande bocejo enquanto ia a cafeteira. Enchendo a máquina, caminhou para o frigorífico, tirou uma fria lata de soda e fez saltar a tampa enquanto se sentava na mesa da cozinha.

A casa estava silenciosa. Quase muito silenciosa. A televisão que habitualmente tinha posta baixa no salão não tinha sido acesa a noite anterior. Não tinha havido necessidade de encher a casa com ruídos; seus gritos tinham cheio o silêncio em seu lugar. Teria se ruborizado se não estivesse tão malditamente cansada. Seu corpo doía prazenteiramente, a carne entre suas coxas estava mais sensível do que nunca o tinha estado. Seus peitos estavam mais sensíveis e sabia desde seu impreciso exame no banheiro que estavam marcados com a prova da paixão do Brock

Apertando a bata mais forte ao redor de seu corpo, uma careta inclinou sua boca. Ele tinha estado como louco quando havia retornado do rancho a noite anterior. Logo que tinha entrado na casa antes de tê-la sobre as costas outra vez, lançando-a a um clímax atrás de outro para depois lançá-la outra vez. Duvidava que as tivesse arrumado para dormir mais que umas poucas horas antes de deixá-la aquela manhã.

Seu ombro estava curando-se bem, agora estava apenas dolorida graças à pomada do médico. A ferida não tinha sido tão má, a experiência entretanto tinha sido horrorosa. O sistema de segurança estava instalado agora e Sam estava esperando umas fechaduras especiais para as portas, só para o caso de que alguém as arrumasse para evitar o sistema. E Brock estava virtualmente vivendo com ela.

Ele havia dito que não estava ficando com ela. Mas era mais que consciente da mala sob sua cama, da roupa que agora pendurava em seu armário. Não muita, mas suficiente para lhe assegurar que não tinha intenções de deixá-la logo. Aquele pensamento levava um calafrio de temor a sua mente. Ele estava metendo-se e tomando o mando, ignorando os intentos de auto-conservação dela e fazendo amor até que lhe rogava que ficasse. E ela não tinha idéia de como tinha ocorrido. Sabia que estava preocupado, sabia que também tinha estado afetado pelo ataque, mas não podia permitir se encarregar disto.

Honestamente, tudo o que ela tinha estado planejado era uma noite. Não tinha esperado um novo companheiro de habitação nem um amante que a deixava exausta. Mas tinha que admitir que este novo companheiro estava mais que a satisfazendo. Nunca tinha sido tão bem amada, tão bem satisfeita. Os rumores sobre a resistência dele não eram mentira. Se acaso, ficavam curtos.

Escutando o último borbulho da velha cafeteira, deixou o resto do refresco na geladeira e foi por sua primeira taça. Estava justo inclinando-a para sua boca quando ouviu abrir a porta traseira.

—O que esqueceu? —Girou para encarasse com um Brock de volta e em seu lugar encontrou a seu ex-marido—. Que demônios está fazendo aqui?

Mark Tate era um homem atrativo, se podia deixar de lembrar do despótica e zangada expressão de sua escura e bronzeada cara por raios UVA. Seu cabelo era de um castanho claro, corte quase militar, os olhos de um suave avelã. O corpo estava fortalecido pelas horas de ginástica e a roupa estava sempre bem engomada e à última moda masculina. Ele tinha esgotado quase até a última maldita gota de dinheiro que ela economizava em seu próprio vestuário.

—Comprovando como se vê uma mulher louca —grunhiu ele, aproximando-se da cafeteira e agarrando uma das taças do armário enquanto ela saía de seu caminho—. Que infernos você mandou o xerife a mim, Sarah? Isso foi sujo. E quem demônios te atacou a outra noite? Não tinha calculado que estava te colocando em problemas com os August?

Sarah viu os sinais de sua crescente ira. Eram fáceis de ler. A careta ao redor de sua boca, a aspereza em seus olhos. Ele podia continuar durante horas, seus comentários como facas afiadas lhe rasgando a pele. Uma e outra vez, hora detrás hora até que cedia e fazia tudo o que ele queria, justo o que o fazia calar. Só para tirar-lhe de cima e encontrar a paz que necessitava tão desesperadamente. O divórcio se supunha que o facilitaria. Supunha que não ia voltar como se ainda vivesse ali.

—Não estou de humor para suas irracionais atitudes, Mark —ela disse com firmeza, sentando-se à mesa—. Assim pode te passear até a casa da Lolita e me deixar malditamente sozinha. Nunca deveria havê-la trazido aqui para começar. Esta é minha casa.

—Seu nome é Jackie —lhe recordou com aspereza.

—O que seja. — Sarah passou os dedos por seu cabelo ainda úmido e ocultou um bocejo.

—Quando volta August? —perguntou de repente, agarrando uma cadeira e tomando assento ao outro lado da mesa enquanto lhe soltava a pergunta com o desprezo na cara.

Levantou para ele com um surpreso olhar, perguntando-se por sua atitude.

—Isso não te interessa, Mark —lhe disse firmemente—. Nada do que faça te interessa nunca mais. Te acostume a isso.

—O maldito povo inteiro está falando sobre seu pequeno espetáculo no bar a outra noite, Sarah. —Os lábios torcidos em uma careta—. Isso me está fazendo parecer um idiota.

Sarah piscou para ele surpreendida, depois de seis anos de públicas infidelidades, ele tinha o direito de dizer isso?

—Estamos divorciados —assinalou—. Isso não pode te fazer parecer nada.

Observou sua cara retorcida de ira. Não parecia exatamente cordato, pensou com um ponto de inquietação.

—Ainda leva meu nome —lhe jogou em cara.

Sarah o observou com cuidado, perguntando-se se tinha estado bebendo essa manhã.

—Não por muito mais tempo —lhe assegurou firmemente—. Assim, por que só não me deixa? Brock August, ou o que eu faça, não é de sua incumbência.

Controlou um rubor de vergonha enquanto recordava o que tinha feito a ela debaixo daquela mesa, lhe prometendo que ninguém poderia vê-lo. Mas ela sabia, mais que senti-lo, que ninguém tinha visto o que seus dedos estavam lhe fazendo. Simplesmente falar com outro homem era suficiente para desonrá-la aos olhos do Mark. O que era bom para o ganso definitivamente não era bom para a gansa.

—Demônios Sarah, se tivesse sabido que você gostava de jogar de puta, poderia te haver agradado —sorriu Mark com malícia—. Tenho irmãos. Gostariam o suficiente para te foder.

Sarah deixou sua taça de café cuidadosamente sobre a mesa, olhando a seu ex-marido com uma mescla de assombro e ira.

—Está louco —lhe espetou com fúria—. Por que não toma seu café e simplesmente vai ao inferno fora de minha casa? Não te pedi que viesse aqui.

—Como pediu ao August? —Seguiu-a quando ela ficou de pé perto da pia—. Maldita seja, Sarah, pensei que tinha aprendido à lição a noite que ele e seu irmão quase lhe tiveram no churrasco. Ou a lembrança disso te excitou enquanto ficava mais velha?

—Fora daqui! —Estava tremendo de fúria agora. Fúria e medo. Não queria escutá-lo, não queria ouvir a verdade do que tão duramente estava tentando não ver.

— Sarah, não te odeio. Não quero te ver machucada. —Sua voz era suave, debruada com falsa confusão. Ela não entendia este jogo ou as regras—. Maldita seja, estivemos casados seis anos.

—Seis anos de armadilhas e mentiras tuas —lhe espetou, voltando-se contra ele—. Não estávamos casados, Mark. Você só vivia aqui.

—Não troca o fato de sempre você gostou, Sarah —exalou com brutalidade, tentando um de seus encantadores e tímidos sorrisos com ela. Não serviriam nunca mais—. Foder, não foi como as outras mulheres.

—Olhe, Mark, não quero discutir isto contigo —ela disse outra vez, sacudindo a cabeça enquanto tentava apartar-se dele—. Quero que deixe. Isto não é teu assunto.

Moveu-se ao redor dele, para sair irada da habitação e suplicar que ele só a deixasse. A surpresa se disparou através de seu corpo quando a agarrou dolorosamente pelo braço puxando ela bruscamente. Sarah olhou a avermelhada, mais que furiosa, cara de seu ex-marido que nunca tinha mostrado nenhuma violência para ela, até agora.

—Deixe me ir, Mark. —Tentou afastar-se dele, depois gritou de dor quando a empurrou contra a parede da cozinha. Forte.

—Maldita seja! Me escutará, puta —lhe grunhiu na cara, o nariz a centímetros da sua.

Sarah estava emocionada. Nunca tinha visto este lado do Mark. Tinha sido consciente de que existia, conhecia suas brigas de botequim, mas nunca o tinha levado a casa.

—Mark, está me fazendo mal —sussurrou fazendo força contra as duras mãos que sujeitavam seus braços à parede—. Deixe ir.

Ele estava respirando com força, seus olhos avelã brilhando com ira enquanto a olhava.

— te dobrou e deixou ele foder o seu traseiro como fizeram as outras putas? —resmungou duramente—. Então te dobre e me deixe fazer isso

Sarah quase se afogou em seu incrédulo medo. Não podia acreditar a fúria refletida para ela. Atuava como se ela tivesse sido de algum jeito injusta com ele, em lugar do reverso. Então o medo se moveu afiado e profundo enquanto ele empurrava os quadris contra ela.

—Deus, Mark, não faça isto. —Empurrou contra seu peito, sentindo a ereção contra o estômago, vendo a ira se converter em luxúria em seus olhos—. Que diabos te picou?

—Sua ignorância —ele soltou—. Crê que quero que meus amigos falem sobre aquele bastardo colocando os dedos em sua vagina naquele bar? Pensou que ninguém comprovaria por mim o que ele estava fazendo?

Ele avermelhou a cara de vergonha. Ninguém podia havê-lo visto, mas alguém poderia havê-lo suspeitado.

—Isto não é de sua incumbência. —Sacudiu a cabeça, lutando contra o medo que a invadia.

Sua brusca fúria, a violência rodeando-a fez engasgar-se com as palavras. Queria afastar-se dele, escapar dos ruborizados e retorcidos rasgos obrigando a afastar a vista, mas não a deixaria ir. Sujeitou-a forte e rápido contra a parede. Seu corpo, não tão musculoso nem tão forte como o do Brock, entretanto, mais que suficiente para controlá-la.

—Você fede a ele —resmungou com brutalidade—. Posso cheirá-lo em ti, e fede.

—Então te afaste de mim. —fez-se atrás, voltando à cabeça a um lado enquanto a cara dele a pressionava mais perto.

Lutou contra ele, temendo a irracional ira que parecia haver-se apoderado dele, lhe levando a querer feri-la. Não tinha tirado esta irritação quando ela tinha jogado os papéis do divórcio frente a ele.

—Fez que o xerife me arrastasse fora de minha casa —grunhiu—. Minha casa, Sarah.

—É minha casa —discutiu inutilmente—. Sempre foi, Mark.

—Minha fodida casa, minha fodida mulher —ele sacudiu os braços, jogando ela para frente, depois a jogou através da habitação. Sarah se agarrou à mesa da cozinha, afastando-se dele. Os olhos espionando ao redor da habitação, procurando uma saída. A porta traseira era o meio mais próximo para escapar. Estava na rota e seria fácil atravessá-la. Se corresse a casa dos vizinhos ou se eles a ouviam, pediriam ajuda.

Ela observou seus olhos entrecerrados, lendo as intenções. Antes que ele pudesse saltar girou e correu

rápido para a porta. Lançou-se a abri-la, então chocou contra algo duro que lhe bloqueava o caminho. Antes que pudesse recuperar o sentido, foi afastada a um lado com um toque gentil e Mark gritou de dor.

Sarah se afastou o cabelo do rosto, piscando de surpresa ante o furioso homem que apertava a garganta do Mark, elevando-o do chão para depois arrojá-lo fora da cozinha pela porta traseira.

—Quer morrer hoje, mosquito? —Brancos dentes brilharam em um sorriso resmungão enquanto o enfurecido homem encarava a seu ex-marido.

—Você, bastardo, Brock —Mark lhe gritou de uma distância segura—. Ela pagará pelo que me tem feito. Espera e verá.

—Evidentemente o faz. —Provocou da porta.

Mark soltou uma furiosa maldição antes que Sarah o ouvisse correr pela parte dianteira da casa. Segundos depois, o som de um veículo arrancando e depois rugindo fora ressonou através da habitação. Ela permanecia ainda de pé, observando ao alto homem enquanto ele se voltava a olhá-la com um encantador sorriso

—bom dia, preciosidade. —foi se inclinar e beijá-la, mas ela se moveu rapidamente fora de seu caminho.

—Onde demônio está Brock e por que você está aqui? —Perguntou ao Sam August, um fio de histérica fúria bordejando sua voz.

Sam sorriu, uma suave inclinação dos lábios quase igual a do Brock. Eram os olhos, entretanto, os que lhe revelaram a diferença. Os do Sam, mesmo assim enrugados pela risada, os lábios abertos com um sorriso, estavam escurecidos e entristecidos

—Como soube? —perguntou, fechando a porta traseira e caminhando para a cafeteira—. Pelo geral somos difíceis de distinguir se não estamos juntos.

Não sabia como alguém podia ignorar as diferenças. A sinistra intensidade do Brock estava ali, em seu rosto, nas pequenas linhas de sua boca e olhos, a do Sam estava cuidadosamente escondida sob uma falsa fachada risonha. Aquele engano a preocupou.

Ele se serviu da última taça de café, depois se voltou para ela, olhando-a espectador.

—Não vive aqui. — Sarah sentiu como se pisava nos pés. Que demônios estava passando? Os homens estavam assobiados hoje—. Não vive aqui e não tem direito a atuar como se o fizesse.

Ele elevou uma sobrancelha em um gesto de curiosidade.

—Só salvei sua virtude. Certamente mereço uma taça de café. —queixou-se bondosamente.

—Não tenho nenhum resto de virtude que salvar —espetou Sarah, tremendo agora pela reação e a ira—. Seu irmão já cuidou disso. —O horror a consumiu enquanto as palavras saíam de sua boca. Mas não parecia capaz de parar.

—Onde estava eu? —Ele franziu o cenho em surpreso sarcasmo—. Certamente me teria convidado ao último pedacinho de virtude. Brock nunca antes foi um ambicioso.

A surpresa a manteve imóvel, a boca e os olhos abertos de assombro. Sentiu-se como um peixe bloqueado por ar. Sacudiu a cabeça, as mãos agarrando os laterais enquanto sentia que a razão era arrastada pela incredulidade. Ele o estava admitindo. Como se não fosse mais que um beijo na bochecha, admitindo um estilo de vida que ela não podia compreender, não importava a razão. E atuando como se fosse já um fato consumado. Uma conclusão inevitável de que ela participaria.

—saia de uma fodida vez de minha casa! —Manteve a voz baixa e acalmada, apesar da fúria que a esmagava—. Sai e não volte e diga ao imbecil de seu irmão que não volte. Deus. Maldita seja, não necessito esta merda.

Sam se recostou contra o mostrador, sorrindo daquela forma torcida que tanto recordava ao Brock

—Está bem, Sarah. Não vim a comer seus ossos. Brock tinha alguma coisa da que ocupar-se no rancho que vai levar uma poucas horas mais do que pensava. Pediu-me que viesse e ficasse contigo.

Sarah franziu o cenho ante aquela informação. A mandíbula apertada, os dedos fechados em punhos apanhando sua roupa.

—Marly? —perguntou-lhe, sua voz soou estrangulada. Sabia, viu-o nos olhos do Sam, sentiu seu coração esticar-se. Isto era ao que não podia acostumar-se. Este conhecimento, a aprovação que Brock necessitava que podia agradar a outra mulher com , sua aprovação.

Sam se encolheu de ombros.

—Cade está histérico com esta merda, Sarah. Você não virá ao rancho e nós não podemos ficar aqui e ainda assim cuidar das coisas em casa. Ele está preocupado pelo Brock, e por ti.

—O que tem isso a ver com o Brock fodendo a Marly? —As lágrimas caíam de seus olhos enquanto suas mãos se sacudiam e seu corpo tremia—. Por que não a fodeu você em seu lugar?

A ira estava quase a esmagando. Os anos que tinha passado, humilhada pelas infidelidades do Mark se elevaram em sua mente. Não importava se era só Marly. Porque sabê-lo não aliviava aquela terrível e primeira chama de dor. Não se mitigava o brilho de curiosidade tampouco, e aquilo era o mais duro de superar.

— Sarah, já basta. —A firme voz do Sam, cheia agora de sombria preocupação—. Não sou eu que tem a sua mulher em perigo até o pescoço. Isto não é pelo sexo. Sei que Brock lhe disse isso.

—Mas está tendo sexo com ela —espetou—. Voltou para fode-la. Como pode fode-la? Ele passou toda a noite gozando comigo.

Sam fez uma careta com um brilho de diversão.

—Demônios, Sarah, pára de me pôr duro como um cavalo —sorriu com um rastro de humor—. Crê que não queria ficar? Em lugar disso estou aqui contigo. O menos que poderia fazer é facilitar isso

Ela lhe lançou a taça de café, falhando apenas sua cabeça e se voltou para sair correndo da habitação. Sam a agarrou na porta, os braços se enrolando ao redor dela, a cabeça inclinando-se para seu ouvido enquanto ela se detinha em fria surpresa ao sentir sua ereção nas costas.

Sarah se aplacou. Sentiu o calor sacudir seu corpo, sentiu sua vagina tremendo pela consciência de sua excitação por ela. Não se supunha que seria algo como isto, protestou ela silenciosamente. Não devia desejar a outro homem. Nenhum outro deveria excitá-la, nenhum outro deveria atraí-la. Amava ao Brock. Sabia que o tinha, ao fundo de sua alma. Justo como sabia quão desesperadamente Brock necessitava exatamente o que ela estava sentindo.

Afogueu um gemido. As imagens que Brock tinha pintado em sua mente chegaram depressa a ela. Sam e Cade tocando-a, tomando-a enquanto ele olhava, gozando com seus gritos de prazer mordeu o lábio, lutando com a maldade e a depravação do desejo

—Disse-te que faria isto, não Sarah? Brock te Mentiu? —perguntou-lhe suave e compasivamente.

—Não —disse em voz muito baixa, sabendo o que lhe tinha contado da complicada relação que compartilhava com sua família. Sabendo que tinha suplicado que voltasse para o rancho aquele dia, se não por sua própria segurança, ao menos assim poderia entender as implicações daquela relação. Ele tinha sabido, deu-se conta, que foderia a Marly quando voltasse sem ela.

Não pôde deter o gemido que saiu de sua garganta. Mas não pela dor como deveria ter sido. O insidioso brinco de curiosidade que ziguezagueava por seu corpo tinha sua vagina apertada, chorando de vergonhosa antecipação de prazer.

—É infernalmente duro aceitá-lo —sussurrou Sam, seu quente fôlego lhe acariciando o pescoço enquanto se inclinava mais perto—. Duro fazer amor todo ordenado e fácil no coração quando trata com isto. Sei, Sarah, e também Brock e Cade. Brock arrancaria o coração antes de te trair. Mas tem que entender, isto não é uma traição para ti. É uma aceitação de seus irmãos

Os lábios do Sam estavam em seu pescoço, sussurrando sobre sua pele enquanto falava. Uma mão estava estendida contra seu abdômen, a outra sob seu palpitante peito. Sarah podia sentir inchar seus peitos, os mamilos endurecendo-se. O fogo não era tão intenso, tão incandescente e brilhante como era com o Brock, mas igualmente estava ali.

Ela se estremeceu enquanto sua língua lhe tocava o pescoço. Não podia deixá-lo tocá-la. Não pensaria no que Brock estava fazendo agora, o que ele queria fazer a ela. Sabia, sabia no fundo de sua alma que se ela fodía com o Sam, não lhe importaria. Ele encontraria orgulho e prazer no ato. Olharia, os olhos brilhando com o calor, com a luxúria do conhecimento. Aquele pensamento parecia alimentar seu próprio calor. Sentiu a cálida nata de sua excitação deslizando-se esquisitamente em sua vagina, banhando os lábios de sua vagina.

—Seu coração está pulsando fora de controle, Sarah —disse brandamente—. Não pode me dizer que se tocasse sua vagina não estaria molhado e quente.

Ela lutou por respirar. Por que Brock fazia isto? Por que estava empurrando-a por esse caminho? Por que ela o estava permitindo?

—Disse-te que me deixasse ir —ofegou, sentindo seus dedos flexionar-se em seu estômago.

—Está sua vagina molhada, Sarah? —perguntou, seu quente fôlego lhe acariciando o ouvido—. Viu o que Marly sente quando a tocamos?

Sarah lutou por respirar. Seu peito estava subindo e baixando com as duras aspirações, a carne debilitando-se. Lutou contra a insidiosa excitação. Ela não era esta debilidade, esta vulnerabilidade. Não podia permitir-se ser.

—Deixe ir antes que chute seu traseiro, Sam August —espetou então, as unhas cravando-se em seus braços onde ela os agarrava. As palavras foram duras, a voz atrás delas fraca enquanto os dentes lhe raspavam o pescoço.

—Não a tomarei sem Brock aqui, Sarah —lhe prometeu, então um grito estrangulado saiu disparado de sua garganta enquanto ele agarrava um de seus duros mamilos entre os dedos, pressionando-o com firmeza.

O fogo se lançou desde seu peito até seu útero, lhe esticando o estômago. Era o bordo da dor, disse ela desesperadamente. Aquilo era o que enviava aquela erótica emoção que se estendia através de seu corpo, fazendo que sua vagina se estremecesse, seus sucos se derramassem ali ao longo dos grossos cachos. O bordo da dor era tudo o que agüentava. Sua vagina tremia, rogando por se render.

—Para —sussurrou suplicante—. Por favor, para, Sam.

—Não está fodendo o amor de seu irmão, Sarah. —Sua voz era gentil, mas as palavras a atravessaram como uma faca—. Está tranquilizando o meu irmão. Está lhe dando um abraço. Está-lhe prometendo que será cuidadoso. Está derramando lágrimas pelos sacrifícios de Cade por ele. Pode entendê-lo?

A dor pelo ato que Brock estava cometendo se foi de repente, substituído pela aguda lança de tristeza. A lembrança da dor, feridas infringidas na alma dele. Não só em sua alma. Na do Cade e a do Sam. E agora também na dela.

—Entendo-o. —Sussurrou, tremendo, assustada pelas emoções, a excitação pulsando através de seu corpo

Liberou-a lentamente. Sarah tomou uma dura e tranquilizador baforada, depois se afastou rapidamente da habitação. Longe do irmão do Brock, longe de sua pena e sua luxúria. Mas sabia que não podia esquecê-lo. Não podia escapar disto. O sedoso deslizar de sua própria excitação em suas coxas se asseguraria disto.

Capítulo 18

— não tem cabimento Seu irmão em minha casa. —Foi à surpreendente saudação de Sarah quando o recebeu na casa essa noite.

Brock se deteve por um momento, ao ver a agitação de seu corpo, a sombra de culpa nos olhos dela e escondeu seu sorriso. Seu coração se inchou de emoção enquanto a olhava, a forma em que seu olhar mantinha essa sombra recordando o prazer, a excitação. Houve certa curiosidade em sua expressão da que ele sabia que ela não era consciente. Fez que seu pênis se inflamasse, pulsando.

—Tampouco Tate, mas ouvi que ficou um bom tempo — disse Brock, levando ao balcão as compras pessoais que tinha feito mais cedo—. Por que não deixou a porta fechada depois de que fui?

Ela se encolheu de ombros.

—Ele tem chave. Nunca troquei as fechaduras.

Brock a olhou fixamente com surpresa. Por um momento, não pôde acreditar realmente no que havia dito.

—por que não? —Lutou por manter o controle.

—Simplesmente não encontrei tempo. —Caminhou para a bolsa, abriu-a e deu uma olhada dentro.

Brock se distraiu de sua irritação pela fácil aceitação dela do Mark entrando quando quisesse. Olhou-a abrir os olhos de par em par, seu rosto ruborizado enquanto olhava suas compras. Seus lábios se abriram como se fosse falar. Fechou. Abriu outra vez. Finalmente, manteve-os fortemente fechados e voltou o olhar vacilante para ele enquanto tragava duramente. Seu aborrecimento pelas fechaduras se dissolveu. Porra, podia arrumar as

fechaduras ele mesmo.

—O que tem para jantar? —Não ia dar a oportunidade de negar que está na bolsa é para mais tarde.

Ela piscou, um pouco sobressaltada. Um pouco confundida.

—Frango do KFC. Não cozinho muito.

Ele sorriu.

—vou pegar peito e coxa, doçura. Minhas partes favoritas.

Sarah deu um bufo impróprio de uma dama.

—Não a parte que eu estava pensando, mas dá igual.

—Tenho que tomar banho. — dando um tapinha no traseiro como pagamento por sua observação quando se dirigiu à ducha.

* * * * *

Brock olhava ao Sarah passear-se nervosamente ao redor da casa aquela tarde. Seu rosto de anjo rebelde, seu curvilíneo corpo rígido e tenso, enquanto esfregava os poucos pratos do jantar, limpava a mesa, ignorando com aspecto inocente a bolsa que estava no centro, logo limpou o chão. Ele se apoiou contra o marco da porta, os braços cruzados sobre o peito, as sobranceiras se franziram em um cenho que sabia que podia intimidar ao mais forte adversário. Mas Sarah só o ignorou. A ele e ao conteúdo da bolsa.

Não é que tivesse esperado que ela aceitasse isto sem uma briga. Inferno, poderia inclusive terminar o primeiro em sua lista de merda para sempre, mas não acreditava que o apontasse. Tinha visto a chama de curiosidade em seus olhos, a faísca de excitação antes que seu corpo se endurecesse e se convertesse na rainha malvada pela tarde.

Escondeu seu sorriso. Podia ser teimosa melhor que qualquer mulher que conhecesse ou da que ouvisse falar. Mas ele realmente podia ser muito decidido; averiguaria-o rapidamente.

—Deveria ter trocado as fechaduras depois de que chegasse a casa do trabalho.

Brock estava preocupado pelo assunto do Mark. Seu ex-marido não parecia muito disposto a deixá-la ir.

—Já o farei. —lavou as mãos na pia depois de ter varrido o inexistente pó em um recolhedor e colocá-lo no cesto do lixo—. Chamarei pela manhã.

—Sam se encarregará disso pela manhã em lugar disso —disse ele—. Confio nele para fazer apropriadamente o trabalho com aquelas fechaduras que ordenou esta manhã.

Ela franziu o cenho ante isso; evidentemente não lhe importava muito pensar no Sam vindo de novo. Esteve nervosa ao redor dele, seu irmão tinha informado, nervosa e espectador, como se esperasse que saltasse sobre ela em qualquer segundo. Agora estava dando amostras desses mesmos signos.

—Estava com Marly hoje —sussurrou as palavras sem calor, surpreendendo-o com a mudança de tema.

Brock a olhou fixamente durante longos momentos. Não houve ira, nem recriminações, só uma silenciosa luta por entender. Não sabia o que lhe dizer, não queria feri-la.

—Estive com Marly —concordou tristemente. Deus desejava fazê-lo mais fácil para ela. Fazer entender.

—Fodeu com ela —A viu fazer uma profunda aspiração, estabilizando a respiração.

Parecia vulnerável, tão malditamente insegura de si mesmo que ele queria gritar de dor. Sua Sarah era confiável, forte, saber que tinha feito isto lhe rompeu o coração.

—Fodí com ela —assentiu ele. Não mentiria a ela, não se desculparia, sem importar sua dor, seu pesar. Era quem era e o que era. Tinha que aceitá-lo como era. Ela sabia antes de chegar a esse maldito bar o que era e o que desejaria. Não haveria desculpas agora.

Ela ficou em silêncio por um comprido momento, como se esperasse algo dele. Sabia que estava esperando que ele mencionasse Sam. Para falar do que seu irmão lhe informou de seu enfrentamento, de como a havia deixado meio doido. Brock não lutou contra sua crescente ereção ante a idéia do Sam tocando-a, ou o prazer dela. Sam tinha sorrido com um temerário prazer que tinha desaparecido nele desde que tinham atacado Marly o ano passado.

—Brock. —lambeu os lábios nervosamente—. Sam... —Olhou longe piscando, sua cara ruborizando-se de culpa.

—Sam o que, Sarah? —Ele era mais que consciente do que tinha passado.

Ela se mordeu o lábio.

—Sam te tocou hoje, Sarah? —perguntou brandamente—. Sei, neném...

Ele não sabia se tinha imaginado o pequeno gemido, um cheio de excitação que escapou de seus lábios.

—Disse-lhe...? —ela estava lutando contra o medo e o desejo. Ele podia ver sua fome, tímida; a confusão que a enchia.

—Não, Sarah, não disse que te tocasse —lhe assegurou, seu peito se apertava enquanto ela o olhava, ao bordo do descobrimento e tão assustada de confiar nele para amortecer sua queda— Te fez mal?

Ela sacudiu sua cabeça, olhando a todas as partes, exceto a ele.

—sentiu-se bem, Sarah? —perguntou ele em voz baixa, inclinando a cabeça enquanto olhava as mãos dela girando nervosamente em sua cintura.

Tomando uma forte aspiração, simplesmente se encolheu de ombros enquanto se afastava dele.

—Sarah. —Parou-a, empurrando-a contra seu corpo—. O deseja?

O pênis de Brock estava pulsando com a idéia.

—Estava zangada contigo. Ele me tocou.

Ela estava lutando por uma desculpa, uma maneira razoável de explicar a chama de calor que encontrou nos braços de seu irmão.

—E te pôs molhada. Seus pequenos e bonitos mamilos ficaram duros por ele e Sam tinha que tocá-los, talvez fazê-los sentir bem do modo em que você gosta.

Seus mamilos estavam duros agora, mas ele se condenaria se a tocasse, se a tomasse logo. Ela se encolheu de ombros, claramente incomoda. Deixaria-a ir por agora. Era suficiente que reconhecesse o prazer.

—Trabalha amanhã? —Brock se afastou dela. Queria esconder seu sorriso enquanto apanhado seu nervoso olhar para a bolsa uma vez mais.

—Amanhã não. —Sacudiu a cabeça, de pé pela pia como se não soubesse o que fazer com ela mesma—. Só vou uns dias da semana.

—Bem. —Assentiu ele.

Ele caminhou ao longo da mesa, mantendo seu olhar todo o caminho. Recolheu a bolsa que tinha colocado ali antes e a trasladou mais perto da esquina da mesa.

—Preocupa-se disto agora, Sarah. —Viu como seus olhos se abriram grandemente.

O corpo do Brock ficou tenso. A excitação fluíu através de seu sistema enquanto o rosto dela avermelhava acaloradamente e esses grandes olhos dourados se ampliaram em surpresa enquanto ele levantava os artigos da bolsa que queria guardar com ele.

—foi um dia comprido, Brock. Acredito que simplesmente vou à cama. —Fazendo precisamente isso.

Brock a agarrou na porta, os braços serpenteando ao redor de sua cintura, atraindo-a contra seu corpo. Ele a sentiu ofegar e soube que ela era mais que consciente da ereção sob seu jeans.

—Sarah, não te deixarei escapar. Desfrutara disto, prometo. —inclinou-se e beijou seu pescoço gentilmente, sentindo o duro batimento do coração de seu pulso justo debaixo de sua pele—. Está bem neném, prometo que não te farei mal.

—Não estou pronta para isto. —Suas unhas pressionaram a pele de seu braço enquanto os dentes dele arranhavam sua sensível carne.

—Sim esta, Sarah. Esteve pronta há anos. —Lambeu-lhe o lóbulo da orelha, sentindo-a tremer sob seu toque.

Sua pele era tão suave. Tinha sabor de pêssegos e calor e lhe fez água na boca, seu corpo pulsava em demanda. Ela respirou rápido, e forte enquanto lhe punha a bolsa de papel na mão.

—Vê o banho e te prepare agora, Sarah. Estarei esperando aqui embaixo por ti. E não demore muito ou terei que subir e te ajudar. —Acrecentou um bordo de advertência em seu tom. Ela tremeu, mas o calor que procedia de seu corpo não tinha nada que ver com o medo.

Tomou a bolsa de sua mão, deu uma olhada a ele nervosamente e logo caminhou através da casa. Brock permaneceu tranquilo, os olhos nela todo o tempo, mantendo sua expressão implacável enquanto lhe jogava uma olhada uma e outra vez. Seus olhos estavam muito abertos, a excitação e o medo brilhando nas escuras

profundidades com igual intensidade.

Finalmente, desapareceu e soltou um suspiro de alívio. Voltando para a mesa tomou os artigos que tinha tirado da bolsa. Um comprido tubo de lubrificante, um plugue para o anus de tamanho médio e um comprido e grosso vibrador cheio de gel. Recolheu-os e caminhou de retorno à sala de estar.

Deixou os artigos na mesa de carvalho para o café e se moveu para fechar as janelas deixando em sombras toda a habitação. Continuando, tirou uma manta grande do armário de roupa e a estendeu através do amplo sofá. No piso de acima, podia escutar a ducha correndo. Fechou seus olhos, antecipando a volta do Sarah. A prepararia para ele, tal e como ele pretendia. Amanhã, ela iria até mais longe. Sua entrevista com a Denise Lamont veria a eliminação dos suaves cachos entre suas coxas. Ele logo que poderia esperar para ver sua pele lisa e suave, aqueles sedosos lábios estendendo-se ao redor da grossa longitude de seu pênis. Soltou um duro fôlego. Seu pênis era duro aço, pulsando sob o material de seu jeans.

Controlando o aumento da luxúria em seu corpo, Brock tomou um profundo fôlego, logo acendeu as grandes e grossas velas que tinha colocado ao redor da sala. Apagou as luzes, contemplou os efeitos do suave resplendor e sorriu de antecipação. Tirou as roupas, atirando sobre o respaldo da cadeira e se sentou na poltrona, sabendo que Sarah não demoraria muito.

As instruções na nota que tinha incluído na bolsa tinham advertido que viesse abaixo nua. Não podia esperar a vê-la, fresca pela ducha, sua pele brilhando a luz das velas. Sua mão massageava seu duro pênis enquanto pensava nela, rosa e úmida, suculenta e molhada, vindo a ele, sabendo que a prepararia. Ela não se enganou ou mentiu. Ela sabia por que ele o diria. Negava lhe mentir a respeito dos planos que tinha para ela.

—Brock? —girou sua cabeça com o som de sua voz.

Brock se incorporou, seus olhos estreitando-se à vista do que contemplava. Exatamente como sabia, a pele tão bonita e rosada, um rubor de excitação tingindo seus peitos e bochechas. Estava nua, não do todo cômoda com isso, mas de pé ante ele, excitada.

—Vêem aqui. —estendeu a mão para ela, pugnando com a necessidade de deitá-la no sofá e bombear nela sem piedade.

Ela foi aos seus braços, seus olhos olhando fixamente os dele, piscando pela incerteza e o calor. Sua pele estava quente contra suas mãos, contra a delicada carne de seu palpitante pênis. Ele inalou o aroma de pêssegos e calidez e fechou os olhos enquanto lutava pelo controle. Esta noite. Esta noite saberia se ela tinha a fortaleza para satisfazer todas suas necessidades ou só as mais imediatas. Que Deus lhe ajudasse se ela não pudesse, porque tinha a sensação de que a necessitava muito para deixá-la ir.

—O que vai fazer, Brock? —Estava tremendo contra ele. Brock podia sentir o pequeno, quase imperceptível estremecimento que atormentava seu corpo.

—Vou te amar, Sarah, da única maneira que sei fazê-lo —sussurrou contra seu cabelo enquanto lhe assinalava o sofá. Sentando-se, atirou-a sobre seu colo.

Ela se curvou em seus braços, amoldando-se a ele perfeitamente. Descansou a cabeça em seu peito, o cabelo, ainda um pouco úmido, acariciando sua carne. Ele enredou uma mão na massa de mel dourado enquanto a outra se movia brandamente do joelho ao tornozelo.

Não lhe questionou, embora Brock assim o tinha esperado. O fato de que ela não o fizesse lhe mostrava os persistentes temores que estava contendo. Tinha essa noite para convencer a de que ela poderia fazer o que ele necessitava.

—É tão suave, Sarah. —Movendo-se a seu queixo—. Tão suave e cálida. Toda minha.

Seu rosto ruborizado, seus olhos escuros e sombrios no suave resplendor das velas. Brock não pôde resistir a beijá-la. Sua cabeça baixou, seus lábios se ajustaram sobre os dela, enquanto se abriam para admitir o firme golpe de sua língua. Ele tragou seu pequeno gemido enquanto ela relaxava em seus braços, girando-se a ele, sua língua enredando-se com a sua.

Estava tão doce como o açúcar, igual ao néctar, um beijo de fresco rocio. Baixou-a contra o braço do sofá, seu corpo estirado através dele como uma oferenda algo primitiva ao deus da luxúria. Suas coxas se moviam, separando-se enquanto sua mão se arrastava por sua perna. Já estava úmida para ele, já suave e necessitada.

Seus lábios sorvendo os seus brandamente, sua língua invadindo as suaves curvas. Amava sua boca, tinha

sonhado com ela durante anos. Chupava ligeiramente a curva inferior, escutando seus gemidos, as pesadas pálpebras de seus olhos vendo a emoção e a excitação que cruzou através do rosto dela. Estava formosa. Tão malditamente formosa que doía.

—Brock —sussurrou seu nome, arqueando o pescoço para que os lábios se arrastassem sobre ele.

A pele tão doce, tão suave que poderia devorá-la. Brock deu uma suave dentada então acalmou a pequena mordida com um persistente movimento de sua língua. Sentiu que sua respiração se intensificava, escutou o rogo quente em seu agudo gemido. Arqueou em seus braços, inclinando sua cabeça lhe permitindo um maior acesso.

Seus lábios se moveram através da extensão de sua pele, sentindo vibrar o sangue debaixo da seda viva, golpeando através de suas veias, correndo através de seu corpo. Podia sentir o eco em seu próprio corpo, na dura ereção amortecida por seu quadril e o retumbar do coração em seu peito.

Os lábios do Brock se dirigiram a seus peitos; uma mão cavou o cheio montículo enquanto ela se arqueava contra sua mão, sua boca cobriu a turgente ponta. Se retorceu sensualmente contra ele, empurrando contra sua dureza enquanto ele lambia e chupava com lentidão, com movimentos suaves. Ela necessitava mais, necessitava-o mais duro. Ela tinha uma experiência do prazer que provinha de uma diminuta dentada de sensual dor. Sabia que ela queria mais.

Brock a fez esperar. Deliberadamente, lambida-las vacilantes de sua língua a tinham chorando em uma febre de necessidade. Ele a queria assim. Arqueando-se e chorando debaixo dele, rogando pelo prazer que ele podia lhe dar.

—O que quer, Sarah? —perguntou, enquanto percorria sua língua ao redor da ruborizada, avermelhada e franzida carne. Esticando-se até mais, fez uma careta mostrando sua necessidade.

—Por favor, Brock. —Seus esbeltos dedos se apertaram sobre seu cabelo, tratando de conduzi-lo mais perto, para fazer que lhe desse o que necessitava.

—me diga o que quer, preciosidade. —Ele exalou um suspiro de ar através da úmida carne. Sarah tremeu com um ofegante gemido.

—Mais duro —lhe suplicou, sua voz sem fôlego—. Por favor, Brock. Mais duro.

A cabeça dele baixou de novo. Tomo a dura carne em sua boca, chupando-o profundo, enquanto seus dentes beliscavam e sua língua tamborilava. Ela quase se arqueou fora de seus braços enquanto suas costas se inclinavam para trás, as mãos lhe empurrando a cabeça mais perto.

Mordiscava-a, sabendo que as rápidas e pequenas chamas de calor a conduziriam à loucura. Ela gritou para ele, suas pernas se retorciam, apertando as coxas. O suor salpicando sua pele com um brilho sexy, fazendo que ao deslizar sua mão sobre seu estômago fosse suave e sedoso.

As coxas de Sarah caíram abertas enquanto ele se aproximava deles, mas Brock não estava preparado até para tomá-la ali. Queria-a mais quente, mais selvagem. Queria-a disposta a fazer algo que lhe pedisse, a fazer algo pelo clímax que ele podia lhe dar. Brock manteve sua mão sobre a carne úmida, seus dedos jogando com seus quadris, seu abdômen tenso, ou atirando de seus firmes seios enquanto amamentava primeiro um e depois o outro, seus dentes os mordiscavam, sua língua acalmava a pequena dor.

—Está me matando —gritou ela, sem fôlego, atormentada—. Por favor Brock, por favor faz algo.

Ele levantou sua cabeça, olhando em seus olhos, sentindo suas unhas mordendo em seus ombros e amando a pequena ardência.

—O que quer que faça, Sarah? —perguntou ele enquanto seu polegar corria sobre seus lábios inchados. Ela os tinha mordido, lutando contra a necessidade. A prova disso marcava a pele avermelhada.

—Algo, Brock. O que queira. —Sacudia a cabeça, os olhos selvagens enquanto a mão dele se deslizava por seu quadril uma vez mais.

—Algo, Sarah? —perguntou-lhe com intensidade—. Algo que queira?

Ela vacilou, respirando asperamente, o conhecimento e uma pequena medida de temor se refletiram agora em seus olhos. Sabia que a empurraria. Sabia que era o momento de encarar os demônios que o empurravam.

—Algo, Brock —disse às palavras que ele tinha que escutar—. Algo. Simplesmente por favor, faz algo.

Brock quase perdeu o controle naquele momento único. Lutou, despiando seus dentes enquanto os apertava muito duro. Suas mãos se moveram sobre ela, recostando-a sobre o sofá enquanto se movia sobre ela, sua boca

tomando a dela ferozmente enquanto dois dedos se abriam caminho no apertado calor de sua vagina.

Os quadris dela se separaram da almofada enquanto seus sucos jorravam sobre seus dedos como nata quente. Suas mãos se enredaram no cabelo dele, seus gemidos lhe enchiam a boca, sua língua enchia a dela.

Ela se retorcia contra a estocada, empurrando seus quadris mais duro contra ele enquanto rogava por mais.

—Ainda não, Sarah —ofegou roucamente, sentindo que seu controle escorregava perigosamente—. Logo neném. Logo.

Seus lábios vagaram até seu pescoço, tomando frenéticos beijos mordiscando enquanto seus dedos se moviam dentro e fora de sua apertada carne, afundando-se lenta e facilmente, atirando para trás, deleitando-se com sua súplica.

Atendeu a seus seios uma vez mais. Amamentado duro e profundo aos avermelhados mamilos, logo lambendo seu caminho por seu estômago. Calor e necessidade pulsavam de entre suas coxas, lhe empapando a mão enquanto fluíam do fundo de sua vagina.

—Tranquila, Sarah —gemeu ele, situando-se entre suas pernas, o doce aroma de sua excitação o conduziam à loucura—. Tranquila, neném. Me deixe te mostrar como bom pode ser.

Ele se estirou sobre a mesa de café e ela se imobilizou. Brock fixou o olhar nela enquanto, recolhia, um a um, os artigos que tinha preparado. O gel lubrificante, o plugue de tamanho médio que estenderia o tenro buraco traseiro e a prepararia para ele. O grande vibrador cheio de gel quase tão pesado e grande como seu próprio pênis. Sua respiração parou, um áspero gemido escapou de sua garganta enquanto Brock sentia sua vagina agarrando seus dedos ainda alojando-os ali. Pulsava, fluía, sua rica nata o alagava enquanto ele mantinha o olhar, deixando saber que o tempo para correr estava agora parado.

Capítulo 19

O fogo iluminou o corpo do Sarah enquanto Brock a olhava fixamente. Ele aproximou os artigos lentamente da mesa, colocando-os entre suas estendidas coxas enquanto a observava cuidadosamente. Ao mesmo tempo, levava os dedos dentro de sua vagina, movendo-os só um pouco, só de vez em quando, mantendo-a no bordo, mantendo a umidade e o pegajoso calor fluindo ali.

—Precisa estar bem lubrificada para tomar o plugue —sussurrou ele com voz áspera enquanto movia sua mão atrás dela agora—. Estenderá aí, será mais fácil para você tomar meu pênis .

Sarah não pôde controlar o gemido que escapou de sua garganta. Seria assim quando ele a compartilhasse também? Ela odiou o traidor pulso de excitação que encheu seu corpo.

—O vibrador é firme, mas não muito duro —lhe prometeu, enquanto lhe beijava a coxa, lambendo a pele brevemente—. Quero usá-lo em você, Sarah, enquanto chupa meu pau . Quero que esteja preparada, pronta. Quero que saiba o que vem.

Sarah queria fechar os olhos, mas as instruções na nota que lhe deu o proibiam. Ela tinha que ver. Se não o fizesse, então a castigaria. Não estava segura de qual seria o castigo, mas tinha o pressentimento de que só poderia implicar a extrema excitação e sua negativa a satisfazê-la.

—Amanhã, tem uma entrevista com a Denise Lamont. Ela depilara sua vagina para mim. — Sarah se sacudiu com um protesto instintivo nos lábios ao escutar isso—. Terei-te —continuou ele—. Quero-te Lisa e nua aqui, livre para sentir qualquer toque de lábios e língua em sua pele. Terá uma consulta regular com ela para mantê-la suave. Entende?

Sarah assentiu vacilante. O via duro e determinado.

—me escute, Sarah —disse olhando-a fixamente, seus olhos azuis brilhavam com ferocidade de maneira ameaçadora—. Não vai esconder do que quero de você. Experimentaremos, veremos o que é melhor para você, mas não te esconderá isso. Pelo que eu consigo de Marly, entende-me? — Sarah se estremeceu pelo nome da outra mulher.

—Por favor, Brock. —Podia dirigi-lo, realmente podia. Mas não sabia se poderia suportar falar disso.

—Não. Não permitirei que te esconda, Sarah —falou ele—. Não quero só foder essa bonita vagina. Quero te ouvir gritar de prazer quando me empurrar analmente dentro de ti. Quero te ver se masturbar, quero te foder em um milhão de lugares diferentes, em um milhão de posições diferentes. Me entenda. Não vou deixar que resista só por medo ao desconhecido. E se chegar o momento, Sarah, quero te olhar enquanto Cade e Sam lhe tocam, enquanto lhe dão prazer, enquanto lhe fodam. Nunca te obrigarei, mas tampouco deixarei que te negue seu próprio prazer tampouco. Foderei a Marly, faço-o regularmente enquanto Cade participa. Enquanto Sam participa.

Sarah queria afastar o olhar dele, mas não podia. Enquanto falava, seus dedos estavam tocando-a, inundados em sua vagina, atraindo os espessos sucos a seu ânus, provocando com um dedo seu pequeno e apertado buraco.

—Eu olharei, Sarah, enquanto Sam te dá prazer. Enquanto Cade te toca. Exatamente como olham enquanto tomo a Marly. Não tem nada que ver com quanto amo a ti, entende isso? Assim como o prazer que obtenha do que meus irmãos lhe façam não terá nada que ver com seus sentimentos por mim. Tem que gravar isso em sua mente.

—Fez —ofegou ela—. Hoje.

Ela sabia que o tinha feito. Soube quando ele entrou pela porta essa noite.

—Fiz —sussurrou ele—. Enquanto Cade olhava, respirava, embebido em seus gritos de prazer, igual à Cade e Sam a tomassem mais tarde.

Sarah não pôde deter o áspero gemido que rasgou sua garganta quando aquele provocador dedo finalmente se lançou profundamente e penetrou em seu ânus, atravessando profundamente o pequeno buraco apertado. Suas palavras não se perdiam nela, a imagem disto tinha a seu corpo pulsando de traidora excitação. Ele se impulsionou no pequeno buraco de novo, lento e fácil, o deslizar de seus próprios sucos e o gel lubrificante, faziam menos forçada a penetração.

—Deus, Sarah, te olhe —sussurrou ele então—. Seus olhos estão tão escuros, tão excitados. Seus pequenos mamilos endurecidos, sua vagina está tão úmido que poderia me afogar nele.

Sarah soltou um gemido, arqueando-se para seus lábios enquanto ele bebia dela, sua língua lançando em sua absorvente vagina enquanto continuava empurrando seu dedo facilmente em seu ânus. Estirando-a, Deus, estava usando dois dedos agora? Sentia-se tão cheia, invadida e penetrada, ao bordo de um clímax tão explosivo que se perguntava se sobreviveria.

—Agora tranquila —grunhiu ele, colocando-se atrás dela, tirando seus atormentadores dedos de seu ambicioso corpo—. Necessito que te relaxe tanto como seja possível, Sarah.

Sarah olhou fixamente, aturdida além do que podia acreditar, enquanto ele desentupia o lubrificante em gel. Segundos depois, o frio gel tocava sua pele, provocando que se estremecesse.

—Está frio. Mas se esquentara rapidamente. —Seu sorriso cintilou, travesso e quente.

Sarah sacudiu a cabeça, lutando contra a necessidade de fechar os olhos enquanto ele começava a empurrar seus dedos em seu apertado buraco uma vez mais. Um dedo, deslizando-se facilmente dentro dela, estendendo o gel. Depois dois, facilitando o passo enquanto estendia o frio lubrificante profundo em seu interior. Ela gritou, mas não por dor enquanto sentia três dedos invadi-la, estirando-a. As sensações a sacudiram, deixando-a ofegante enquanto ele continuava estirando seu corpo lentamente, sua língua correndo através de sua fenda enquanto o fazia, acariciando seus clitóris, mantendo-a ao bordo da liberação.

—Pronta agora? —perguntou ele, elevando a cabeça enquanto levantava o plugue do sofá.

Sarah sacudiu a cabeça, sua mente estava nublada e seu corpo entorpecido apesar do sangue que corria através dela.

—Sim esta, preciosidade —ele disse, o tom tão delicado, aprovando tanto a ondulação de suas pestanas. Só no último segundo conseguiu manter os olhos abertos.

Então o sentiu. A ponta do plugue foi inserida no apertado buraco de seu anus. Brock estendeu suas pernas abertas, uma flexionada colocada sobre seu ombro, a outra sobre o respaldo do sofá.

—OH Deus. Brock. —Não podia deter o arqueamento de seu corpo enquanto o grosso dispositivo começava a enchê-la, estirando-a.

Um formigamento de fogo se disparou através de sua coluna, logo a baixo. Podia sentir sua vagina pulsando, gotejando sua própria lubrificação natural, se preparando ele mesmo para o que vinha enquanto ele empurrava o

plugue profundo em seu interior. Ela se retorcia debaixo dele, seus quadris se arqueando, depois um agudo e sobressaltado grito escapou de seus lábios enquanto sentia a ardente base passando o apertado anel de músculos.

Estirou-a incrivelmente, deixando-a ofegante, quase lhe suplicando para que tomasse agora. Neste momento. Mas ela não podia falar. A respiração se estrangulou em sua garganta enquanto o prazer a invadia quebra de onda detrás quebra de onda.

— Sarah —a voz do Brock soava tão tensa, tão violentamente excitado como o estava ela agora—. Neném. OH neném. Sim, deixa-o sentir bem para você.

Sua cabeça baixou e lambeu sua vagina como um homem faminto. Sua língua se mergulhou em seu interior, suas mãos lhe sustentavam as pernas em seu lugar enquanto bebia do poço de nata quente, o corpo dela pulsava em sua boca. Entretanto, ele ainda se negava a lhe dar seu clímax. Levo-a uma e outra vez ao bordo, só para retirar-se antes que ela se pudesse liberar.

Logo ele levantou o grosso consolador cheio de gel do sofá. Sarah gemeu enquanto ele a olhava. Sua expressão era uma tensa careta de excitação, seus olhos brilhavam com uma feroz luxúria que a fez levantar-se.

—Quero que conheça a plenitude disto —sussurrou ele enquanto alojava a avultada cabeça do consolador em sua escorregadia entrada—. Quero olhar seu rosto, seus olhos e saber que você gosta. Quero ver seu prazer, Sarah.

Os olhos dela se abriram mais enquanto sentia o brinquedo sexual entrando lentamente nela, separando a carne de sua vagina, queimando-a, estirando-a. Sua cabeça se sacudi em curtos e bruscos movimentos, seus punhos se fecharam na almofada do sofá. Não podia suportá-lo. Não podia. Era muito. Muito e entretanto não era suficiente. Cada lento e impulsionado centímetro que se enterrava dentro dela a fazia mais consciente do plugue agasalhado em seu ânus, para que o ardente prazer chamuscasse seu corpo com relâmpagos de excitação tão quentes que esperava ampolas.

—Ah, Sarah, que formosa é —sussurrou ele quando ela finalmente gritou, seu corpo agitando-se, conduzindo o consolador esses últimos centímetros, alojando-o firmemente contra seu útero, estirada tão apertada a seu redor, tal e como estirárá para mim ao redor.

Ele tirou o consolador, logo o empurrou de volta a casa. O fazia tão lentamente, seus golpes eram firmes mas não muito rápidos. Sarah se arqueava para ele desesperadamente, uma agonizante bruma de luxúria a queimava viva. Sua vagina estava estirada como nunca o tinha estado e o consolador era apenas um pouco menor que o largo pênis do Brock. E como o necessitava ela agora. Necessita o clímax mas os insatisfatórios golpes que usava para enchê-la só a mantinham equilibrada no brutal bordo de sua liberação.

Apesar de tudo, Sarah olhava a Brock. Seus olhos estavam enlaçados, suas necessidades, sua excitação alimentando de um a outro até que Sarah não pôde agüentar mais. Ela corcoveou contra o lento impulso, levantando-se para ele, suas mãos lhe agarrando o vibrador, detendo o movimento dentro dela.

—Foda-me, maldito. Pára de me provocar com isto. —Teve que apertar seus dentes quando esse pequeno e irônico sorriso torceu seus lábios.

Imediatamente ele estava removendo o vibrador, lançando-o a um lado, seus olhos se obscureceram, a determinação endurecendo sua expressão.

—Agora, vêm aqui —ele baixou suas pernas, logo tomou suas mãos e a empurrou sobre os joelhos.

Colocando-se no sofá, ajudou-a a colocar-se sobre ele, posicionando-a sobre a tensa e pulsante cabeça de seu pênis. Sarah sentia que a umidade entre suas coxas aumentava, sabendo que a empalaria na grossa longitude.

—Pouco a pouco, Sarah. —Apertou seus quadris, baixando-a.

A cabeça do Sarah caiu para trás enquanto a cabeça se movia pouco a pouco entre seus lábios, para logo estendê-los amplamente. Ela estava ofegando com desejo e um fio de medo. O plugue a enchia, estirando-a, e sabia o que faria sua vagina menor, mais apertada. Doeria-lhe? Ele era um pouco maior que o consolador, mais duro, mais quente. Tão ardente e grosso.

Ele escorregou só ligeiramente. Sarah se estremeceu. Seu pênis se sentia como um tição. Uma grossa, dura e incrivelmente excitante peça de aço quente deslizando-se e passando o agarre por seus músculos. Ela tratou de empalar-se a si mesmo totalmente nele, mas suas mãos agarraram seus quadris mantendo-a atrás.

—Lento, neném —grunhiu ele, sua voz grossa, tão áspera que seu peito retumbava—. Lento e suave.

Centímetro a centímetro ele empurrou nela. Sarah gemeu, suas pestanas revoando enquanto lutava por manter os olhos abertos. Estava morrendo, se estendendo em uma tortura de desejo tão intenso que sabia que não sobreviveria.

—Sarah. —Brock corcoveou contra ela, alojando outro centímetro da incrivelmente grossa carne em seu interior—. Deus Sarah, está tão apertada. Tão malditamente apertada.

Deslizou os últimos centímetros dentro dela, assentando plenamente a si mesmo em seu interior enquanto jogava a cabeça contra as almofadas e Sarah gritava de desespero. Estava completamente estirada, ardentemente consciente de cada centímetro da dura carne enterrada em seu interior. A apertada dor a estava deixando louca por seu pênis. Ela o queria cravando-se em seu interior, arrojando na loucura enquanto gritava sua liberação. Em troca, ele a sustentava imóvel, com uma mão em seu quadril enquanto a outra atirava a parte superior de seu corpo para o seu, lhe sustentando a cabeça contra seu peito.

A posição elevava seus glúteos e colocava seus clitóris em contato direto com seu osso pélvico.

—Fica tranqüila —ordenou ele com voz cortante, enquanto ela tratava de se empurrar contra ele.

Ela não podia. Estava sem sentido pela necessidade. Retorceu-se sobre o eixo empalando-se, seus quadris torcendo-se desesperadamente.

—Basta. —Golpeou sua bunda. Não um fácil e ligeiro toque. Um duro golpe. Enviou-a a um reino sem sentido de prazer que a mataria. Seus quadris empurraram de novo.

Ele a golpeou outra vez. Sarah gritou de humilhação e de um desejo tão profundo e desesperado que não podia controlá-lo mais. A mão dele aterrissou de novo na outra bochecha. Cortante, alto. Sarah corcoveou, gemendo, quase chorando agora do prazer que era tão intenso. Suas nádegas estavam ardendo e sabia que queria mais. A humilhação por isso era tão profunda e intensa. Era uma parte de si mesmo que não sabia se podia dirigir.

—Sarah. Deus, Sarah.—Suas mãos lhe agarraram os quadris duramente, sustentando-a firmemente enquanto seu corpo se esticava—. Ainda não, neném. Ainda não.

—Por favor, Brock —gritou ela contra seu peito enquanto ele a abraçava perto, suas mãos agarrando os ombros dele, a necessidade sacudindo-se por enquanto lhe rogava.

—Fica quieta, Sarah. —Sua voz agora era dura e determinada—. Quero que sinta, neném. Só sente. Vê o bom que é? Quão quente é ser cheia desta maneira?

—esta sensação me matando, Brock —gritou ela em seu peito—. Não posso suportá-lo. Por favor me permita chegar.

—Ainda não —grunhiu ele—. Em um minuto. Prometo-lhe isso. Isto é o que será, Sarah. Igual ao que é para Marly. Quente e cheia, estirada e sustentada. É como isto, Sarah. Entende?

Entendia-o. Entendeu desde o começo o que sua lição significava.

—Sim —ofegou ela—. Sim, Brock. Agora por favor. Por favor foda-me.

Sarah se retorceu contra ele, cravando seu pênis dentro dela enquanto um exausto grito destroçado rasgava desde sua garganta.

Ele agarrou seus quadris mais duro. Lentamente saiu, logo empurrou nela uma vez mais. Fácil, golpes lentos que a tinham quase gritando sua necessidade de mais. Seus quadris se retorciam contra ele, seu corpo corcoveando enquanto suas costas se arqueavam.

—Maldito —gritou roncamente—. Foda-me. Faz-o agora.

—Aceita-os, Sarah? —Sua voz me era torturada—. Diga isso agora. Agora, Sarah. Aceita seus toques?

—Sim —gritou ela, delirando de excitação—. Algo, Brock. Algo, maldito seja. Só foda-me.

O grunhido que se rasgou do fundo de sua garganta soou selvagem. Apoderou-se logo depois de seus quadris, duro e apertado e começou a empurrar. Sarah ficou sem respiração. Profundos e duros impulsos. Estenderam-se através de sua apertada vagina, aumentando através do agarre por músculos enquanto ele parecia lançar nela sua alma.

Perdeu a prudência. Suas costas se arquearam enquanto um grito se rasgou através de sua garganta e a destroçava. O explosivo clímax rasgou através de seu corpo com a força de um maremoto, alagando-a, afogando toda humilhação, vergonha ou lamento. Continuava e continuava, pulsava através de seu corpo, apertando a vagina ao redor do pênis duramente inundada nela. Até que sentiu a sacudida da grossa ereção, sentiu a Brock

estremecer-se e logo alagando a íntima curva com jorro detrás jorro de sua grossa e quente culminação..

Sarah se derrubou sobre seu peito, respirando trabalhosamente, seu corpo ainda tremendo, sua vagina agarrando-o, pulsando em torno dele. Não podia mover-se. Logo que podia respirar. O suor gotejava de seus corpos, e o aroma do sexo e a satisfação os envolviam com os acalorados restos de desejo.

—Deus. Maldição. —A voz do Brock era rouca e assombrada, enquanto continuava lutando por respirar.

Moveu ao Sarah gentilmente a seu lado, apoiando a contra o respaldo do sofá enquanto ela ia à deriva em uma bruma de finalização, acordada, mas não realmente consciente.

—me deixe deitada —resmungou ela, sentindo as suaves mãos enquanto ele a punha sobre as costas e estendia suas coxas.

Ela se queixou enquanto o sentia liberando o plugue seu corpo. Um eco de seu anterior clímax pulsou através de seu corpo. O que tinha passado com ela? Tinha estado sem sentido, rogando, nas garras de algo que não podia entender e que não queria olhar muito de perto nesse momento.

—Está bem, neném. —Tranquilizou-a gentilmente enquanto a sujeitava em seus braços e se encaminhava às escadas—. Vou, te levar a cama.

—Não fica esta noite. Preciso dormir. —Descansou a cabeça em seu peito, a sonolência protegendo-a tão cálida e suave como os braços do Brock.

—Dormirá —prometeu ele, e Sarah soube que escutava uma risada em suas palavras. Evidentemente, tinha a intenção de ignorá-la, ao igual a tinha passado esta noite.

—Mandão —murmurou ela enquanto a recostava na cama logo ele começou a limpar brandamente suas coxas. A suave calidez do tecido que utilizou adormeceu seu cansado corpo aproximando-a mais ao momento de dormir.

—Tenho que ser —lhe respondeu, enquanto a beijava na frente brandamente—. Se não o fosse, não estaria tão cansada agora mesmo, Sarah.

Sarah suspirou. Estava no certo? Provavelmente ele pensava que o estava. Bloqueou o pensamento em sua cabeça, deslizando-se no refúgio dos braços do sonho enquanto sentia a manta sendo dobrada sobre seus ombros. Ele era tenro. Beijou-a na frente, colocou suas mãos brandamente sobre seu cabelo, logo a escuridão a envolveu.

* * * * *

Brock se sentou no bordo da cama e contemplou a Sarah dormir. Luzia inocente e sexy ao mesmo tempo. Isso apertou seu peito, fez que sua garganta doesse de emoção ao ver a dessa maneira, se curvando perto dele, esgotada de satisfação. Os sedosos fios de cabelo de mel e ouro estavam enredados ao redor de seu rosto e ombros, as largas e luminosas pestanas descansavam como suaves sombras sobre suas bochechas. Uma mão se encontrava debaixo de sua bochecha, a outra descansava sobre a coxa dele.

Levantou a mão de sua coxa, esfregando seus dedos sobre os dela ligeiramente. Eram suaves, compridos e elegantes, com unhas curtas de cor rosa. Suas Palmas eram tão suaves, como o cetim. Levou a mão a seu rosto, mantendo a calidez de sua palma contra sua bochecha enquanto fechava os olhos.

Tinha esperado por ela. Durante seis longos anos tinha esperado, sabendo que finalmente, cedo ou tarde, casada ou divorciada, ele a teria. O sabor que lhe tinha dado quando tinha dezoito anos às vezes o tinha conduzido à loucura, pondo-o quase desesperado por arrancá-la do trapaceiro bastardo com o que estava casada. As noites que passou no bar, escutando ao presumido falando a respeito de sua pequena esposa frígida tinha sido um inferno. Mas o tinha suportado. Ele sabia mais e sabia que para fazer seu movimento, mostrar sua mão ao Mark Tate antes que chegasse o momento, seria um engano.

Ele conhecia o Tate muito bem. Muito melhor que Sarah, e sabia que seu ex-marido não a deixaria ir tão facilmente. Como Sarah tinha sido hábil para conseguir que assinasse os papéis de divórcio, não tinha nem idéia. Como tinha escapado do matrimônio sem cicatrizes, ele estava até mais desconcertado. Uma coisa tinha por seguro, depois desta manhã, ia ter que manter um olho atento sobre o bastardo. Por isso Sam lhe havia dito, tinha

chegado bem a tempo para impedir que Sarah fosse ferida. Em primeiro lugar, o assaltante desconhecido e agora Tate. O perigo era cada vez maior e sabia que não podia permitir a que ela ficasse aqui por muito mais tempo.

Brock suspirou de cansaço. Desejava tê-la em seu rancho onde sabia que estaria segura em qualquer momento do dia. Tinha uma má sensação a respeito desta situação.

Capítulo 20

Sarah estava furiosa, envergonhada e intimamente depilada. O último se relacionava diretamente com o primeiro e o odiava. Não podia levar calcinhas; Denise o tinha proibido categoricamente durante seis horas depois da depilação. Sua pele ardia, apesar da nata que a outra mulher tinha esfregado sobre sua vagina e mais abaixo até o ânus. Tinha-o depilado tudo. Cada diminuto pêlo foi eliminado, e isso tinha doído.

O que não parecia preocupar ao Brock. Quando ela deixou a casa, ele tinha saltado do jipe, a antecipação enchia sua expressão. Ela desejava empurrá-lo dentro da casa e deixar que a diabólica puta depiladora o atacasse. Trocou de opinião rapidamente. Denise Lamont parecia uma mulher que seria mais que feliz de empregar seu ofício sobre a sensível carne do Brock.

Agora se encontrava sentada no jipe do Brock, silenciosa, com os olhos entrecerrados enquanto voltavam para a casa. Brock parecia completamente pago de si mesmo, os libidinosos olhares que estava lançando em sua direção esquentavam seu sangue apesar de sua determinação de não permiti-lo. Não queria estar mais molhada. Poderia picar. Estava ardendo o bastante.

—Estas bem? —perguntou-lhe ele brandamente, lhe lançando uma nova olhada.

—Muito bem. —Olhou fixamente pelo pára-brisa com rebeldia. Não estava pronta para perdoá-lo exatamente agora.

—Estou seguro de que não foi tão mau, Sarah. —Franziu o cenho, interpretando corretamente sua ira—. Demônios, Marly faz todo o tempo.

Ela lançou um controlado olhar. Não queria escutar nada de Marly precisamente agora.

—Como sabe? —perguntou-lhe com frieza—. A última vez que olhei, tinha todo seu cabelo.

Ele riu. Maldito fora, não necessitava suas risadas.

—me deixe vê-lo. —Suas palavras tinham deito sua cabeça dar voltas, os olhos abriram incredulamente ante a pergunta.

—O que te deixe o que? —ofegou ela.

—Levanta seu vestido e me deixe vê-lo. —Suas pálpebras estavam pesadas e entrecerradas enquanto a olhava de esguelha uma vez mais—. Vamos Sarah, ninguém nos verá.

—É o que disse no bar —resmungou ela—. Evidentemente alguém o viu. Mark sabia.

Ela não necessitava aos bons fofoqueiros do Madison especulando sobre seu passeio no jipe do Brock, mostrando suas partes privadas. Sua cara avermelhou. Já era bastante mau. Todos seus velhos amigos estavam cheios de perguntas. O maldito telefone não parava de soar antes que deixassem a casa. Ela não tinha sido tão popular desde... Apertou os dentes. Da semana depois do episódio seis anos antes. Terrível. Justo o que necessitava. Todo mundo inteirando-se de sua vida sexual. Ela sabia, considerava que era bastante mau.

—Mark sabia? —A pergunta parecia exposta com muito cuidado.

—Bem, evidentemente sabia. Um de seus amigos estava ali e amavelmente lhe informou do fato —cuspiu ela, recordando a forma em que lhe tinha arrojado à informação.

—Então estava estirado no chão para vê-lo —grunhiu Brock—. Não sou estúpido Sarah. Sabia o que estava fazendo.

Ciúmes e possessividade, duas emoções que ela não tinha esperado nele, tingiram sua voz.

—Possivelmente só especulava. —Ela se encolheu de ombros—. Isso não importa, não vou mostrar isso neste jipe, em público. Assim pode esquecer-lo.

Brock suspirou, o pesar emanando dele.

—Posso tocá-lo? —Deus, soava como um garotinho esperando para jogar com seu novo brinquedo

—Não, Brock. —Ela negou com a cabeça, lhe mostrando um aspecto exasperado—. Não pode vê-lo e não pode tocá-lo.

—me deixe tocá-lo e te darei uns açoites mais tarde —regateou com presunção.

Sarah sentiu seu corpo quente, sua cara avermelhando até mais e seu coração saltando pela excitação.

—Esquece-o. —Não havia nenhuma forma no inferno de que fora a deixá-lo tocá-la.

—me deixe tocá-lo e o açoitarei logo. —Sua voz baixou enquanto elevava as apostas.

Deus, era tão depravado. A idéia daquilo em realidade a estava pondo mais molhada. E tinha razão. Ardia. Maldito fora.

—Não. —Sabia que sua voz estava afogada por sua própria excitação.

—Açoitarei-te se não me deixa vê-lo —ameaçou ele enigmaticamente, lhe lançando um vibrante olhar.

Sarah fez girar os olhos.

—Ganho uma palmadas de qualquer modo, assim por que deveria consentir?

Ela se estremeceu ante aquela idéia. Necessitava ajuda. Séria ajuda psicológica, porque estava acostumando-se à excitação, as necessidades que ele infundia nela. Não o considerava uma boa coisa.

Brock sacudiu a cabeça, os lábios inclinando-se naquela sexy e conhecida careta. Aquele gesto a pôs nervosa. Ele estava tramando algo, sabia. Estremeceu com o conhecimento. Tinha-lhe prometido tudo o que tinha querido a noite anterior. Seus mais profundos desejos se a fodia. A lembrança daquilo a tinha golpeado no momento em que despertou esta manhã.

—vou ver o quando chegarmos em casa. Inclusive se não posso tocá-la por um tempo. —Ele sorriu abertamente. Evidentemente sabia exatamente quanto passaria antes que ela pudesse ter sexo.

Elas entrecerram o olhar sobre ele.

—Não sou tão fácil como crê , Brock. —Quase se estremeceu. OH, em realidade tinha demonstrado aquilo.

—Sarah, nunca imaginei que fosse fácil. —Sua voz era de repente séria, seu toque firme enquanto alcançava sua mão e a apertava—. Tudo menos isso. Esperei seis anos por ti, tempo mais que suficiente para qualquer homem.

Era duro para ela imaginar que ele tinha estado esperando-a ou querendo-a todo esse tempo. Tinha assumido anos atrás que se esqueceu dela.

Os dedos do Brock acariciaram os seus, percorrendo lentamente da base à ponta antes de levantar sua mão e logo tomar um no calor de sua boca. O gemido afogado do Sarah encheu o interior do jipe. Olhou-a pela extremidade do olho e ela sentiu sua língua escorregar sobre o dedo, curvando-se ao redor sedutoramente.

Sarah olhou seu perfil, vendo o rubor em sua bochecha, a forma em que a outra mão agarrava o volante com força. Seus jeans estavam avultados e um gemido retumbou em sua garganta.

—Adoro sentir sua boca envolta assim ao redor de meu pênis . —Deu-lhe uma última e insistente lambida—. Toda quente e sedosa, me tirando a vida, tão certo como faz meu orgasmo.

Sarah tragou com força; a lembrança dele enchendo sua boca lhe roubou a respiração. Logo se afogou em sua garganta enquanto ele tomava sua mão e a fez lembrar de como fez o mesmo ao redor da sua vulva coberto pela roupa entre suas coxas.

—Brock, é um homem perigoso —sussurrou, exalando com cuidadosa deliberação—. A sério, deveria estar proibido.

Ele sorriu abertamente, depois grunhiu enquanto os dedos dela se esticavam ao redor de sua circunferência, cuidadosamente, as unhas arranharam sobre a áspera roupa. Estava quente e tão dura que a ela lhe deu água a boca.

—Graças a Deus quase estamos em casa —resmungou ele—. Pagará por isso mais tarde, Sarah.

A sedosa promessa provocou que suas coxas se tencionassem pela necessidade. A ligeira ardência de sua sensível carne era agora mais erótico que doloroso. Deus, pensou ela com desespero, era tão patética.

Deteve-se no caminho da entrada e conduziu dentro da garagem. Estacionando junto ao pequeno Corolla dela, freou o jipe no estacionamento e abriu de par em par sua porta.

—Vamos, quero ver. —Sua voz estava tensa, a antecipação tingia seu tom.

—Tio, Brock, é tão romântico. —Ria enquanto descia do jipe e se encaminhava à porta—. Comporta como se fosse Natal.

—Maldita seja! Isto de ter que fazer presentes de Natal sempre me superou. —Colocou a chave na fechadura e abriu a porta com um rápido movimento de mãos.

Brock a agarrou pelo pulso, sujeitando-a atrás dele, depois veio uma brusca parada. Os olhos do Sarah se abriram de repente ante a destruição que a recebeu. Sua cozinha tinha sido destruída. A mesa estava em partes, havia copos e pratos quebrados em pedaços no chão. A geladeira tinha sido esvaziada, seu conteúdo manchava as paredes, mostradores e armários.

—OH meu Deus. —Não podia acreditar a destruição

Tentou empurrar por diante do Brock, mas seu corpo a bloqueava, tenso e perigoso enquanto a empurrava fora da casa.

—Sobe ao jipe. —Sua voz não admitia discussões.

—Não, tenho que ver...

—Maldita seja Sarah, volta para fodido jipe. —Abriu a porta de par em par e a empurrou dentro antes de saltar ele mesmo—. Não te atreva a tentar sair por essa porta ou te surrarei a pele com meu cinturão.

A enorme violência que havia na advertência a teve afundando-se em seu assento, os olhos abertos enquanto o olhava. Arrancou o jipe, retrocedendo e saindo do caminho de entrada enquanto tirava o telefone móvel do estojo de sua cintura.

—Sam, onde está? —vociferou quando a chamada foi respondida—. Esquece os ferrolhos. Vêm me buscar na rua junto à casa do Sarah, alguém destruiu sua casa.

Cortou logo depois de chamar o xerife. Sarah sentava rígida e quieta enquanto ele estacionava a sombra da fileira de árvores. Enrolou seus próprios braços ao redor de seu peito, lutando com a comoção que queria invadi-la. Alguém tinha destruído sua casa. Aquele conhecimento caiu como um duro e enorme peso em seu peito.

Quem podia odiá-la tanto? E se era o mesmo homem que tentou matá-la, o que o fazia pensar que isto feriria o Brock? Não tinha sentido para ela. Ela olhou através das árvores para sua casa, observando-a, perguntando-se se ainda estaria ali. Estava ainda destruindo tudo o que tinha enquanto ela se sentava, indefesa, incapaz de detê-lo?

—Sarah? Está bem neném? —Brock envolveu seus braços ao redor dela, inclinando-se perto enquanto lhe elevava a cabeça para olhá-la à cara—. Diabos, estas branca como cera.

Sarah sacudiu a cabeça. Não queria ser abraçada agora, não queria ser incomodada. Queria sentar-se aqui e tentar encontrar sentido ao que ocorria. Sua bem ordenada e completamente estruturada vida se havia simplesmente ido ao inferno. E não podia entender como.

—O xerife estará aqui em um minuto — prometeu ele— Nos ocuparemos disto, Sarah. Não se preocupe.

Como, se perguntou, pensava ele ter se que ocupar disto? Até agora, tinha sido atacada, sua casa destruída e sua vida pisoteada pelos homens August. Parecia-lhe que seus problemas tinham começado a noite que o levou a sua casa. Não trocaria o tempo que estava passando com o Brock, mas que Deus a ajudasse, não sabia como tratar com isto. Da olhada a sua cozinha, alguém a odiava com uma fúria totalmente enrolada Odiava-a o suficiente para se arriscar a tirar o chapéu ao irromper durante o dia para destruir seu lar.

A mão do Brock esfregava acima e abaixo seu braço enquanto falava. Sua voz era tranquilizadora, baixa e profunda enquanto tentava consolá-la. Sarah jazia contra ele, absorvendo o calor de seu corpo, ainda tentando rechaçar a realidade que tinha visto dentro de sua casa.

—Estou pronta para despertar agora — disse, lutando com as lágrimas enquanto se separava da casa—. Desperta agora.

—OH, Sarah. —Sua voz estava carregada de dor, áspera de preocupação—. Se só pudesse despertar e fazer que tudo retrocedesse, então te juro que o faria querida.

—Quem está fazendo isto? Por que estão fazendo isto? —não podia entender a lógica atrás de tais ações. se perguntava se inclusive havia uma razão.

—Não sei por que ou quem neném —suspirou ele contra seu cabelo—. Mas lhe prometo isso, o

encontraremos. É tudo o que posso fazer.

Enquanto lhe respondia, a luz lhe cintilavam do veículo do xerife se refletiu no espelho retrovisor. Sarah deu uma olhada para sua casa uma vez mais e teve a sensação de que tinha passado sua última noite nela.

—O xerife está aqui com o Sam. —Tentou levantar o seu ânimo uns minutos depois, franzindo o cenho enquanto levantava seu rosto uma vez mais—. Sei que está assustada, Sarah. Nos ocuparemos disto. Vamos, temos que falar com o xerife.

Capítulo 21

O xerife não foi o único em chegar. Empurrando atrás dele estava Sam e detrás deste o irmão maior, Cade August e sua pequena amante, Marly. Cade era alto, de olhar severo, com olhos cinza duros como o aço, e com um corpo musculoso afinado com precisão. Se Parecia muito com os irmãos nos olhares, embora Sarah podia dizer que o homem seria um adversário muito mais perigoso que seus irmãos se o agarrava pelo lado equivocado. Sabia que tinha estado em seu lar à noite do ataque, mas não recordava havê-lo visto. E ele e Marly se foram antes que despertasse ao dia seguinte.

Marly era outra história. Era pequena, delicada, com olhos azuis, profundos, expressivos e uma expressão muito preocupada. No minuto que vislumbrou Brock correu para ele, se atirando a seus braços que a rodearam em um abraço rápido, seu grande corpo se envolvendo a redor dela em uma maneira protetora. Igual como a Sarah, quanto tinham relações sexuais.

Soltando-a, retrocedeu para Sarah, envolvendo seus braços ao redor dela outra vez enquanto olhava ao Cade de maneira inquisitiva. Sarah podia cheirar o delicado aroma da outra mulher nele. Um aroma que cheirava nele freqüentemente. Deus, não podia acreditar no que se estava colocando. Não tinha resistência ante este homem?

—Está bem? —perguntou-lhe Marly, olhando fixamente com preocupação—. Estávamos saindo quando Sam chamou. Assustou-nos muito, Brock.

—Estou bem, Munchkin, ambos o estamos — prometeu, franzindo o sobrecenho enquanto seu irmão os olhava com fixos olhos frios.

—por que estavam dirigindo para aqui? —Brock franziu o sobrecenho a seu irmão.

Os olhos de Cade piscaram a Sarah, antes de voltar para o Brock.

—Temos problemas —lhe informou Cade silenciosamente, mantendo sua voz baixa enquanto Sam se ocupava do xerife e lhes guiava a casa— Consiga algumas roupas de Sarah, terá que trazê-la ao rancho. Rick se nega a considerar que um guarda por fora da casa seja agora suficiente.

O golpe deixou ao Sarah rígida. Que guardava? E quem era ele para insistir em que ela fosse aonde seja?

—Perdoe, mas Brock não é meu guardião, senhor August —lhe informou docemente, ignorando o brilho de inquietação que seu afiado olhar enviava a seu estômago—. Não preciso ir ao rancho.

Marly se mordeu o lábio enquanto o corpo do Cade parecia se esticar perigosamente. Sarah olhou esse signo delator. Por que seu desafio seria uma fonte de preocupação?

—Senhora Tate, compreendo sua inapetência para fazê-lo. Mas aqui está passando mais do que sabe. O ataque foi bastante mau, mas não parará. E põe em perigo não só sua vida, mas também a do Brock —lhe advertiu, a cor dos olhos trocando, formando redemoinhos.

—O que acontece? —A Sarah não gostava da suspeita nem o batimento do coração de preocupação na voz do Brock.

—Recebi um envelope com fotografias pelo correio da manhã. —O duro olhar do Cade se deslizou pelo Sarah uma vez mais, quase a fazendo tremer—. Evidentemente, não agarramos ao homem correto o ano passado.

—Fotografias? —perguntou Brock com cuidado.

Cade olhou ao Sarah e ela sentiu a bílis subindo pela garganta.

—Um quarto iluminado com velas e uma mulher muito disposta — disse Cade com cuidado—. Leva a sua

mulher a casa, Brock. Até que possamos averiguar que demônios está passando.

Sarah olhou fixamente em estado de shock o irmão mais velho. Fotografias? Um quarto iluminado por velas? Sua cara flamejou. Tinha que estar falando dela e do Brock e a noite que passaram no salão. Abriu a boca para deixar sair uma corrente de perguntas quando o xerife escolheu esse momento para dar um passo para frente.

—Brock, necessito de sua declaração —lhe disse, com sua forte voz—. Vamos nos ocupar de que a senhora Tate possa encontrar um lugar para permanecer esta noite. Não acabaremos com a casa até tarde.

Sarah girou para o xerife com cuidado.

—Foi sozinho na cozinha —disse ela, que de algum modo sabia melhor.

—Sinto muito, Sarah. —Joshua Martinez sacudiu a cabeça com cuidado, tirando o chapéu de xerife da cabeça, olhando-a com olhos cordiais—. Quem quer que fora acabou com toda a maldita casa. Roupas, móveis. Parece que aplicou uma tocha a tudo.

Sarah ofegou, os joelhos débeis. Sabia que se Brock não a tivesse estado sustentando, teria caído ao chão pelo shock. Tudo? Não tinha muito, mas maldição, tinha sido dela.

—Fique tranqüila Sarah. —A voz do Brock se envolveu ao redor dela, suave, compassiva.

Ela sacudiu a cabeça, apartando-se dele, desesperada por obter o suficiente espaço para pensar.

—Quem faria isto? —Negou com a cabeça, encontrando difícil compreender tal destruição.

—Que tal Mark, Sarah? —O xerife olhou ao Brock rapidamente, sua sugestão carregada de implicações.

—por quê? —Ela se encolheu de ombros—. O divórcio foi definitivo faz semanas, Josh. Não há razão para que faça isto.

— esteve contando intrigas a respeito de ti e Brock. Parece bastante ofendido sobre quão facilmente o deixaste atrás —lhe disse—. O viu ultimamente?

Sarah se encolheu de ombros, recordando a última visita do Mark a casa. Tinha estado enfurecido, algo que nunca antes tinha visto nele. A violência que tinha mostrado a tinha assustado, mas não podia imaginar fazendo isto.

—Faz um par de dias —disse incomodamente—. Veio a casa.

—Estava zangado? —Perguntou-lhe Joshua, a compreensão e a simpatia emanando dele.

—Sim um pouco.

—um pouco nada. Estava furioso. Entrei para encontrá-lo empurrando-a pela habitação. —Sam deu um passo agora, sua era voz um grunhido baixo.

Sarah franziu o cenho, desejando que Brock mantivera os seus irmãos por fora desta confusão. Não necessitava a três homens tentando tomar o mando de toda sua vida.

— Sarah, necessito que seja honesta comigo. —Joshua passou os dedos pelo curto cabelo marrom—. Não ajudará se me ocultar coisas. Não te posso ajudar assim.

Ela suspirou impacientemente.

—Não acredito que Mark faça isto —ladrou, sacudindo a cabeça—. Mas não sei, Josh. Nem sequer posso acreditar que tenha acontecido, pensar sozinha que alguém que conheço possa fazê-lo.

—Cade? —Josh olhou à maior dos August, fazendo que o ressentimento lhe estalasse no peito.

—Esta não é a casa do Cade, Josh. —Atraiu a surpreendida atenção do xerife de volta a ela—. Por que lhe pergunta?

—Sarah —sussurrou Brock, sua voz desce em suas costas enquanto apertava os braços ao redor dela—. Josh e Cade só querem ajudar, neném.

—Bem não necessito a ajuda de seus irmãos. De nenhum deles. — se separou dele, girando para olhar fixamente a seus preocupados olhos. Odiava atrair essa preocupação de volta a seu rosto, mas eles a transbordavam. Faziam-na se sentir como a pequena mulher impotente que jurou que nunca seria outra vez.

Algo cintilou em seus olhos. Uma labareda de excitação. O pulso oculto de algum entusiasmo interior, respondido pelo repentino estalo de calor entre as coxas. Maldita seja, não necessitava isto neste momento. Confundia-a, excitava-a, de maneira em que se voltava todo macho e forte quando o desafiava. Não o precisava fazendo isto por ela em meio de tais acontecimentos caóticos.

—Senhora Tate —começou Cade.

—Algumas de minhas roupas pode salvar? —Ignorou a advertência do Cade August.

Joshua suspirou com cansaço, olhando-a com uma expressão contrariada.

—Não sei, Sarah. É melhor que vá comprar umas poucas coisas até manhã. Posso deixar você entrar então. Até esse momento, quero dar a meus homens tempo para repassar a casa, para que consigam as evidências que possam e sair. Possivelmente queira chamar o Bucky também, para que limpe o lugar por ti.

Bucky Leddingham e sua mulher a tinham limpo a última vez. Sarah chiou os dentes. A este passo, cada centavo que tinha seria para honorários de limpeza.

—Bem. —Fechou os olhos—. Que tal meu carro? Posso pega-lo?

—Sarah —a voz do Brock caiu, a advertência mais pesada agora—. Vamos te conseguirei algumas roupas. Pode retornar ao rancho.

—Possivelmente eu não quero ir ao rancho —ela disse, os nervos e a irritação crescendo dentro dela enquanto os três homens August a olhavam com cuidado.

—Sarah? —Marly deu um passo adiante, colocando uma mão no braço do Sarah, olhando-a com uma mensagem tácita que lutou por compreender—. Posso falar contigo um minuto? A sós.

Sarah olhou as expressões nas caras dos homens. O descontentamento masculino lhes enchia, uma labareda de dominação, de sugestão sexual espreitando em suas expressões.

Permitiu que a outra mulher a guiasse à frente do jipe do Brock. se Voltando, olhou como os homens se apinhavam juntos, suas vozes baixas enquanto falavam com o xerife.

—Sarah, não quero te assustar, mas permanecer sozinha não é uma boa idéia neste momento —lhe disse Marly, sua voz suave enquanto se olhavam fixamente a uma à outra—. Sei que os homens podem parecer bastante fortes, mas Brock se voltará louco de preocupação. Permanecerá contigo, e isso voltará loucos ao Sam e ao Cade. Por favor não me obrigue a agüentar a todos esses machos preocupados sozinha.

Houve um sorriso lento, um brilho de risada em seus olhos. Mas Sarah também viu a preocupação feminina. Sabia igual à Sarah o que cada homem queria se ia ao rancho. Ali radicava o problema. Sarah não queria encarar as complicações, a sugestão inerente de acordo que daria ao Brock o que desejava. E sabia que isso estava no mais alto da mente de cada homem. Estava ali, esse conhecimento sexual, o bordo de satisfação nos olhos.

—Você não me quer ali, Marly. —Não tinha sentido ela ocultar os seus sentimentos.

Sarah olhou ao Brock. Ele levantou a cabeça para olhá-la, seus limpos olhos azuis concentrados nela por instinto. Carinho, preocupação, luxúria, leu cada emoção em sua expressão. Aterrorizou-a.

—Sarah, te quero segura, pela tranquilidade do Brock. Se Cade tiver razão então está em grave perigo. —A declaração do Marly a fez girar-se para a outra mulher com surpresa.

—De que está falando? —perguntou-lhe, cheia de confusão.

—O ano passado, Cade encontrou fotografias dele e minhas juntos. Pensamos que tinha sido meu padrasto, que me espreitava. Depois de que tratasse de me raptar, estávamos seguros de que o era. Mas jurou que não. Inclusive os guarda-costas que empregamos não estiveram seguros depois de que todas as evidências saíssem à luz. Agora Cade está convencido de que é algo mais. Algo que aponta aos irmãos. Agora, depois de seu ataque, e das fotografias de você e do Brock que recebeu esta manhã, não há forma de que podemos ignorar a ameaça.

Sarah se ruborizou, logo empalideceu. Os joelhos lhe debilitaram, o estômago lhe revolveu com temor.

—Ele viu as fotografias? —Não podia olhar ao Marly. A fúria pelo desconcerto se derramou sobre ela.

—Sarah, vêem o rancho. —Marly a agarrou pelo braço em um esforço por convencê-la—. Não importa quem viu as fotografias. Existem. Isso significa que corre perigo. Não permita que Brock seja ferido por causa de sua teimosia. Cade não o poderia suportar. Por favor.

Sarah tremeu. Olhou aos olhos do Marly e viu a aceitação, a resignação.

—Não dormirei com os três homens —exclamou, ignorando a surpresa que Marly mostrou ante sua declaração—. Não o farei, Marly.

A sua amargura bombardeava o sorriso que se formou nos lábios da outra mulher.

—Quem sabe?

—Brock me disse isso. E não o farei. —Pelo menos, esperava não fazê-lo.

—Não lhe forçarão, Sarah —suspirou, de alívio ou de incredulidade Sarah não estava segura—. Virá ao

rancho então?

—Tenho escolha? —perguntou-lhe Sarah, sabendo que não.

—Nenhuma. —Marly jogou uma olhada aos homens então, sorrindo a seu Cade.

Sarah captou o bordo de adoração no olhar do homem. Assombrou-a. Como poderia um homem amar a uma mulher tanto e mesmo assim tocar a outra?

—Falaremos no rancho. —Marly captou a pergunta em seus olhos—. Quer?

—Acredito que necessitamos. — Sarah quadrou os ombros. Por muito grandes que fossem seus enganos, sabia que este seria espetacular.

—Vamos então, devemos aliviar suas mentes. Pararemos no Claire e pode conseguir um pouco de roupa nova. Voltaremos amanhã e veremos quanto dano causou.

Marly se dirigiu de volta aonde os homens ainda falavam em voz baixa, seus tons vibravam com um bordo de violência.

—Sarah? —Brock a pegou em seus braços quando se aproximou—. Está tudo bem?

Os olhos dela se enfocaram nos do Cade enquanto este pegava Marly em seus braços. Ela os estreitou, ele os enrugou com diversão.

—Bem —suspirou—. Adivinho que vou ao rancho.

As mãos do Brock lhe apertaram o estômago e ela sentiu o quase imediato inchaço de seu membro enquanto pressionava contra suas costas. Tremeu ante o pensamento, o coração lhe pulsando com um ritmo violento e duro ante sua foto instantânea excitação.

—Chamarei quando tivermos terminado aqui —prometeu Josh—. Deterei o Tate, e averiguarei onde estava esta manhã e quão zangado está realmente.

Sarah baixou a cabeça. Não podia acreditar que Mark fizesse isto. Apesar da ira que tinha mostrado fazia dias, ele não era assim.

—Vamos. —Brock a dirigiu ao jipe, abrindo a porta para ela e ajudando-a a entrar.

Sarah se sentou imóvel, olhando colocar o cinto de segurança e inclinar-se para grampeá-lo. Estava duro, vibrando com a excitação.

—Brock? —murmurou seu nome.

Lentamente, vacilante, ele levantou a cabeça, seus olhos se encontrando com os seus. Ela viu a luta que continha seu prazer, sua antecipação.

—Sim Sarah? —sussurrou-lhe.

—Só você, Brock. —Lutou contra seu temor. Não queria que ele esperasse o que não podia dar. Não queria recriminações mais tarde.

A desilusão cintilou em seus olhos por um breve instante. Olhou lutando contra isso, olhou o sorriso que finalmente curvou seus lábios.

—O que queira, Sarah —lhe prometeu—. Só te darei algo que deseje.

Ela respirou fundo, assentindo bruscamente ante sua promessa. Não podia lhe pedir mais.

Capítulo 22

Sarah pendurou suas roupas novas no armário do Brock. Vaporosos vestidos e suaves saias, conjuntos em sua maior parte. Colocou sua roupa interior nova em uma gaveta em sua cômoda e vários pares de sapatos no sapateiro ao final do comprido armário. Usava um de seus novos conjuntos. O rogo dele tinha sido patético. A saia era vaporosa, suave e curta. O Top sem mangas que usava não o poderia ter usado com sustento. Agradecia que seus seios não fossem muito grandes e estivessem firmes e cheios.

Suspirou profundamente, olhando a seu redor ao masculino quarto com seus pesados e escuros móveis e a grande cama de quatro postes. Havia uma zona mobiliada como um salãozinho no lado mais afastado do quarto.

Um sofá, uma cadeira e um móvel na esquina com uma grande televisão nele. Não carecia de comodidade. A casa inteira não carecia de comodidade, por isso ela tinha visto.

Grande, arejada, com tetos altos e amplas janelas. A casa estava belamente arrumada e era cômoda. O pouco que Brock lhe tinha mostrado depois de sua chegada a tinha deixado ofegando. A modesta fachada da casa fazia pouco por preparar ao visitante para sua beleza interior.

—Tudo bem? —Brock permanecia na porta de entrada comodamente apoiado contra o marco enquanto a observava.

Estava excitado. Permanecia excitado. Sarah se perguntou se outros homens eram tão viris e sexuais como Brock August. Se o eram, nunca tinha ouvido falar disso.

—Sim. —Ela fechou a porta do armário, o enfrentando por completo—. Tudo está bem. Mas não penso estar aqui por muito tempo, Brock.

—Ao menos até que seja seguro —A determinação engrossava sua voz.

Sarah suspirou, sabia que vim aqui seria um engano. Permaneceu quieta, observando sua fortaleza da porta. Entrou no quarto, fechando a porta cuidadosamente atrás dele. Ela sentiu seu coração se acelerar com a excitação. Não a havia tocado em todo o dia e soube pelo olhar em seu rosto que tocá-la agora enchia sua mente.

Umedeceu os lábios nervosamente. Ele sempre a punha nervosa, muito consciente de seu corpo, sua feminilidade. Suas coxas se esticaram, a nua pele de sua vagina se voltou escorregadia e quente em segundos. O acelerar do sangue por suas veias, o batimento do coração de seu coração, pôde sentir todo isso no vazio portal que esperava por ele.

—Estar bem com essa saia, Sarah —sussurrou ele sem tocá-la, unicamente olhando-a.

Deteve-se perto dela, quase a tocando, o calor de seu corpo queimando-a. Sarah tragou esclarecendo sua garganta, os olhos fixos nas mãos dele. Ele se desabotoou a camisa com cuidadosa deliberação antes de deslizá-la por seus ombros. Lançou-a descuidadamente sobre o tamborete acolchoado ao final da cama.

Ela respirava com dificuldade quando os dedos dele se dirigiram a seu jeans. Moveram-se com eficiência, deixando aberto s frente. A dura carne de seu membro se elevando de dentro do tecido.

Sarah soltou o fôlego devagar, seu coração pulsava discordante e pesado em seu peito. Ela deixou cair à mão contra a tensa carne de seu abdômen, olhando dentro de seus olhos enquanto ele a observava intensamente.

—Quero-te em minha boca — disse, sua voz era suave, o necessitado som rouco a surpreendeu.

As bochechas dele se coloriram com um apagado e profundo vermelho. Seus olhos se obscureceram e seu peito se levantou rudemente.

—Quero estar em sua boca —ele disse, sua cabeça descendeu até que seus lábios puderam acariciar a descoberta pele de seu pescoço—. Quero sua pequena e quente boca me envolvendo, sua língua me esfregando.

Sarah quase soltou o gemido que estava formando-se em sua garganta.

Agarrou-lhe a cintura dos jeans, baixando-os enquanto inclinava seu corpo. De joelhos ante ele, olhou para cima vendo a necessidade nua e selvagem, refletida em seu rosto. Seu pênis se esticou para ela, pesado e duro, a grossa cabeça pulsando, liberando uma pequena pérola de líquido. Essa gota a tentou, fazendo-a desejar mais.

Sujeitando a base com suas mãos, se inclinou para frente, sua língua percorreu a larga ponta, lambendo a gota que se acumulava aí. Brock grunhiu profundamente, suas mãos foram ao seu cabelo para impulsioná-la para diante. Sarah envolveu os primeiros centímetros, grunhindo enquanto lhe enchiam a boca. Quente, resistente, ele empurrou para a boca dela com um lento e compassado impulso, até que ela não pôde tomar mais.

Sarah levantou seus olhos, observando-o, amando o vulnerável prazer que viu refletido na masculina expressão. Observava-a, seus olhos nunca deixavam os dela. As mãos dele apertadas em seu cabelo. Ela se queixou, sentindo os pequenos estalos da tirante sensação, quase dolorosa, aumentando seu prazer.

—Sua boca se sente tão bem Sarah. —Ele retrocedeu, depois atacou sua boca uma vez mais. Cada empurrão lento e medido enquanto sua respiração se arrastava desde seu peito—. Apertada e quente, úmida e sedosa, ver seus lábios separados por meu pênis me faz enlouquecer por tomar.

As palavras roncamente expressas faziam que a carne entre suas coxas se umedecesse apertando-se fortemente com agonizante necessidade. Seu corpo ardia, se ruborizando enquanto ela o arrastava mais profundamente, chupando sua carne abertamente. O suave som de sucção enchia o quarto enquanto ela chupava

o ardente eixo, suas mãos lhe percorrendo a base, embalando o escroto, suas unhas, arranhando a sensível pele ao ritmo de seus ásperos e sensuais grunhidos.

—Suficiente. Quero me acabar em sua apertada e pequena vagina Não te deixarei me esvaziar com esses suaves lábios. —separou-se dela, se despojando de suas calças com um rápido e controlado movimento antes de alcançá-la e elevá-la sobre seus pés—. Deus Sarah, estive esperando todo o dia para comer sua doce vagina.

Brock baixou o fechamento de sua saia, empurrado o suave tecido até que caiu de seus quadris e fez um atoleiro a seus pés. Dando um passo fora de suas sandálias, ficou quieta enquanto Brock lhe tirava a blusa pela cabeça. As mãos dele foram aos seus seios enquanto ela suspirava com ardente prazer.

Os lábios masculinos capturaram o som ao cobrir os seus, a língua empurrando entre seus lábios, seus braços a rodearam, seu enorme corpo se inclinou se aproximando, protetor, defendendo-a. debilitou-se ante o nascimento da paixão que correu através dela. A forma em que seu corpo se inclinava fazia ele instintivamente, carne contra carne, calor e feroz necessidade atando-os juntos.

Sarah se inclinou para ele, para seu beijo. Seus lábios abertos para a língua dele, a sua entretecendo-se, uma voluntariosa cativa para seu sedutor beijo, seus escuros desejos. O corpo lhe doía, seus quadris pressionavam as dele, a carne de seu estômago, embalando a ereção que vibrava entre eles.

Ela gemeu, sentindo-o se mover. Balançou-a entre seus braços e a emoção que essa ação fez surgir através dela a aterrorizou. Alguma vez se havia sentido mais mulher? Alguma vez necessitou algo tão desesperadamente como necessitava ao Brock?

—Não durarei muito. —Colocou-a sobre a cama inclinando-se em cima, seus lábios quentes e ferozes enquanto banhavam seu pescoço de beijos.

Ela ofegou, suas mãos foram a sua cabeça, se deslizaram pelos cabelos negros como a noite, os lábios dele lhe acariciando o pescoço, sua língua lhe lambendo a pele, fazendo-a tremer, fazendo que seus quadris se arqueassem para a dura masculinidade que pressionava entre eles.

OH. Isso será tão bom. Seus olhos se abriram em um despertar inicial, só para ser capturados pelo calor dos do Brock. Ele sabia, condenado. Esfregou a carne nua de seus íntimos lábios contra a coxa masculina, sua respiração agora em uma audível série de pequenos gemidos. A sensível carne, tão escorregadia e quente, lhe pulsando, formigando. Abria-se enquanto ela pressionava contra sua coxa. Seus clitóris não encontravam interferência ao pressionar-se contra as duras coxas masculinas da parte superior de sua perna.

—sente-se bem? —O preguiçoso sorriso inclinando seus lábios a fascinou

Esfregou-se contra ele novamente, suas coxas apertadas contra ele, às sensações correndo por seu corpo a uma velocidade que desafiava sua capacidade para ofegar e se sujeitar o suficiente para decidir se podia levá-los. Só podia gritar, arquear-se e esfregar-se contra a dura coxa masculina, procurando mais.

—Ainda não, Sarah —sua risada soava oxidada. Não ousada. A felicidade, não o regozijo se acendeu em seus olhos. Iluminou-os, ainda quando a excitação lutava por obscurecê-los.

—OH Deus, Brock. Não te detenha. —Apertou seus quadris, lhe impedindo de afastar-se dela—. Se sente tão bem. Não te atreva a te mover.

Ela se moveu contra ele, sentindo a umidade que se filtrava desde sua vagina, cobrindo a sensível carne, a coxa masculina, fazendo uma base perfeita para as deliciosas cócegas de calor e criando a urgência entre suas coxas.

—Gozar em minha perna —sussurrou ele contra seus lábios, pressionando-os com dureza—. Você não gostaria mais de gozar em minha boca?

Sarah perdeu a prudência ante o som daquelas sussurradas palavras.

— se sentiria tão bem? —perguntou ela, respirando pesadamente. Não podia imaginar nada tão bom. Sua nua e escorregadia carne em perfeito contato com sua dura coxa. Desejava culminar e poderia, se ele sozinho o permitisse.

—Melhor neném. —afastou-se dela, ignorando seu grito ante seu abandono.

Moveu-se abaixo pela cama, lhe separando as coxas, inclinou-se entre eles, observando-a, seus olhos quentes e famintos. A insaciável luz naqueles luminosos olhos azuis fazia que seu pulso se alterasse. A maneira em que se lambia os lábios, observando-a, seu sorriso cheia de conhecimento um instante antes que sua língua

lambesse os suaves lábios de sua vagina.

—OH Brock. —Suas mãos lhe sujeitaram o cabelo enquanto o fogo corria através de seu corpo.

Lambeu-a novamente, sua língua aprofundando dentro da estreita fenda, varrendo sobre seus clitóris, espaçoso dos cachos que antes tinham crescido aí. A cabeça de Sarah se sacudia sobre os travesseiros. As carícias dele deslizando-se sobre sua carne com suaves e tensos movimentos. Intermináveis terminações nervosas que ela nunca soube que tinha tido repentinamente saltaram à vida. Ofegando lascivamente se encontrava ao bordo de rogar por mais quando sentiu essa diabólica língua formar redemoinho em seus clitóris um instante antes que sua sugadora boca o cobrisse.

Os quadris do Sarah se levantaram da cama, um grito estrangulado saiu de sua garganta. Ao mesmo tempo sentiu seus dedos, sábios, experimentados e malvados tentando levá-la mais à frente do bordo da prudência, deslizar-se profundamente ao interior de sua comprimida vagina.

Explodiu violentamente. Seus gemidos ecoaram ao redor do quarto enquanto sentia os estremecimentos sacudir seu corpo. Profundos, intensos, apertando seus músculos, lançando-a a um clímax tão forte, que a pos ofegando em busca de fôlego.

Brock se moveu sobre ela enquanto as últimas vibrações lhe percorriam o corpo. Antes que pudessem se acalmar empurrou seu pênis, veloz e profundamente nas ambiciosas profundidades de seu corpo. A cabeça do Sarah se sacudiu, suas mãos se sujeitaram a seus ombros, seus olhos se fixaram com aturdida fascinação no homem que havia junto à porta de seu quarto.

Não pôde falar. O olhar em seus olhos, era muito parecido com a escura, intensa e faminta do Brock. Suas unhas se cravaram nos ombros do Brock, seus quadris empurraram contra ele com desespero, seus olhos unidos com os de seu irmão.

—Brock —ela gritou seu nome, incapaz de controlar a crescente luxúria aumentando em seu interior. Devia estar comissionada, horrorizada, não tão excitada que estava quase louca no agarre por uma carnalidade tão malvada que não podia fazer nada mais que gritar quando o clímax rompeu através dela.

Os quadris do Brock a guiaram através das violentas sacudidas de liberação, então seu áspero gemido masculino soou em seu ouvido e ela sentiu os duros e rápidos jorros de seu sêmen jorrando nela. Pulso detrás pulso enquanto ele tremia contra ela, sussurrando seu nome enquanto se sacudia uma vez mais. Sarah olhou, apenas capaz de manter os olhos abertos, enquanto Sam se deslizava para fora do quarto.

Capítulo 23

Rick e Tara Glaston não estavam casados, assim o explicou Brock no dia seguinte. Rick era o ex-cunhado de Tara, um alto e musculoso Ex-comando das Forças Especiais e proprietário em parte de Segurança Anônima, um escritório de amparo privado. Tara era alta, com cabelo vermelho e olhos verdes, e algumas sardas esfumadas no nariz. Rick era mais alto, com o cabelo castanho e os olhos de cor avelã. Ambos eram bem conhecidos pela família August. Com eles, estava a irmã da Tara, Heather James. Era um pouco menor que Tara, media aproximadamente um metro sessenta e cinco, um pouco menos que o metro sessenta e oito de sua irmã. Era magra, compacta e tinha o comprido cabelo de cor castanho avermelhado escuro em uma grossa tranca que lhe deslizava pelas costas, seus solenes e escuros olhos verdes observavam ao grupo.

Também Dillon estava assistindo à pequena reunião. Um mais que furioso Dillon escutava os procedimentos com o cenho franzido. Apresentou-se cedo essa manhã, ameaçando matando a cada homem August que respirasse, se algo acontecia com sua irmã. Sarah revirou os olhos. Estava atuando como um pai superprotetor em lugar de um irmão ocasional.

—Desta vez trago uma equipe comigo, os tenho a todos pulverizados ao longo dos pontos de segurança, onde a casa pode ser acessível com uma arma. —Rick assinalou várias áreas em um mapa improvisado—. Não queremos que se repita o pequeno acidente do Sam.

Sam e Cade tinham sido tiroteados dois anos atrás por um perseguidor, possivelmente tentando se carregar ao Cade. Sarah observou aos homens, escutando aos guarda-costas e lutando com a realidade da situação. Sentia-se muito curvada e ao bordo de um abismo no qual tinha medo de cair.

Olhar a Brock, ver sua preocupação e sua determinação de protegê-la a assustava. Estaria de pé entre ela e o perigo, sabia. A prova estava em sua determinação de mantê-la ao seu lado.

—Quero que cada um aprenda dos enganos cometidos a última vez que estivemos aqui. —Severo, sem dizer nada mais Tara olhou a cada homem individualmente.

—Se, lembrem, nós somos vaqueiros não boinas verdes esta vez huh? —Sam revirou os olhos por alguma piada privada.

—Tenha cuidado Sarah, Brock e Cade se divertem jogando de vaqueiros e perseguidores com os desenquadrados. —Marly fez uma careta—. Cade tem uma cicatriz que o demonstra.

—é, eu também tenho uma cicatriz. —Sam falou. Como um homem grande com rasgos tão escuros e quase selvagens como os seus podia em realidade consegui-lo era todo um mistério para o Sarah. Mas ele as arrumava.

—Sim, tem e você foi um mulecote com sua feridinha. —Heather lhe sorriu abertamente, fazendo que todos se burlassem menos Sarah.

Sam lhe lançou um descarado olhar sexual.

—Quer beijar minha feridinha de novo, neném?

Heather se ruborizou, estreitando os olhos sobre ele com promessas de vingança.

—Não era sua feridinha o que ela tinha na boca, Sam. —Recordou-lhe Tara com aspereza—. Se assim fosse, então estaria em um problema muito major.

—De acordo, garotas e meninos. Recordem, fique dentro ou exatamente no pátio do rancho, nada de passeios a cavalo a meia-noite. —Rick lançou uma arruda olhar ao Sam—. E não devem sair furtivamente a dar uma de vaqueiro e os perseguidores. —Brock e Cade foram os seguintes—. Possivelmente possam apanhar ao bastardo esta vez.

—Último disparo, Rick. —Cade ficou de pé, com todo o humor desaparecido de seu rosto—. Quero saber pelo menos de quem se trata esta vez. Ponha a sua gente nisto.

— os Tive nisto durante dois anos, Cade —resmungou Rick, os olhos cor avelã com um olhar frio e dura—. Nosso pessoal e um grupo de Investigadores Privados. Não há nenhum traçado de evidência que ligue a nenhuma pessoa.

—Só uma pessoa poderia estar detrás de tudo isto —disse Cade cuidadosamente, lançando um vacilante olhar para Sarah.

—Ele está morto, Cade. —Rick agitou a cabeça—. Eu mesmo o verifiquei. Sua identificação foi positiva. Não pode tratar-se dele.

—Então deve ser alguém próximo a ele, alguém que sabia— Cade envolveu os braços instintivamente ao redor de Marly quando ela ficou a seu lado—. Encontra-o. Concentre-se nisso. Isto não pode vir de nenhum lugar mais.

Rick suspirou cansadamente, passando-a mão por cima de seu curto cabelo.

—Tratarei de olhar outras perspectivas. Mas lhe juro isso, aquela linha está mais que esgotada.

—Simplesmente encontra ao bastardo, não me importa onde tenha que procurar. —Sua voz áspera e cortante ressonou através do quarto—. Estou farto de ter que ficar acordado de noite preocupado pelas mulheres desta casa. Te Pago condenadamente bem. Agora, ganha o maldito dinheiro.

Saiu do salão apressadamente, os saltos de suas botas marcavam um ritmo áspero no duro chão.

Marly suspirou, e olhou a todos pedindo desculpas.

—Está bem, Munchkin, nós o entendemos e também Rick. —Sam se apoiou no respaldo da cadeira, suspirando com um áspero sopro—. Lhe Dê tempo, se acalmará.

Marly assentiu, logo deu a volta e seguiu ao Cade. Seu pequeno corpo, vestido com uma rodeada seda branca lhe dava a aparência de uma inocente sedutora. Era de falar tão suave, gentil e muito malditamente doce para a vida que Sarah sabia que levava. se perguntava como fazia a outra mulher e conseguia não se converter em uma pessoa amargurada e cínica.

—Senhorita Tate, vigiaremos a seu ex também —disse Rick, girando-se para ela—. Certamente ele não é uma tela de fumaça.

—O Xerife está ocupando-se disso —protestou ela—. Ele sabe o que faz.

—Estou seguro que sim. —Assentiu Rick—. Mas de qualquer maneira, investigarei-o. É o melhor para todos nós.

Sarah se encolheu de ombros. Ele podia golpear a um cavalo morto tanto como quisesse.

—Preciso ir para casa logo, procurar minhas roupas. —voltou-se para o Brock—. Se ficou algo.

—Deixa que um de nossos empregados se encarregue disso por você —lhe pediu Tara—. Faz uma lista de tudo o que necessita agora mesmo e o faremos trazer aqui. Temos que nos manter juntos por hora.

Sarah apertou os lábios com irritação. Estava começando a sentir-se como uma prisioneira.

—Não será por muito tempo, neném —lhe prometeu Brock—. Quem quer que seja esse bastardo, uma vez que começa, não demora muito em mostrar-se de novo.

—E esta vez o quero—disse Rick com voz dura—. O último disparo meninos, veja se podemos apanhá-lo nesta ocasião.

* * * * *

Sam se deslizou para fora da casa enquanto chegava à escuridão. Ignorou o fio de nervosismo no abismo de seu estômago e a antecipação que mantinha o seu pênis palpitando. Estava brincalhão, assegurou-se. Isso era tudo o que acontecia. Podia se ocupar de uma pequena cachorra o tempo suficiente para averiguar por que infernos tinha retornado, moveu-se rapidamente através do pátio traseiro, dirigindo-se para a pequena caminhonete estacionada depois de um grupo de altas rochas a uns sessenta metros da porta da cozinha. Tinha esperado tanto tempo como tinha podido. A curiosidade e a luxúria não lhe permitiam atrasar a confrontação nem um momento mais. Enquanto se aproximava, a porta traseira se abriu e Rick saiu dela grunhindo.

—Se Tara se inteira disto, chutará o seu traseiro, vaqueiro —lhe grunhiu—. Vigiei por aqui mas não terá muito tempo.

Sam lhe sorriu abertamente, inclinou seu chapéu e se meteu na caminhonete. A porta foi fechada de repente, depois travada atrás dele.

A tênue luz das câmaras dos monitores que estavam a um lado da caminhonete iluminava brevemente o escuro interior, lhe permitindo captar uma olhada de Heather enquanto ela olhava para trás.

—Rick não vai te cobrir outra vez, Sam. —Heather estava sentada na pequena cama localizada a um lado da caminhonete, uma perna esbelta e vestida com jeans estava apoiada sobre o magro colchão, enquanto recostava as costas na parede da caminhonete, mofando-se dele—. Se soubesse que tinha planejado vir, então não teria estado aqui.

Seu rosto magro, com os pequenos lábios fazendo uma careta o fascinaram. Os olhos verdes ligeiramente inclinados e as magras sobranceiras arqueadas se combinavam para criar uma ilusão de conto de fadas que deveria estar vestida com vaporosa seda, não com calças jeans e uma áspera blusa de algodão.

Ele queria rasgar a roupa de seu corpo. Queria acariciar sua acetinada pele. Desejava brigar com ela por fazê-lo sentir outra vez.

—por que infernos não retornou? —enfrentou-a furioso. Um ano. Um maldito ano no qual não tinha sabido nada dela.

Ela arqueou burlonamente uma magra sobranceira. Sam sentia que o sangue começava a esquentar-se em suas veias, seu pênis lhe endurecia até raiar na dor.

—Uma mamada não faz uma relação, vaqueiro —lhe disse sarcasticamente, seu olhar piscando para a protuberância que tinha crescido no meio de seu jeans.

Recordou essa doce boca, tão pequena e tão detestavelmente firme e quente. Apertou os punhos enquanto a olhava aos olhos, lutando por controlar suas necessidades.

—Se lembra corretamente, como o inferno que isso foi mais que uma simples mamada, neném —lhe espetou, não querendo recordar quanto desejava outra vez o tato de sua boca—. Acredito que gritou

condenadamente alto enquanto comia sua doce vagina.

E uma merda se Heather não o recordava. Seus mamilos se endureceram imediatamente. De novo, ela não tinha posto um sutiã debaixo da maldita camisa. Vestia alguma vez um sutiã?

Quando lhe lançou uma olhada ao rosto foi ver o tímido rubor que a tingia. Entretanto, ela não cedeu. Os olhos dela encontraram os dele, seus olhos verdes estavam obscurecidos pela excitação. Recordou exatamente como se via excitada e necessitada. Apertou os dentes ante essa lembrança. Deveria partir. Nunca poderia sair dali sem tê-la.

—Ainda é virgem? —Quis tragar as palavras no momento em que se deslizou de sua boca.

—Ainda está fodendo o amor de seu irmão? —grunhiu-lhe ela, o aborrecimento brilhando nos olhos.

Ela era uma coisinha pequena e Espinhosa. Rápida com sua boca, quente com sua paixão e voltando-o louco com sua obstinação de fêmea. Sam fez uma profunda e dura aspiração depois ficou de joelhos diante dela. Tinha que tocá-la. Era uma tentação e uma que ele não entendia, ainda não podia resistir. Os olhos dela se alargaram, depois piscou enquanto ele não fazia outra coisa mais que olhá-la. Adorava olhá-la. Desfrutava perceber a mudança de sua expressão e a antecipação em seus olhos.

—Não sei como foder a uma virgem —sussurrou, sacudindo a cabeça, confundido pela necessidade esmagadora que tinha de tocá-la brandamente, confundido pelo tremor de suas mãos—. E quero foder você Heather. Quero te foder bem forte.

Observou seus peitos palpar em uma difícil respiração. Apertou os punhos em um esforço por não tocar-lhe. Conteve seu sorriso enquanto ela franzia o cenho furiosamente, a evidência de sua luta contra a excitação que evidenciava seu profundo rubor e o rápido subir e descer de seus peitos.

—Deveria esperar a que te faça um convite, garotão. Não recordo ter protestado quando te voltava rude antes —lhe espetou, mas ele percebeu a entrecortada indicação em sua voz de que essa idéia a intrigava. Assim como antes tinha estado intrigada pela pequena amostra de prazer/dor que lhe tinha ensinado.

E isso o intrigava. A lembrança de seu prazer e de sua luxúria desmascarada enquanto puxava pelo comprido cabelo, ou lhe mordida eroticamente os grossos lábios de sua perfeita vagina o deixava louco com sua crescente luxúria por ela.

—me convide, Heather. —aproximou-se, incapaz de controlar-se. Era débil e o admitia. Condenadamente fraco quando essa pequena e fogosa ruiva estava envolta.

Ela mordeu o lábio, baixando as pálpebras e sua respiração cada vez mais rápida e irregular.

—Pareço uma louca, Sam? —perguntou-lhe, embora a sua voz faltava convicção.

—Não —sussurrou ele com uma careta. Maldição, ela podia iluminar seu coração quando nada mais podia—. Parece um doce de canela, neném. Doce e quente sobre minha língua, que faz voar minha mente com seu sabor.

Olhou-o cuidadosamente, os lábios se separaram agora enquanto lutava por tomar ar. Ele sabia exatamente como se sentia. Estava sufocando-a com seu desejo por ela.

—E você te vê como um problema. —Entretanto tremeu apesar de sua objeção, enquanto ele puxava sua perna e a endireitava, depois se aproximou mais a ela.

—te desabotoe a camisa —ele sussurrou, enquanto lhe apertava os pulsos.

—O que? —a surpresa iluminou seus olhos.

—Faz —grunhiu, quase fazendo uma careta de dor pela aspereza de sua voz—. Quero te olhar, Heather, desabotoe a camisa e logo abra isso me permita ver esses duros e pequenos mamilos. Me deixe tocá-los.

—Ainda sou virgem —lhe recordou, sua amargura era audível e compreensível.

Sam fez uma careta de dor. As últimas palavras que lhe havia dito antes que partisse fazia um ano, eram que perdesse sua virgindade antes de retornar. Não era um amante gentil e estava apavorado de feri-la. Evidentemente, não tinha escutado essa parte.

—Não por muito tempo —ele prometeu—. Agora te desabotoe a maldita camisa Heather. Não seja modesta, neném, sabia o que ia passar quando retornasse.

As unhas dela se cravaram no pulso dele, introduzindo-se e sua pele enquanto a língua dela percorria com nervosismo seus lábios.

—Eu não esperava nada, Sam —ela disse, e ele estava surpreso pela honestidade que escutou em sua voz—.

Não havia nenhuma promessa entre nós. Como podia ter esperado algo?

Sam fez uma profunda e áspera aspiração quando a olhou. Ela não tentava esconder sua excitação, não lhe importava lhe deixar saber que seria o primeiro. Inclusive conhecendo quem era e a vida que levava, desejava-o. Que mais poderia querer ela?

—Não serei suave. Adverti-lhe isso, Heather. —Lutava por manter o tom de voz duro, mas escutou a veia de necessidade nela—. Agora, te desabotoe essa condenada blusa antes que lhe rasgue isso do corpo.

Quase se estremecia pela necessidade de provar seus pequenos mamilos duros sob o tecido. Sugá-los em sua boca, morder-lhe e escutar seus gemidos de paixão enquanto a deixava louca com sua boca. Ele secou a boca quando ela pôs as mãos sobre os botões. Um botão se deslizou livre, afastando um pouco o tecido. Um momento depois o segundo botão ficou desabotoado. Seu pênis se sacudia pela antecipação.

Os dedos foram para o terceiro, e estava desabotoando-o devagar quando a porta da caminhonete se abriu repentinamente. Sem pensá-lo duas vezes, Sam empurrou a Heather ao chão com um rápido movimento, seu corpo a resguardou do perigo enquanto girava a cabeça para enfrentar à pessoa o suficientemente idiota para interrompê-lo.

Deteve-se um segundo de golpear ao intruso. Tara Glaston mantinha os olhos entreabertos, as mãos apoiadas nos magros quadris e os olhos verdes brilhando de ira.

—Heather, tem alguma idéia de quem raios recebeu aqui? —reprovou-lhe.

A risadinha suave que escutou atrás dele o surpreendeu, girou-se para olhar a Heather, maravilhado pelo brilho inteligente e o olhava cheia de diversão.

—Possivelmente deveria perguntar a ele, Tara. —Estava recostada abotoando-a camisa e olhando ao Sam com um brilho ardiloso.

—Sai daqui, Sam. —Espetou-lhe Tara, com a irritação cozendo-se a fogo lento enquanto o olhava—. Acredito que lhe necessitam na casa para algo.

Quis discutir, mas já conhecia a Tara e sabia muito bem que ela era pior que uma serpente de cascavel cega.

—Isto não terminou, Heather —lhe advertiu—. Não pense que é assim.

Ela se mordeu o lábio de novo. Condenada, desejava poder fazer isso por ela.

—por agora sim, Sam —suspirou, olhando-o cautelosamente—. Possivelmente possamos falar depois.

—Falar não é exatamente o que tenho em mente —ele respondeu, enquanto saltava da caminhonete—. E a próxima vez, me assegurarei que sua Grande Irmã fique fora.

Olhou a Tara duramente antes de afastar-se da caminhonete e da mulher que lentamente o estava voltando completamente louco de luxúria. O pênis pulsava dolorosamente e as veias lhe palpitavam com quebras de onda de sangue. Entretanto sua mente era um enredo e sabia. As lembranças, escuras e fragmentadas, removiam-se em seu interior enquanto navegava pela escura paisagem ao redor da casa. Condenada, amaldiçoou-a. Condenada ao inferno por fazê-lo sentir e a sua vez por fazê-lo recordar.

Capítulo 24

Sarah olhou para a escuridão exterior, sentada tranqüilamente no pátio, observando a piscina ondular sob a trêmula luz da lua. Os acontecimentos da tarde davam voltas em sua cabeça, à realidade finalmente a afundou. Um louco a espreitava porque se deitava com um dos August. Suspirou. Era a última maldita vez que optava por uma ligação de uma só noite. Isto não parecia acabar nunca.

—Não deveria estar sozinha aqui fora.

Sam permanecia entre as sombras do pátio, olhando-a, a luz da lua derramava um pálido e espectral resplendor sobre seu rosto. Parecia torturado, atormentado, não era o vaqueiro tranqüilo que ela tinha vislumbrado antes.

—Não parece que esteja muito longe. — se recostou na cadeira acolchoada, seus pés apoiados em um

suporte de vasos de forja cheio de flores de lua. O perfume doce se estendeu sobre ela, dotando ao ambiente de um ar de sensualidade.

Sam se adiantou, rotundamente masculino com suas calças jeans e botas, uma camiseta ajustada sobre seus largos ombros e seu abdômen plano.

—Deveria voltar para dentro. —agachou-se junto a sua cadeira, frente a ela, muito perto para sua comodidade, parecia-se muito ao Brock e o interesse sexual em seus olhos era muito duro—. Está mais segura dentro, Sarah.

—Talvez, mas o duvido —suspirou ela, olhando-o cuidadosamente.

Importava onde estivesse, se perguntou. Os irmãos pareciam rodeá-la. Seus olhos se escureceram, suas expressões eram mais relaxadas do que nunca os tinha visto, mas as marcas do passado estavam ainda ali. As linhas débeis de amargura ao longo dos lábios sensuais, em suas amplas feições obscurecidas pelo sol. A preocupação e a dor tinham deixado uma cicatriz neles em mais de uma forma.

—Atua como se fossem te atacar. —Sam sorriu fracamente—. Eu não faria isso, Sarah. Brock me mataria se o tentasse.

—Mas quer fazê-lo. —Seu coração se acelerou. Havia algo a respeito do Sam que não enquadrava com a risada e a diversão que usualmente mostrava ao mundo.

—Não, Sarah. —Ele negou com a cabeça, com voz amável—. Não quero te machucar.

Havia cansaço em sua voz, a mesma tristeza que compartilhavam outros. Ele inclinou a cabeça, logo levantou o olhar de novo para ela. O sorriso tinha voltado para seu lugar.

—Muito tarde — disse ela brandamente.

Ele negou com a cabeça. Estendeu a mão, roçando seu fino tornozelo antes que ela pudesse apartá-lo fora de seu alcance. O toque deixou um rastro ardente que a desestabilizou.

—Recorda a uma amiga —disse, pesaroso—. Uma muito boa amiga, Sarah. Com ela é fácil falar. É fácil abrir-se.

—Então por que não está com ela, Sam? —perguntou-lhe, cruzando os braços sobre seu peito—. por que está aqui?

—Porque devo —sussurrou ele—. Devo-lhes tudo, Sarah, incluindo minha vida.

—O que tem a sua felicidade? —Ela inclinou a cabeça, olhando como um dedo percorria brandamente o flanco de sua sandália.

—Se eles o quiserem. —Ele se encolheu de ombros.

—O que acontece o que você quer?

—Quero saber que meus irmãos me amam outra vez —sussurrou misteriosamente, como um segredo—. Quero saber que nenhum demônio do inferno levou tudo, Sarah. Quero me deitar contigo, te tocar, ver o Brock olhando tomar e saber que ele me ama. Igual ao mesmo que faço com a Marly. Quero encontrar a saída do inferno, embora só seja por pouco tempo.

O coração do Sarah se encolheu. Sua mão cobriu sua boca, não se afastou esta vez quando seus dedos rodearam seu tornozelo. Não fez nada para enxugar a lágrima que rodava por sua bochecha.

Sam pareceu mais que assombrado por essa gota de umidade. Moveu um dedo e tirou a gota de sua bochecha. Olhou-a, vendo o brilho da lágrima na gema de seu dedo.

—Não chorei durante quase doze anos, Sarah, e ninguém mais chorou por mim. —Olhou-a aos olhos, e Sarah soube que se este homem não chorava logo, então não haveria esperança para ele. Cade e Brock perderiam também uma parte de suas almas.

—Sam. —Ela negou com a cabeça, odiando a dor que via em seus olhos—. Isto não funciona para você.

—Faz por um tempo, Sarah —ele disse, com voz áspera—. Surte efeito por um tempo. O suficiente para poder esquecer que sou a causa disso. Que meus irmãos conheceram o inferno por mim. Ajudará me esquecer?

A mão dele estava em seu joelho, sua voz se voltou sensual, se esquentando pela excitação. Sarah ficou em pé com um profundo fôlego.

—Preciso encontrar ao Brock. —ia rodear o, mas foi muito rápido. Deteve-a, sem forçá-la a ficar, a mão em seu braço era cálida, não brusca.

Ele baixou o olhar para ela, sua mão acariciando, roçando sua pele.

—Só um beijo —sussurrou ele, seus lábios curvando-se em um sorriso tão parecido como o do Brock que lhe rompeu o coração.

Ela tremeu, desesperada por se afastar dele, perguntando-se por que não fugia. Levantou o olhar a ele, com os olhos muito abertos, tremendo ao calor da noite enquanto a mão do Sam se cavava em sua bochecha. Os músculos de seu estômago se esticaram pelos nervos, fizeram-na conter o fôlego com brutalidade.

A cabeça dele descendeu. Observava-a, seus olhos escuros, solitários, a necessidade sussurrando na noite. Seus lábios estavam a um fôlego dos dela, seus olhos se estreitaram, a excitação pulsava no ar ao seu redor quando ela encontrou a força para afastar.

—Brock —disse com voz entrecortada, rodeando-o com brutalidade, correndo para a porta.

—A Brock não importaria, Sarah —sua voz era suave, tão sombria que lhe rasgava a alma—. É parte dele agora. Ama-te, me devolva o beijo.

—Não. —Ela agarrou o trinco da porta, sacudindo a cabeça desesperadamente—. Não posso. Que Deus me ajude. Não posso.

Ela abriu a porta, precipitando-se dentro do salão, passando junto ao Brock e Cade, Marly e Tara. Ocultou suas lágrimas, lutou contra seus entristecedores medos, e ignorou a úmida necessidade acumulada entre suas coxas.

Capítulo 25

—Sarah? —Brock a seguiu ao dormitório, a preocupação bordeando sua voz e sua expressão.

Ela se deteve na janela, sabendo que era a prova de balas, conhecendo as precauções que tinham sido tomadas dois anos antes em caso de que a família fora ameaçada outra vez. Boas precauções pensou, porque parecia que não conheciam mais que o medo e a inquietação do mal

Olhou a noite, lutando contra as lágrimas, a tristeza, as necessidades. Necessidades que não podia ter. Estavam se introduzindo nela, cada uma delas. Lentamente, insidiosamente, suas necessidades, sua dor foram desgastando sua resistência, derrubando a malha de suas objeções. Não lhe importava muito o fato de que era muito fraco para encará-lo.

—Como aconteceu? —perguntou ela, enquanto ele fechava a porta do dormitório—. Como saiu impune seu pai por te mandar com esse louco?

Contemplou a dor que retorceu sua expressão ante seu aviso. Odiava trazer essa expressão a seu rosto, odiava feri-lo. Mas precisava saber. Precisava entender antes de cometer o maior engano de sua vida. Amava ao Brock. Sabia que o fazia. Sempre o tinha feito. Agora só tinha que averiguar como viver com isso.

—Era nosso pai. Pensávamos que íamos trabalhar para outro rancheiro durante o verão. Averiguamo-lo bem quando chegamos. Quando nos encerrou em jaulas depois de nos drogar durante nossa primeira refeição. Embora o entendemos a primeira vez que um de nós foi tirado e violado.

Sua voz era fria, sua expressão atormentada. Sarah fechou os olhos fortemente, lutando contra a fúria abrasadora porque uma coisa tão terrível pudesse haver acontecido a ele.

—Sam foi o primeiro. —Olhou longe dela, tragando duramente—. O torturou durante horas. Ainda leva as cicatrizes disso em seu corpo. E em sua mente. Só tinha dezoito anos. Ambos tínhamos.

Sarah tremeu violentamente. Deus, como tinham sobrevivido? Como as tinham arrumado para sobreviver jamais a tal horror?

—Ele se culpa —lhe disse ela—. Por que?

Ele pareceu surpreso por isso.

—Não sei. —Franziu o sobrecenho preocupado—. Não foi sua culpa. Absolutamente. Foi decisão de o Joe nos enviar ali. Jurou que não sabia o que acontecia. Mas sabia. Todos soubemos que sabia.

Sarah envolveu seus braços sobre o peito, incapaz de voltar-se para ele, olhando seu reflexo no espelho. Ele estava de pé imóvel, reto, tenso. Seu corpo vibrava com a pena e a dor.

—Sinto como se me afogasse aqui, Brock —sussurrou ela com lágrimas nos olhos—. Vocês três estão me matando. É muito dor, muita necessidade. Muita pressão.

Ele colocou as mãos nos bolsos de seu jeans, um suspiro arrastando-se do peito enquanto a olhava. Olhava-a com calor, com amor. Sabia que era amor, tinha visto o Cade olhando ao Marly com a mesma expressão, sabia que ela frequentemente a levava em seus próprios olhos.

—Em que modo? —perguntou-lhe, inclinando a cabeça, olhando-a curiosamente.

—Vocês três e seus desejos —gemeu ela, passando-as mãos pelo cabelo—. É como estar em meio de uma sopa sexual, a tensão é tão densa.

— te Excita. —Não havia calor em seu tom, não discutia com ela. Tinha-lhe dado a opção, como a tinham dado ao Marly.

—Excita-me —admitiu cruamente—. E me aterroriza também, Brock. Ele está quase quebrado. Você e Cade estão um pouco melhor. Compartilhar a Marly não ajudou, como ajudará se me compartilhar?

A surpresa iluminou seus rasgos.

—Isso não é verdade, Sarah. —Negou com a cabeça—. Estávamos pior antes da Marly. Interiormente congelados. Tudo desolado e escuro. Compartilhar não ajudava, porque não havia amor pelas mulheres que compartilhávamos. Soube a noite em que Sam encontrou a ti e a mim em meu quarto. Soube que ele estava ali. Soube a diferença então.

Sarah fechou os olhos.

—este desejo acabado— lhe disse ela em voz baixa—. Não quero estar encerrada assim. Eu não gosto de me sentir impotente, Brock.

Ela tomou um profundo e árduo fôlego, enquanto sentia suas mãos nos ombros, empurrando-a contra seu peito.

—Quero te sustentar sempre, Sarah —respirou contra seu cabelo—. Cada noite, em minha cama, perto, contra meu corpo. Não quero te perder.

—E eu não sei o que fazer. —Colocou a cabeça contra suas costas—. O amor não se supõe que seja como isto, verdade?

Sarah não podia deter as lágrimas que fluíam de seus olhos. Amava-lhe. Amava-lhe tão desesperadamente, sempre o tinha feito. Como se supunha que ia sobreviver ao inferno em que viviam, observando diariamente as cicatrizes disso nos três homens, quem não conhecia outro estilo de vida.

—Sei, neném. E não será sempre assim. Só às vezes. Só quando as lembranças sejam muito más. Geralmente na primavera, é quando aconteceu Sarah, em abril. É geralmente só então, porque é quando as lembranças são piores, quando os demônios golpeiam em pesadelos e temores que não podemos controlar. É nosso vínculo. Nossa sobrevivência. E deixá-lo ir significaria deixar ir um ao outro para sempre.

Havia uma angústia desolada em sua pergunta, uma súplica de aceitação, de compreensão. Este homem grande e forte, tão sexual, tão determinado, necessitava-a tão desesperadamente que lhe imploraria por sua compreensão. Ela fechou os olhos, contendo as lágrimas. Amava-lhe. Amava tudo dele. Inclusive ao guerreiro ferido que Brock era, quem sabia a única maneira de amar aos irmãos que tinham sobrevivido com ele.

Ela abriu os olhos, olhando fixamente enquanto suspirava, sacudindo a cabeça.

—Soube que foi um problema há anos. Só que não sabia quanto.

Esse sorriso oxidado curvou a comissura de seus lábios outra vez. Amava seu sorriso. Adorava a vacilante luz em seus olhos que apartava as sombras da recordado dor.

—Retorna La para baixo. Tome uma taça comigo enquanto olhamos a televisão com o Cade e Marly? —perguntou enquanto a beijava na bochecha com atrativa vacilação. Como se não estivesse acostumado à ternura que sentia por ela.

—Só olhar a televisão? —perguntou-lhe com um sorriso.

—Bem, a menos que queira fazer mais, neném. É tudo de acordo com o que queira. —A diversão lhe enchia os olhos, iluminando a cor, dissipando a expressão desejosa que tinha.

—Hum., então tudo depende de mim? —Ela arrastou as palavras—. De algum modo, penso que vocês três passam mais um inferno calculando que deixando acontecer.

A surpresa encheu seu rosto enquanto a puxava pela mão e a conduzia à porta.

—Somos homens singelos. Como pode dizer isso? —perguntou com incredulidade.

—De fato posso, vaqueiro. —Ela sacudiu a cabeça, seguindo-o, uma pontada de inquietação se deslizou por sua espinha dorsal.

Voltou para dormitório, detendo o Brock quando este vacilou, olhou-a inquisitivamente.

—Brock, Quando agarrou essa coisa e a puxou? —O consolador e o plugue jaziam na cama como se os tivesse deixado cair uma mão descuidada.

Brock percorreu o quarto, olhando fixamente os objetos. Ela sentia a tensão perigosa que o apanhava. Seu corpo se esticou com fúria, com raiva.

—Porra. —Sua dura exclamação foi precedida por um agarre duro em sua cintura enquanto a forçava fora do quarto.

—O que? —Ela ofegou.

—Rick. Tara. —Sua voz ressonou pela casa, demandante, enfurecida—. Cade, sobe aqui acima, Porra.

Empurrou-a ao vestíbulo enquanto todos começavam a subir a escada correndo. Rick e Tara e vários dos outros membros de sua equipe vieram com as armas nas mãos. Cade e Sam tinham convergido sobre Marly, mantendo-a com cuidado entre eles enquanto lhes seguiam.

—O bastardo esteve em nosso quarto. —Brock se voltou contra Rick, às mãos estirando-se, lhe agarrando pelo peitinho da camisa e lhe atirando contra a parede—. Como conseguiu entrar, Rick?

A violência pulsava pelo corpo do Brock, uma raiva assassina que aterrorizava ao Sarah.

—Isso não é possível, Brock —Rick permanecia acalmado, em realidade—. Tenho cada entrada a esta casa monitorada assim como um sistema de segurança. Não poderia ter entrado.

—Filho de puta, entrou. Vá olhar a cama e me diga que vê, Sam?

Sam entrou cuidadosamente no quarto, seguido por Tara. Houve um completo silêncio durante uns segundos compridos. Ninguém se moveu no vestíbulo. Ninguém falou. Por último, retrocederam, seus rostos estavam pálidos e Tara estava a ponto de tremer.

—Tara? —perguntou Rick.

—Alguém fez um pequeno trabalho com o consolador da Sarah, Rick. —Respirava pesadamente—. Há meia dúzia de agulhas introduzidas nele, só aparecem às pontas afiadas. Se não o tivesse desordenado e deixado fora, tivesse-a destruído. —Sua voz era áspera, bordeada de ira e horror.

Rick empalideceu; o grito de Marly foi sufocado pelo peito do Cade. Sarah sentia os joelhos débeis, um gemido escapou de sua garganta. Instantaneamente Brock esteve a seu lado, puxando-a contra ele, olhando fixamente ao Rick, sua expressão furiosa.

Rick enxugou a mão sobre sua cara.

—Filho de puta. —Tirou a rádio de repente do cinturão—. Informem, todos os postos.

—Marshal aqui.

—Clive aqui.

—Kensington aqui.

Houve um breve silêncio enquanto esperavam a que o último membro feminino da equipe respondesse.

—Sinto muito, meninos, a senhorita James está um pouco dodói neste momento. Ela envia suas desculpas.

Mecânico, divertido, a voz demoníaca os teve a todos suspenso durante uns segundos preciosos.

—É ele —sussurrou Sarah enquanto os guardas entravam em ação—. O tipo que me disparou.

—Heather —o grito do Sam os sacudiu a todos. Vibrou pelo vestíbulo enquanto saía atrás deles.

—Vamos. —Brock empurrou a Sarah atrás dele enquanto corria a toda pressa pela casa—. Onde estava situada a garota?

—atrás da casa. Vigia a porta da cozinha. —Correu pela cozinha, o medo pulsava através de todos eles, a fúria rota na voz do Sam ainda pulsando dentro deles.

* * * * *

Encontraram ao Heather em uma área encerrada, oculta atrás de arbustos e cantos rodados. Estava inconsciente, nua, manchada de sangue. Desde onde vinha o sangue Sarah não podia dizê-lo. Mas viu o efeito que tinha nos três homens. Estavam pálidos, furiosos. A violência pulsava pelo ar, em suas vozes.

—Brock está preparando o helicóptero. Prepara-a para voar. —Cade se parou à parte, sustentando a Marly perto—. Encontraremos no hospital.

Rick moveu aos homens ao redor e eles se posicionaram ao redor da família August. Tara estava acalmada, fria, mas se podia ver o medo que pulsava sob a superfície.

—Vou. —Sam estava ajoelhado ao lado da pequena mulher, as mãos suaves, tenras enquanto tocava sua pálida bochecha.

—Sam. —A voz do Cade tinha um fio de advertência.

Sam sacudiu a cabeça. Um movimento tenso e violento que parecia ameaçar seu autocontrole.

—Estarei bem. Tenho que ir. —Sua voz estava rota. Ali não havia nenhuma lágrima e Sarah se perguntava se depois de doze anos Sam encontraria as lágrimas que tinha perdido. Os ombros estavam cansados, embora seu corpo estava rígido. Olhava fixamente para baixo ao corpo atado e nu, tirando-se de um puxão sua camisa das costas, colocou-a sobre ela enquanto Rick trabalhava para cortar as cordas.

—vamos mover-nos. —A camisa foi envolta ao redor dela agora, mas ainda não tinha recuperado a consciência.

Enquanto Sam recolhia a Heather brandamente e se apressava com o Rick e Tara ao helicóptero, Sarah olhou ao Brock de maneira inquisitiva. Sua cara parecia fantasma, os olhos desolados e cheios de dor.

—Feriu-a —sussurrou Brock.

—Violou-a? —perguntou Sarah com indecisão.

—Não sei. —Brock sacudiu a cabeça. Um movimento lento e cuidadoso—. Mas ela levará as cicatrizes do Sam agora. Adverti o trabalho. —Girou para o Cade e seus olhos se encontraram—. Não está morto depois de tudo.

Capítulo 26

O pesadelo do Brock despertou a seguinte noite. Seu grito quebrantou a noite e sua segurança em um desolador instante.

—Não! Deus, não! —Saltou da cama, agachando-se sobre o chão como um animal, seu rosto branco, os olhos tão escuros que a aterrorizaram enquanto ele olhava fixamente a seu redor com aturdido horror.

—Brock. — Sarah se ajoelhou, o medo alagando-a enquanto ele ficava em pé de um salto com as mãos tremendo e seu corpo estremecendo-se com o recordado terror enquanto se passava os dedos pelo cabelo empapado em suor.

—Porra. Tenho que sair. —Atuava como um homem com claustrofobia, entupido em um pequeno quarto mais que no dormitório tamanho caverna em que vivia—. Volta a dormir.

Colocou as calças de moletom, quase tropeçando com a pressa, logo agarrou os cigarros da penteadeira e se apressou fora do quarto. OH, se, ela realmente ia permanecer quieta. Sarah vestiu a curta bata de seda e foi atrás dele. Não se apressou, lhe dando a oportunidade de dar-se conta de que já não estava apanhado no sonho. Foi à sala familiar primeiro, serviu uma bebida para os dois e logo saiu pela porta principal.

Sentou-se na grande espreguiçadeira amaciada do final do alpendre, fundo nas sombras. Suas largas pernas estavam aos flancos, os cotovelos apoiados nos joelhos e as mãos lhe cobrindo o rosto. Um cigarro aceso estava sujeito entre os lábios e inalava a fumaça com o desespero de um homem que morre por tranquilidade.

—Aqui. —Ela pôs o uísque com gelo na mesa ao lado dele.

Ela elevou as sobrancelhas enquanto ele o levava a boca, esvaziando-o, logo voltando para o cigarro. Ela colocou seu copo ao lado dele.

—Volta para a cama. —Sua voz era áspera, selvagem—. Subirei mais tarde.

—Deixaria-me sozinha com tais demônios, Brock? —perguntou-lhe, sentando-se ao final da espreguiçadeira, empurrando a bata sobre as coxas enquanto o olhava.

—Não quero que conheça meus demônios, maldita seja. —Inalou o cigarro com um movimento duro—. Sofrerá bastante por eles. Volta para a cama.

Sarah não podia acreditar que sofrer com ele fosse tão mau como ele sofria com isso. Seus músculos estavam tão tensos e apertados que lhe doía vê-lo assim. Seus olhos estavam obscurecidos, seu rosto enrugado com amargura.

—Já sofro sabendo que foi ferido, Brock. —E o estava. Isto lhe rompia o coração, lhe vendo tão forte, tão sozinho, seus olhos desolados e se desesperados.

—Sofrerá mais antes que conclua —grunhiu, atirando o filtro à grama, logo acendendo outro cigarro—. Como sofre Marly.

E inclusive assim, de nenhuma forma tanto como ele estava sofrendo agora. Sarah sentia que os olhos lhe enchiam de lágrimas. Se ele fosse um homem mais fraco estaria se balançando na miséria. Em vez disso, seu corpo estava tenso, atado pela tensão e o desespero, os olhos desolados e desesperados. Rompia-lhe o coração, arrancando um pedaço de sua alma de seu ancoradouro ao vê-lo assim, ferido tão desesperadamente.

—Brock, não me exclua —sussurrou—. Se o faz, como se supõe que vou entender?

Logo que pôde suprimir lágrimas de raiva quando ele levantou o olhar. Seus olhos estavam vazios, seu rosto destruído pela dor.

—Não quer saber, Sarah —lhe negou, sua voz suave, angustiada em sua agonia—. Oxalá eu não soubesse.

—Mas o faz —ela disse, lhe tocando o rosto, os dedos movendo-se brandamente sobre as linhas que a dor tinha esboçado—. Te amo, Brock. Muito. Não pode me excluir disto.

Ele voltou à cabeça longe dela. Esvaziou a segunda bebida, respirando duramente enquanto o uísque ardia por sua garganta.

—Contei-te o que aconteceu —lhe recordou—. Não o repassarei outra vez.

Não podia repassá-lo outra vez, Sarah sabia, e não queria saber se poderia suportá-lo se o fizesse. O coração lhe romperia de dor.

—Sobre que foi o pesadelo? — se aproximou, aliviada quando ele a empurrou desesperadamente a seus braços, aferrando-se a ela enquanto abraçava suas costas contra seu peito.

—Cade. —Enterrou a cara em seu cabelo—. É sempre sobre o Cade.

Ela sentia os lábios no cabelo, uma umidade que não tinha estado ali caindo dele. Suor ou lágrimas? Estava aterrorizada para se voltar e olhar.

—Como o bastardo o feriu. Como fez que Cade nos ferisse, ou lhe vi fazê-lo. Era sempre a vontade do Cade. — aferrava-se a ela, uma corda salva-vidas, pensou Sarah. Aferrava-se como se pensasse que estivesse só

Ela o mantinha cordato.

—O que preferia, Brock? —Os braços se apertaram a seu redor, sua respiração era áspera as suas costas—. Teria importado qual fosse?

Ele respirou bruscamente.

—Cade tratou de nos proteger.

—Mas o abuso foi feito de maneira que destruiu sua confiança na única pessoa que sabia que podia depender. Se não dependia dele, não podia depender de ninguém. E Cade sabia isso. Assim como sabia que estava sacrificando essa confiança em um esforço por te proteger da dor física — adivinhou ela.

—Sim —sussurrou, parecia respirar mais facilmente—. Isso era. O bastardo sabia o que estava fazendo, verdade, Sarah?

Como um homem perdido, procurando desesperadamente uma inocência para sempre negada, mas resignado ao custo. Sarah respirou profundamente.

—Tomaria sua dor se pudesse —lhe disse—. Se te aliviasse, Brock, tomaria a dor eu mesma.

—Deus não. —Empurrou-a mais apertada a ele—. Não, Sarah, nunca deseje isso. Estou cordato agora, se tal coisa te acontecesse, me mataria. Compreende isso? Não poderia superá-lo.

—me diga como te ajudar então, Brock —disse, lutando por manter sua voz suave, carinhosa—. Me Diga como te aliviar.

A porta principal se abriu e Cade deu um passo para o alpendre. Estava vestido como Brock, com moletom e nada mais. Os olhos escuros os encontraram, as pupilas cintilaram, suas calças avultando-se.

—Estas bem, Brock? —Sua voz levava uma pequena emoção, mas Sarah vislumbrou uma furiosa dor em seus olhos.

—Sim. —A mão se moveu, embalando o seio do Sarah com um lento, deliberado movimento—. Estou bem.

Sarah ofegou, abrindo os olhos enquanto percebia a atenção do olhar do Cade nessa mão e na cheia carne que Brock embalava. Piscou, não só pela excitação nos olhos do Cade, mas sim pela debilitação da agonia e o alívio de suas linhas de pena na boca e olhos.

—Brock? —Ela ofegou enquanto a outra mão soltava o cinturão que mantinha a bata fechada—. OH Deus, não acredito que possa fazer isto.

—Não tem que fazer nada, neném —lhe prometeu, a desolação ressonando em sua voz—. Não lhe irá lhe foder, juro. Só te tocará. Sarah, por favor, só tenta, neném. Só tenta.

Brock arrastou os borda da bata dos ombros, pelos braços. Cade ficou de joelhos a um lado da espreguiçadeira, olhando-a, sua expressão tão carinhosa que quis chorar. Havia amor ali. Uma emoção apazível, duradoura e sincera que soube que não se refletia na dela.

—Você nos une, Sarah —sussurrou ele, estirando a mão para seu seio enquanto a cabeça dela caía contra o peito do Brock—. Compreende isso?

—Não —choramingou, fechando os olhos enquanto a mão lhe embalava o seio, e a cabeça baixava.

Ela saltou quando os lábios a tocaram. Sua respiração era trabalhosa, se emparelhando com a do Brock, seu corpo respondendo à dura longitude de seu pênis que se elevava a suas costas. Inclinou a cabeça a um lado, descansando-a sobre seu ombro, abrindo os olhos, deixando de respirar durante segundos ante o olhar no rosto do Brock enquanto ele olhava a seu irmão chupar o seu seio.

—É formosa. —Seu olhar piscou sobre ela—. Tão malditamente bonita, Sarah, me rompe o coração.

Ela se arqueou com a carícia, choramingando enquanto sentia uns dedos masculinos, não os do Brock, lhe acariciar a coxa, aproximar-se da carne entre eles.

—Não afaste o olhar. —Girou-lhe a cabeça de volta a ele quando teria afastado o olhar—. Olhe-Me neném. Me deixe te dizer algo.

Ela deu um puxão violento quando os dedos do Cade encontraram os pulsantes, escorregadios lábios de sua vagina. Os dedos percorreram a abertura estreita, rodearam seus clitóris, retrocederam e logo avançaram. Cada toque um sussurro contra a pele, uma descarga elétrica de luxúria.

—O que? —ofegou ela, confusa, lutando por conservar sua prudência enquanto sentia o prazer dobro desses dedos experientes entre as coxas, a boca faminta no seio.

—Morreria por ele, Sarah —sussurrou, olhando-a fixamente, os dedos de sua mão lhe beliscavam o mamilo que Cade já tinha tomado—. Daria minha vida por ele, e ele por mim. E esta é a única maneira que tenho de demonstrá-lo. A única oportunidade que nós temos de sentir qualquer carinho, qualquer amor um pelo outro. Através de ti. Através de Marly. Isto é tudo o que temos, Sarah. Permita-lhe te dar agradar, só durante um minuto, me deixe olhar, saber que a mulher a que amo nos une. Deixe-lhe te tocar. Isso é tudo.

—Marly —grunhiu, sacudindo a cabeça enquanto o prazer crescia por seu sistema — ferirá a Marly.

Não podia suportá-lo. Não podia escapar. Cade lhe chupava o mamilo, a língua golpeava com veemência enquanto os dedos riscavam cada nu centímetro de sua vagina. Através da estreita abertura, rodeando a entrada que chorava pelo vazio, logo depois de volta aos clitóris. Golpes lentos e seguros que destruíam qualquer oportunidade de pensamento racional.

—Shh, prometo, Marly não será ferida. Nós nunca a machucáramos, Sarah. —Os lábios do Brock estavam em seu pescoço, à língua lhe acariciava, sua voz um sussurro sobre a pele—. Sabe o que me faz, te ver aturdida, impotente ante seu prazer? —perguntou-lhe profundamente—. Alivia minha alma, Sarah. Alivia uma parte de meu coração que nunca conheceu a luz. Nunca conheceu o calor. Te Ver, aceitando, me amando o bastante para dar o último sacrifício a meu irmão. Compreende isso, Sarah?

Deus, sabia ele o que estava dizendo? Sabia que estava sacrificando seu corpo em um altar construído de luxúria? Excitada, relaxada, sabendo que ele estava mostrando de maneira definitiva, ao final, que podia amar a seu irmão? Mais que repugná-la, confundia-a até mais, começava a ter uma estranha classe de sentido. Depois nada teve sentido.

—Brock —quase chiou seu nome quando os dedos do Cade penetraram a entrada de seu corpo.

Ela sentia os músculos de sua vagina lhe agarrar, o sustentar. Os sucos fluíam ao redor dos dedos, facilitando seu caminho enquanto ele gemia contra seu seio. Ela estava ofegando para respirar, gemendo como uma deusa demente do sexo enquanto sentia seu corpo sendo baixado na espreguiçadeira, à boca do Cade seguiu o movimento, a língua lhe lambeu o estômago, aproximando-se mais à carne empapada e escorregadia de sua vagina.

—Sim, Sarah. —Ela observou o rosto do Brock enquanto lhe arqueava as costas sobre seu braço, a cabeça inclinada sobre um seio, à língua lhe lambendo, logo lhe cobrindo o mamilo enquanto a boca do Cade cobria seus clitoris.

Não podia agüentar. Lutou contra a liberação, lutou contra o último prazer que lhe davam, mas não podia lutar para sempre. A sensação de uns largos dedos que empurravam profundo dentro dela, a boca do Brock no seio, a depravação total do ato foi muito. Seu corpo se arqueou, a cabeça se sacudiu. Só foi vagamente consciente de que Brock se acariciava a ereção com a mão livre, enquanto Cade fazia o mesmo com a sua. Logo o mundo se balançou ao redor dela, as estrelas estalaram ante seus olhos, os quadris se arquearam, seu grito rompeu a noite, unindo-se aos gritos de dois machos duros enquanto alcançavam o clímax simultaneamente, amarrados na teia do desejo mútuo, a paixão, amor e temor.

* * * * *

Marly fechou a porta principal, com cuidado de não fazer ruído. Não queria incomodá-los, não queria despojá-los do laço que era restabelecido, o prazer pulsando entre os três. Seu coração pulsava com uma sinfonia de dor, ciúmes e excitação. Sabia o que Sarah estava sentindo, sabia o incrível erotismo do ato, a completa luxúria que pulsava por seu corpo. Também sabia que Cade era seu amante.

Tremeu, as lágrimas gotejaram debaixo dos olhos fechados enquanto escutava os gritos do clímax do Sarah. Apertou os punhos, seu coração doendo. Seu pequeno gemido se perdeu na escuridão.

—Hey, Munchkin. —Os braços do Sam se envolveram ao redor dela, fortes, quentes, empurrando-a contra seu peito nu, a cabeça descansando na sua—. Está bem com isto?

Os gemidos do Sarah se construíam outra vez. Cade e Brock não a deixariam com apenas um clímax, embora Marly sabia que o verdadeiro ato sexual não seria completado. Não esta noite. Não assim. Era uma sedução, um pretendido alívio, uma vinculação. Sarah estava muito circunspeta, muito assustada do que ia vir. E Marly não tinha podido lhe dizer ao Cade que podia completar o ato. Estava aterrorizada.

—Ele me ama. Verdade? —sussurrou enquanto os lábios dele acariciavam o pescoço. Sua ereção nas costas lhe demonstrava que não era imune ao que acontecia no alpendre. Mas de novo, Sam permaneceu rígido. E do ataque ao Heather James, permanecia fundo em dor.

—Ama-te, Marly. A ti e ao Brock. Mas você é sua alma. —Assegurou-lhe Sam e sabia que Sam não lhe mentiria. Sabia que Cade não lhe mentiria mas estava assustada desta mudança. Estava aterrorizada de perder a segurança que tinha chegado a ter.

—Ele te ama também, Sam. —Inclinou a cabeça contra seu peito enquanto a afastava da porta.

Os sons do prazer dos três lá fora eram excitantes, primitivos. Marly tremia, sabendo bem o êxtase que a outra mulher experimentava.

—Sim, a mim também. —Sam soava cansado, fatigado.

Ela abriu a boca para falar mas foi interrompida pelo som do grito de liberação de Sarah do alpendre. Marly tremeu e se mordeu o lábio enquanto a excitação alagava seu corpo.

Ela olhou para o Sam, vendo o rubor em suas bochechas, sentindo a tensão sexual invadir seu corpo.

—Café? —perguntou sufocadamente.

Sam respirou pesadamente.

—Tranquilizador. —Sacudiu a cabeça enquanto lhe sorria—. Demônios, Marly, ao menos não podem dizer que você e Sarah vivem vidas aborrecidas.

Marly bufou. Aborrecidas agora. Mas admitiu, que até que aprendesse por que suas vidas estavam tão entrelaçadas, seria mais que frustrante.

Capítulo 27

Sarah estava desesperada por esquecer a noite anterior. O suspiro do Cade August, seu pênis na mão enquanto ele se acariciava a si mesmo até culminar enquanto sua boca a lançava ao orgasmo, Brock atrás dela, encontrando seu próprio alívio, sua boca no peito dela, foi muito. Não podia esquecê-lo. Não podia deter o pulsante eco da tremente luxúria sobre seu corpo enquanto o recordava. E tampouco podiam eles. O café da manhã tinha sido forçado. Sarah e Marly estavam caladas, os homens tensos. Sarah não tinha idéia se Marly sabia que Cade tinha participado da noite anterior, mas em qualquer caso não queria perguntar. A tensão sexual era densa no ar, as emoções estavam carregadas e Sarah se sentia como se lentamente estivesse se afogando.

Desesperada por escapar do repentinamente sufocante ambiente da casa, colocou o traje de banho de duas peças que Brock lhe tinha comprado, uma canga, uma toalha e se encaminhou à piscina. Os homens supostamente estavam trabalhando nos estábulos e o celeiro aquela tarde, assim esperava um par de horas de paz. Uma oportunidade para esclarecê-la cabeça.

A piscina estava fria, a água ondulando-se sobre ela sedutoramente enquanto flutuava em um colchonete. Seus olhos estavam fechados pelo sol, o corpo depravado e quente quando sentiu a perturbação da água, indicando que outro corpo se introduziu. Se incorporou, protegendo-os olhos, olhando enquanto Marly empurrava um colchonete similar para ela, seu corpo estendido, evidentemente tentando desfrutar também do sol de verão.

—Tudo bem? —Os olhos da outra mulher estavam sombrios e tristes.

—Parecia tão tranqüila, pensei te acompanhar — disse Marly em voz baixa, apoiando a cabeça sobre os braços cruzados enquanto Sarah se girava também.

Tranqüila? Não precisamente, suspirou Sarah.

Enfrentaram-se a uma à outra. Ambas as receosas, ambas as indecisas. Sarah podia ver as perguntas nos olhos da outra mulher, uma necessidade de entender, uma necessidade que Sarah sentia ressonar dentro dela.

—Comprovei antes de sair. Os homens estão trabalhando ainda. —Contudo, Marly mantinha a voz baixa—. Preciso te falar.

Sarah a olhou, perguntando-se pela dor nos olhos da outra mulher.

—Então, fala. — Sarah se encolheu de ombros, insegura agora que o tempo de fazê-lo tinha chegado.

—Sei o que ocorreu ontem à noite, Sarah. Não estou zangada contigo.

Sarah se estremeceu. A voz do Marly era muito doce, muito compreensiva.

—Estou encantada de que uma de nós esteja bem com isto —murmurou frustrada—. Porque serei honesta, Marly. Estou passando uma merda de tempo aqui

—Não disse que não me incomodasse, instintivamente —suspirou Marly—. Foi o pesadelo. Cade não ficaria longe quando um deles tem o pesadelo. Ele sabia que estava com o Brock. Eu sabia que algo ocorreria.

O coração do Sarah pulsava com lentidão em seu peito. O pânico tentava engoli-la. Um pânico nascido de sua própria confusão, suas próprias e conflitas emoções. Nada disto tinha sentido para ela, especialmente sua própria excitação.

—Quanto te contou Brock sobre isto? —Marly agora não podia fazer frente a seus olhos.

Não estava de causar pena, não estava assustada, mas Sarah podia dizer que estava indecisa. Aquela insegurança a fazia vulnerável e Marly August não era uma mulher conhecida por sua vulnerabilidade. Atrevimento, audácia, inclusive um pouco de orgulho, mas não vulnerável.

—Eu gostaria de pensar que sei tudo —suspirou Sarah—. Se não for assim, vou estar de saco cheio mais tarde.

Sarah sabia que provavelmente seria muito.

—Seu estilo de vida? —Agora os olhos do Marly encontraram os seus com firmeza. Sarah viu a incrível força que lhe estava tomando enfrentar o conhecimento que tinha em sua cabeça

Sarah baixou os olhos, observando como seus dedos brincavam com nervosismo pela água. Encolheu-se de ombros.

—Conheço seu estilo de vida e a parte que joga nisso. Sei que Brock se nega a parar. — Sarah recordou a chama de dor quando lhe perguntou por que não fazê-lo. Como se ela tivesse controle do que ele fazia.

—Sabe por quê? —Havia um fio de dor. Mas estava misturado com confusão, com tristeza.

Sarah elevou o olhar até que encontrou uma vez mais a do Marly.

—Cade não lhe contou isso? —perguntou-lhe, comprovando o jardim de novo para estar segura de que não tinha ouvidos que escutassem sua conversação.

—Ele não me dirá isso, Sarah. E tenho que saber. O que seja está matando ao único homem que amei em minha vida e não posso resistir mais. —O desespero bordeava suas palavras e enchia seus olhos—. O ataque da outra noite e o que ocorreu lá fora ontem à noite, só o está deixando pior.

Sarah suspirou com brutalidade.

—Necessito uma bebida.

Maldita seja, não necessitava isto. Saiu do colchonete, vadeando com a água pela cintura para a série de degraus que levavam ao pátio de concreto. Ali situado em gelado esplendor sobre a mesa da sombrinha estava o jarro de chá sulino que tinha feito mais cedo. Doce, com um toque de uísque, criado para acalmar inclusive o pior dos virginais nervos. Estava tomando aquilo um pouco tarde.

Marly a seguia, olhando-a, necessitando algo que Sarah não estava segura que fosse coisa sua lhe dar. Servindo dois copos de chá, sentou-se em uma das poltronas acolchoadas, à sombra da sombrinha. Marly estava unindo-se a ela sozinha segundos mais tarde.

—Sarah, conheço esses homens —sussurrou Marly—. São bons. Fortes e honoráveis. O que eles necessitam das mulheres que amam não é natural. Não está cheio de dor, está cheio de amor, e com frequência de beleza, o que nunca esperaria, mas deixa tudo o que está quebrado dentro deles. Quero Cade inteiro. Preciso-o curado.

—Não aceitei o que eles querem. —Não podia olhar ao Marly aos olhos. Ela não tinha aceito mas sabia que a pressão estava presente. Não estava segura de quanto poderia resistir, mais quando estava nesta casa.

—o Fará. —Marly sorriu, não demonstrava ciúmes nem remorso—. São homens excepcionais, Sarah. Mas eu não posso aceitar até que saiba por quê.

E Cade obviamente não queria que soubesse. Isto colocava a Sarah na posição de conhecer e ver a dor de Marly, sua incapacidade de compreender a necessidade dele ao tocar a outra mulher. Era um toque que Sarah tinha sido incapaz de recusar. Por que deveria negar a esta mulher o compreender em troca?

—Cade atua como um homem perigoso, Marly. — Sarah aspirou com força—. Não estou segura se quero ser a única em te dizer algo.

—Não te fará mal —lhe prometeu Marly—. Eu juro, Sarah. Por favor, só me diga isso

Sarah olhou fixamente dentro daqueles grandes e suplicantes olhos. Marly era algum ano mais jovem que ela. Dois possivelmente. Jovem, mas já aceitando mais do que Sarah tinha acreditado possível.

—Os homens são estúpidos —disse entre dentes.

Marly lhe devolveu um amargo sorriso, aceitando-o.

—Sei que abusaram deles. De algum jeito. Sei que ocorreu algo terrível, Sarah. Mas nenhum me dirá o que. Preciso saber que ocorreu. —Marly se inclinou mais perto, olhando fixamente a Sarah com determinação.

Ela tomou um comprido trago, saboreando o licor em sua bebida e rogando ter coragem. Onde estava Brock e seu desejo sexual quando ela necessitava a distração? OH, não, ele tinha ido Lá fora e estava atuando de vaqueiro.

Sarah deixou o copo sobre a mesa, aspirando profundamente.

—Não sei nada específico —disse a Marly, recordando a dor, o evocado eco de agonia que refletia no Brock

aquela noite—. Sei que foi um amigo de seu pai. O senhor August os enviou quando eram jovens, adolescentes. O homem os encadeou, abusou deles. —Ela tragou com força sua própria dor—. Os forçou e abusou de cada um. Por isso disse Brock, Cade se levou a pior parte, para poupar aos seus irmãos.

A cara do Marly estava branca. Olhava fixamente ao Sarah, sem piscar, quase aturdida.

—Quanto tempo durou? —A voz estava cheia de horror, falando em um sussurro.

—Meses, pelo que eu sei. — Sarah aspirou profundamente—. O resultado foi que destruiu sua capacidade de ser irmãos. De mostrar carinho uns aos outros. Especialmente os gêmeos. Brock o chamou isolamento. Eles foram mental e emocionalmente isolados uns dos outros, depois escaparam. O único meio que o restaura é quando estão com uma mulher. Juntos.

Com as mãos tremendo, Marly jogou atrás aos isolados fios dos cachos que escapavam de sua trança. As lágrimas lhe enchiam os olhos, mas não as deixou cair.

—Quando Brock te contou todo isso —sussurrou—. Te falou sobre mim? Sobre estar comigo?

O coração do Sarah se suavizou. Era muito consciente de que os homens tinham conseguido a Marly, e cada um a amava em algum sentido. Podia ver o medo do Marly a ser censurada, seu medo de machucar em algo a aqueles homens.

—Brock me disse que foi uma extensão de seu amor por seus irmãos. Que através de você, através de seu vínculo com eles, podia estar perto deles outra vez —lhe disse à mulher mais jovem—. Preocupa-se com você, Marly.

—Mas ele te ama —replicou Marly, sua voz tão suave—. Em essência, Cade precisa estar contigo para expressar seu amor pelo Brock. Seu vínculo com ele. Que é pelo que te quer.

Essa não era uma pergunta. Não uma que requeresse um sim ou um não.

—Não desejo a Cade, Marly. Amo ao Brock. Sempre amei. — Sarah lutava por explicá-lo, inclusive embora ela mesmo não o entendesse.

—Sarah — Marly depositou a mão sobre seu braço, seus olhos entendendo muito. Muito compassiva—. Sei, sei, porque não desejo ao Brock. Mas tampouco o rechaço.

Sarah tomou uma profunda e nervosa inspiração.

—Estou assustada, Marly —podia admitir isto ante a outra mulher, mas não ante o Brock—. Estou aterrorizada por isso.

Não havia ira agora, nem tristeza na expressão do Marly.

—Porque sabe que o desfrutara. Porque sabe que quer tomar aquela tristeza de seus olhos, aquela dor, embora seja por um minuto. E a aceitação que ele tem disto, faz que te maravilhe de seu amor. —Ela sabia.

Sarah se mordeu o lábio.

—Amo ao Cade, Sarah, mais do que você sabe. Mas tinha que saber o porquê, antes de poder suportar o pensamento dele estando contigo.

Sarah sacudiu a cabeça com desespero. Ela queria desmentir o que tinha ocorrido, mas não podia obrigar às palavras a sair de seus lábios

—OH, Sarah, não conhece muito bem aos homens August —Marly sorriu com tristeza—. São sedutores e dominantes. Quando menos o espere, quando for mais débil, eles estarão ali por ti. Uma vez que toquem e olhe nos olhos do Brock e veja seu prazer, seu deleite, não será capaz de resistir. Exatamente como não pôde resistir ontem à noite.

—Como o agüenta? —sussurrou Sarah.

—Você aceitou que Brock tem sexo comigo, não é verdade Sarah? Viu sua necessidade quando lhe disse isso, e o deixou ir. Que é tudo o que eu posso fazer. Não posso deixar que Cade seja destruído por isso.

—E se supõe que vou dá-lo? —perguntou-lhe Sarah com incredulidade.

—Quando chegar o momento adequado, e ocorra, não quererá pará-lo. —Marly sacudiu a cabeça, a expressão resignada—. Sei onde está o coração do Cade. Sei o que enche sua alma. Posso dirigir isto, se você puder.

—E se não poder? —perguntou ao Marly com exagerada paciência—. Marly, eles querem compartilhar a suas mulheres. Isso não é natural.

Marly sacudiu a cabeça.

—Não é natural para homens normais. Mas eles não são normais, Sarah. São fortes e valentes e sobreviveram onde outros não tivessem sido capazes. Se isto for o que lhes faz sobreviver, então eu não os negarei.

—Fala como se quisesse que eu o fizesse —gritou Sarah com paixão, incrédula—. Ele é seu amor, Marly.

—E terei que deixar a habitação e deixar a meu amor ser um irmão, através de seu corpo —resmungou Marly—. Pensa que é fácil para mim, Sarah? Não o é. Não mais que o será para ti tampouco. Porque terá que fazer o mesmo. Terá que deixá-lo, ou vê-lo passar. O que será mais fácil para ti, amando a Brock como o faz?

Sarah ficou de pé, tremendo, odiando a curiosidade em seu interior, o conhecimento nos olhos do Marly. Odiando a aceitação que lentamente crescia nela. Nada disto era natural. Nada disto seria aceitável. E ainda, de alguma pequena forma, estava começando a entender e aquilo a aterrorizava

—Sarah —Marly a deteve enquanto ela se girava—. Amar ao Brock não será fácil. Mas sei que ele te amou e suspirou por ti durante anos. Pode te afastar dele? E se fica, poderá agüentar ver sua necessidade devorando-o, dia atrás dia? Poderá fazê-lo, sabendo que pode apagá-lo? Não entende por que posso permiti-lo? O que eu amaria a Cade o suficiente para lhe dar isto?

Sarah se afastou da outra mulher. Das perguntas e do conhecimento. Mas seus medos martelavam dentro de sua cabeça. Não medo dos irmãos, se não de que ela não poderia resistir, e logo, muito logo, renderia-se.

Capítulo 28

—Falou com o Marly sobre o abuso. —Cade se apoiava na entrada do dormitório de Sarah e Brock, a expressão furiosa, a cor em seus olhos trocando como nuvens.

Tenso, vibrando de cólera, olhou a Sarah e a Brock com uma intensidade que deveria ter esfolado a pele de seus ossos. Brock jogou uma olhada a Sarah com o cenho franzido de desaprovação.

—Não o fez —disse ele com um resignado suspiro—. A fez chorar, Sarah?

Sarah os olhou, com uma mescla de cólera e confusão que a alagava. Sabia que Cade estaria furioso. Sabia que lhe feriria que Marly soubesse a verdade, mas estava farta destes homens que esperavam que ela e Marly levassem a carga de sua dor.

—Que diferença haveria? Ela é uma mulher adulta, não uma menina, e merecia saber por que seu amante estava no pátio ontem à noite com a cabeça enterrada entre minhas pernas.

Sua argumentação mantinha os olhos do Cade se estreitando sobre ela.

—Essa não é uma razão bastante boa — explorou ele.

—Ah, não o é. —Ela cruzou os braços sobre seu peito, olhando-o com fingida incredulidade—. Me Perdoe, senhor August, mas a maior parte das mulheres teriam feito mais que gritar um pouco. Lhe teriam matado de todos os modos, e eu com você. Teriam talhado sua maldita língua para que não pudesse usá-la com outra mulher.

Cade passou seus dedos pelo cabelo, com frustração e evidente fúria em sua expressão marcando a tensão em seus ombros. Estava enfurecido sem modo de tirar à ira.

—Não se supunha que ela soubesse —grunhiu ele, ainda furioso, impenitente secreto que tinha estado guardando.

Sarah viu mais em seus olhos. Viu a vergonha. Cade não tinha aceito o passado como o tinha feito Brock. A impotência ante qualquer ação o tinha forçado a seguir ainda se atormentando.

—Ninguém me disse isso de uma ou outra maneira —lhe disse ela, rechaçando voltar atrás—. Ela perguntou, disse o que eu sabia e ponto.

—Não era de sua incumbência. —Seus punhos agora estavam apertados aos flancos, olhando-a lhe fazer frente, pondo-a nervosa, mais que consciente da força do homem que a enfrentava.

—Sinto ter que diferir —argüiu ela—. Esquece-se Cade, os impenitentes homens desta casa estão fazendo tudo o que podem para me introduzir no pequeno ninho de amor que criaram. Isto o faz de minha incumbência.

Sarah podia sentir seu próprio fio de cólera em sua voz. A veia dominante nestes homens se estava fazendo mais que molesta. A irritação se estava expandindo rápido sobre ela.

— Sarah. —A voz do Brock tinha um toque de advertência.

Girou-se para seu amante, franzindo o cenho. Sua expressão cuidadosamente controlada enviou um repito de inquietação sob sua coluna, mas não o bastante para fazê-la voltar atrás. Ela não era de voltar atrás. Não tinha pedido entrar nisto, e estaria condenada se lhes permitia que a atropelassem.

—Não “Sarah” que —explodiu—. Qual é o grande trato de todos os modos? Não esperava o-alto-e-poderoso senhor August que sua amante queria saber por que queria foder à outra mulher? Estou muito seguro.

Era só ela, ou a tensão sexual se elevou dramaticamente no quarto?

—Não sabe o que está fazendo, Sarah —disse Brock em voz baixa—. Deixa-o passar por agora.

Sarah fez girar seus olhos. Jogou a ambos os homens um indignado olhar, cheia de impaciência.

—Magnífico. Deixa-o passar Sarah —se burlou ela—. Serei mais que feliz de deixá-lo passar. Agora me perdoe enquanto vou almoçar.

Irada cruzou o quarto, mais que esperando que Cade August se afastar-se quando alcançasse a entrada. Em troca, não se moveu, olhando-a das frestas de seus olhos com cólera e agitação.

—Brock? —A voz de Cade pulsava com excitação.

Sarah ouviu um pesado suspiro atrás dela. Olhou ao seu amante por cima do ombro, sentado na cadeira ao lado deles. Seus olhos estavam meios fechados com as pesadas pálpebras, excitado, seu corpo tirante com a tensão sexual. Sarah sentiu um pequeno formigamento de apreensão deslizando-se por seu corpo.

—Como? —perguntou Brock ao Cade, sua voz palpitando agora com intensidade.

—Como que?

Sarah se distanciou do Cade, seus olhos aumentando quando ele entrou por completo dentro do quarto, fechando a porta atrás dele.

—Quanto a Sam? —Brock ignorou a pergunta quando ambos a olharam.

—Ele se foi outra vez. —A voz do Cade era ameaçadora, ainda zangada, mas mais escura, mais sexual agora

—Brock?

Sarah se perguntou por que não estava completamente aterrorizada. Cade August parecia um homem com intenção de foder, e Brock pareceu mais que disposto a lhe deixar tê-la.

—Vêem aqui, Sarah —disse ele, sua voz apazível embora cheia de quente e vibrante luxúria.

—por quê? —perguntou, agora quase frenética.

Cade a olhou, sua expressão cheia de antecipação e sexualidade. A escura determinação definia seu corpo, e sua ereção avultava os jeans soltos que levava. Brock não estava em melhor forma. Em realidade, ele tinha levantado de sua cadeira e estava desabotoando seu jeans enquanto os olhos dela se abriam de par em par.

—Vêem aqui, Sarah. —Lhe estendeu as mãos.

—por quê? —sussurrou, tratando de encontrar sua voz. OH Deus, o que tinha procurado neste momento?

Podia sentir seu coração acelerando tomar consciência do formigamento sexual sobre sua pele, fazendo-a muito consciente da intenção em suas expressões. Podia sentir seus mamilos endurecendo e isto enviou uma labareda de exasperado autodesgosto através dela. Não tinha nenhum autocontrole. Era patético. Não estava assustada, mas admitia estar mais que receosa neste momento.

—Porque lhe disse isso, Sarah. —tirou os jeans, sua camisa caiu ao chão, seu torcido pênis se elevou do meio de suas coxas, grossa e dura.

Em um gesto quase ausente, ela olhou enquanto a mão dele rodeava sua ereção, seus dedos acariciando debaixo da avultada cabeça enquanto a olhava. Desfrutando do mesmo, totalmente confortável com o ato.

—O que vai fazer? —retrocedeu outra vez, olhando como Cade começava a despir-se também—. Brock. Primeiro me diga o que vai fazer.

Ele se moveu para a mesa pela cama. Abrindo a gaveta, levantou os brinquedos eróticos que tinha reposto para ela, comprovando-os cuidadosamente, pondo-os sobre a mesa, seus olhos nunca abandonavam os seus.

—Não quero ser castigada assim, Brock —sussurrou, seu corpo tremendo, preparando-se a si mesmo. Já estava molhada, dolorida.

—Isto não é seu castigo, Sarah — disse ele, um pequeno sorriso curvando seus lábios—. Te Surrar será seu castigo. Foder será seu prazer.

Então se aproximou, seus maços do rosto acesos, seus olhos sustentando os seus. Movendo-se com relaxada confiança, foi atrás dela, parando-se a suas costas. Suas mãos se elevaram à cremalheira de seu vestido.

— o Faz partir então. —Ela estava respirando com força, muito rápido. Lutando por fazer entrar ar em seus pulmões.

—Não. Ele fica. Ele vai surrar você, Sarah. —Uma tensa sacudida ondeou sobre ela

—Brock, por favor.

Agora estava quase frenética quando as mãos dele se encaminharam a seus ombros, o vestido se deslizando pouco a pouco por seu corpo, enquanto ele tirava o pequeno sutiã sobre seus braços.

Onde estava sua força? Não tinha força de vontade. Não a violariam, sabia que não o fariam. Se quisesse partir, podia ir, por que não podia ir? Ela choramingou quando seu vestido caiu ao chão. Depois foram as tiras da tanga de seda que levava, os dedos firmes do Brock os empurravam sobre seus quadris, para baixo por suas coxas até que se reuniram em seus pés.

Quando Sarah elevou a vista, Cade estava sentado sobre a cama, seu membro estirado ao longo de seu abdômen enquanto o acariciava, da mesma maneira que Brock tinha acariciado o seu.

—Sarah, quando tomou banho, fez o que te disse? —sussurrou Brock em seu ouvido.

O ritual diário que lhe tinha ensinado, para que ficasse pronta para seus prazeres, queimava em sua mente.

— Sim —sussurrou ela. Tomou banho fazia menos de uma hora. Tremeu, sabendo que seu corpo estava mais que preparado para o que eles quisessem.

—Quero que vá para o Cade. Ele te dirá o que fazer, Sarah. —As mãos em seu traseiro a impulsionavam para frente.

Sarah tragou, lutando com a agitação que se pulverizava sobre seu corpo, a luxúria pulsando sobre ele. Caminhou devagar, Brock a impulsionava em todo momento para o Cade.

—Estou assustada. —Odiou a admissão disto. Detendo-se ante os pés do grande corpo do Cade, sussurrou as palavras a Brock.

Ele parou. Ela parou. Sentiu-o suspirar profundamente.

—Eu deixaria alguém te fazer mau, Sarah?

Ela sentiu os lábios em seu pescoço, os olhos de Cade obscurecendo-se enquanto olhava a carícia.

—Não —admitiu, o fôlego subindo e descendo por seu peito.

—Isto é desconhecido. Está excitada, mais que nunca. Isto não é medo, neném, isto é a antecipação. Conhece isto. —Sabia mas não podia controlá-lo.

—Cade não lhe foderá esta vez. —Ele respirou com força a suas costas—. Ao menos, não com seu membro. Esta vez, somente jogará contigo. Nunca a foderia enquanto está zangado. Mas nunca te faria mal tampouco. —Ele a impulsionou aos braços do Cade, logo se girou.

—Onde vai? — **voltou**-se, aterrorizada quando ele começou a sair do quarto.

—Não é a única em problemas, Sarah —ele disse brandamente—. Cade não fará nada até que eu volte com a Marly. Ela sabia melhor que você o que provocaria isto. Assim pode compartilhar seu castigo.

Ela foi parar o, mas de repente umas fortes mãos seguraram seus braços. Cade agora estava de pé, atrás dela, seu corpo muito quente, muito perto.

—Isto é uma loucura —ofegou ela quando Brock abandonou o quarto.

—Sabe o que isto me fará, olhar a Brock preparar a Marly para tomar seu plugue? Olhá-lo açoitá-la, logo fode-la com o consolador que comprei especialmente para ela? —Sua voz estava tensa, grunhindo de excitação.

—Isto deveria te matar —resmungou ela, odiando o curso dos fatos, seus peitos inchados, seus mamilos endurecendo-se além de toda lógica. Estava tão louca como o estava o resto deles.

—Isto me mata de prazer —disse a ela, sua voz rouca—. Saber que ele me ama o suficiente para fazer isto por mim. Saber que ele encontra o mesmo prazer nisto. O mesmo vínculo que eu sinto. —Sua voz suave—. O domínio sexual dentro de nós não pode se explicar, Sarah, ou controlá-lo racionalmente. Só é.

Somente era. A implicação era clara. Seu amor a Brock se estenderia a seus irmãos, ou sua dor só se

intensificaria.

Capítulo 29

Brock escolheu esse preciso momento para retornar ao quarto, arrastando atrás dele a uma Marly relutante.

—Cade August, vou chutar seu traseiro — ela ficou calada quando viu a Sarah e ao Cade.

A Sarah não gostou do olhar ardente que viu nos olhos da outra mulher, quando observava como Cade a sustentava.

—É você querida? —perguntou ele sedosamente—. Pode fazê-lo muito bem, mas seu pequeno traseiro será castigado primeiro por me desafiar.

—Eu precisava saber. —Ela caminhou pesadamente. Sarah podia ver claramente seu desejo—. Você é meu amante.

—Não tinha nenhuma necessidade, Marly, de compartilhar minha vergonha. — Com essas palavras expressava toda a fúria e o aborrecimento que tinha lutado por conter—. Escolhi te proteger disso. Não era sua opção andar atrás de minhas costas se não estava contente com minha decisão.

—Precisava entender — gritou ela, tentando liberar do agarre do Brock—. Tinha que fazê-lo, Cade.

—Se tivesse decidido fode-la , Marly, então haveria dito a você — informou a Marly enquanto se sentava na cama.

Sarah gemeu de surpresa quando ele a pôs em seu colo, sustentando-a com força.

—Em lugar disso —continuou ele—. Pode olhar o castigo da Sarah antes de receber o teu.

Sua mão aterrissou com força na nádega direita do traseiro do Sarah. Ela gritou se revolvendo contra ele. Seu corpo começou a zumbir. Por que não podia ser normal? Deveria excitá-la um beijo, não uma mão dura aplaudindo seu traseiro. Sentiu-a de novo. Não tão duro, mas o suficientemente forte para fazê-la ruborizar, sabia. Tão forte para fazer e apertar sua vagina de antecipação.

Sua mão caiu de novo, deixando uma impressão ardente de sua força. As lágrimas vieram a seus olhos, o prazer alagou seus sentidos. Nunca tivesse suspeitado que pudesse sentir-se assim. Que pudesse ser tão depravada. Aplaudiu-a outra vez. Ela gemeu, olhou fixamente a Brock vendo como seus olhos se obscureciam com a névoa da excitação enquanto suas mãos se moviam para cavar os peitos cheios do Marly. Seu amante estava abraçando a outra mulher, acariciando seus duros mamilos e Sarah não sentia o ultraje que se supunha devia lhe ser natural.

Os golpes ardentes continuaram estremecendo seu corpo. Pelo menos uma dúzia aterrissou nos cheios globos de seu traseiro. Cada um deles fez que os sucos pulsassem dentro de sua vagina, até que sentiu como sua essência se deslizava ao redor de seus lábios íntimos.

—Sua pele é suave. —De repente a mão acariciava o lugar que tinha sido castigado—. Está tão bonita e vermelha agora, Sarah.

Seus dedos duros e calosos apartaram os montículos cheios, um dedo percorreu o vale que separava sua carne. O dedo do Cade se deteve no buraco firme de seu traseiro antes de continuar para o calor borbulhante de sua vagina.

Sarah apertou as mãos pela carícia, seus olhos rastrearam a mão do Brock que explorava debaixo do estômago do Marly e se dirigia à carne molhada entre suas pernas. Sarah choramingou quando Cade empurrou o dedo profundamente dentro dela.

—vou lubrificar te, Sarah, logo te inserirei o plugue nesse firme e pequeno buraco —a voz do Cade era gutural—. Quero que permaneça quieta. Muito quieta, Sarah.

Ela o sentiu alcançando o tubo de lubrificação. Escutou o forte gemido do Marly, e viu como arqueava o corpo enquanto Brock lhe empurrava dois de seus largos dedos na vagina. As pernas da outra mulher se estenderam e Sarah não pôde evitar olhar como Brock a penetrava com seus dedos dentro e fora de sua vagina.

Ver como seus dedos desapareciam no corpo da outra mulher fez que Sarah fora consciente das múltiplas advertências que se estrelavam em seu cérebro. Ela não tinha que desfrutá-lo.

A respiração deteve na garganta quando sentiu a fresca sensação da lubrificação, seguida da suave inserção de um grosso dedo em seu ânus.

—Está olhando-os? —perguntou Cade, estirando-a, apartando sua carne para aplicar mais deslizante gel enquanto seu dedo a penetrava uma vez mais.

— Não —sussurrou ela, enquanto olhava a Brock com o braço ao redor da cintura do Marly, fazendo-a arquear contra ele, enquanto retirava seus dedos devagar para acariciar seus clitóris, logo os baixava novamente para penetrá-la uma vez mais.

—Não minta, Sarah. —Um golpe forte aterrissou sobre sua nádega com mais firmeza que antes.

Sarah gemeu e se estremeceu sentindo como sua vagina pulsava, deslizando sua essência ao longo de suas coxas.

—Está olhando-os? —perguntou-lhe novamente.

Sarah gemeu pelo agudo prazer quando ele deslizou dois dedos em seu ânus, movendo-os brandamente, estirando com seus empurrões o firme buraco.

—Sim —quis gritar de prazer, invadida pela decadência do pecado.

—Marly está olhando também, Sarah —ele disse com sua voz cheia de aprovação—. Seus olhos estão grandes e escuros enquanto vê como sua carne se separa para mim. Como se estira para mim.

O gemido de Sarah ecoou no Marly. Infelizmente, nenhum deles soou como um protesto. Cada vez que retirava seus dedos aplicava mais gel para empurrar de novo dentro dela, estirando-a, penetrando-a facilmente até que quis gritar pela brincadeira deliberada a que estava sendo submetida.

—Está preparada, Sarah? —a voz do Cade era escura. Grunhia de sexualidade.

—Sim. Sim. —Girou sua cabeça, quase, quase entendendo agora a esses homens quando viu como o prazer invadia ao Marly.

Havia algo tão proibido, tão obscuramente erótico sobre olhar ao homem que amava dando agrado a outra mulher, enquanto ela era agradada ao mesmo tempo em que derrubava as barreiras normais de sua sexualidade. Nisso consistia o compartilhar. Estava segura que o que ela e Marly compartilhavam era para sempre, já que saber que a outra mulher conhecia seu amante tão intimamente, não era tão detestável como devia sê-lo.

Finalmente sentiu quando ele se afastou de novo. Supôs que estava recolhendo o grosso plugue para por atrás dela. Logo sentiu a ponta do dispositivo contra seu firme buraco, fazendo que se detenha Sarah instintivamente.

—relaxe para ele, Sarah —a voz do Brock estava cheia de um desejo desesperado—. Por favor, neném, faz por mim.

Olhou fixamente ao Brock. Permitiu que seus músculos se relaxassem, respirando duramente quando sentiu como Cade começava a empurrar o dispositivo firmemente em seu corpo. Os olhos do Brock eram agora quase escuros, seu rosto estava totalmente ruborizado, sua expressão estava absorta centrada na ação do Cade.

Segundos depois sentiu o grosso apóie do dispositivo dentro dela, estirando-a, enchendo-a. Então a força bruta foi aplicada uma vez mais. Retorceu-se, gemeu e se esticou enquanto Cade aplaudia seu traseiro com mais força esta vez, sua mão se desabava em uma sucessão rápida até que o fogo lhe estendeu pelo traseiro, fazendo que apertasse sua entre perna e começasse a esfregar sua carne dolorida contra a coxa dura do Cade, gritando pela dualidade entre o prazer e a dor.

As duras palmadas se detiveram tão rapidamente como tinham começado. Logo Cade se moveu e pôs ao Sarah a seus pés, envolvendo seu braço ao redor dela quando Brock tomou seu lugar e Marly o seu.

A outra mulher estava claramente excitada, gemendo, preparada para o prazer que lhe esperava. Seus olhos se centraram no Cade e Sarah se surpreendeu pelo amor com o que brilhavam. A adoração completa e cordial que reluzia em suas profundidades azuis. O prazer, a excitação, a completa aceitação se refletia em sua expressão.

Sarah viu como Brock punha sua mão em cima das nádegas da outra mulher. Então a levantou alto. A bofetada terminante fez que Marly se estremecesse, gemendo, removendo seus quadris bruscamente sobre as coxas do Brock. Deu-lhe um total de oito afiados golpes, até que sua carne esteve vermelha e luminosa, e Marly

clamava de dor e de prazer.

O pênis do Brock se estremeceu sobre seu abdômen. Uma gota de fluido se concentrava em sua ponta enquanto Marly se removia contra ele. Sarah lambeu seus lábios. Quis ir até seus joelhos e percorrer com sua língua a carne torcida para tomá-la em sua boca.

Olhou como Brock separava as nádegas de Marly para prepará-la. Seus olhos se posaram nos seus e logo que pôde conter seu lamento ao ver como a olhava. Como Marly o tinha feito, com completo amor, com completa devoção. A aprovação a invadiu. Não havia nenhuma dor em seus olhos, nenhuma sombra de tristeza. Havia alegria. Isso fez que Sarah quisesse fazer algo para manter esse olhar em seus olhos. Agora entendia por que Marly o aceitava.

—Sarah —sussurrou seu nome enquanto seu dedo se afundava entre as nádegas do Marly.

Ele preparou à outra mulher cuidadosamente, assim como Cade o tinha feito com ela. Estirando-a, usando o gel em grandes quantidades para logo empurrar brandamente o grosso plugue em seu interior.

Marly quase gritava, suplicava. Rogou para que Cade lhe permitisse correr-se. A transpiração cobria a pele da outra mulher, a luxúria e o amor em igual medida enchiam seus olhos.

Logo Brock a levantou, ficou de pé e olhou ao Cade. Recolheu o consolador que havia trazido quando foi em busca de Marly. Cade recolheu ao Sarah enquanto gemia e sentia como a atirava no sofá, estreitando-a entre as almofadas, enquanto Brock punha ao Marly na cama.

—Não faça isto, Brock —clamou Sarah enquanto Cade ficava entre suas coxas, mantendo-a aberta com seus olhos escuros e intensos—. Por favor, Brock. Preciso que me foda. Agora. Não quero isto.

Cade pressionou a ponta do consolador em sua apertada e molhada entrada.

—Se lhe dêssemos o que necessita Qual seria o castigo? —perguntou-lhe Cade um segundo antes que o consolador se inundasse dentro dela.

As costas de Sarah se arqueou. Não pôde manter seu olhar no Brock e Marly, nem tampouco podia raciocinar ou entender algo com a incrível plenitude que a estirava e com o prazer fazendo erupção entre suas coxas. Sentindo-se quente, despreza, a boca do Cade pressionava seus clitoris, chupando-o ao mesmo tempo em que penetrava com golpes suaves sua apertada vagina, enquanto a luxúria invadia repentinamente todo seu sistema, tão rápido, que se perguntou se perderia seu último agarre com a realidade. Ela se estremeceu e gemeu, sua carne se apertava sobre o penetrante dispositivo, enquanto ele a montava com um prazer tão tortuoso que se sentia morrer. Ainda não podia gozar. Ela gemeu. Suplicou. Agitou-se sobre o dispositivo mas isso só o fazia pior.

Escutou ao Marly. Gritando. Estava gozando. A outra mulher estava explodindo, gritando o nome do Cade, com o clímax pulsando em sua voz. A cabeça de Sarah se sacudiu. Estava morrendo. Morrendo por gozar.

—Brock. — Sarah sussurrou seu nome quando os lamentos de Marly começaram a minguar. Estremeceu-se, sua cabeça se agitava procurando a liberação.

Então ele esteve ali. Sua mão tomou o consolador enquanto Cade caminhava para a cama. Empurrou-o duro em seu interior, e inclinou a cabeça para levar seus lábios para seus clitoris que estava quente e duro, para chupá-lo firmemente. Empurrou um golpe com sua língua. Logo lhe deu um segundo empurrão mais firme e ela explodiu. Seus quadris se elevaram uma e outra vez, seu orgasmo a atravessou com potência.

Ao sentir sua liberação, Brock lhe tirou o dispositivo de seu corpo e levou a cabeça de Sarah para seu grosso membro para empurrar-lhe dentro da boca.

Brock nem sequer lhe perguntou. Só ficou de joelhos, encontrando com os olhos de Sarah, e empurrou a ponta de sua ereção entre seus lábios com um gemido agônico. Sarah abrangeu a pesada cabeça, com a mão lhe apertou a base, atraindo-o a seu lado, tomando-o tão abertamente que ao olhá-la, seus olhos brilhavam cheios de promessas enquanto ela drenava sua carne, emparelhando os duros golpes e rápidos empurrões dentro de sua boca.

Ele gozou com um grito. Seu corpo se estremeceu, seu sêmen saiu disparado da ponta de seu pênis em jorros ardentes dentro da boca do Sarah. As mãos lhe davam puxões a seu cabelo, logo arqueou suas costas e disse seu nome com um grito áspero e de brutal satisfação.

Capítulo 30

Brock e Cade estavam sentados no pátio essa tarde quando Sam voltou do hospital. Este caminhou para a área protegida de cimento, com uma garrafa de uísque em sua mão, e a cara gasta.

O recinto de ferro e madeira coberto de videiras proporcionava um certo amparo frente a qualquer com miras ou uma telescópica, mas quando Brock olhou os olhos de seu irmão, deu-se conta que havia outros modos de matar a um homem.

Sam se sentou pesadamente em uma cadeira acolchoada, olhando para as aberturas entre as videiras como se o padrão da vegetação enroscando-se ao redor das grosas barras de madeira requeresse concentração para decifrá-lo. Baixou a cabeça o suficiente para levar a garrafa à boca, dar um comprido trago e fazer uma careta, logo voltou para a conscienciosa leitura.

—Como o está levando? —A voz do Cade era tão atormentada como os olhos do Sam.

Sam se encolheu de ombros.

—Tara diz que está bem. Não quer me ver. Não quer falar comigo.

Brock inspirou profundamente. Rick havia retornado cedo, com a ira brilhando nos olhos quando informou de suas feridas. Ela tinha sido atada e amordaçada, as roupas cortadas e arrancadas de seu corpo. Logo a faca lhe tinha feito pequenos cortes muito finos nas coxas e na carne das genitálias. Por muito que fosse a dor, era passível. Mas entretanto o dano mental e psicológico era grande. O bastardo lhe tinha contado como Sam tinha sido talhado de forma similar e os abusos que tinha sofrido. Tinha sido advertida de que sofreria o mesmo se voltava para o rancho. Disse-lhe que estava pagando pela luxúria que Sam sentia por ela.

Eles nem sequer sabiam que Sam se sentia atraído por ela. Não tinham nem idéia de que seu irmão tinha estado cortejando-a lentamente, seduzindo-a. A mulher era uma maldita gata selvagem. Ou ao menos, tinha sido.

Sam estava sozinho. Isolado no silêncio e o licor, olhando ao céu noturno como se procurasse respostas. Não havia risadas nele agora, nenhum comentário pedante, nenhuma sensação de alegria. As mesmas qualidades pelas que Cade e Brock o tinham sacrificado tudo o que eram uma vez, para preservar uma parte, tinham sido arrancadas como se nunca tivessem existido.

Sam tomou outro comprido trago do licor. Seu corpo estava tenso, elétrico. Quase vibrava com a ira e a dor que se formavam redemoinhos em seu interior.

—Não te embebede, Sam —lhe advertiu Brock com suavidade.

—por que não deveria? —perguntou-lhe com tom indiferente, frio.

Brock jogou um olhar ao Cade.

—Sam...

—Desejo a sua mulher, Brock. —Sam o olhou aos olhos e Brock quase fez uma careta de dor ante o olhar destroçado que havia ali—. A necessito.

Brock negou com a cabeça, não toleraria que a tocasse enquanto estava assim.

—Deveria ter ido a ela antes.

Aceitaria, Brock sabia, estava-se acostumando lentamente ao toque do Cade. Brock sabia que se acostumaría ao do Sam também. A idéia disso. Uma vez, ela o tinha advertido sozinho uma vez. E só por ele. Mas viu a excitação em seus olhos, a mesma excitação que ele sentia ante o pensamento.

—Assusto-a. —Sam levantou a garrafa, com o olhar surpreendido como se devesse ter bebido mais, ou não tivesse bebido suficiente. Brock não estava seguro de qual—. Não a culpo por estar assustada.

Brock franziu o cenho.

—O que necessita Sam? —perguntou-lhe com cuidado.

Sam tragou com dificuldade, fazendo uma careta.

—Foder —grunhiu—. Preciso deixá-la fodidamente sozinho.

Inclinou a garrafa para os lábios, o líquido âmbar derramando-se mais à frente. Respirou duramente quando baixou a garrafa.

—Perguntaste-lhes alguma vez que estamos lhes fazendo? —perguntou ao fim brandamente.

—Não Sam. —A voz do Cade era escura, áspera—. Não as ferimos. Amamos ela.

Sam negou com a cabeça. Passou-se a mão com cansaço pelo rosto, inclinando-se para frente na cadeira, olhando ao chão agora.

—ela gosta da dor, verdade Brock? —Sam não olhou a seu irmão.

Todos eles sabiam que a Sarah gostava do fio da dor. Cade o tinha descoberto antes, Brock o tinha sabido desde o começo. Não havia modo de disfarçar seus gritos, seus rogos na metade da noite, o som da mão esbofeteando suas nádegas.

—Não tem que me pedir permissão. —Brock se sentiu impotente, inseguro do que seu irmão necessitava.

—Deveria —sussurrou Sam.

A surpresa cintilou no peito do Brock. A cabeça do Sam se elevou, seu olhar era torturado, brilhando com a agonia, atormentada com o passado.

Brock se encolheu de ombros. Jogou um olhar ao Cade, sentindo-se tão inseguro como parecia estar seu outro irmão.

—Sam... —Cade começou a falar, com a voz grave, vibrando pela preocupação.

—Esquece tornou para trás na cadeira e bebeu de novo.

Estava tomando compridos e duros goles do licor. Nunca tinha sido muito de beber, assim a ambos preocupava que estivesse lhe dando tanto à garrafa agora.

—Quero esquecer —sussurrou, olhando ao frondoso teto uma vez mais.

Sua voz era agonizante. Queimava seus cérebros, suas almas com as lembranças. Brock sacudiu a cabeça, com os punhos fechados, incapaz de olhar a seu gêmeo. Podia sentir sua ira, a ira do Sam, golpeando seu coração. O laço que tinham compartilhado quando eram mais jovens tinha estado perto de se destruir naqueles meses de pesadelo. Agora, só o reconhecia de novo durante o sexo, ou durante a insuportável dor que freqüentemente apertava ao Sam.

—É suficiente. —Cade ficou em pé, com a voz tensa, inapelável—. Não podemos trocá-lo e não podemos esquecê-lo. E não tem sentido permitir que o bastardo ganhe. Sobrevivemos, Sam, e melhor do que muitos teriam feito.

Cade lhes deu as costas. Apoiou o ombro contra o suporte do pátio, e inclinou a cabeça. Brock inspirou forte e profundamente.

—Onde esta sua mulher, Brock? —Perguntou Sam, com a voz suavizando-se em um baixo e lento arrastar de palavras depois de beber muito da garrafa uma vez mais.

—Você não toca a minha mulher bêbado. Sabe que não fazemos isso. Sarah não pode aliviar este demônio e eu não farei que o tente.

Seu demônio bramou. A ira o consumia todo, era tão amargo e destruía sua alma que Brock soube que Sam não encontraria nunca a suavidade em seu interior para tocar a Sarah com alguma emoção tenra. Não permitiria que os demônios de seu irmão destruíssem o frágil equilíbrio que tinham construído em seu lar. O agrado que Sarah recebia de seu toque podia ser manchado para sempre se tomava com ira.

—Não ia fode-la. —Sam se levantou lentamente nesse momento, com os ombros cansados e a voz rota—. Só queria me assegurar que ficava fora de seu caminho. Sei que não sou digno de uma puta, menos de uma boa mulher.

Brock tinha a sensação de que não estava falando sozinho quando estava bêbado.

—Sam. —levantou-se enquanto seu irmão tropeçava para as portas do estudo.

—Estou indo à cama, Brock. —Ondeu a mão—. Talvez possa dormir ainda.

Era uma possibilidade maior que o pesadelo que lhe deixava gritando quebrado de ira. Brock jogou um olhar ao Cade, o qual estava olhando ao cambaleante gêmeo enquanto entrava no estudo. A preocupação absoluta lhe enrugou a cara, cansada de dor.

—Ela significa algo para ele. Mais que uma simples amiga. —Cade suspirou profundamente—. Porra, ele deveria ter nos dito isso. Teríamos tentado protegê-la.

Brock pensou na gata selvagem ruiva que era a irmã da Tara Glaston. Ela não teria aceito amparo. Estava

muito ocupada dando.

Suspirou cansadamente, sacudindo a cabeça ante a dor e a pena que rodeavam agora a Sam. Isso se acalmaria quando os três fossem juntos com a Sarah. Sempre foi assim. Não tinha sentido e demônios, um psiquiatra teria muito trabalho com eles. Mas o que sabiam era que funcionava. Tinham sobrevivido e ainda eram parte um do outro. Isso era tudo o que importava. Eles tinham ganho. O Monstro tinha perdido. Ou tinha perdido ele?

Capítulo 31

A casa estava silenciosa, a televisão permanecia acesa com o volume baixo por consideração a Sarah, que estava sentada ao lado do quarto familiar lendo um livro. Não gostava de ver televisão.

Os homens estavam vestidos com suas roupas de descanso habituais, moletons, peitos e pés nus. Marly tinha posta uma das largas camisas do Cade e dormitava comodamente. Sarah luzia uma das camisas de dormir que tanto gostava. Uma dessas que foram além dos joelhos e que era o suficientemente ampla como para não ter que usar um sutiã. Vestir uma bata não era uma boa opção nessa casa. Os homens dali pensavam que teria que as esconder. Todas as que haviam possuído já tinham desaparecido.

Não soube quanto tempo esteve sentada ali nem tampouco se deu conta quando Sam entrou em seu quarto. Só foi consciente de sua presença quando ele ficou de joelhos em frente dela.

Sarah o olhou pestanejando, com o coração pulsando fortemente ao ver a agonia em seus olhos.

—Eu necessito... —Ele tragou com dificuldade, com pesar e remorso em sua voz.

Os olhos do Sarah foram para o Brock. Ele olhava a seu irmão fixamente. Quando seus olhos se encontraram com os dela, havia uma súplica implícita neles. A respiração se quebrava no peito de Sarah. Sam tinha uma necessidade. Necessitava dela. Era a única conexão que tinha com seu gêmeo. Assim como Marly era sua única conexão com o Cade.

Sam lhe tirou o livro da mão, marcando cuidadosamente a página e o colocou em cima da mesa do lado. Sarah tremeu. Nunca tinha visto tanta luxúria nos olhos de um homem como a via nos do Sam. Sem amor, sem afeto, só luxúria lhe torturava e desesperada. Brock se sentou sobre o sofá e ela viu sua grossa ereção marcando seu moleto. Ali estava todo o amor que ela necessitava. O amor e a aprovação brilhavam em seus olhos.

Ela olhou ao Sam e percebeu como suas mãos se dirigiam para suas pernas que estavam encolhidas na cadeira, envoltas sob a camisa de dormir. Agarrou-lhe os joelhos e as estirou até que lhe pôs os pés no chão, com uma perna de cada lado dele.

As mãos de Sarah tremeram enquanto se aferrava aos braços da cadeira, apertava-os desesperadamente enquanto as mãos do Sam foram para suas coxas para retirar a roupa que havia entre eles. Ela sentiu como se esquentava seu corpo, como se construía sua excitação. Não queria que ocorresse, ainda não podia acreditar que pudesse passar isso, mas lhe acontecia. E Sam era tão parecido ao Brock que era muito fácil para ela deslizar-se no desejo que ele suscitava.

Brock não se aproximou do Sam. Ficou no sofá olhando e respirando com esforço, extasiado ao ver outro homem preparando a sua mulher para lhe dar prazer. Sarah se relaxou na cadeira, elevou os quadris quando Sam lhe tirou a camisa. Logo a tirou completamente e a jogou a um lado.

—Sei o que você gosta — sussurrou Sam, enquanto se inclinava para frente para tocar com seus lábios os do Sarah, quem o olhava com os olhos bem abertos entre a surpresa e o desejo—. Deixará-me te dar o que necessita, Sarah?

Sussurrou-lhe essas palavras e logo lhe lambeu os lábios. As pálpebras de Sarah tremeram, seus seios se moveram com esforço devido à necessidade que invadia o ar. Enquanto isso, sentia como se debilitavam suas coxas, como se umedecia sua vagina preparando o seu corpo para o irmão de seu amante.

Seus lábios flutuaram sobre os dela, ele lutava por controlar ficando rígidos os músculos, fazendo que seu

corpo se estremecesse pela contenção. Podia sentir como tentava dominar seu corpo, como lutava desesperadamente por ser gentil, para poder tocá-la com ternura apesar da fúria que rugia em seu interior. Ele não queria ser tenro, não queria fazê-lo suave. Mordeu-lhe o lábio. Duro.

Sam se estremeceu e a olhou aos olhos com surpresa.

—Onde está a graça se isto não te ajudar? —perguntou ela—. Eu não sou Marly. Não necessito seu amor.

Os olhos do Sam se estreitaram.

—Poderia te fazer algum dano. —Ela pôde ver o medo em seus olhos, consciente de que não queria machucá-la.

Pô-lhe as mãos nos ombros e as guiou para seus cabelos espessos e atirou deles.

—Eu também posso te fazer mal.

Sarah observou como os olhos do Sam se acendiam, ao mesmo tempo em que crescia a luxúria neles e as sombras diminuía. Um duro sorriso iluminou seu rosto. Atraiu-a para seu corpo e capturou com sua boca a dela, lhe acariciando com a língua o profundo espaço entre os lábios e os dentes. E Brock os estava olhando. Sarah se entregou ao Sam, à violência que ele desejava descarregar em seu corpo, sua excitação aumentou ao saber que Brock a estava olhando. Que estava de acordo com o que estava passando.

Sam gemeu em sua boca enquanto lhe cravava com as unhas o couro cabeludo. Tinha-a obstinada pelas costas e com as unhas raspava sua pele, sua boca a estava devorando, a violência do beijo os inundou em uma voragem de prazer.

Sarah respirava com dificuldade quando Sam pôs fim a seu beijo. Ele tinha uma mancha de sangue no lábio aonde os dentes dela o tinham mordido. Ele a lambeu experimentalmente e lhe sorriu. Uma verdadeira careta de alegria. Uma careta que continha muitas promessas.

—Sarah? —Brock estava de pé ao lado da cadeira, um pouco de preocupação em seu rosto e não estava sozinho.

Cade estava ali, olhando-os atentamente. Sarah lutava por controlar sua respiração. Seus seios estavam inchados, tinha os mamilos duros, ardentes e com fome de mais. Quando olhou ao Brock, viu que tinha os olhos pesados, enquanto ela percebia a boca do Sam sobre um de seus eretos mamilos. Gemeu asperamente quando sentiu o fio dos dentes do Sam lhe dando uma dentada, para depois lambê-la com dureza. Arqueou-se para ele, com o corpo ardendo pelo contagioso fogo dos olhos do Brock, que a olhava com entendimento e decisão enquanto se inclinava para agradar a seu outro seio.

Ela gritou pelas ardentes sensações que a tinham a ponto de explorar. Duas bocas igualmente quentes, dentes similares e gemidos masculinos vibravam sobre sua carne enquanto seus seios eram atendidos. Isso era muito. Não sabia se poderia seguir suportando-o. Jogou a cabeça para trás e enterrou uma mão no cabelo do Brock e lhe apertou com os dedos as mechas firmemente, logo repetiu a mesma ação com o Sam. Estavam matando-a. Seus dedos amassavam sua carne, suas bocas a amamentavam duramente, os dentes a mordiam enquanto suas línguas a acariciavam. Os gemidos de Sarah a assustaram inclusive a ela. Eram profundos, ásperos e famintos.

Abriu os olhos ao perceber um movimento. Sam e Brock se separaram dela enquanto Cade movia a mesa central para colocar em seu lugar o colchão do sofá que estava na esquina do quarto. Agora todos os homens estavam completamente nus, com os pênis palpitantes, inchadas pela antecipação e a luxúria.

—Está segura, neném? —Brock lhe passou a língua sobre seus inchados lábios—. Está segura de que isto é o que quer, Sarah?

Ela respirava tão duramente que quase o fazia dano. Sarah deslizou a mão com um pouco de esforço abaixo de seu estômago e acariciou devagar com os dedos a carne ardente entre suas coxas. Seus dedos se mergulharam na fátia de sua vagina e os dirigiu para a entrada de sua vagina. Ali, introduziu-os no estreito canal enquanto os homens a olhavam fascinados. Logo levantou sua mão e os dedos lhe brilhavam com a cremosa essência de seu desejo. Levou um dos dedos que estava coberto com o suco reluzente a seus lábios e o chupou languidamente.

—Filho da grande puta —grunhiu Brock com olhos deslumbrados.

Sam não disse nenhuma vogal mas usou as ações para mostrar sua aprovação. Puxou-a contra seu peito e a levantou para levá-la para o colchão.

—Ela está usando o plugue. — Sarah escutou o grunhido do Cade.

—Tira antes que vamos mais longe.

Sam a jogou sobre seu estômago enquanto a deitava, logo a atirou dos quadris e a pôs de joelhos para que pudesse suportar seu peso. A posição fez que ao levantar suas nádegas todos os homens pudessem olhar o dispositivo enterrado em seu ânus.

Sarah grunhiu quando sentiu que Sam o agarrava e o pressionava firmemente dentro de seu corpo. Seus músculos o apertaram enviando uma labareda de calor através de seu ânus, contraindo seu útero. Uma mão dura caiu sobre uma de suas nádegas. Seus quadris se arquearam. Quis rogar por mais. Mas em troca ficou calada e baixou a cabeça, com a submissão vibrando através de seu corpo.

A mão a golpeou do outro lado. Ela se estremeceu, sacudiu a cabeça. A chama de calor, a posição provocadora, os atos que ela sabia estavam por vir a enviaram a uma espiral de luxúria que a aterrorizou. Levantou a cabeça. Brock estava de joelhos diante dela, acariciando seu pênis muito devagar enquanto a olhava fixamente.

Ela viu como o calor aumentava em seus olhos, mas também via a preocupação.

Sam a aplaudiu de novo. Ela arqueou as costas, o prazer/dor zumbia através de seu corpo. Nenhum dos golpes era o suficientemente forte para feri-la, mas sabia que sua carne estava ruborizando-se agora e que suas nádegas se avermelhavam lentamente por causa dos açoites.

—Amo-te, Sarah —sussurrou ele profundamente.

—Amo-te —gemeu ela quando outro golpe aterrissou em seu traseiro.

Ela agitou a cabeça. Isto era para o Sam. Para o Sam e Cade. De alguma forma sabia que Brock tomaria a Marly. A outra mulher estava no sofá, com os olhos muito abertos brilhantes com a excitação e a surpresa.

Sarah se encontrou com seu olhar e viu a excitação, a aceitação e inclusive o prazer nos olhos do Marly. A outra mulher sabia o que passaria depois, sabia que logo poderia sentir o pênis do Brock enterrado dentro de sua vagina enquanto seu amante fodia outra mulher.

E Sarah não sentia nenhum ressentimento. Sentia-se compenetrada com a Marly, com uma intimidade que jamais pensou que obteria.

—Sarah. —Brock ainda soava angustiado.

A boca do Sam foi às nádegas do Sarah, seus dentes lhe raspavam a pele sensível de seu traseiro, seus gemidos eram grunhidos de paixão. Sarah não respondeu a seu amante, envolveu a mão ao redor de seu pênis e o atraiu para ela, ignorando sua surpresa. Seus lábios embalaram a cabeça púrpura, chupando-o dentro de sua boca, seu lamento foi um gemido doloroso quando sentiu os dentes e a língua do Sam acariciando sua carne fortemente. Mais profundamente.

Brock levou as mãos para o cabelo do Sarah. A percepção delas agrupando as mechas, atraindo-a mais perto, enviou-a a outro nível de calor. Podia sentir a umidade que gotejava de sua vagina, lhe cobrindo os lábios íntimos e as coxas.

Ele se separou dela olhando a seus irmãos, então lhe lançou um pequeno sorriso.

—Está segura, neném? —perguntou-lhe ele—. Quer fazê-lo?

—Você seguirá me amando? Sempre? —Precisava estar segura. Seu amor lhe dava valor. Seu amor lhe dava a necessidade. Não poderia suportar perdê-lo agora.

—para sempre, Sarah —ele jurou, com a expressão cheia de luxúria, com tanto amor que parecia selvagem—. Com tudo o que sou. Com tudo o que tenho. Com meu coração, minha alma e meus irmãos.

A declaração foi seguida por sua lenta retirada dela, enquanto a olhava, calibrando sua reação enquanto ia para onde estava Marly. A mão do Sam aterrissou de novo em seu traseiro. Ela fechou os olhos, seu prazer ecoou ao redor do quarto enquanto deixava que a excitação crescesse dentro dela.

Puseram-na de costas sem lhe dar tempo de pensar, enquanto Sam se colocava em meio de suas pernas e enterrava sua boca faminta sobre sua dolorida vagina molhado. Cade estava sobre seus seios beliscando-a com os dentes. Acaso todos sabiam que ela gostava da dor? Ela sentiu o fio dos dentes do Sam enquanto lhe rastelava seus palpitantes lábios internos em meio das coxas. Ela se arqueou. Dolorosamente. A língua do Sam escavava profundamente dentro de sua quente vagina, e com seus dedos lhe escorregava ao mesmo tempo gel lubrificante nas profundidades de seu depravado ânus.

A boca do Cade voltava loucos os seus seios. Lambendo-os, chupando-os, mordendo-os. Sentia como o fogo

corria através de seu sangue e enchia de luxúria seu corpo. Gemeu pela sensação, estremecendo-se no meio do intenso prazer que a debilitava.

—Sarah. —Um forte puxão de cabelo provocou o gutural lamento do Sam. Entretanto, não soava como se estivesse protestando.

Sarah já estava cansada de obter prazer passivamente. Seus músculos se apertaram com a necessidade de sua própria dominação. A necessidade de dar da mesma forma em que recebia. E quando Sam ficou de joelhos para ficar entre suas coxas, decidido a empalá-la com seu membro, ela se moveu.

Rapidamente ficou de joelhos e despiu seus dentes com uma careta de luxúria sexual. Sam e Cade luziam mais que surpreendidos. Sarah não lhes deu nenhuma explicação, pôs sua boca sobre o pênis do Sam, envolvendo sua ponta torcida, e com os dentes rastelava as cicatrizes que o danificavam. O grunhido que fez erupção na garganta do Sam foi gutural, selvagem, quase animal.

Ele empurrou seus quadris contra ela. Colocando a carne mais profundamente dentro de sua boca, ao mesmo tempo rodeava a base de seu pênis com a mão para impedir de afogá-la com ela. Cade se moveu a suas costas. Ela o sentiu se colocar no lugar aonde Sam tinha estado sobre seu ânus. O gel frio foi empurrado em seu interior, enquanto ela mordida com seus dentes o escroto do Sam deslizando a boca para trás para chupá-lo profundamente, retirando-se simultaneamente para lambê-lo e mordê-lo brandamente.

Ele tinha as mãos em seu cabelo. Apertou-a tão forte que a fez gemer pela sensação. Mordeu a um lado do pênis e ele se estremeceu.

—Outra vez. —Sua voz soava como se não fosse dela. Selvagem, brusca.

Ela o mordisco de novo, com os dentes o torturava, atormentava-o. Rodeou a torcida cabeça com a boca, para que seus dentes lhe raspassem brandamente o comprido tronco lhe pulsem que estirava seus lábios. Com a língua lhe lambia as feridas brandamente enquanto mantinha enterradas as unhas em suas coxas.

—Merda. —Sam atirou de seu cabelo outra vez, seus gemidos ficaram mais quentes—. OH sim, Sarah. Faz bem, neném. Faz tão bem.

Sentiu quando Cade apartou suas nádegas e lhe pôs a ponta do membro no ânus. Gritou quando o membro de Sam lhe penetrou a boca ao mesmo tempo em que Cade se deslizava no mais profundo de sua entrada traseira.

Estava selvagem. Chupou e beliscou o pênis de Sam, se arqueando ao mesmo tempo contra os quadris que empurravam detrás dela, gritando com a necessidade de correr-se, enquanto a transpiração cobria seu corpo. Sentiu a Cade estirando-a, empurrando dentro dela. O afeto firme ao redor do pênis do Cade, fazia que o pinga agriço de cada empurrão fosse superior. Ele seguiu penetrando-a com o pênis e com suas mãos fortes lhe dava bofetadas a suas nádegas, sua voz áspera a levava para o êxtase, pressionando-a, internando-a tão profundamente dentro das luxúrias combinadas dos homens que ela satisfazia com tanto prazer.

Sentia o pênis de Sam inchando-se dentro de sua boca. Estava a ponto de gozar. Boqueaba e com suas mãos atirava fortemente as mechas de seus cabelos, seu corpo se estremeceu tentando impedir sua liberação. Cade empurrava mais rapidamente dentro de seu ânus, com suas mãos lhe sustentava os quadris e seu pênis se deslizava facilmente dentro de sua tenra carne.

— Sarah, ainda não. Tenho que foder-te —clamou Sam, mantendo sua cabeça quieta agora, detendo seus empurrões, abrindo a boca para poder respirar—. Tenho que te foder, Sarah.

Cade acelerou seu ritmo. Gemeu áspera e violentamente enquanto empurrava mais rapidamente em seu interior. Ela sentiu como seu pênis pulsou uma, duas vezes e gritou ao redor da ereção do Sam, quando se estremeceu pelas explosões quentes e potentes de seu esperma que se disparavam no mais profundo de seu ânus. Então Cade se deslizou fora dela, lhe acariciando com as mãos suas nádegas açoitadas.

Sam se separou de sua boca. Pos ela de costas, agarrando suas pernas para levantá-las retas contra ele. Pôs os tornozelos de Sarah em seu ombro esquerdo e logo posicionou seu torcido pênis para penetrar profundamente a empapada vagina de uma só estocada.

Sarah gritou de prazer. Sua cabeça se inclinou e seu corpo se arqueou ante esse ataque incrivelmente firme, o ângulo de penetração permitia que com seu pênis lhe acariciasse os nervos que ela nunca suspeitou que seu corpo possuía. Não podia tornar-se para atrás, não podia deter os empurrões que a mantinham sujeita. Mas isso não era o que ela queria. Ela gritou para que lhe desse mais. Suplicou-lhe que a fodesse mais duro.

Sua cabeça dava voltas, seus olhos se abriram, alargando-se quando viu o casal sobre o sofá. Brock tinha a Marly de costas, com as pernas levantadas, seu pé os mantinha longe de seus ombros. Seu pênis escavava dentro de sua vagina com profundos empurrões e Sarah podia ver a base do plugue que sabia que estirava o ânus da outra mulher.

Marly estava gritando, rebatendo os movimentos fortes dos quadris do Brock enquanto ele conduzia o grosso eixo repetidamente. Sarah sabia o que estava sentindo a outra mulher, conhecia o prazer que a levaria até o mais alto. Da mesma forma em que Sam estava levando ela.

Nesse momento, Marly girou a cabeça, abrindo os olhos para encontrar-se com o olhar do Sarah. Os olhos azuis escuros reluziam de luxúria enquanto a mulher olhava o seu amante observando como Sam fodia a Sarah agora. Ali só havia confiança. Confiança e entendimento. Sarah lutou por responder a seu olhar, mas Cade escolheu esse preciso momento para vir sobre ela e pressionar os lábios sobre seus seios e com os dentes mordeu seu mamilo.

Sarah perdeu a pouca prudência que possuía até esse ponto.

Estava suspensa em um pináculo de sensação absoluta. Cada polegada da ereção ardente do Sam lhe enviava agulhas de prazer agônico diretamente a seu útero, contraindo-o, fazendo-a rogar, lutar por respirar e suplicar pela liberação que não chegava.

Estava morrendo. Sam estava suarento, a calorosa umidade gotejava de seu cabelo e caía sobre seu corpo enquanto ele gemia, os sons que faziam erupção de sua garganta eram se desesperados e potentes enquanto ele lutava por levá-la ao topo do prazer. Seu corpo não cairia. O clímax que se abatia sobre o fio de sua razão poderia deixá-la louca.

—Brock —ela gritou seu nome.

Seu corpo estava rígido, o orgasmo estava tão perto, lhe prometendo explorar com tal prazer que ela poderia morrer se isso lhe ocorresse.

—Não posso... não posso esperar mais... —gemeu Sam.

—Não. Não. Sam. Por favor... —ela gritou quando sentiu que seu pênis se estremecia, penetrando-a ritmicamente, mais profundo, mais duro, sua liberação explodiu quente e potente em seu interior, enquanto ela clamava por seu próprio prazer.

—Não —rogou ela, perto das lágrimas, tão perto—. Não. Não. Não ainda.

Sam se separou dela rapidamente enquanto Sarah tratava de alcançá-lo. Então Brock estava ali. Ainda tinha o seu membro ereto e palpitante. Enterrou de um golpe seu pênis dentro dela enquanto lhe levantava as pernas, atirando de seus quadris para investi-la com sua potente carne. Tão profundo. OH Deus. Tão profundo que furou sua alma. Seu calor ardente a marcava, mais duro, mais profundamente que algo que ela tivesse podido imaginar jamais. Não se deteve nem uma vez depois de penetrá-la. Lançou-se sobre ela, investindo-a grosseiramente e entoando seu nome.

Seus olhos saíram de suas orbitas. Sua boca se abriu em um grito silencioso. Brocou seu útero e suas carnes tremeram fazendo erupção ao redor dele. Ela gritou seu nome quando sentiu como o forte orgasmo a sacudia. Atravessou-lhe repentinamente cada osso e cada músculo de seu corpo, cada uma de suas células explodiu em um prazer tão caótico que pensou que morreria.

Sentiu a ardente liberação do Brock, a dura sacudida de seu pênis dentro dela e ainda seu orgasmo não minguava. Ecoou ao longo de seu corpo, pulsou em sua vagina até que ela sentiu uma liberação tão aguda e dilaceradora no mais profundo de seu útero.

Estremecendo-se, abriu a boca para poder respirar, seus braços caíram fracos a um lado e fechou os olhos. Estava empapada com o suor dela, do Sam, do Cade, do Brock. Sentia-o escorrer-se em todo seu corpo enquanto Brock ficava sobre ela, era tão quente como as lágrimas.

Olhou-o, deslumbrada, pestanejando pela umidade que se escorregava de seus olhos.

—Amo-te. —Brock baixou suas pernas enquanto Cade lhe dava as costas, então veio para ela encolhendo-se sobre seus cotovelos e lhe enterrou o rosto no pescoço.

Seu corpo se estremeceu. Não sexualmente, não pelo clímax. Emocionalmente, desesperadamente. Ela sentiu a lavagem quente de suas lágrimas no pescoço enquanto lhe sussurrava palavras de amor.

—Não posso viver sem ti... —sussurrou ela, enquanto lutava por respirar—. Não posso Brock. Agora não.

—E não terá que fazê-lo sussurrou ele no ouvido, e ela sabia que estava escondendo suas emoções e suas lágrimas—. Porque eu tampouco posso, Sarah. Não posso. E não quero.

Ela fechou os olhos e levantou os braços para sustentá-lo enquanto ele a abraçava protetoramente.

—te case comigo. —As palavras foram mais que surpreendentes para ela.

—O que? —Ela o olhou enquanto ele levantava a cabeça, observando-a chorosamente mas sem umidade.

— Se case comigo, Sarah. —ele tocou a bochecha, limpando as lágrimas dos olhos—. Não posso te perder, neném. Não posso. Por favor.

Ela sorriu, e lhe beijou os dedos que tocavam seus lábios.

—Casarei-me contigo —suspirou ela—. Mas amanhã. Esta noite, estou realmente cansada, Brock.

Ela abriu a boca quando ele a moveu e a cavou cuidadosamente entre seus braços para levantá-la.

—Vamos à cama —disse aos outros.

Cade e Sam que ainda lutavam por respirar se derrubaram no chão ao lado do sofá. Marly parecia que estava dormindo. Cansada e desgastada. Brock certamente ultrapassou seus limites. Tinha estado fazendo isso muito ultimamente.

—A fodeu até a inconsciência, Brock. —Cade franziu o cenho—. Ficaré furiosa por sua culpa.

— me Perdoará. —Brock riu entre dentes, um sorriso zombador que raramente usava que levantou o coração do Sarah.

Não esperou nenhuma resposta e levou ao Sarah ao banho.

Subiram rapidamente às escadas, ela tinha o corpo envolto contra ele, sua respiração ainda era laboriosa e cansada. Estava exausto. A explosiva liberação que tinha entrado em torrentes nela tinha vindo desde sua alma. Não existiam palavras para descrevê-lo.

—Te darei Banho —lhe disse enquanto a sentava no amplo interior da grande tina—. E logo te levarei a cama, minha pequena deusa do sexo.

Sarah o olhou enquanto ele preparava o banho. Estava cansado, mas ainda seguia mimando-a. A ternura e a adoração que viu em sua expressão esquentou uma parte do Sarah que ela nunca tinha percebido que estava fria. Uma parte dela que não tinha suspeitado que existia. Nesse momento Sarah compreendeu que sua alma nunca tinha sido livre. Sempre tinha estado sentindo falta de algo, algo essencial, algo que só encontrou com o Brock.

—Está bem? —Seus dedos lhe tocaram a bochecha, sua expressão que estava antes cheios de dor, agora se iluminava, as sombras se foram de seus olhos.

Ela sorriu, estava cansada e em paz.

—Perfeitamente —respondeu, sua voz era suave enquanto o olhava fixamente—. Nunca havia me sentido melhor.

Capítulo 32

Uma rotina cotidiana se instalou nos dias seguintes. A tensão sexual que houve alguma vez na casa tinha cessado. Sarah respirou aliviada, não sendo consciente até esse momento de quão tensa tinha estado. Os planos que Brock levava a cabo para suas próximas bodas voavam em sua mente. Ela tinha pensado que ele se arrependeria da oferta e não que seguiria adiante com ela a um ritmo acelerado.

—Sempre podemos encerrá-lo com chave no quarto até que reduza sua velocidade —lhe disse Marly, enquanto estavam sentadas na mesa da cozinha, cansadas do frenético ritmo que tinham levado tratando de encontrar um vestido e de fazer os acertos para as bodas na pequena igreja, como Brock tinha prometido a Sarah. Desgraçadamente, ele se tinha negado a esperar mais de um mês para casar.

Sarah sorriu abertamente e agitou a cabeça.

—Provavelmente não funcionaria. Ele me obrigaria a liberá-lo.

—É tão débil, Sarah. —Marly agitou a cabeça enquanto sorria.

—Sim, como se fosse diferente —grunhiu Sarah, vislumbrando por fora da janela da cozinha uma faísca de luz que se refletia das árvores distantes.

Ela franziu o cenho, tratando de entreabrir os olhos contra a luz do sol, para verificar se um dos homens estava trabalhando sobre o pasto.

—Marly, esta janela é a prova de balas... —Um grande rangido soou, enquanto Sarah observava de repente uma bala alojada no vidro da janela.

Escutou o grito do Marly. Sarah saltou fora da mesa e se atirou ao chão, apartando-se da janela enquanto vários disparos mais foram feitos de repente e os vidros da janela se vieram abaixo em um estalo através do quarto.

—Marly, está bem? —gritou Sarah enquanto agarrava à outra mulher para guiá-la ao longo da parede para a despensa.

Os disparos ainda ecoavam ao redor da casa, os pratos destroçados, a madeira e o cimento voavam ao redor delas.

—Onde estarão os homens? Cade. Brock —gritou Sarah desesperadamente enquanto uma bala fazia explodir a madeira do armário que estava em frente delas.

—Estão fora de casa —clamou Marly, apertando o braço, tremendo de medo e surpresa.

Uma destilação de sangue gotejava do braço da outra mulher.

—Sarah, ele me acertou —sussurrou Marly, pestanejando ante a visão do sangue.

—Só é um arranhão. Isso é tudo Marly. —agacharam-se quando outra bala se estrelou contra o torrador que estava sobre o armário—. Temos que sair daqui. Onde raios estarão Rick e seus homens? Deveriam apanhar a esse bastardo agora.

—A menos que tenha conseguido ultrapassá-los. —Os olhos abertos e aterrados do Marly olharam a Sarah—. O que passaria se esse sujeito tiver vencido a todos os homens do Rick, Sarah?

—Então estaríamos mortas —disse Sarah respirando severamente—. Temos que sair daqui. Temos que conseguir chegar lá em cima, Marly. A arma do Brock está em seu quarto. Devemos conseguir algo para nos defender. Se ele consegue entrar na casa enquanto permanecemos aqui, nos matará. Morreremos no ato.

Outra bala zumbiu através do quarto.

—Temos que nos arrastar para fora. —Marly estava pálida mas se recuperou rapidamente—. Se tomarmos cuidado, poderemos evitar nos cortar com os vidros.

Evidentemente, a janela da cozinha não era a prova de balas. Tinha explodido em milhões de pedaços afiados depois do segundo disparo.

—te arraste sobre o estômago —murmurou Sarah—. Vamos ao inferno se for necessário, antes que esse bastardo nos aproxime.

—Cade vai ficar realmente furioso por isso —suspirou Marly, quando começaram a arrastar-se pelo quarto.

As balas não se detiveram. O vidro do refrigerador explodiu quando passaram por ali, enviando uma chuva de vidros sobre elas. Sarah não podia gritar. Sentia como o vidro lhe arranhava os braços e as pernas nuas, mas apesar disso se moveu rapidamente pelo azulejo lajeado até que alcançaram a porta.

—Vamos. —ficou de pé, enquanto ajudava ao Marly que estava as suas costas—. Temos que subir, Marly.

—Os homens estão feridos, Sarah —disse Marly, com medo em sua voz—. Já teriam chegado aqui se estivessem bem.

Sarah sabia isso. Brock já teria chegado se algo não o estivesse retendo. Ela nem sequer podia considerar a idéia de que estivesse ferido. Se o fizesse, poderia perdê-lo. O pânico a destruiria, não podia se aterrorizar nesse momento.

Sarah abriu devagar a porta da cozinha, o coração lhe palpitava tão rápido que podia escutar seu batimento do coração acelerado, o correr do sangue dentro de suas veias. O tiroteio tinha cessado, o que significava que provavelmente o sujeito estava tentando entrar na casa. Ninguém respondia os disparos. Nem Brock, nem Cade, nem Sam estavam correndo para a casa o que significava que eles estavam impedidos no momento.

Mantendo-se pegadas à parede Sarah e Marly passaram através do salão até que chegaram ao vestíbulo.

Tomando uma respiração profunda, Sarah olhou ao redor da parede, vislumbrando como a porta dianteira se abria, lhe dando uma vista clara a qualquer para o interior da casa. Por que estava a porta aberta...?

—Olá. —Sinistro e maligno, o som da voz mecanicamente distorcida sussurrava das sombras da escada.

Sarah se congelou. Sentia a Marly ficar rígida ao seu lado. Olhou como a figura vestida de negro se movia ao final da escada, seus olhos reluziam ferozmente detrás dos buracos da máscara que tinha colocado.

—Doce Sarah, inocente Marly. Pergunto-me, onde estarão seus homens. —Soava alegre e crédulo.

—Eles virão aqui. — Sarah levantou a cabeça, negando-se a permitir que o bastardo percebesse seu medo—. E quando o fizerem, matarão você.

Maldição, eles tinham uma dúzia de guardas apostados fora. Que demônios tinha passado? Um homem não podia acabar com todos.

—Acredito que certamente todos estão tirando uma sesta, junto com os guardas. —Suspirou o perseguidor, com uma legítima inspiração que ecoou no silêncio do quarto—. Os tranqüilizantes às vezes são algo assombroso. Se te mover cuidadosamente, pode acabar com uma equipe inteira de homens, sem que se inteirem do que lhes passou.

Marly se pegou contra a parede ao lado do Sarah.

—Então nos mate. —Ele o ia fazer de todas as maneiras, assim que ela não tinha necessidade de pedir.

Ele se aproximou.

—O que acontece contigo doce e pequena Marly? —Apesar da voz cruel, a Sarah deu a impressão de que ele estava repentinamente vacilante e interessado.

—Você lhe disparou —lhe espetou ela—. O que outra coisa crê que poderia andar mal com ela?

Havia surpresa nesses escuros olhos e o corpo do homem se estremeceu.

—Não, eu estava apontando pra você.

—Então acertou, muleção —lhe informou Sarah com voz áspera.

—Que demônios te passa Marly? Era simplesmente um condenado arranhão. Um pouco profundo, —admitia-o, só que parecia pior do que era.

Então Marly choramingou. Uma dor sufocante, o som era desolador quando ela começou a cair. Sarah saltou surpreendida quando o atacante se apressou a ajudar à outra mulher.

—Corre —gritou Marly, movendo-se rapidamente sem prévio aviso.

Atirou sua perna para fora em um movimento de karate que poderia ter feito o próprio Jackie Chan orgulhosamente, enquanto derrubava os pés do homem. A arma do perseguidor saiu voando pelos ares, enquanto gritava furioso.

Agarrando o braço de Marly, Sarah tratou de sair pela porta, acelerando o passo e enquanto girava por uma esquina uns braços fortes a agarraram pelas costas.

—Não! —Estava sendo arrastada ao redor da casa enquanto uma mão lhe tampava a boca.

— Sarah, te cale. —Brock, OH Deus. Sua voz furiosa, enfurecida, sussurrava-lhe na orelha.

Então viu o Cade, quem estava resguardando a Marly atrás da porta, enquanto a figura vestida de negro corria fora da casa, agarrando o rifle e procurando um alvo ao que lhe disparar.

Os homens se moveram rapidamente. As armas que levavam nas mãos foram levantadas e niveladas de repente enquanto as balas estalavam a um lado da casa.

—Maldição! —jurou Brock violentamente, levando a Sarah ao redor da casa, enquanto se escutava o som de uma motocicleta acendendo-se.

Brock e Cade as seguiram movendo até que as empurraram na porta traseira da cozinha.

—Fiquem aqui. —A ordem era direta e furiosa enquanto corriam de novo para a casa.

Sarah olhava ao Marly com um cenho.

—Eles fazem isso muito freqüentemente? —perguntou- Sarah ao Marly com um cenho.

—Sim, muito freqüentemente. —Marly se deslizou pela parede, com a cara pálida brilhando de transpiração, enquanto se derrubava no chão.

—Está bem, Marly? — Sarah abriu uma gaveta, tirou um pano de cozinha e o envolveu ao redor da ferida no braço da outra mulher.

—Sim, somente estou cansada. —Cansada e aterrorizada. Sarah simpatizou completamente com ela. Sam entrou em tropicções na casa, surpreendeu-se um pouco e sacudiu a cabeça.

—O maldito nos pôs a dormir como idiotas. —Agitou a cabeça, jogou um olhar a Marly e empalideceu. se voltou e se apressou a sair de novo fora da casa.

—Uh, OH. —Marly apoiou a cabeça contra a parede—. Todo o inferno ficará solto agora.

O grito demente do Cade ecoou ao redor delas, provocando que ambas as mulheres fizessem caretas de dor. Ele entrou correndo a casa e quase se escorrega com o vidro esparsa no chão enquanto entrava. Olhou fixamente o trapo ensangüentado envolto ao redor do braço do Marly e empalideceu alarmado.

—Marly? —ficou de joelhos diante dela.

—Se te deprimir, te golpearei —lhe espetou ela—. Um homem tão forte e grande que pode facilmente jogar de vaqueiro e de perseguidor, é incrível que não possa estar de pé frente há um pouco de sangue.

Sarah soprou. Cade só pôde agitar a cabeça.

—Marly como estar, é de grave? —Brock parecia ser o único sensato. Ajoelhou-se ao lado de Sarah, tocando a bochecha de Marly brandamente enquanto a olhava.

—É só um arranhão. Mas entretanto poderia necessitar alguns pontos de sutura. Apreciaria muito que chamasse o doutor. Asseguro-te que estará preparado para extrair um dos dolorosos disparos aos que já estamos acostumados —suspirou ela.

Cade desembrolhou a atadura provisória e então Sarah viu as lágrimas que cobriam o rosto do homem. Marly as ignorou, mas seu rosto estava assolado pela dor que sentiu ao vê-lo.

—Cade, ela está bem — assegurou Sarah—. O que passou com o bastardo da arma?

—escapou. Narcotizou aos homens do Rick, e também o nocauteou. Fomos afortunados nesta ocasião. Pensou que Brock e eu tínhamos caído em sua armadilha, mas o enganamos. Tratamos de chegar aqui o mais rápido possível.

—Chama o doutor, Sam — espetou Cade—. Vou levar a Marly acima. Chama o oficial para que venha e inspecione se Rick e seus homens ainda podem caminhar. Quero a todos na maldita casa, agora.

Levantou a Marly em seus braços, embalando-a fortemente, os pequenos estremecimentos do corpo do homem eram visível na esfumada luz do quarto.

—Esse homem necessita um calmante —suspirou Sarah, apoiando-se fatigada contra Brock—. Estou segura como o inferno de que eu necessito de um.

Brock estava calado. Levantou-a em seus braços, da mesma forma que Cade fazia com a Marly e caminhou rapidamente através da casa para levá-la a seu quarto.

—Está sangrando. —Sua voz era áspera quando a sentou na privada e começou a encher a tina com água.

Sarah olhou abaixo para suas pernas e seus braços.

—Nem sequer sinto os arranhões —nesse momento ficou sem fôlego.

Brock se ajoelhou diante dela, aproximando-a para ele, lhe cobrindo com seus lábios os seus desesperadamente.

* * * * *

Seu controle se derrubou. Brock se deu conta de que estava perdendo seu afeto com a realidade. Maldita seja, estava tão fresca, tão controlada, embora podia ver o medo em seus olhos, o susto, o terror com o que estava tão familiarizado, isso lhe fez recordar muito bem o horror que via às vezes em seus próprios olhos ao olhar-se no espelho. Tinha que levar esse terror para longe. Tinha que afastá-la da dor. Apagar-lhe o medo.

Beijou-a com desespero. Lambeu-lhe os lábios com a língua e com suas mãos lhe rasgou o vestido até que a teve nua e a acariciou com as mãos até que escutou seus gemidos de prazer. Via como lhe obscureciam os olhos com a paixão, sentia o calor de seu corpo e o prazer que substituíam ao medo.

—vamos te banhar —sussurrou ele.

Pô-la de pé e entrou na enorme tina com ela, colocou-a em cima dele até que seu membro escorregou facilmente no calor firme de sua vagina.

—me monte —grunhiu ele.

Ele olhava o rosto enquanto ela o cavalgava, seus olhos estavam sonolentos, seu rosto ruborizado, o suor e o sangue se deslizaram dela enxaguando-se com a água, o corpo do Brock descansava contra a tina e torcia a cabeça luxuriosamente enquanto permitia a ela manter o ritmo para que encontrasse seu próprio prazer.

Então ele percebeu os pequenos espasmos de sua vagina. Sentiu-lhe encurvar-se ao redor dele, ordenhando-o, queimando-o vivo. Ele gemeu áspero e profundamente quando gozou, enquanto disparava seu sêmen no mais profundo do oco aveludado de sua cremosa vagina.

Ela se derrubou contra seu peito, respirando pesadamente. Lutando por controlar o ar que entrava em seus pulmões, em seguida ele agarrou um pano e sabão e começou a lavá-la. Verificou cada arranhão, beijando todos os que pôde encontrar, e quando ela se relaxou sonolentemente contra seu corpo, repousou a cabeça em seu peito e nesse momento ele se permitiu chorar livremente. Era a primeira vez em doze anos que sentia a umidade escorregando por suas bochechas. Essas lágrimas não eram de dor mas sim de agradecimento. Ela ainda estava viva. E isso era o que mais lhe importava. Era tudo o que realmente lhe importava na vida.

Capítulo 33

Sarah se sentou ao lado do Brock na cozinha ao dia seguinte, os outros se reuniram ao redor da mesa, rodeados pelo Rick e seus empregados. Todos os olhos estavam centrados no papel que jazia no centro.

Tempo de ir-se. Embora retornarei. Preciosos meninos, o futuro é meu.

Fechem suas portas, cubram suas janelas bem. O passado retornou, e agora é momento de morrer.

Derramaram o sangue. Tomaram a vida. Mas seus pecados nunca estiveram ocultos.

Cade e Marly. Ahh, o casal perfeito. Brock e Sarah, a salvo dentro da guarida.

Sam me pergunto, está à preciosa Heather perto?

Até que procurem de novo, para reparar uma alma fraturada. Descansarei com tranqüilidade, para que ninguém esteja completo. Enquanto as pessoas padeçam, retorça-se com os pesadelos e grite de dor. Então terei meu prazer, até o último, ao final serão assassinados.

—Heather lhe cravou a faca na tripa a noite que a atacou —contou Rick a todos.

—Encontramos sangue com rastros de DNA que não coincidem com os dela. Uma boa quantidade dela, assim suspeito que o agarrou bem.

—Mas voltará. —Sam olhou ao papel, com os olhos atormentados, a voz rouca—. Se procurar de novo.

Seu punho se apertou na mesa. Todos olharam, todos sabiam que se condenava a si mesmo, não só pelo ataque do Heather, mas também pelos do Sarah e Marly também.

—Sam, voltará de qualquer modo — disse Tara, a voz suave, mas cheia de ira.

—Sabemos isto. Não é sobre ti. É sobre todos vós. Temos que imaginar quem é. Nenhum de nós estará seguro até que o façamos.

Sam ficou de pé. Meneou a cabeça, girando-se e abandonando rapidamente a habitação.

Tara olhou ao Cade. Nenhum sabia que dizer agora, como continuar. O perigo não tinha terminado, e todos se perguntavam se alguma vez o faria.

—Tem que ter um filho. Um do que ninguém sabia. —Rick caminhou para frente, falando sobre o bastardo que quase tinha matado aos homens anos atrás—. Vou enviar uma equipe a Utah pela manhã. Conseguiremos antecedentes completos dele, veremos o que podemos encontrar.

Cade se levantou, suspirando profundamente.

—Encontrem rapidamente. O que acontece Heather? —Sua voz era dura, fria.

—Está curando-se. Estará fora do hospital na próxima semana. O médico diz que necessitará um mês para

recuperar—lhe disse—. Por que?

—Quero-a de volta aqui, se ela quiser. —O olhar que deu ao Rick estava cheia de fria determinação—. Pertence ao Sam e a quero aqui.

—O que tem que o Heather e o que ela quer? — perguntou Tara, seus olhos estreitando-se.

—O bastardo sabe o que está fazendo. Se Heather não se preocupou pelo Sam, não teria passado. E se ela não se preocupava com ele antes do ataque, então se preocupa com ele agora. Não parece uma mulher que se espante facilmente.

Tara trocou um olhar com o Rick, depois suspirou.

—Está lutando por retornar agora —lhes contou cansadamente.

—Pode recuperar-se aqui. Cuidaremos dela. —Marly ficou de pé, com a cara gasta, os olhos duros—. Tragam aqui. Sam não necessita tempo para construir uma defesa contra ela. Traga ela aqui, Tara. Depois consegue a cada homem que possa encontrar aqui. Contrataremos-os como vaqueiros, ninguém notará a diferença.

Sarah inclinou a cabeça contra o peito do Brock, sentindo seu braço estreitar-se a seu redor. Ainda não estavam a salvo. Enquanto esse bastardo estivesse por aí fora, estavam todos em perigo.

—Superaremos —lhe prometeu Brock, sustentando-a perto—. E faremos que Sam o supere.

—Sam é o catalisador —Rick disse ao Brock brandamente—. Sam o conhece. Descubra por que, Brock. Até que saibamos, estamos indefesos. Devemos saber por que este tio se fixou no Sam.

Brock suspirou. levantou-se, levando a Sarah com ele.

—Sam não vai querer falar sobre isso. Mas farei o que possa.

—Brock —Tara lhe deteve—. Heather não dará a Sam o que necessita de uma mulher. Está seguro de que quer aqui?

Brock olhou para Sarah. Quando seu sorriso veio, foi lenta, fácil.

—Sim. —Assentiu—. Estou seguro, Tara. Possivelmente ela é justo o que Sam necessita.

Sarah meneou a cabeça. Brock às vezes tinha um estranho senso de humor, ela o tinha aprendido.

—Quando derem alta, a traremos aqui. —Rick assentiu—. Pus mais homens, trabalharão no rancho, misturarão melhor que os outros. Temos que pega-lo logo, Brock. Isto se está pondo mais perigoso cada vez que ataca.

—Estou de acordo, Rick. Traz seus homens aqui. Faremos o que seja que tenhamos que fazer, para agarrar ao bastardo —assentiu Brock.

Girou-se, arrastando ao Sarah da sala, encaminhando-se a sua habitação. A chegada do Rick tinha interrompido seu jogo e estava ansioso por retorná-lo.

—Crê que Sam suspeita que está apaixonado por ela? —perguntou-lhe enquanto entravam na habitação.

—Estou certo que sim. Não é um louco. Mas o combaterá. —Brock fechou a porta detrás dele, então começou a tirar as roupas ao Sarah rapidamente.

—Mas ele sabe que a ama? —Golpeou suas mãos fora enquanto continuava preocupando-se com o abatimento que Sam tinha mostrado desde que leu essa carta.

—Ainda não. —Brock sorriu amplamente—. Mas saberá, quando for o momento certo. Como nós o fizemos.

* * * * *

Marly se sentou sozinha no pátio horas depois. As palavras na carta de estilo lírico a perseguiram. Conhecias. Conhecias o estilo. Certamente não era um estilo pouco comum de composição poética, pensou. Frases ao azar, uma combinação de sons. Ela mesma as conhecia das classes da universidade dois anos antes que fossem correntes. Mas também sabia que cada escritor ou escritora tinha seu próprio estilo. Cada um o fazia diferente.

Lambeu os lábios, olhando na escuridão. Estava equivocada. Sabia que tinha que está-lo. Ninguém que conheceu poderia ser tão cruel. Ninguém por quem se preocupasse poderia ser tão enganoso. Rezou por estar equivocada. Não podia dizer nada, porque Cade mataria sem provas, sua ira poderia consumir tudo. Entretanto, se não o dizia... Fechou as mãos, apertou os dentes. Significaria o fim de sua família.

FIM

Notas

Brock está sendo sarcástico ao referir-se a este popular jogo de cartas de rol. Cujas frase emblemática é "Mata aos monstros. Rouba o tesouro. Apunhala a seus amigos".

No original Tuck, aqui Sarah joga com o duplo sentido da palavra “penetrar” e “acompanhar” gerando o mal entendido.

Personagem alienígena da série Star Trek. Pertence à raça dos Klingom, caracterizados por sua força, tamanho e gosto pela guerra.

Já sabem a que se refere...

Afghan: colcha de ponto ou agulha de crochê. (N. da T.)

Kentucky Fried Chicken. Franquia americana de frango frito.

Moonflowers ou flores de lua: nome comum da Ipomoea alvorada, um arbusto de folha perene cujas flores de cor branca se fecham ao começar o dia. (N. da T.)